

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARCELO SILVA DE BARROS

**Práticas discursivas e ciberespaço: um estudo de caso a respeito do discurso
político da Igreja Universal do Reino de Deus**

CAMPINAS

2022

MARCELO SILVA DE BARROS

Práticas discursivas e ciberespaço: um estudo de caso a respeito do discurso político da Igreja Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Barsalini.

PUC-CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

322.1
B277p

Barros, Marcelo Silva de

Práticas discursivas e ciberespaço: um estudo de caso a respeito do discurso político da Igreja Universal do Reino de Deus / Marcelo Silva de Barros. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

209 f.

Orientador: Glauco Barsalini.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Igreja e Estado. 2. Religião. 3. Igreja Universal do Reino de Deus. I. Barsalini, Glauco. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

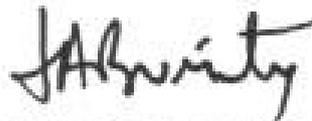
CDD - 22. ed. 322.1

Marcelo Silva de Barros

Práticas discursivas e ciberespaço: um estudo de caso a respeito do discurso político da Igreja Universal do Reino de Deus

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 13 de dezembro de 2022.



PROF. DR. JOANILDO ALBUQUERQUE BURITY (UFPE)



PROF. DR. BRENO MARTINS CAMPOS (PUC-CAMPINAS)



PROF. DR. GLAUCO BARSALINI – Presidente (PUC-CAMPINAS)

Agradecimentos

Eu agradeço, primeiramente, a Jesus, que está entre nós, de tão humano, só podia ser Deus (Tomás de Aquino). Nos dias de angústia e melancolia e na partilha de alegrias e vitórias.

Escrever é caminhar. Nem no fim, nem começo, é travessia, diria Guimarães Rosa. Aridez e consolação. Pedras, espinhos, terra, barro, pés no chão. É vida de monge, é clausura. E, ao mesmo tempo, abertura, é relação. Consigo, com os textos, nos debates, no silêncio. Gratidão.

Gratidão à amiga Hellen Fonseca. Aquela que acolheu os primeiros balbucios de um pré-projeto de pesquisa. Ouvidos e olhares atentos, noite adentro de prosa e dúvidas...,mas de confiança da possibilidade. Engatinhar.

Gratidão à minha sogra Tereza, que não poupou esforços no suporte com as crianças e força as tarefas. Parceria.

Gratidão à minha família: Minha mãe Elizete e meu pai José. Meus irmãos, Maurício, Murillo e Matheus. Pela coragem de enfrentar a vida e de assumir as lutas de cada dia. Raiz.

Gratidão à minha companheira, Priscila, as nossas filhas, Diana e Rosa. Pela presença em todos os momentos. Afeto.

Agradeço às professoras e professores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, o quanto aprendi. Professoras doutoras Ceci e Ana Rosa; Professores doutores: Douglas Barros, Paulo Nogueira, padre Paulo, Breno Campos, Renato Kirchner. Gratidão pela partilha!

Gratidão ao grupo de pesquisa “Ética, política e religião: questões de fundamentação”, através do qual comecei a dar os primeiros passos na pesquisa.

Gratidão à querida Marlei, com seu comprometimento e empenho nas atividades ligadas à Pós-Graduação em Ciências da Religião e nos esclarecimentos sempre oportunos.

Gratidão à banca de qualificação, aos professores doutores, Breno Campos e Douglas Barros, pelas inferências e sugestões que ajudaram nesse mar chamado conhecimento a captar os ventos que conduziriam de volta ao porto. Gratidão ao professor doutor Joanildo Burity, por aceitar o convite e dialogar a respeito da Teoria do Discurso do teórico Ernesto Laclau, e, sobretudo, dos apontamentos pertinentes à pesquisa, de tal modo que o barco não corresse o risco de ficar à deriva.

Agradeço ao orientador professor doutor Glauco Barsalini. Que orientou, quando os ventos eram fortes; deu forças quando o barco estava distante; confiou, no projeto, na construção. Muitos diálogos, muitas dúvidas esclarecidas e muitas questões a serem desdobradas. A pesquisa, embora ela esteja nas predicções da solidão, ela pulsa, articula. Nos Congressos, essa experiência foi vital.

Gratidão aos professores doutores que aceitaram participar desta banca de defesa

E por fim, agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas pela concessão da bolsa NAS, fundamental para a pesquisa, sobretudo, para que eu pudesse dar este passo.

*“Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão”*

(Caetano Veloso – Força estranha)

Prefácio do autor

O caminho que me conduziu ao campo das Ciências da Religião é resultado de trilhas anteriores, pegadas teóricas, empíricas e práticas da vida vivida. Destas digitais que marcam a minha formação, destaco o estudo de administração pública, comunicação social (fotografia e documentário), filosofia, antropologia, teorias e práticas a respeito dos movimentos sociais e a vivência pessoal com a religião.

Dentro do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, a aproximação com a reflexão sobre o fenômeno religioso e a depuração conceitual do termo foram os primeiros passos, cujos degraus, as disciplinas introdutórias, ampliaram a visão sobre os debates a respeito das religiões e de seus desdobramentos. Destaca-se, também, o amparo de discussões ocorridas nos Seminários Avançados de Pesquisa (SAP), com o objetivo de discutir à priori sobre o projeto inicial, as hipóteses, objetivos, método, a área na qual se inscreve o objeto em questão. A inserção no Grupo de Pesquisas, Ética, Política e Religião: questões de fundamentação, tem alimentado as referências em relação a esta pesquisa e no ano de 2021 participei de alguns Congressos, produzindo comunicações, do que decorreram publicações.

As orientações vinculadas à pesquisa têm contribuído de fato. Tal diálogo tem lançado luzes sobre o modo de se 'fazer pesquisa', como também da direção que a pesquisa toma, compondo-se como ancoragem para uma produção que se pretende ser rigorosa, sistemática e radical, lastreada em bases teóricas e empíricas para a interpretação do objeto.

As razões da escolha do objeto, a narrativa da IURD, merecem uma breve digressão. Há um tempo busco informações sobre as narrativas neopentecostais acerca da esquerda em portais eletrônicos, nas plataformas impressas, nos veículos de comunicação de massa, nas redes sociais. Em uma dessas navegações, em meio à calmaria, vejo-me 'arrebato' para o site da Univervideo, especificamente, para o programa Entrelinhas. Durante a observação da plataforma, encontrei cenas que despertaram a minha atenção: pessoas de vermelho arremessando bombas, seres com chifres, mulheres com trajes semelhantes a um manto, simulando um aborto e uma voz oculta que diz: "pregar a verdade, prezar pela família por pai, mãe e filhos e plantar de maneira justa para colher, zelar pelos princípios deixados por Deus". Essas imagens apareceram na introdução do Entrelinhas, da Igreja Universal do Reino de Deus, no dia 07 de junho

de 2020. O programa é um espaço de entrevistas semanais, mediado pelo bispo Renato Cardoso. Os assuntos variam desde 7 lições da pandemia, passando por empreendedorismo, até relacionamentos (“namoro blindado” X “namoro da atualidade”), tudo relacionado ao conteúdo cristão. Foi neste episódio em que me deparei com o tema: *Pode um cristão ser de esquerda?*

Alguns episódios são ilustrativos nessa peregrinação que antecede minha pesquisa. Morei durante 8 anos em uma ‘encruzilhada’ religiosa: à frente de casa – a igreja Católica; ao lado esquerdo – a Igreja Universal; na direita – a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Em meados dos anos de 1980, uma vez ao mês, minha mãe e eu passávamos na IURD para retirar os ‘tickets’ de leite do Programa Nacional do Leite (governo Sarney). A outra experiência era a descida de alguns pastores, com entonação parecida (o que eu dizia à minha família e achava engraçado), em direção a um coreto situado na praça central, com uma caixa de som e folhetins que ali distribuíamos. Essa dinâmica, guardei afetivamente na memória. Um outro momento posterior é a intersecção da minha formação – entre a religião e a política. A minha porta de entrada na vida religiosa ocorreu pelo social. Nos grupos de jovens apenas os momentos de oração não satisfaziam minha inquietação, buscava a ação. Nesse começo tive contato com um seminarista, que algum tempo mais tarde seria meu ‘padrinho’ de crisma. Ele apresentou-me dois livros: *‘Caminhar sobre as águas’*, do padre indiano jesuíta Anthony de Mello, um livro sobre espiritualidade, cujos escritos receberam a marca da Congregação para a Doutrina da Fé, e o livro *Igreja, Carisma e Poder*, do então sacerdote, Leonardo Boff, coincidente com o mesmo selo do antigo tribunal do Santo Ofício. E, à época, um amigo emprestou-me um livro, *Alucinado Som de Tuba*, de Frei Betto, que narrava a história de um menino abandonado da ‘favela’ que conhece a violência e o abandono, mas também a melodia do amor e do afeto. Foi nesse contexto que tive o primeiro contato com a Teologia da Libertação.

Curiosamente, em casa nunca tivemos livros, embora minha família tenha me ensinado os sentidos da educação. Um quarto pequeno, para quatro irmãos. Sobre uma das camas, meu pai fez uma prateleira para os livros que eu ganhava. Até aquele momento, nunca ganhara um livro de literatura. Entretanto, entregaram-me ‘folhas’ do livro da vida vivida. Na mesma porta de entrada do catolicismo, conheci pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores, ao qual mais tarde me

vincularia. Ao passo que avançava sobre os debates políticos e as partilhas religiosas, procurei conhecer mais sobre a vida religiosa que possibilitaria essas dimensões da vida. Entrei na Ordem Dominicana. Nesse período de postulante, além do contato com a vida conventual, o cotidiano eclesial, introduções aos estudos bíblicos e a filosofia, participei em algumas ocasiões do Movimento Nacional de Fé e Política. Lá aprendi que a 'fé só se realiza no horizonte da política', e 'a política como um ato de fé'. Muitos anos depois, em 2019, disputei as eleições municipais ao cargo de prefeito. O partido pelo qual participei do pleito foi o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Nesse período visitei muitas casas, inclusive de amigos, muitos evangélicos, alguns da Universal. Recebiam-me em suas casas, conversávamos e logo anunciavam os questionamentos sobre as pautas da esquerda: ocupações de terras, aborto, legalização das drogas, união homoafetiva. E, concluíam: 'a gente se conhece faz tempo, você está de acordo com esses assuntos?' Essas inquietações me motivaram a uma melhor compreensão de como essas narrativas sobre a esquerda, de modo particular, e sobre a política, de maneira geral, se constroem, além de querer buscar responder à questão "por que um cristão não deve ser de esquerda?", tendo como referência a observação dos conteúdos pelas mídias da Igreja, sobretudo, da sua plataforma de *streaming*.

Os percursos transcritos acima constituíram-se como elementos iniciais de motivação a esta pesquisa e entendi que a área das Ciências da Religião seria profícua para o seu desenvolvimento, para a compreensão das relações entre a religião, a política e a comunicação.

RESUMO

BARROS, Marcelo Silva de. Práticas discursivas e ciberespaço: um estudo de caso a respeito do discurso político da Igreja Universal do Reino de Deus 2022.209f. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Campinas (SP), 2022.

Essa dissertação tem a finalidade de compreender as práticas discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus *da e sobre* a política veiculadas na plataforma de *streaming* Univervideo. Além dessa primeira questão se pretende também investigar como se dá o aspecto ideológico desses discursos e suas possíveis conexões com elementos teológicos que influenciariam as narrativas da IURD. Um dos objetivos específicos é mapear o comportamento da IURD nas escolhas políticas que ela faz no cenário nacional, desde sua associação ao governo de Fernando Collor de Mello, e do apoio ao PT, nas eleições de 2002 até 2014, cuja desassociação ocorreu vinte dias antes do impeachment da presidenta Dilma Rousseff e, na sequência, sua vinculação ao governo Michel Temer e o forte apoio que empreendeu à candidatura de Jair Bolsonaro em suas disputas. A dissertação é referenciada na Teoria do Discurso, e faz uso da Análise do Discurso, a partir do que se verifica como a IURD produz sentidos a respeito da política.

Palavras-chave: *IURD, política, religião, práticas discursivas, streaming*

ABSTRACT

BARROS, Marcelo Silva de. Discursive practices and cyberspace: a case study about the political discourse of the Universal Church of the Kingdom of God 2022.209f. Master's dissertation – Pontifical Catholic University of Campinas, Center for Applied Human and Social Sciences, Graduate Program in Religious Sciences, Campinas (SP), 2022.

This dissertation aims to understand the discursive practices of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) of and about politics conveyed on the Univervideo streaming platform. In addition to this first question, it also intends to investigate how the ideological aspect of these discourses takes place and their possible connections with theological elements that would influence IURD narratives. One of the specific objectives is to map IURD behavior concerning its political choices in the national scene, since its association with the government of Fernando Collor de Mello, and its support for PT (the Brazilian Labour Party), in the elections from 2002 to 2014, whose disassociation occurred twenty days before the impeachment of President Dilma Rousseff and, subsequently, the link to Michel Temer government and the strong support given to the candidacy of Jair Bolsonaro in his disputes. The dissertation is referenced in Discourse Theory, and makes use of Discourse Analysis, from which it verifies how IURD produces meanings regarding politics.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God; politics; religion; discursive practices; streaming;

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1: A IURD: Origem, contextos e peculiaridades	15
1.1 Gênese.....	15
1.2 IURD e a Religião	26
1.3 IURD e a Prosperidade.....	34
1.4 IURD e a Política	54
Capítulo 2: Maquinaria Comunicacional da IURD.....	88
2.1 Cultura Midiática e Ciberespaço.....	88
2.2. Maquinaria Comunicacional da IURD.....	98
2.3 A Universal e o ciberespaço	108
Capítulo 3: A pertinência da Teoria do Discurso para a compreensão do objeto desta pesquisa.....	115
Capítulo 4: Análise do <i>streaming</i>.....	134
Considerações finais.....	193
Referências.....	196

Introdução

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977, pelo hoje bispo Edir Macedo e seu cunhado R.R Soares¹. Em sua dinâmica e organização, a IURD traz consigo os elementos constitutivos da Teologia da Prosperidade, cuja chegada ao país foi na década de 1970. De acordo com essa ideologia, o sucesso financeiro, as dádivas e bençãos se realizam na vida do “crente” cristão e se materializam no presente, mediante a participação do fiel no dízimo e nas ofertas. Os milagres e as curas são condições fundantes dessa teologia. A pesquisadora Magali do Nascimento Cunha ressalta que duas correntes religiosas surgem neste contexto, a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual, “que dão base à pregação neopentecostal e também captam ampla receptividade entre as igrejas históricas (CUNHA, 2004 p. 88).

Em estudo realizado pelo sociólogo Ricardo Mariano, (2013), os evangélicos cresceram entre 2000 e 2010, 61,4%, enquanto a taxa de crescimento da população brasileira cresceu 12,3%. A Igreja Universal do Reino de Deus, de acordo com Censo (2010), tem 1.873.243 adeptos. A IURD é a quarta denominação pentecostal e a primeira neopentecostal em seguidores no país. Dessa lista a primeira é a Assembleia de Deus, 12.314.410 fiéis, a Batista com 3.723.853, e a Congregação Cristã no Brasil, chegando a 2.289.634, todas estas igrejas se consolidaram no Brasil muito anos antes da IURD.

A IURD é originária do fenômeno do neopentecostalismo², também conhecido como a “terceira onda”, compreendendo-o como consequência de um processo

¹ Fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980. Há mais de 40 anos com atividades na TV, de maneira especial, com o programa o “Show da Fé”, inclusive, em horário nobre na rede Bandeirantes. A IIGD, surgiu no fenômeno do neopentecostalismo, com a ideia da cura e da benção.

² “O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos de 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos

histórico de expansão pentecostal no Brasil. Este pentecostalismo segundo o pesquisador Ronaldo Romulo Machado Almeida (1996, p.27), “demonstrou uma participação mais ativa em diversos setores da sociedade brasileira, notadamente nos meios de comunicação e na esfera política”. Este espaço não foi ocupado apenas pela IURD, a Assembleia de Deus realizou suas incursões nessa seara muito tempo antes, com expressivo número de candidaturas ao longo de sua história, além disso, com forte visibilidade e êxito.

O espaço midiático também é um campo disputado. Nessa atmosfera das mídias de comunicação de massa, os grupos religiosos não apenas compraram espaços em canais seculares como adquiriram suas concessões. “A mídia se torna o palco das mudanças mais significativas para as igrejas cristãs” (CARRANZA, 2013, p.541).

A participação dos evangélicos no espaço público se acentuou em meados da década de 1980. No governo Sarney, já apoiavam figuras próximas às igrejas para disputar as eleições no país. “Os evangélicos fizeram o movimento do púlpito ao palanque nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 1986” (ALMEIDA, 2019, p.200).

A Frente Parlamentar Evangélica, de acordo com Instituto de Estudos da Religião, ISER, tem (dados de 2020), 203 deputados e senadores, dos quais 93 se declaram evangélicos. No entanto, há parlamentares do segmento evangélico que não pertencem à frente e políticos que se vinculam a ela pelo fato da influência e da necessidade de um terço de votos para a sua constituição. Há divergências apresentadas entre eles no cenário legislativo, mas se coalizam nas pautas defendidas, sobretudo, nos ambientes religiosos e ratificadas no espaço público. Um exemplo da relação entre fé e política é a criação do partido Republicanos (PRB) – hoje, Republicanos -, ligado a bispos da IURD.

terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.” (MARIANO, 2004).

Não foi somente a ocupação do espaço eleitoral que os pentecostais almejavam. Eles também ocuparam os debates e discussões, fortalecidos pela quantidade de representantes, inclusive porque muitos deles detêm ou são ligados a pessoas que controlam os veículos de comunicação.

Para o filósofo Mikhail Bakhtin, em relação aos fatos da linguagem e de sua natureza social, “a sua utilização, implica conflitos de classes, resistências, poder e contrapoder, todo signo é ideológico e, portanto, a ideologia é reflexo das estruturas sociais” (BAKHTIN, 2006 p.14).

O sociólogo Stuart Hall, em relação à linguagem, estabelece seu caráter intrínseco à cultura: “ora, a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado” (HALL, 2016, p.17). Por isso, é pertinente compreender-se como se organizam essas construções simbólicas que são compartilhadas e interpretadas pelo acesso comum à própria linguagem. Conforme Hall (2016), a linguagem é capaz de construir significados, porque opera com um sistema representacional, repleto de símbolos, ora imagéticos, ora sonoros, sejam icônicos ou escritos.

O teórico político Ernesto Laclau, em relação ao discurso, concebe-o enquanto prática social, que se converte em prática política, pela qual ocorre uma manutenção e transformação e “estabelece as relações de poder e as entidades coletivas em que tais relações se colocam, havendo, portanto, uma competição para fixar sentidos a configurações significativas particulares” (LACLAU;MOUFFE *apud* MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p.120).

Para Laclau e Mouffe (1987) o discurso não é articulado por elementos exteriores a ele, nem tampouco cindido entre práticas discursivas e não discursivas. O discurso é, à medida em que é sentido e ação. Não se circunscreve apenas aos sentidos e nem se esgota na indissociabilidade entre discurso e prática. O discurso são práticas discursivas porque as ações sociais realizadas por sujeitos, agentes, movimentos, instituições, têm sentidos precários, parciais e contingentes (LACLAU;MOUFFE, 1987). O discurso, ao passo que é uma ação e produz sentidos, se abre enquanto possibilidade na configuração do social, pois “transforma, mantém

e estabelece as relações de poder e as entidades coletivas em que tais relações se colocam, havendo, portanto, uma competição para fixar sentidos a configurações significativas particulares. (LACLAU; MOUFFE, 1989, p.113 *apud* MARQUES, 2014, p. 120).

Discurso não é um aglomerado de palavras, mas resulta de articulações reais e concretas que unem palavras e ações, que produzem sentidos que serão disputados no social.

Acerca do discurso, conforme Joanildo Burity,

[...] não há como dissociar o processo de apreensão do real de processos de significação, os quais, por sua vez, implicam tanto em redes argumentativas quanto nas práticas concretas e nas instituições através das quais tais representações podem tornar-se significativas, compartilhadas ou impostas (conforme o façam por via democrática ou autocrática). (...) significa admitir uma acepção do termo que indica sua dinamicidade, o jogo das diferenças num sistema que altera os limites de sua própria configuração: *discurso* (BURITY, 1994, p.149, grifo do autor)

Essa pesquisa se divide em três etapas: na primeira, por seus capítulos 1 e 2, mapeia o contexto histórico, econômico e midiático da IURD, bem como sua inserção no universo da política institucional; na segunda (que corresponde ao capítulo 3), promove certa imersão na Teoria do Discurso, na qual se referencia para, em articulação com a Análise do Discurso, desempenhar a terceira etapa da pesquisa, a análise das práticas discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus a partir de um *locus* específico, seu *streaming*, especificamente de um de seus programas, o Entrelinhas.

Capítulo 1- A IURD: Origem, contextos e peculiaridades

1.1. Gênese

A ‘jornada’ de Edir Macedo até a materialização do primeiro ambiente de orações, suscita a relevância das características desse pregador. Ele nasceu em 1945, em Rio das Flores, no estado do Rio de Janeiro. Filho de Dona Geninha, mineira, e de Henrique, alagoano, que tiveram 7 filhos. Macedo, nasceu com uma atrofia nos dedos das mãos, (o polegar e o indicador), isso lhe rendeu complexos na infância e lhe gerou muitas dificuldades na escola, “atividades triviais como empinar pipas e soltar balões era um tormento” (TAVOLARO, 2007; NASCIMENTO, 2019, p.23). O que consolava Macedo, entre instantes de angústia e de questionamento dos desígnios de Deus, era a voz materna, em um episódio no qual ele caiu de uma árvore, a mãe diz: “Você vai fazer coisas muito maiores que subir em árvores. Vai subir montanhas” (NASCIMENTO, 2019, p. 24). Por outro lado, a motivação do pai já preconizava o estilo decisório, autoritário e de competitividade que rondaria Macedo: (...) “que parece ter moldado sua visão de mundo: ‘ou você mata, ou você morre, não tem violino’” (NASCIMENTO, 2019, p. 27).

A formação religiosa do futuro bispo, estava impregnada pelo catolicismo fervoroso da família, inclusive, o pai também era pertencente à maçonaria, e das incursões que tiveram pelos centros espíritas kardecistas, aliás, alguns estudiosos da área, mencionam a frequência da família aos terrenos de umbanda, em busca de cura para a irmã mais velha, que sofria de problemas respiratórios. Nas veredas das frustrações e dificuldades, aos 18 anos, Edir Macedo, através da irmã, conheceu a Igreja pentecostal Nova Vida (1960), fundada pelo pastor canadense Walter Robert McAlister³. As pregações da Nova Vida mantinham os elementos fortemente

³ Walter Robert McAlister, antes da Assembleia, fundou a Igreja Cruzada de Nova Vida, em 1960, no Rio de Janeiro, que enfatizava a cura divina e utilizava a mídia existente para evangelização (FERRARI, 2007). O pastor McAlister teve forte presença na rádio Copacabana, além disso, “a Nova Vida foi pioneira de um carismatismo de classe média, um tanto à frente de seu tempo no Brasil. Por isso, e pelo estilo de liderança do fundador estrangeiro, não cresceu muito entre a classe média propriamente, mas atraiu pessoas de classe média baixa que aproveitaram o treinamento para elaborar receitas inovadoras para o pentecostalismo de massas” FRESTON, 1993, p. 96). Outro ponto relevante ressaltado por Freston (1993), que seria incorporado por Macedo à estrutura da IURD, é o episcopado. “um pentecostalismo menos legalista, no estilo da incipiente renovação carismática norte-americana

pentecostais: a cura, o milagre e a oração em línguas. E tocavam em questões como ‘fundo do poço’, ‘fracasso’, ‘derrota’, ‘abandono’, justamente, eram situações a que muitas pessoas estavam submetidas. Algumas contribuições da Nova Vida, segundo Freston (1993), foram centrais para Edir: uma espécie de ‘estágio’ para futuros líderes, ‘um modelo pentecostal culturalmente mais solto’ e a independência para angariar recursos nos templos - segundo o testemunho de um ex-pastor, uma das lições que herdaram da Igreja Nova Vida “foi como levantar uma *boa oferta*”. Em acréscimo, “a *mensagem deve ser sempre positiva*” (FRESTON, 1993, p. 96, grifo nosso).

Em 1971, Edir Macedo e Ester Eunice Rangel Bezerra se casaram. Conheceram-se na Igreja Nova Vida, da qual ela participava desde 1963. Anteriormente, as bases pentecostais de Ester vinculavam-se à Assembleia de Deus. Da união tiveram duas filhas, Cristiane e Viviane. A primeira casada com o bispo Renato Cardoso⁴ e a segunda com o bispo Júlio Freitas⁵. Viviane nascera com lábio leporino, razão pela qual Macedo não poupou esforços para os tratamentos necessários (procedimentos cirúrgicos) e por outro lado, intensificaria suas ações em

(...) bastante centralizada e personalista(...) e, a primeira igreja pentecostal no Brasil a adotar o episcopado (...) McAlister teve a liberdade de introduzir esse traço mais ‘católico’ (FRESTON, 1993, p.96).

⁴ O bispo Renato Cardoso é casado com Cristiane Cardoso, primeira filha de Edir Macedo. Eles viveram muitos anos nos EUA e na Inglaterra. De acordo com o site da Universal, o bispo é “escritor, articulista e palestrante internacional. Conselheiro familiar e matrimonial, certificado pelo National Marriage Centers de Nova York, é também autor dos best-sellers Casamento Blindado e 120 minutos para blindar seu casamento, ambos escritos em parceria com Cirstiane Cardoso. Eles apresentam o programa The Love School – Escola do amor. No entanto, nos bastidores da Universal, a hipótese é de que o bispo Renato Cardoso é o segundo na hierarquia ‘iurdiana’ e a voz e decisão dela no Brasil. Uma reportagem da Revista Veja, ‘O Escolhido’, dentre os assuntos abordados, a linha sucessória na instituição (Revista Veja de 13/10/2017). A Universal nega a versão da revista em uma longa nota em seu site oficial. Renato é também o âncora do programa Entrelinhas, analisado nessa pesquisa, outrossim, neste próprio canal, a propósito da questão religiosa e diplomática ocorrida com bispos e pastores da igreja em Angola, devido à expulsão e perseguição que alegaram sofrer, a voz oficial foi a do bispo Renato Cardoso sobre o episódio. Segundo Nascimento (2019), o sucessor de acordo com o próprio Macedo seria o então bispo e responsável em Portugal pela IURD, Romualdo Panceiro. Com estremecimento das relações entre Panceiro e Macedo, este começou a lançar seu genro a galgar os longos degraus da Universal, em 2018, Panceiro rompeu com a cúpula da igreja (NASCIMENTO, 2019, p. 341-342).

⁵ O bispo Julio Freitas é mais direto em resumir suas funções nas entranhas da IURD. Sua página oficial enumera várias tarefas de sua ‘missão’ na obra da igreja. Responsável pelos voluntários e auxiliares de pastores em todo o mundo, acompanha os “Obreiros em Foco, diretor do Jornal Folha Universal, e às quintas, sábados e domingos, tem atividades no Templo de Salomão. Ele realiza outras demandas vinculadas à rádio e à mídia (juliofreitas.com/biografia/).

relação a esses sofrimentos, culminando em uma “prática religiosa mais incisiva e arrebatadora” (NASCIMENTO, 2019, p. 38). Por isso procurou a liderança da Nova Vida, para sair da condição de coadjuvante para a de protagonista na evangelização. Na esteira dessa decisão, ‘irmãos’ de fé seguiram o mesmo caminho, R.R Soares, Roberto Lopes, e os irmãos Coutinho. Eles fundaram a Cruzada do Caminho Eterno. Um movimento religioso com pretensões a se organizar como igreja. Para que as iniciativas do grupo prosperassem era necessário a consagração ao pastoreio. Tal intercessão ocorreu na Casa da Benção, pela mediação do missionário Cecílio Carvalho Fernandes, no entanto, feito alcançado apenas por Samuel Coutinho e R.R Soares casado com a irmã de Edir Macedo, Magdalena. Este mesmo título era pleiteado por Macedo “na nova denominação, mas Fernandes não o considerava preparado para a liderança” (MACEDO, 2012, p.164, *apud* NASCIMENTO, 2019, p. 38, nota 47). Edir Macedo e Ester Bezerra também têm um filho ‘adotivo’, Moyses, que receberam durante um culto, de uma fiel, que alegava não ter condições de cuidar do menino.

A vida profissional de Edir Macedo em determinado momento caminhou paralela à sua missão de pregador. Antes, porém, de sua conversão, para contribuir com as despesas de casa, começou a procurar emprego. Mas foi apenas pela mediação de sua mãe, em virtude da família durante as campanhas eleitorais, apoiar o então candidato Carlos Lacerda, vitorioso para o mandato (1960-1965) do então Estado da Guanabara. Ela pediu ao governador que interviesse na concessão de um cargo para Edir e seu irmão Celso. Este, no Departamento de Trânsito, aquele, na Loteria Estadual, LOTERJ (NASCIMENTO, 2019). Com personalidade voltada aos detalhes, meticoloso, a matemática se revelou uma importante aliada de Macedo. Inclusive foram os talentos com os números que o aproximaram de Ester nos tempos da Nova Vida, porque ela prestaria um concurso para o BANERJ, e Edir foi solicitado para lecionar, contudo as aulas nunca finalizaram, mas o relacionamento entre eles se iniciava (NASCIMENTO, 2019, p. 34). E os conhecimentos matemáticos o levariam também à função de tesoureiro, função que ocuparia no início da Universal.

Em uma manhã de sábado, 9 de julho de 1977, em um galpão onde antes funcionava uma funerária, no bairro da Abolição, Rio de Janeiro, ocorreu um evento no qual se lançava a ‘pedra angular’ do primeiro templo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O culto inaugural estabelecia as bases daquela instituição que se converteria em uma máquina comunicacional evangelizadora. Contudo, uma ressalva estratégica rondava não apenas os caminhos da IURD, ela prefigurava a expansão de algumas denominações pentecostais e (neo)pentecostais em meados da década de 1970 – a aquisição de espaços onde funcionavam teatros, cinemas, para a instalação das novas igrejas. Os pilares dessa empreitada de evangelização e empreendimento: Cura, libertação (exorcismo) e prosperidade.

Naquele dia de calor estavam Albino Silva, Maria Veronese e Alba Maria da Costa (família que acompanhava os cultos desde as pregações nos coretos, além disso, eles foram os primeiros contribuintes financeiros da Igreja), Romildo Ribeiro Soares, hoje Missionário R.R Soares, Roberto Lopes (ex-coroinha católico e ex-umbandista) e Edir Macedo Bezerra, atual Bispo Primaz da IURD.

O Estatuto⁶ de fundação da Universal, aprovado em 1977, passou a vigorar apenas em julho de 1980. Além das justificativas da obra que vislumbravam e da missão de evangelização até os confins do mundo, o Estatuto manifestava a profecia iurdiana que se cumpriria na história da Igreja, os alicerces da sua relação simbiótica com o dinheiro. Havia um trecho que prevenia possíveis cismas: “Todos os bens da Universal seriam usados exclusivamente para pregações e todas as movimentações financeiras precisariam ser avalizadas pelo presidente e pelo tesoureiro”. À época do Estatuto, o tesoureiro era Edir e o presidente RR. Soares, entretanto, na vigência estatutária a ruptura entre eles já estava definida. As diretrizes da pequena Igreja que

⁶ “Dizia, em seu primeiro artigo, que ‘um grupo de irmãos, vindo de várias organizações evangélicas, reconhece que foram chamados por Deus, através do Espírito Santo, para continuarem a obra [de evangelização] iniciada por Nosso Senhor Jesus Cristo, continuada pelos apóstolos primitivos e pelos milhares de santos irmãos’ (...) através dos séculos, com suas vidas, testemunharam acerca da verdade, que é Jesus Cristo, a única solução para a humanidade’ (...) e assim, ‘ resolveram em comum acordo, fundar uma corporação e denominá-la Igreja Universal do Reino de Deus’” (NASCIMENTO, 2019, p. 40-41).

nasceu de uma funerária, continuavam, “(...) as doações de todos os fiéis, em todas as sucursais, pertenceriam à sede nacional, responsável pela gestão dos recursos” (...) e finalizava a profecia, “os fiéis se comprometiam a pagar o dízimo e deveriam se submeter às autoridades eclesiais da igreja” (NASCIMENTO, 2019, p. 41-42).

As primeiras pregações de Edir Macedo ocorriam em coretos das praças públicas cariocas. A preferência se voltava a uma região da zona norte, o jardim do Méier. As atuações performavam com microfone, caixas de som e teclado. A fórmula comercial de convencimento revelava algumas similitudes destas práticas pés no chão e face a face. Isso proporcionava a ele, um maior contato com a realidade e demandas da população, sobretudo, dos potenciais fiéis e de suas fragilidades diante da contingência da vida: desemprego, violência, inflação. Os vendedores de porta em porta, dos quais o empresário e apresentador Silvio Santos é o mais emblemático (o baú da felicidade e suas prestações), dominavam discursos diretos, rápidos e simples. Essa construção discursiva direcionada de Edir Macedo é um dos eixos estruturantes das narrativas que se consolidariam nos templos e extramuros da IURD. De acordo com o jornalista e escritor Gilberto Nascimento (2019), o discurso do bispo era espontâneo e sem enfeites, tampouco sofisticava na linguagem, conforme:

o impacto de suas palavras se beneficiava das modulações da fala e da gesticulação. No culto sua voz pode ser mais grave ou aguda, a depender do momento. Ele grita e sussurra num mesmo discurso, às vezes contrai o corpo e depois anda de um lado para o outro no palco (NASCIMENTO, 2019, p. 53).

Os discursos de Macedo, com sua ‘cirúrgica’ oratória⁷, foram submetidos à aprovação das pessoas que transitavam pelas praças, buscando uma palavra de conforto e um horizonte diante dos desafios do cotidiano. Literalmente, foi a provação de fé nas explanações públicas, às vezes, com grupos pequenos de ouvintes, no entanto, que Edir Macedo testou em muitas ocasiões a eficiência e eficácia da

⁷Edir Macedo, muito além de cursos bíblicos, estimula nos líderes da igreja a participação em treinamentos de oratória e técnicas de comunicação, com o objetivo de convencimento.

mensagem, ir direto às dores e anseios dos fiéis – ou seja, identificar os males que as acometiam, física, financeira e espiritualmente.

As raízes da Igreja Universal do Reino de Deus remetem às práticas discursivas que a antecederam e a impregnaram, embora não em sua totalidade, que são identificadas com a história do protestantismo no Brasil. O debate que se abre em torno dos conceitos e práticas que perpassam as confissões religiosas originárias da Reforma Protestante, não apenas se distinguem semanticamente como, também, revelam configurações distintas nas estruturas de ritos, costumes, templos e interpretações da Bíblia. Desta ramificação, surgiram os protestantes históricos - as igrejas Luterana, Batista, Presbiteriana, Congregacional, Adventista do 7º Dia, Anglicana, entre outras. Nessas denominações, conforme Spyer (2020), a relação do cristão se volta ao aspecto espiritual: “seu contato particular com Deus mediado pela leitura e interpretação da Bíblia, e pelo trabalho de cumprir a vontade de Deus sendo parte das ações evangelizadoras” (SPYER, 2020, p. 55), além disso, as lideranças, pastores, dedicam-se aos estudos teológicos, com pregações mais elaboradas e intelectualizadas.

O sociólogo Paul Freston (1993), classificou o pentecostalismo brasileiro a partir da metáfora de ‘ondas’⁸. A primeira delas trouxe o que ele denomina de ‘pentecostalismo clássico’, “a implantação de igrejas” em seu aspecto institucional e de estruturação interna, na qual se inserem a Congregação Cristã no Brasil (1910) na região sudeste e Assembleia de Deus (1911), no Pará (FRESTON, 1993, p. 66). Nessas duas incursões evangelizadoras são encontradas a dimensão de ‘profecia’, a missão de levar a palavra a outras terras (ALMEIDA, 2009). A Igreja Adventista da

⁸ ‘Ondas’ – “Analisando o movimento pentecostal brasileiro, Freston identifica três salientes estágios ou mudanças, os quais estratifica e caracteriza com essa metáfora de cunho físico. Esse enfoque tornou-se um referencial bastante aceito entre os cientistas da religião, os quais apontam alguns limites e procuram aperfeiçoá-lo”. (FERRARI, 2007, p.106, nota 8). Para Mariano (1999), a divisão em ‘ondas’ reflete um ‘corte histórico-institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro’. Em contraposição, Campos (1999), problematiza e enfatiza a questão concernente à IURD, “como um pentecostalismo tardio, cuja especificidade está justamente em adequar a sua mensagem às necessidades e desejos de um determinado público. Trata-se de uma igreja que atua dentro de um quadro de pluralismo religioso, cuja estratégia é localizar nichos de pessoas insatisfeitas, provocando nelas estímulos diferentes, a fim de atraí-las para novas experiências religiosas.” (CAMPOS, 1999, p. 52 *apud* FERRARI, 2007, p. 106, nota 8).

Promessa (1932) proveniente da Adventista do Sétimo Dia. A segunda ‘onda’ se inicia entre as décadas de 1950 e 1960, pela fragmentação e rápida mudança do cenário nacional. Nesse contexto, no eixo paulista estão a Evangelho Quadrangular (1951) que promoveu a Cruzada Nacional de Evangelização em 1953; Brasil para Cristo (1955), com o fundador Manoel de Melo, que outrora pertencia à Assembleia e ao Evangelho Quadrangular e um dos primeiros a utilizar os recursos midiáticos para a evangelização; Deus é amor (1962), David Miranda. A terceira ‘onda’ culmina entre as décadas de 1970 e 1980, no estado carioca, com suas principais expoentes: a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Internacional da Graça de Deus (1980), R.R Soares.

Conforme o antropólogo Juliano Spyer, autor de *“Povo de Deus, quem são os evangélicos e porque eles importam”* (2020), há um debate a respeito dos termos que se referem a esse complexo e plural espectro, no qual se inserem protestantes de tradição histórica, evangélicos, pentecostais, neopentecostais, crentes.

Vale esclarecer que o termo evangélico, por exemplo, é genérico e é antecessor ao próprio termo pentecostalismo. Evangélico está vinculado à tradição luterana, uma corrente do protestantismo anglo-saxão – de natureza conversionista, com a centralidade da Bíblia, adepta da piedade pessoal e de valores morais conservadores e com ênfase na individualidade. Os pentecostais apenas se assumirão como evangélicos em um contexto histórico posterior, antes, porém, os protestantes históricos se autodenominavam de evangélicos. O termo transitou de espectro dentre as denominações cristãs na década de 1990, assumindo praticamente a condição de sinônimo de pentecostais. Parte destes, no entanto, se autodenominam por “crentes”, especialmente os que se localizam em regiões mais pobres.

Para ilustrar, inclusive, esse contexto, a imagem “do casal ele, vestido com o terno surrado; ela, com saia abaixo do joelho, demonstrando sua dignidade e fé religiosa na austeridade com que se vestiam e se comportavam” (SPYER, 2020, p.53). O conceito de ‘pentecostais’ é uma alusão ao tempo de colheita na tradição judaica e ao evento bíblico conhecido como *Pentecostes*, episódio posterior à ressurreição de

Cristo, no qual as pessoas que estavam reunidas em oração foram tocadas por 'línguas de fogo' e ficaram repletas do "Espírito Santo".

Estes cristãos pentecostais cresceram e se espalharam, sobretudo, em regiões periféricas das cidades, em virtude da recomposição do cenário nacional – êxodo rural, migrações, industrialização das cidades – eles se voltam à base, com discurso direto e simples, se ancoram na “disciplina em relação à vivência do texto bíblico, uma postura modesta e a incorporação de aspectos sobrenaturais à experiência religiosa”. Esse movimento, diante do contexto, teve “forte apelo particular para as populações marginalizadas” (SPYER, 2020, p. 56-57). Com essa consolidação de vínculos de relacionamento, identificação e pertencimento, começam a se organizar redes, que se consolidam em comunidades. Entretanto, “a moral religiosa se torna uma camisa de força que protege do mundo das privações e das drogas baratas, e ao mesmo tempo distancia o fiel de ambientes de socialização como bares e mesmo contato com familiares que não sejam crentes” (SPYER, 2020, p. 58). O aspecto 'mundano' no qual as 'forças' bem e mal se opõem, é um componente central da narrativa dos pentecostais. O diabo assume um papel protagonista na trama humana. É o autor e responsável pelas mazelas, vícios, desvios, dificuldades, recaídas, tropeços, quedas, que se projetam sobre os fiéis. Portanto, nesse cenário de 'batalha espiritual', as igrejas evangélicas pentecostais cumprem uma função de acalanto e tranquilização. Para o sociólogo Ricardo Mariano, a presença de Deus, garante a cura dos “enfermos, expulsando demônios, distribuindo bençãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade” (MARIANO, 1999 *apud* SPYER, p. 59).

Os cultos pentecostais, além de movimentados, remetem à emoção, vibração, performances, gestos, gritos, sussurros, uma dinâmica verdadeiramente sensorial. Essa forma de expressão dos pentecostais se diferencia de alguns segmentos do protestantismo 'histórico', conforme Spyer (2020), “as organizações protestantes históricas recusam o estilo energético e emotivo dos cultos pentecostais; dizem que é magia. Embora, alguns grupos de protestantes históricos buscaram um 'reavivamento' 'um sentimento renovado de fervor dentro de um grupo, igreja ou comunidade cristã”

(SPYER, 2020, p. 61). O impacto do 'pentecostalismo' no sentido de retornar ao momento de *Pentecostes* foi incorporado pelos católicos carismáticos. No entanto, em um estágio posterior que essas características serão incorporadas de modo específico, antes, o movimento carismático advindo dos EUA traz ao Brasil elementos mais gerais do movimento pentecostal, e, concomitantemente, traços da tradição católica, como a devoção mariana. Apenas recentemente há essa adesão intensificada do *ethos* pentecostal. Como por exemplo, as missas cantadas e as performances de padres cantores, tal qual Marcelo Rossi, além disso, a presença das experiências sensoriais, dos gestos e entonações – orações em línguas estranhas, a glossolalia -, muito recorrentes em grupos de oração e acampamentos de cura e libertação.

As discussões em torno do processo sócio-histórico das denominações cristãs, sobretudo no Brasil, revelam um termo relevante para a compreensão do campo, isto é, os neopentecostais⁹. A expressão mais potente desta linhagem é a IURD, que

⁹ “O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos de 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo”.(MARIANO, 2004, p. 123-124). Ainda sobre o neopentecostalismo, Leonildo Silveira Campos ressalta o aspecto singular da Igreja Universal: “O termo ‘neopentecostalismo’ ainda se refere a uma realidade sociológica não tão bem definida como os cientistas sociais da religião gostariam. Isto porque, até que ponto a IURD é uma expressão novidadeira da religião cristã (católica, protestante e pentecostal)? Se analisada do ponto de vista da ruptura com tradições religiosas anteriores, a IURD possui vários traços que sugerem ser ela uma nova expressão do pentecostalismo “clássico” (surgido nos EUA, no início do século XX). Porém, ela também apresenta uma notável continuidade com formas mágicas e de religiosidades populares presentes no catolicismo popular, nos cultos afro-brasileiros, no kardecismo, e até em certas expressões do protestantismo tradicional. Essa face da IURD levou alguns a pensar que se trata de uma manifestação religiosa pós-protestante e pós-pentecostal” (...).” A IURD trouxe, para o espaço do pentecostalismo, a competição acirrada, portanto, uma nova dinâmica na disputa por fiéis, competitividade essa dinamizada pelo emprego maciço da mídia, alavancada pelo sucesso do caixa único de contribuições”. (Entrevista ao IHU de 17/05/2010).

apresenta algumas heranças do pentecostalismo, como: os aspectos morais e a mistura entre cultos performáticos, interativos e voltados à lógica do mérito e do sucesso material.

As fronteiras que limitam uma instituição religiosa entre o pentecostalismo e a vertente neopentecostal, delimitam que a igreja [..]

deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintas dessa corrente [...] isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais) [...] mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MARIANO, 1999, p. 37 *apud* CARVALHO, 2017, p. 34).

A IURD, em sua estrutura genética tem os elementos adquiridos do protestantismo histórico, além disto se forjou nas mudanças estruturais internas e institucionais adquiridas das 'ondas' do pentecostalismo brasileiro, até sua caracterização enquanto (neo) pentecostal. Contudo, é a própria Universal que, a partir de suas peculiaridades, diferenças e objetivos, que traça uma nova concepção em torno do (neo) pentecostalismo. Conforme Mariano, (1999), "o surgimento desta igreja é que justifica a criação de suas tipologias. [...] justamente a principal igreja neopentecostal [ou pós-pentecostal, segundo autores] e, não por acaso, a maior novidade do pentecostalismo brasileiro" (MARIANO, 1999, p. 34 *apud* CARVALHO, 2017, p.21).

A Universal é o resultado de processos de sedimentação. Os percursos de Edir Macedo e suas experiências de vida – trabalho, relacionamento, família, traumas, religiões, foram constituintes do *modus vivendi* e *operandi* da Igreja Universal. Ela não se assemelha a outras igrejas, embora juntamente contribuiu com diversos movimentos religiosos na composição do campo religioso brasileiro (ORO, 2005-2006, p. 320). De acordo com Freston (1993), o modelo historicamente plasmado no país é complexo, pois:

A tradição religiosa brasileira é sincrética, mas o modelo que se firma no país é o *pluralista*. A diferença é matemática: no sincretismo as religiões se somam; no pluralismo, elas se subtraem. O modelo sincrético é de uma relação não - exclusiva; no Brasil, temos um *sincretismo hierárquico*, o qual combina a relação não-exclusiva com

a aceitação da hegemonia institucional católica. O modelo pluralista é de várias opções em pugna (FRESTON, 1993, p. 20).

E, a partir de 1977, houve uma ruptura dessa estrutura, na qual a IURD se posiciona e se opõe em relação ao espaço religioso no país (ORO, 2005;2006).

Com o litígio entre R.R Soares e Edir Macedo, o cajado de comando da Universal passa a Macedo. Dos cofundadores da Universal, restou apenas Roberto Lopes, ao permanecer até 1987, quando no ano anterior fora eleito deputado federal constituinte. Um dos motivos da saída, o distanciamento de Macedo do projeto original da Igreja, Freston (1993) levanta o aspecto da precaução do bispo Macedo com a liderança, porque agora Lopes mantinha o poder político e o poder eclesiástico. A figura de Lopes é simbólica, porque em 1981 “instituíram o episcopado na IURD, sagrando-se bispos mutuamente. Macedo sempre foi o líder geral e Lopes iniciou a igreja em São Paulo” (FRESTON, 1993, p. 96). Essa forma de governo episcopal da igreja é uma das heranças da Nova Vida, assim como as narrativas de ‘combate ao mal’, que ao longo dos anos compuseram o repertório discursivo da maquinaria iurdiana¹⁰.

As pregações de McAlister, inclinadas ao aspecto da cura, libertação e da comunicação em massa, trouxeram um significante central no enredo das práticas

¹⁰ A discussão que o cientista da religião e pesquisador da Igreja Universal do Reino de Deus, Leonildo Silveira Campos, faz a respeito do termo ‘iurdiano’ é relevante, sobretudo, pela distinção entre os fiéis e não fiéis da IURD. Como nesta pesquisa o objeto analisado são as práticas discursivas da IURD sobre a Política em seu *streaming*, o consumo do serviço pode ocorrer tanto por não fiéis quanto por fiéis com maior ou menor frequência aos templos. Entretanto, o léxico ‘iurdiano’ será apropriado no que refere ao complexo multivalente da Universal: mídia, religião, política, economia. “O termo iurdiano(a) é usado para identificar os que frequentam assiduamente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), os que passam pelo rito de iniciação do batismo por imersão e ao que mantém uma identificação, mesmo que parcial, com o sistema de crenças e práticas. São aqueles que colaboram financeiramente, através de doações em diversas espécies (roupas, alimentos, espécies, etc.), ajudam como voluntariado nas instituições e programas sociais, frequentadores dos templos. (CAMPOS, 1997 *apud* SANTOS, 2010, p. 10)

discursivas. A materialidade do mal, sob a figura do diabo, com a novidade de que ele poderia ser nomeado e se manifestava em lugares (religiões), segundo Ferrari (2007):

MacAlister, demonstrando experiência na invocação e combate aos demônios e suas possessões em cultos públicos. Chamava os espíritos malignos pelo nome e os desafiava, afirmando que provinham dos cultos afro-brasileiros e espíritas. Combatia a umbanda e o candomblé, escrevendo diversos livros a respeito. (FERRARI, 2007, p. 103).

Os principais elementos da caracterização da pentecostal Nova Vida, como a utilização da mídia para a evangelização – se sintetizam no “intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência do legalismo em matéria comportamental” (MARIANO, 1999, p. 51 *apud* FERRARI, p. 103). Todos estes vetores são práticas discursivas que se retroalimentam e engendram o capital simbólico da igreja. E foram potencializados dentro das narrativas da Universal.

As narrativas do pastor canadense abriram precedentes para aquilo que mais adiante se encarnaria na ‘batalha espiritual’ contra as religiões espíritas e de matriz afro-brasileira. Além do protagonismo almejado por Macedo, e do fato relacionado à sua filha mais nova, ele e mais alguns colegas do grupo religioso teceram algumas críticas à forma de evangelização de McAlister, como “pouco efetivas, considerava sua igreja fria, sem garra, sem vontade de crescer, ‘quase uma igreja católica” (NASCIMENTO, 2019, p. 37, nota 35, *Despertar da Fé*). Além disso, também compreendiam que as abordagens da Nova Vida enfatizavam um público de classe média, os jovens queriam adotar um discurso ‘mais popular’. Não apenas desejavam um pentecostalismo popular, propunham um discurso mais “contudente e o combate aos cultos afro-brasileiros”, em consonância a isso, ir a terreiros de Umbanda e Candomblé, com o objetivo de converter os seguidores dessas crenças (NASCIMENTO, 2019, p. 37). Os eventos desvelam alguns aspectos da personalidade de Macedo – pragmática e proselitista – com o objetivo de captar adeptos às suas convicções através de práticas intolerantes.

1.2.A IURD e a religião

Uma questão dessa gestação do tom belicoso traz à tona um duplo movimento: um retorno às tradições pelas quais o próprio Edir Macedo transitou; e a conversão delas no antagonico que deve ser combatido. Para Mariano (2007), Macedo é “um ex-umbandista o maior adversário declarado dos cultos afro-brasileiros”. Freston (1994), ressalta também o aspecto de que o bispo primaz da Universal é “de origem católica e com passagem pela umbanda, havia se convertido à Nova Vida, na qual ficou por mais de uma década” (MARIANO, 2007, 136-137 *in* SILVA, 2007; FRESTON, 1994, p. 131 *apud* SANTOS, 2010, p.24-25).

A Universal tornou-se fortemente conhecida pela ‘cruzada’ que realiza na encruzilhada das religiões, o ponto de encontro que ela definiu como nodal para combater o ‘mal’, personificado pelo diabo, cujos nomes são relacionados às entidades e guias da Umbanda e aos Orixás do Candomblé, e, ao panteão de santas e santos católicos. O Estatuto e Regimento da Universal, identificados em 1994, conforme Almeida (2003), apresentava alguns sintomas que caracterizavam a presença do ‘mal’, as próprias “possessões demoníacas, nervosismo, dores de cabeça constantes, insônias, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças cujas causas os médicos não descobrem, visões de vultos ou audição de vozes, vícios, depressão” (ALMEIDA, 2003, p. 323).

E as manifestações físicas, espirituais, psicológicas, financeiras, afetivas, que recaem e ‘encostam’ no fiel, precisam da cura. Tal qual um hospital, as demandas pelo restabelecimento da vida plena encontram na IURD o ‘plano de saúde’. A lógica do consultório é a mesma. Diagnóstico a partir dos sintomas discursivamente apresentados ou pela análise do paciente; possibilidades de nomes daquela patologia; os impactos dela sobre o corpo e a possibilidade de cura, com a devida profilaxia. Dependendo do quadro, procedimentos mais incisivos, quiçá, até internações. A Universal disputa esses ‘pacientes’, isto é, as pessoas que procuram a Igreja em busca de curas. Antes, porém, conforme Almeida (2009), a IURD assume práticas beligerantes “de que a causa e origem dos infortúnios de cada um está localizada nas práticas religiosas com as quais a Igreja Universal disputa a adesão religiosa dos fiéis” (ALMEIDA, 2009, p. 14).

A Universal na prática dos seus rituais de exorcismo segue a fórmula nome, consequência e razão – o **trinômio** do dispositivo identificado na relação pregador-exorcista-endemoninhado (ALMEIDA, 2009). O nome é central, e o convidado principal da ‘teatralização’ (CAMPOS, 1997) é o diabo. O sistema é organizado em forma de perguntas e respostas, uma espécie de entrevista com o mal. Contudo, essa materialização está vinculada ao panteão das religiões afro-brasileira, de modo específico, da umbanda. Sob um tom inquisitorial e sugestível, o fiel revela, “uma miríade de entidades: Exu Caveira, Exu Capa-Preta, Exu-Tranca-Rua, Maria Padilha, Maria Mulambo, Exu da Morte, Exu do Lodo, Pombajira (...) etc. (ALMEIDA, 2003, p. 324). Sobre o mecanismo de exorcismo (libertação), na lógica iurdiana ele não corresponde à chave estrita da conversão, mudança de vida em virtude da “ideia de ‘pecado, de culpa pessoal e a necessidade do arrependimento consciente, (...), mas na ideia de que “a ‘libertação’ valoriza a figura do diabo e sua possessão inconsciente” (ALMEIDA, 2003, p. 335). Ponto fundamental na narrativa da IURD.

Em um episódio do programa de entrevistas Entrelinhas, o Bispo Macedo dialoga com uma senhora que participava de rituais de religiões de matriz afro-brasileira. Ele segue a tradição à moda dos primeiros momentos da Universal, com o programa ‘O despertar da fé’, com duração de (30) minutos, em 1978, Edir Macedo e RR Soares chegam à TV Tupi. Neste programa, Macedo apresentava o ‘Painel da Verdade’ – com os seguintes passos: ouvir depoimentos e realizar preces às pessoas que sofriam. O formato é muito semelhante ao utilizado no Entrelinhas e nos rituais de exorcismo nos templos, cuja sistematização será feita mais adiante.

As perguntas que se dirigem à entrevistada imediatamente já se ligam ao aspecto do campo religioso com o qual a IURD se opõe. Contudo, na introdução ao diálogo, ele relembra também suas passagens por vários espectros religiosos a fim de estabelecer uma identificação com a entrevistada:

Bispo: (27’10”) foi me bom ter passado momentos difíceis, ter buscado aqui, ali e acolá, ter feito uma peregrinação nas religiões, porque um dia eu estava começando a buscar e conheci a palavra d’Ele e Ele me livrou.

Bispo: (28’00) e eu creio que isso aconteceu com a (senhora)

Bispo: (28’15) a senhora frequentou o quê?

Entrevistada:(28'16") Desde sempre eu sofri com espíritos (...)

Bispo: (29'00") Vamos ser mais objetivos, qual o espírito que a senhora serviu, o principal?

Entrevistada: (29'10") os principais eram na linha dos 'exus'

Bispo: (29'20") Caveira, Tranca-Rua?

Entrevistada: (29'30") precisamente, também pombajiras (...)

Bispo: (29'40") e do ponto de vista das linhas mais altas?

Entrevistada: (29'41") os orixás (...)

Bispo: (29'49") quem eram os mais fortes na sua vida?

Entrevistada: (29'57") na minha vida eram os 'exus'¹¹. (Programa Entrelinhas-Portugal, 08/05/2022).

Toda condução dos rituais é controlada e altamente direcionada. Inclusive, "(...) os pastores conduzem os testemunhos dos membros, cortando falas e apresentando palavras a serem faladas, objetivando demonstrar a eficácia e a lógica teológica ou ideológica da IURD" (BONFATTI, p. 36, nota 6 *apud* FERRARI, 2007, p. 112).

O sofrimento tem endereço e autor, é a presença do demônio na vida do fiel; o Bispo Macedo, domina habilmente essa dinâmica discursiva, de modo perspicaz e objetivo, reconhece a personagem enquadrada na trama dual do cristianismo. E sua expulsão é o sinal da vitória na "‘hora da guerra', como conclama os pastores" (ALMEIDA, 2009, p. 15).

A torre de Babel iurdiana é um complexo de produção de sentidos. E, os expectadores, coadjuvantes, protagonistas e figurantes deste palco performático produzem significações nos sujeitos e pelos sujeitos. Conforme Orlandi (2001), nos discursos as relações de poder assumem sentidos, sobretudo, porque é um território em disputa (ORLANDI, 2001, p.39).

A composição das etapas que envolvem o tripé da Universal – cura, exorcismo (libertação) e prosperidade pertencem aos aspectos polissêmicos da

¹¹ Edir Macedo escreveu o livro, Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? A obra se utiliza de recursos discursivos no sentido de desqualificar religiões como o candomblé, umbanda, espiritismo kardecista, catolicismo popular, utilizando-se de práticas discriminatórias, intolerantes, simbolicamente violentas. Ver a entrevista com Vagner Gonçalves da Silva: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/08/por-que-exu-inspira-lutas-politicas-hoje-segundo-antropologo.shtml>. Acesso em: 10 set 2022.

linguagem, contanto que dois vetores apontem em direção contrária: a da apropriação do capital simbólico da religião e da ressignificação dos elementos religiosos daquela religião. Por isso, episódios de vilipêndio que se repetiram ao longo da trajetória da IURD “como forma de legitimação de seu discurso, como se ela cavasse seu espaço por meio de uma beligerância iconoclasta, acima do nível permitido em qualquer situação de pluralidade religiosa” (ALMEIDA, 2003, p. 321). Outro fato caracterizado como vilipêndio, desrespeito e intolerância a elementos constituintes de religiosidades diferentes das professadas pela IURD, foi o conhecido “Chute na Santa”, ocorrido em 12 de outubro de 1995, justamente, pelo catolicismo, dia de festividade à Nossa Senhora Aparecida. O ato foi praticado pelo bispo Sérgio Von Helder, no programa o Despertar da Fé. Tal atitude gerou profunda comoção no meio católico e maciça circulação das cenas na mídia da época (O Globo de 14/10/1995).

As narrativas que ocorrem no templo e que foram exaustivamente transmitidas em programas de rádio e TV durante as madrugadas (Sessões de Descarrego), seguem uma prática discursiva potente e tal qual um feitiço, todos os ritos, entonações, gestos e imposição de mãos agem de maneira similar, sem nenhuma aventura ou alternâncias do trajeto. Estes rituais e liturgias são reproduzidos independentemente do canal pelo qual são difundidos, pois seguem uma tradição.

A síntese: conflito, as mazelas que acossam o fiel; o poder da pergunta inquisitorial e a resposta do fiel em transe, desprovido de qualquer autonomia, simultaneamente, de uma plateia uníssona, dentro da atmosfera do ritual.

Antes de sua invocação do convidado (o diabo), através das orações, é criado um ambiente alvissareiro para o início da liturgia. Almeida (2003) elenca os meandros do ritual: 1- a nomeação; 2- os males que a ‘entidade’ têm feito à pessoa; 3- o deslocamento dos sintomas apresentados à plateia; 4- o retorno a que o ‘possuído’ confessa discursivamente quem o dominou, transgredindo a esfera do segredo, conforme:

se na Igreja Católica o segredo da confissão é um dos princípios fundamentais, ou se a consulta a um pai-de-santo ocorre de maneira reservada, na Igreja Universal o desespero mais íntimo encontra

solução no momento de maior publicidade e, acima de tudo, de possessão de algum espírito (ALMEIDA, 2003, p. 325).

A pergunta de como o 'encosto' entrou na vida da pessoa, gera uma situação sem possibilidade de escapatória e a resposta a ela exporá os dilemas, "ou pelo contato com as religiões afro-brasileiras ou alguém lhe fez o feitiço" (ALMEIDA, 2003, p. 325).

O inimigo derradeiro sempre é o diabo, contudo, o que se apresenta neste jogo intrincado de relações, é sua manifestação. Este círculo de nomeação, consequências da possessão, libertação, assume sempre um processo de retroalimentação, ao produzir novos sentidos em quem é submetido diretamente ao ritual, quanto de quem indiretamente, através do imaginário (latente), se identifica e cria mecanismos de pertencimento. Nessa trama discursiva, os sistemas linguísticos de codificação e decodificação da mensagem atuam no escopo: identificação do mal; neutralização deste; e solução para seu afastamento. Dentro das práticas rituais de exorcismo no âmbito dos templos, assim como a violência simbólica discursiva de ataques às crenças ou a artefatos revestidos de sacralidade de outras religiões, é uma violência simbólica e física, literalmente – uma forma de expiação sacrificial. Nesse contexto uma forma de retorno a um mito fundacional:

A IURD nos aparece (...) como sintoma de uma realidade mascarada. A realidade de uma sociedade que ainda não é completamente humana. Que ainda depende do sagrado primitivo para se organizar. Que se organiza pelo poder da violência e tem como objeto supremo de seu desejo a violência de poder (...) A luta contra a doença, a miséria, o sofrimento, e todo os males que afligem as pessoas, se faz necessária, em qualquer lugar do mundo. Aí está a principal razão da expansão desta obra, que é de Deus (OLIVA,1997, p.147.166 *apud* Ferrari, 2007, p. 120-121).

A exposição intensa de fiéis às performances de descarrego, fundamentalmente, de maneira constrangedora, revelam práticas abusivas na condução de tais rituais. Os pastores impõem as mãos sobre as cabeças dos possessos, muitos "semicurvados, com as mãos para trás e com os dedos retorcidos" (...) às vezes, "de joelhos" (ALMEIDA, 2009, p.87). Essas posturas, segundo a Igreja, seriam as manifestações no corpo daquele que estaria possuído. Tudo isso decorre

de gestos e movimentos, com a invocação das entidades do panteão das religiões afro-brasileiras, e as petições pomposas de ofertas generosas (MARIANO, 1999, p. 38 *apud* FERRARI, 2007, p. 114).

É no corpo que a tríade se manifesta, isto é, cura, exorcismo e prosperidade. O valor corporal na prática religiosa, o corpo (habitação-morada) – é ressignificado no ritual – Jesus é aquele que liberta e cura o corpo, quem opera o milagre. Os males são afugentados, esconjurados. O ritual de exorcismo ‘limpa’, desintoxica, não apenas locais, mas também corpos. “No exorcismo, há um transe reelaborado no espaço do templo onde ocorrem estímulos específicos, “levando à profunda interação do público, do pastor e dos endomoninhados” (ALMEIDA, 2003, p. 339). O poder-discurso iurdiano enaltece o aspecto de vítima daquela pessoa, que está diante da plateia, e nela se hospedam as ‘forças do mal’ herdadas, vivenciadas ou recebidas mediante feitiços. A projeção e a catarse do ritual lançam sobre a vítima a sensação de alívio na expulsão dos males que a povoam. Conforme Ferrari (2007):

(...) Numa violência simbólica acontece o linchamento unânime do ‘bode expiatório’ (Girard). Afirma-se a autoridade de Deus e se justifica ‘uma violência em nome de Jesus’ e no combate dos espíritos rebeldes”. O sagrado pervertido é expulso através de atos simbólicos de violência purificadora. No atendimento público dos possessos, com frequência a violência é utilizada, tendo o consentimento entusiasta do público participante desejoso de vingança e vitória (FERRARI, 2007, p. 127).

A ‘flauta mágica’ soprada por Macedo e meticulosamente transmitida entre os obreiros encanta e conduz os fiéis nos rituais, do início ao fim. “É no período de um culto que a Igreja Universal prega a mensagem da prosperidade econômica e da cura do corpo” (ALMEIDA, 2009, p. 74).

Conforme Mariano (1999) analisado em Ferrari (2007):

no afã de tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros, a Universal incentiva relações de troca com Deus, promete bençãos milagres, poder e autoridade divinos para combater o mal e ‘acata’ o panteão dos deuses das religiões inimigas aos invocá-los, incorporá-los, humilhá-los e, por fim, exorcizá-los. Com

isso, rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas dos adversários. Tal reapropriação sincrética é intencional, estudada, encerra claro propósito proselitista. A liderança da Igreja tem plena consciência da eficácia dessa estratégia. (MARIANO, 1999, p. 135-136 *apud* Ferrari, 2007, p. 113)

A IURD não nega em hipótese alguma o fenômeno ocorrido com o fiel em suas experiências anteriores, pelo contrário, a sua crença na ‘fé inimiga’ é a fórmula para a inversão-continuidade-aceitação, ao atribuir outro sentido àquela prática e eliminar a possessão (ALMEIDA, 1996). A apropriação do léxico semântica – em sua face de significados manifestados na linguagem que expressam um modelo de representação e de seus eventos - e discursivamente – na produção de sentidos - pela IURD dos símbolos de outras religiões e de denominações do cristianismo (Católica) é o catalisador que alimenta a lógica iurdiana. Da Igreja de Roma, conforme Oro (2007) “do catolicismo, a IURD incorporou as noções de milagre, inferno, pecado, demônio e também sua forma de governo episcopal” (ORO, 2007, p.31 *apud* SANTOS, 2010 p. 32). Ademais, um conceito preciso a respeito dessa apropriação ‘iurdiana’ do campo simbólico de religiosidades. É o que Oro (2005-2006) chama de ‘religiofagia’, ou literalmente, ‘comedora de religião’, “isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando¹² pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários” (ORO, 2005-2006, p. 321). Essa propriedade inerente à IURD é interpretada também a partir de outros conceitos, ‘igreja de bricolagem’, ‘fagocitose religiosa’, “ou uma antropofagia da fé inimiga” (BIRMAN, 2001; ALMEIDA, 2003, p. 341).

Estes símbolos (artefatos) arruda, sal grosso, vela, óleo, muitas vezes são solicitados ao fiel para comporem o universo de signos, organizados e dispostos durante os rituais. Portanto, essa mistura de ingredientes heterogêneos não produz uma massa discursiva homogênea e sem distinção, pelo contrário, os componentes

¹² Ressemantização “ocorre quando conteúdos das religiões de origem, vindas de fora, são alterados por conteúdos das localidades e dos grupos que os adotam; ressimbolização ocorre quando conteúdos tradicionais de um grupo adquirem nova expressão através de formas simbólicas importadas, vindas de fora” (Segato, 1997 *apud* Oro, 2005-2006, p. 321).

são muito nítidos, do ponto de vista simbólico e materialmente para pastores, possesores, plateia. Tudo faz sentido.

O terreno cultivado pela IURD é o da contingência, que foge ao controle das pessoas, porque suscita fatos que permeiam os diversos aspectos da vida concreta: as oscilações econômicas, desigualdades sociais, altas taxas de desemprego, inflação galopante, austeridade fiscal, violência, insegurança e medo. Por isso, o discurso iurdiano é voltado ao ‘coração’ dos fiéis, dos males que lhes retiram a ‘felicidade’ e paz. Segundo Ferrari (2007) em diálogo com Campos, (1997):

(...) é uma lógica ordenadora a uma população carente de sentido (...) uma teodiceia que, embora não seja nova, ressalta uma mensagem, que o racionalismo da modernidade tentou encobrir. Certamente, o diabo é um conceito central nessa teodicéia, que faz jus à expressão: *sine diabolo nullus Dominus* [N.do E.:trad. literal do latim, sem diabo não há senhor] (CAMPOS, 1997, 337, nota 08 *apud* FERRARI, 2007, p.116-117).

1.3. A IURD e a prosperidade

As demandas que compõem a vida dos fiéis, neste sentido, dialogam com o neopentecostalismo que se inicia no final da década de 1970, a qual prenuncia a recessão e a retomada da expansão predatória, em escala mundial, do neoliberalismo, com a centralidade do mercado, a redução do crédito, desvalorização da moeda nacional, declínio do investimento no setor público, e o demônio daquele tempo, a inflação e seus patamares astronômicos de quase 2000% ao ano. A cena de mercados com prateleiras vazias, e a remarcação de preços todas as manhãs. A promessa diante da crise, de ascensão social e econômica, é um forte argumento às ‘massas abandonadas’ e, até mesmo, para grupos em condições econômicas mais elevadas.

Conforme apresenta o sociólogo Ricardo Mariano, a respeito dos antecedentes:

agudização das crise social e econômica brasileiras; o aumento elevado do desemprego; o recrudescimento do aumento da violência e da criminalidade; a ‘destradiconalização’ e a modernização sociocultural; a vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado pluralista; a baixa regulação estatal da religião; o enfraquecimento religioso, a secularização e o declínio da Igreja Católica; a larga e

contínua expansão pentecostal em todo o território brasileiro desde a década de 1950; a extensa difusão dos meios de comunicação de massa e a relativa facilidade de acesso a eles; a ampla aceitação pelos estratos populares da oferta de crenças e práticas religiosas (sobretudo as de origem e tradição cristãs) de cunho mágico, terapêutico e taumatúrgico. (MARIANO, 2003, p. 53-54)

A ideologia neoliberal, “disseminada pela globalização da informação, faz com que os povos acreditem que o mercado ou o consumo é a solução da humanidade” (RIBEIRO, 2006, p. 45). A vontade e as reivindicações das pessoas de participarem do processo de consumo, de bens e serviços, e perceberem sua exclusão desse modelo, fazem-nas sentirem-se ‘desvalidas’, ‘apartadas’ da sociedade. É nessa esteira que a IURD, além de fazer parte do próprio processo histórico, alimenta sua lógica com o terceiro vetor de sua complexa narrativa, posterior ao exorcismo (libertação) – a prosperidade. Ela é a característica mais proeminente pela qual a IURD parece ter elevado sua fama. Algumas pistas da sua entronização no corpo da IURD e de ideias e teologias que foram ‘engolidas’ pela narrativa iurdiana serão desenvolvidas com a finalidade de elucidar esse vetor preponderante da Igreja. Uma dessas heranças constituintes é o aprendizado de Edir Macedo com a Igreja Nova Vida, principalmente, como ‘pedir boas ofertas’.

O sintagma teologia da prosperidade é frequentemente discutido nos diversos ambientes acadêmicos e na própria mídia, inclusive nas conversas do dia a dia, sobretudo quando o assunto é a IURD. Na equação iurdiana, a única variável é o montante destinado ao dízimo ou à oferta. Os dois primeiros, cura e libertação, descritos anteriormente, na lógica da Universal, farão sentido apenas com o ‘sacrifício’ financeiro. Na atmosfera da Universal, as narrativas se voltam à questão de que Deus é colocado à prova e que honra Suas promessas.

De acordo com o sociólogo Ricardo Mariano, o protestantismo, cuja disciplina está centrada no trabalho, o qual é requisito para a ascensão econômica, se difere da Teologia da Prosperidade, a qual assume uma lógica totalmente inversa, “a conversão e a adoção da prática religiosa são recompensadas por Deus via ascensão financeira” (MARIANO *apud* SPYER, 2020, p. 63). Nessa complexa teia de sentidos, a fé positiva,

o merecimento e a retribuição constituem o investimento que o fiel deposita no altar. A doação é o testemunho da ação libertadora ocorrida na vida. A prosperidade não é apenas financeira, mas o cumprimento da promessa de cura.

Conforme Chagas (2021) para a IURD:

preservar o discurso do sagrado e do vitorioso, tão presente na teologia da prosperidade – teologia que defende o seu seguidor como destinado à prosperidade, plenitude, felicidade e saúde, em versão do paraíso vivenciado ainda neste mundo, onde as bençãos financeiras são um modo de Deus recompensar bons fiéis, e seus rituais e crenças têm ênfase na libertação e no exorcismo. (CHAGAS, 2021, p. 47).

Segundo a análise de algumas entrevistas de Edir Macedo, Nascimento (2019) transcreve o posicionamento do Bispo:

quando o fiel faz sua doação ou paga o dízimo, Deus contrai uma obrigação com ele e repreende ‘os espíritos devoradores que desgraçam a vida do ser humano nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer’”. (NASCIMENTO, 2019, p.8-9, nota 12). Após a libertação do fiel dos males e artimanhas do diabo. Macedo, reitera: “Ao dar provas de sua fidelidade a Deus, o fiel pode exigir uma contrapartida divina e expressar o desejo de prosperidade não como quem pede ou suplica, mas como quem reivindica um direito (NASCIMENTO, 2019, p. 9, nota 13).

Em torno da Teologia da Prosperidade gravitam outras visões religiosas – Confissão Positiva¹³, ‘negação da fragilidade humana’; o Rhema, ‘poder direto de Deus concedido pessoalmente aos crentes’; a ‘Batalha Espiritual’, ‘justificativa de eventos históricos’; e a ‘Vida na Benção’ ou na ‘Graça’, ‘transferência da escatologia para a vida terrena’ (RIBEIRO, 2006, p. 50). A ‘confissão positiva’ é predominante no discurso da Universal. Macedo, em diversas entrevistas, livros, enfatiza o aspecto de

¹³ “Essa corrente teológica, grosso modo, defende a crença de que o cristão, além de liberto do pecado original pelo sacrifício vicário de Cristo, adquiriu o direito, já nesta vida e neste mundo, à saúde física perfeita, à prosperidade material e a uma vida abundante, livre do sofrimento e das artimanhas do diabo”. Segundo esses pregadores, o fato é que Deus não só prometeu como, no plano espiritual, já concedeu tais bençãos a todos os portadores da fé sobrenatural. Agora cabe ao cristão tomar posse delas” (MARIANO,2003, p. 242).

que 'palavra é palavra' e do poder que a fé sobrenatural tem de determinar aquilo que ainda não possui. Há dois eixos da expressão da fé na tradição da IURD:

1) confessar ou determinar a posse das bênçãos prometidas por Deus a seus leais servos e 2) obedecer às exigências bíblicas referentes à manutenção financeira da casa e da obra do senhor. (MARIANO, 2003, p. 242). O que, nas palavras do bispo Edir Macedo, consiste em: estar disposto a aceitar a responsabilidade de ser um dos sócios e administradores da obra de Deus (MACEDO, 2000, p.28 *apud* MARIANO, 2003, p. 242).

O primeiro eixo, conforme Mariano (2003), se refere à Confissão Positiva, com a qual, através de alguns ideais de Kenneth Hagin¹⁴, expressos em alguns livros de seus leitores, "Hagin e seus seguidores defendem que as palavras pronunciadas com fé encerram o poder de alterar a realidade ou de trazer à existência o que se profere, seja para o bem ou para o mal" (MARIANO, 2003, p. 242).

Edir Macedo assume literalmente e incorpora ao discurso da Universal tais premissas:

'o grande poder da fé' consiste em 'trazer à existência as coisas que não existem'; 'tudo o que nossa boca determinar será feito'; 'a partir do momento em que a pessoa investe na fé, toma posse da autoridade divina para determinar tudo aquilo que deseja e quer'; a fé é a ferramenta com a qual se fabrica e molda o destino do jeito que se quer (MACEDO, 1999, p. 16,23,53-54 *apud* MARIANO, 2003, p. 242-243).

Os argumentos da Universal que interpretam essas teologias compreendem que o escopo da negatividade, expressa em atitudes, pensamentos, palavras, estão intimamente ligadas ao diabólico. Pois essas manifestações geram resultados como as derrotas, as frustrações e os fracassos. A positividade, pelo contrário, é garantia certa da vitória. O fiel almeja aquilo que lhe é de direito. O cumprimento da promessa de Deus para com ele, através do sacrifício material. A superação dos açoitamentos e

¹⁴ Kenneth Hagin foi influenciado pela Teologia da Prosperidade e um dos seguidores do televangelista norte-americano Oral Roberts, que iniciou com as ideias relacionadas ao retorno financeiro às pessoas que ofertavam nas igrejas, assim como vida em abundância. (MARIANO, 2003, p. 241).

miséria impostos pela manifestação do diabo na vida do fiel, é a prosperidade e plenitude da vida, entretanto, exige-se um passo em direção a aquilo que foi prometido. “É aceitar Sua palavra”, “é a certeza absoluta de que Deus irá fazer aquilo que prometeu fazer na sua Palavra” (MACEDO, 1999, p.37 *apud*, MARIANO, 2003, p. 244).

Os pobres convictos da eficácia e do caráter bíblico – movidos pela fé possuidora e pela qualidade de vida e dignidade – acesso aos bens terrestres – com a vontade de alcançar as dádivas no paraíso terrestre, iniciam um processo de financiamento da estrutura eclesial, sobretudo, das missões de evangelização e dos empreendimentos, “a inusitada posição de credores de Deus e de suas riquezas” (MARIANO, 2003, p. 258). Essa visão remete à ruptura na esfera escatológica¹⁵ – o devir com a resignação de suportar os fardos, e na santidade, alcançar o paraíso, assume a afirmação da posse dos bens na Terra. É a convicção no mundo, a valorização do consumo de bens e serviços, presença real das relações entre fiéis e Deus: “a partir dessa nova compreensão da religião, o mundo passa a ser aceito, assumido e não mais desprezado como sinal de perdição, mas agora é incorporado como espaço de salvação imanente” (FERRARI,2007, p. 92).

É o retorno ao momento da culpa’ originária. O discurso de regresso ao Paraíso do livro do Genesis, antes da desobediência e da perda das dádivas divinas. Portanto, a IURD fia uma narrativa a um momento de ‘sociedade’, dos fiéis enquanto ‘sócios de

¹⁵ o rigorismo ascético e o apego ao penoso caminho estreito da salvação, por sua vez, veem-se superados em boa medida pela exaltação da riqueza, pelo estímulo ao desejo de fruição de bens materiais e pelo enaltecimento da bem-aventurança neste mundo. Com isso, a mensagem escatológica torna-se secundária: a velha ênfase na redenção paradisíaca cede lugar à pregação centrada em promessas de bençãos divinas concretas para o aqui e o agora. Noutros termos, a incansável espera pelo Messias e pela outra vida, a eterna, é substituída pelo imediatismo típico das promessas mágicas de recompensas específicas nesta vida” (Mariano,2003, p.257).

Não há mais a ascese da abdicação, relegada à ética austera do trabalho, e talvez, a prosperidade que dele provinha, o consumo, a concorrência “portanto, prega-se a imanência do plano divino e da satisfação das finitudes do viver humano no histórico em comunhão com o sistema econômico e político” (FERRARI, 2007, p. 92).

Deus' nas obras da criação. "As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é dele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer". (MACEDO, 2000, p. 59 *apud* MARIANO, 2003, p. 244).

Em um contexto de perversidade do capital, onde ocorrem altos níveis de desigualdades sociais e privação de direitos, "a IURD proclama a sobrevivência dos mais fiéis. Quem tiver fé, progredirá. O outros serão empregados toda a vida (...) Tem que abrir um negócio qualquer, como empregado você nunca vai ficar rico" (FREESTON, 1996, in *A Igreja Universal do Reino de Deus*, p. 149 *apud* p. 144 FERRARI, 2007). O mérito, a alta performance, o empresário de si, que se arrisca e empreende em 'águas profundas' porque crê nas promessas e na sociedade estabelecida com Deus através das ofertas, encontra forte vazão nessa lógica discursiva.

As ofertas e dízimos, restabelecendo os laços com Deus, indicam a crença com a fé possuidora nos bens que não de vir - é o sinal que protege o fiel das novas incursões diabólicas. Conforme essa enunciação, Edir Macedo afirma: "a fé está ligada à obediência e esta à ação; logo, fé é ação". No entanto, as bênçãos foram prometidas por Deus, mas é necessário para "recebê-las o fiel tem de dar dinheiro para demonstrar sua fé, canal exclusivo para restabelecer a sociedade com o Todo-Poderoso e afastar os demônios de sua vida" (Macedo, 1985, p. 36 *apud*, MARIANO, 1996, p. 37).

A concretização da tríade iurdiana depende necessariamente de Deus, que é colocado à prova. Para isso, a fé consciente, racional, com a qual, pelo sacrifício, toma-se posse da promessa. No desenlace do enredo cultural, a tônica 'é dando que recebe' e as histórias bíblicas que compõem este cenário, são aquelas que além de estabelecer relações de troca com Deus, encorajam os fiéis, mediante a interpretação dos pastores, "a ofertar com 'sacrifício'. O caso bíblico da viúva pobre que ofertou duas moedas, tudo que possuía para seu sustento (cf. Lucas 21: 1-4), é persistentemente apontado pelos pregadores da TP [Teologia da Prosperidade] como exemplo a ser imitado" (MARIANO, 1996, p. 38-39). Sobre o altar, não mais o fiel, cujo

corpo possuído foi exorcizado e libertado da manifestação do ‘espírito devorador’, agora, porém, elevado e contemplado, às vésperas do sacrifício, a oferta – o dinheiro. Conforme Chagas (2021):

O dinheiro na Universal possui performances específicas e com cunho altamente teológico. O dinheiro performa como animal a ser imolado, pois o sacrifício está ligado profundamente com a função que lhe foi dada no Velho Testamento, como sinônimo de oferenda a Deus, normalmente por meio da imolação de um animal. Assim, o dinheiro performa como animal a ser sacrificado, 50 a 100 reais podem performar como uma ovelha, 500 reais como um boi, representando um sacrifício de ‘sangue’ a ser entregue nos altares iurdianos. Portanto, na IURD, os sacrifícios são feitos em dinheiro. Resumindo, um lugar onde o dinheiro performa como animal, sendo o valor equivalente ao animal que se pretende entregar em sacrifício, como no velho testamento (Andréa CHAGAS, 2013, 2015 *apud* CHAGAS, 2021, p.41-42).

O dízimo é a forma de colaboração com a obra missionária de redenção e evangelização e resgate das almas. Na afirmação de Macedo, “o dinheiro é uma ferramenta sagrada usada na obra de Deus” e, de modo metafórico, “o sangue da igreja” (MACEDO, 2000, p.52; 1986, p.97 *apud* MARIANO, 2003, p.251).

Entretanto, a dúvida nesse sistema discursivo e prático do qual a IURD se nutre, ou seja, a crença na promessa da prosperidade, caracterizaria uma ausência de fé, um relevante obstáculo ao acesso dos direitos que as Escrituras prometem. O preço pago pela desobediência é a miséria. Se os fiéis não obtêm as bênçãos, é estritamente responsabilidade da pessoa, é um discurso que “desresponsabiliza a Igreja, porque se não for conseguido um resultado satisfatório, a culpa recai sobre o indivíduo por ter deixado o diabo dominá-lo e gerar dúvidas quanto ao seu merecimento” (FERRARI, 2007, p. 144). A instituição como mediadora da graça, no processo de libertação, outorga ao fiel o dispositivo de gratuidade, espera e sucesso.

Porque o “dízimo é sinal irrestrito da confiança em Deus” “um imposto às criaturas”, retribuir e contribuir envolve o fiel no mistério da sociedade com Deus. (MACEDO, 2000, p. 52-54 *apud* MARIANO, 2003, p. 246). Macedo é enfático, a respeito de Jesus ‘nunca foi pobre’, como ‘Rei dos reis’ era rico” (Entrevista à Veja, 14/11/1990 *apud* MARIANO, 2003). Nascimento (2019), apresenta uma afirmação de

Edir Macedo que envolve o aspecto de não enaltecer o sofrimento nem a pobreza. “A teologia da miséria é a teologia do diabo. A teologia da prosperidade é a teologia de Deus, define” (NASCIMENTO, 2019, p. 47).

Os testemunhos dos exitosos na empreitada entre doações e retribuição, contribuem com a Universal, na pedagogia dos cultos. Onde “os fiéis pedem a “vitória”, cantam por ela, gritam por ela, pagam o dízimo por ela e aprendem sobre como alcançá-la com o clero, que lê e comenta toda semana casos simples de sucesso em “marketing” (LIMA,2010, p. 367).

O desfecho dessa narrativa revela aquilo que há muito tem se discutido, em uma imbricação entre Mercado-Marketing-Religião¹⁶. O discurso iurdiano é de resultados. Por isso, adotou um tom empresarial de gestão do capital religioso e econômico. As leis da oferta e da procura dirigem a dinâmica da Igreja. Sobre esse aspecto relacionado ao Mercado, Lima (2010):

Foi somente então, quando o vocabulário do mercado se alastrou na vida coletiva brasileira, nomeando também as relações travadas fora da e alheias à esfera direta da economia, que a ideia de um “empresário” atuando em “sociedade com Deus” para ser “competitivo” e “vencer a concorrência” tornou-se admissível no universo semântico pentecostal (LIMA, 2010, p. 353).

Ribeiro (2006), ressalta essa nova reconfiguração do cenário religioso e sua ‘vocalização’ gestora:

Viu-se, na última década, portanto, a hegemonia da mentalidade pastoral “de resultados”, segundo a qual o crescimento numérico e patrimonial ganha maior destaque em detrimento do diálogo e do serviço. Boa parte das autoridades eclesiais tem privilegiado as propostas de fortalecimento institucional, relegando a planos secundários as propostas de diálogo, reflexão teológica e de

¹⁶ Para Kotler (1980) “marketing é a atividade humana dirigida para a satisfação das necessidades e desejos, através dos processos de trocas” (KOTLER, 1980, p. 31). Para Ferrari (2007), a linguagem ‘iurdiana’ é um processo de “ruptura” e “continuidade”, ela investe no tom “emocional e prático”. Com objetivo claro, focado na “venda de serviços e produtos simbólicos define ‘pontos de contato’, despertando o público pela mídia para a busca do atendimento pragmático da instituição” (FERRARI, 2007, p.106).

participação conjunta com outros grupos e igrejas (RIBEIRO, 2006, p. 48).

Portanto, conforme acentua Ferrari (2007) na interpretação de Campos (1997), o conhecimento adquirido da IURD na mediação com a população economicamente vulnerável se converte na reprodução em outros níveis da sociedade: “A IURD, habituada a atender excluídos sociais no Brasil, exporta seu *know-how* em criar ‘ilhas de reencantamento’ entre classes médias e pobres nas grandes metrópoles mundiais” (CAMPOS, 1997, p. 413, *apud* FERRARI, 2007, p. 105). A propósito disso, o pesquisador Leonildo Silveira Campos, explica a utilização da ‘metáfora’ ‘mercado’, em sua tese de doutoramento, *Teatro, Templo e Mercado*, no que se refere estritamente, à neopentecostal – a IURD.

Finalmente, usamos a metáfora do “mercado”. Esta última precisou de explicações, dado o caráter preconceituoso que esse termo pode assumir ao se aplicar a um espaço religioso. Contudo, ao analisá-la como um mercado, quisemos designar o espaço de culto iurdiano como um espaço em que trocas estão acontecendo, onde o monopólio católico, protestante tradicional e pentecostal, está sendo objeto de novas regras oriundas do pluralismo religioso (CAMPOS, 2010).

As relações estabelecidas nas estruturas dos templos da Universal seriam improváveis se não fosse a lógica do modelo econômico vigente. Em torno disso, as teias de consumo conectam-se entre lideranças (produtores) e fiéis (consumidores). E a presença midiática e suas linguagens é a alavanca necessária para tal êxito.

Na IURD, o principal em sua linguagem comercial é o fiel, especificamente, o resgate de almas. Um exemplo disso é máxima de que a propaganda é a alma do negócio, porém, em léxico iurdiano, a alma é a propaganda do negócio. A IURD tem muito bem definida sua função nesse empreendimento: a de mediadora da relação entre o fiel (aquele que é servido) e Deus (quem serve), a Universal agencia os serviços prestados, através de sua capacidade de convencimento.

De acordo com Campos (1997), citado por Santos (2010):

a propaganda é o elemento fundamental no processo de expansão, até porque, por meio dela é que se cria e que se alimenta o mercado. Daí o porquê da afirmação que, sem rádio e televisão, a IURD jamais teria atingido o sucesso atual no país. A mídia faz com que as barreiras geográficas, sociais, ideológicas, sejam rompidas e os produtos iurdianos sejam colocados para um público necessitado (CAMPOS, 1997, p. 222 *apud* SANTOS, 2010, p. 49)

Os produtos simbólicos e materiais oferecidos pela IURD são a cura, a libertação e a riqueza. No jogo do marketing os dispositivos se articulam através das necessidades latentes, que se voltam aos produtos oferecidos, que compõem o esquema do desejo e da possibilidade de satisfação. Um círculo, à imagem e semelhança, daquele operado na estrutura dos signos e símbolos ressignificados no templo nas diversas performances de rituais. Ofertar produtos exige um “discurso motivacional” para os “fiéis, mas serve também aos que trabalham para a organização” (SPYER, 2020, p. 63). A maquinaria iurdiana conhece profundamente as regras elementares do marketing que sustentam suas estratégias: produto, preço, promoção e praça, cura-libertação-prosperidade; ofertas e dízimos (sacrifícios da fé positiva); a linguagem e retórica (mídiação) e templos físicos. A Universal tem marca própria. O símbolo da igreja – um coração com uma pomba dentro e a inscrição, Universal, Jesus Cristo é o Senhor. Ela se identifica em seus templos, nas suas mídias, campanhas de providência – assistenciais (arrecadação de alimentos). Utiliza nomes ressignificados que dialogam com outros campos simbólicos: ‘Fala que eu te escuto; ‘Sessão de descarrego; ‘Terapia do amor; ‘Escola da Fé Inteligente; ‘Corrente dos 70; ‘Congresso para o Sucesso; ‘Fogueira Santa’.

Um dos investimentos mais potentes da IURD do ponto de vista mercadológico, é a força do testemunho. Ele confere autenticidade e confiabilidade dirigida a um público-alvo (CARVALHO, 2017). Essa tática do testemunho gera nos fiéis, mediante um processo mimético, a vontade de reproduzirem a mesma ação. Nele, as bênçãos e os fiéis são atrelados às doações, que exprimem a eficácia deste ato de fé. Essa organização, para seu funcionamento, não está circunscrita apenas ao âmbito religioso - ela necessariamente precisa ser ‘empresarial’, uma empresa, com seus diversos departamentos. Conforme Campos (2010):

Raramente Macedo agiu na história de sua Igreja por ensaio-erro. Gostem ou não seus inimigos, adversários ou concorrentes, Macedo parte de uma espécie de pesquisa de mercado. Sua organização tem um faro voltado para os anseios, sonhos e desejos de um público ávido por soluções práticas para seus problemas. Porém, Macedo superou a fase dos empreendedores religiosos que colocavam à disposição dos “consumidores” produtos simbólicos (curas, milagres, prodígios e soluções religiosas) já “fabricados”, empilhados em prateleiras cobertas de poeira da tradição. Muito pelo contrário, o Bispo carioca acompanha a evolução dos desejos, a trajetória dos sonhos, e rapidamente adapta a sua linha de produtos, ou produz novos produtos, para um rápido atendimento da demanda. Suas decisões são rápidas, e a um produto religioso “genérico”, ele produz uma nova roupagem, de modo que os fiéis oriundos do catolicismo, dos cultos africanos, kardecistas ou mesmo do meio protestante, sentem-se cativados e identificam nos “novos” antigos “produtos” que, em outros centros religiosos, não eram adequadamente distribuídos ou gerenciados. (Entrevista ao IHU, 17/05/2010)

Uma ‘igreja-empresa’¹⁷, com administração centralizada, com suas pretensões de “agenciamento”, “expansão” e “poder”, embora, com áreas distintas e Conselhos gestores. O que distingue a Universal de outras denominações pentecostais e neopentecostais, sobremaneira, se apresenta no que Chagas (2021) reitera:

sua centralização estratégica e religiosa, sua padronização estética e organizacional, sua identidade visual consistente e publicitarizada, o cuidado com a marca e ferramentas mercadológicas, seu espírito de competição, seu caráter expansionista e sua relação com o dinheiro e com seu público que, por vezes, parece performar como clientes/consumidores (CHAGAS, 2021, p. 38).

Juntamente a esse comportamento empresarial, ao qual Campos (2010) alertou sobre Macedo, de que ele não age por ‘ensaio-erro’ nem tampouco como um aventureiro sem destino, a IURD busca formas mercadológicas existentes, como um

¹⁷ A IURD é uma igreja-empresa, como já mencionamos diversas vezes, porém, é preciso descrever os motivos de a Universal ser assim classificada. Não é um juízo de valor ou uma denúncia da conspiração de algo sagrado (CHAGAS, 2013, 2015, 2020). Em primeiro lugar, a história do cristianismo está repleta de alianças entre religião, dinheiro e poder, e, de certa forma, toda igreja universalista, como é a IURD, precisa de templos, funcionários, missão, visão e um plano de expansão, já que o objetivo é converter ou “salvar” o mundo todo. No entanto, para isso, é necessário mais do que tudo uma coisa, dinheiro” (CHAGAS, 2013, 2015, 2020 *apud* CHAGAS, 2021, p. 37).

tipo de “Benchmarking religioso” (CHAGAS, 2013, 2020 *apud* CHAGAS, 2021). Com esse tipo de ferramenta que empresas se utilizam para traçar suas estratégias pautando-se nas experiências de outras empresas, “copiando, se inspirando e/ou adaptando ações bem-sucedidas e estudando os pontos fortes e fracos de estratégias para aplicá-las com maior eficácia” (Andréa CHAGAS, 2013, 2020 *apud* CHAGAS, 2021, p.38). Edir Macedo aposta, a partir de dados, informações, adaptações e ressignificações, com eficiência e eficácia, em uma estratégia focada em resultados, e, posteriormente, como uma empresa, a reproduz em larga escala.

Em uma entrevista concedida pelo pastor Caio Fábio e fundador do Caminho da Graça, ele rememora um episódio no qual ele conversou com Edir Macedo sobre ‘manipulação da mensagem do Evangelho em nome de Deus’, Disse que perguntou ao Bispo Macedo ‘o porquê de tanta trapaça e falsificação da mensagem de Jesus, e “ele [Macedo] me falou naturalmente: reverendo, o que o senhor faz está certo, mas não dá certo”, enfatiza (FÁBIO, 2022). O aspecto salientado pelo pastor Caio Fábio afirma o caráter pragmático de Macedo, com meta definida e sua preocupação com a eficácia da mensagem.

Assim como na “religiofagia” - apropriação dos signos religiosos -, quanto da “mercadofagia” - incorporação de elementos econômicos -, nos dois movimentos, o ídolo além de imolado, é exposto à adoração. A assimilação e ‘ressemantização’ de bens simbólicos é o motor adaptativo da IURD, diante da precariedade, parcialidade e contingência do real – as mazelas sociais, a violência, o desemprego, o acesso à cidade.

Os fiéis são incentivados a se arrisquem como empreendedores na iniciativa privada, “tornarem-se patrões”. Para essa concretização seguem a receita do ‘indivíduo do mérito e da alta performance’, aquele que crê que não basta apenas reivindicar direitos, mas que “sejam astutos, aproveitem as oportunidades” (MARIANO,1996, p. 35). Por isso, na grade de programação do Templo de Salomão são realizados cultos às segundas-feiras, para que os empresários da IURD prosperem ainda mais em seus negócios. “Muitos de seus testemunhos são levados

ao rádio e à TV, como estratégia de marketing para angariar novos adeptos” (MARIANO,1996, p. 35).

O passe mágico iurdiano é a criação de uma identidade. No mundo do marketing é central esse conceito. A Universal nasce de ramificações e misturas, adota modelos de gestão e marketing de ‘guerrilha’¹⁸, estabelece corporativamente as funções da Organização, tudo em torno do religioso, o único vetor que é a variável.

Para o cientista da religião Leonildo Silveira Campos, “Edir Macedo é um gênio empreendedor”. Em diálogo que Campos estabelece com outros acadêmicos da Fundação Getúlio Vargas, eles atribuem ao ‘Bispo’ a expressão de “fundador de uma escola macediana de gestão”. Além disso, ele ‘amarra todas as pontas’ basilares da Universal, das pequenas igrejas à construção de suntuosos templos, das correntes por milagres às contas-correntes astronômicas. Conforme o autor:

Ele conseguiu, ao optar por um caixa único, em que os recursos estão à disposição de uma autoridade única, em um sistema episcopal e vertical de poder. Dessa maneira, Macedo criou um corpo administrativo capilar, uma rede de subordinados, que reúne bispos, pastores, obreiros e obreiras, que, a partir de templos espalhados por todo o Brasil e em dezenas de países, fazem fluir as contribuições em dinheiro diretamente para um único controle. Com isso, Macedo consegue o que nem a Rede Globo de Televisão consegue, que é investir recursos em seus empreendimentos que não custam um centavo sequer de juros, pois, não há financiamento. Os recursos do templo (arrecadados sem impostos) fluem para os demais empreendimentos, especialmente, os investimentos na área de comunicação social. Somente um dos empreendimentos, cujas ações estão em nome de Macedo e de sua mulher, a Rede Record de Televisão, é avaliada em três bilhões de reais”. (CAMPOS, 2010).

¹⁸ Este marketing era muito utilizado pelas pequenas empresas, com o objetivo de ‘batalhar’ contra os grandes grupos e dominantes nas fatias do mercado. Contudo, os grandes conglomerados praticam essa estratégia, sobretudo, lançando-se em direção aos corações e mentes. Estratégias pouco convencionais e de baixo custo, a fim de divulgar a marca – ações de corpo-a-corpo, panfletagens, mídiatização das ações pelas redes sociais. Essas táticas são importantes na manutenção e fixação da identidade da marca. Para isto, Levinson (1989) afirma que o marketing de guerrilha é composto por quatro componentes: selecionar as armas, planejar a estratégia, criar um calendário de marketing e lembrar o credo de sete palavras para a vitória: comprometimento, investimento, perseverança, confiança, paciência, sortimento e sequência. Para Levinson (1989, p.50), “guerrilheiros de marketing devem memorizar essas palavras”. (LEVINSON, 1989, p. 50 *apud* SANTOS, 2010, p. 13)

A partir desse modelo de centralização e de racionalidade empresarial, a IURD se difere de outras denominações evangélicas. É “uma estrutura de poder piramidal e hierárquica, mais próxima da Igreja Católica Romana do que do modelo congregacional protestante” (ALMEIDA, 2009, p. 14).

O aspecto episcopal que a IURD incorporou à sua estrutura se difere do modelo católico por exemplo em relação à tradição no que diz respeito ao poder papal ou bispo de Roma, cujo poder é civil e religioso simultaneamente. A respeito das formas de governo eclesiástico nas denominações cristãs tanto de seu modo de organização quanto de deliberação das decisões, não é algo padronizado ou que siga uma única regra. Por exemplo, há instituições religiosas que são congregacionais e as com presidentes eleitos, outras episcopais, algumas são conciliares – democrático-representativas.

O ingrediente essencial deste cardápio é a voluntariedade da doação. Para colher milagres, ‘é dando que se recebe’. (...). Os desafios são aqueles que comprometem a vida financeira dos fiéis, ou seja, afetam seus orçamentos. “O cristão deve doar a Deus não as sobras, mas o que poderá lhe faltar” (MARIANO, 2003, p. 254). Os discursos da IURD agem fechando nesse labirinto de arrecadação, o desfecho do medo e da dívida. (...) “Pressionam e constroem os fiéis e inculcam neles o sentimento de culpa e de temor às forças e maldições satânicas” (MARIANO, 2003, p. 253).

Os recursos acumulados entre dízimos e ofertas, correspondem a dinheiro não contabilizado, sem lastro. É a imunidade tributária. Enquanto, nessa direção, a Proposta de Emenda à Constituição, (PEC 133/2015), então, Emenda Constitucional 116, que isenta os templos religiosos do pagamento de IPTU, foi votada neste ano.

De acordo com Procuradoria Geral da Fazenda Nacional, (PGFN), um grupo de 16 entidades religiosas deve R\$ 1,6 bilhão em impostos. A IURD não está entre elas nesse levantamento. Como as igrejas são isentas de impostos, “No entanto, quando a Receita Federal descobre que atuaram com fraude, como se fossem empresas, elas são taxadas com imposto de renda e CSLL (Contribuição Social sobre Lucro Líquido)” (Portal UOL de 28/09/2021). À época, a Universal fez uma nota e

afirmou que todos os tributos de CSLL e contribuições previdenciárias, ou quaisquer encargos são pagos regularmente. O assunto veio à tona em meio à anistia que grupos religiosos pretendiam em relação às dívidas tributárias e religiosas. (Portal UOL de 20/09/2020).

Do ponto de vista hierárquico, Edir Macedo, para evitar as divisões e rupturas institucionais, efetua um conjunto de nomeações de bispos, outorgando-lhes, após a consagração deles, funções nas instancias nacional, estadual e municipal. Entretanto, mantém a primazia vertical e centralizada do poder eclesiástico. Dentro dessa delimitação, apresenta-se o Conselho Mundial dos Bispos, o Conselho de Bispos do Brasil e o Conselho de Pastores, no topo, a voz e o cajado de Macedo (MARIANO, 2003). O nível de complexidade administrativa exige a distinção e clareza das atribuições, para que não ocorra uma excessiva burocratização e não se engesse a máquina iurdiana tanto em sua administração econômica quanto religiosa.

Nos templos locais, distribuem-se os pastores consagrados titulares e os nomeados. Os ofícios entre eles têm diferenças substanciais. Os nomeados apenas não ministram os casamentos, os batizados nas águas e a ceia do Senhor. Ambos, geralmente, não possuem estudos teológicos¹⁹ em locais de ensino, como faculdade e institutos. É a prática fundamentalmente, o caminho da aprendizagem da missão. Oração, pregação, exorcismo, as petições de ofertas e dízimos, os aconselhamentos, todos são forjados no 'chão da igreja'. (MARIANO, 2003, p. 57).

A lógica utilizada para a arrecadação de dízimo e ofertas, curiosa e astuciosamente é praticada na mobilidade dentro da hierarquia da Igreja. O critério é

¹⁹ O Bispo Edir Macedo decidiu, em 1984, organizar um curso de formação teológica aos pastores. Para isso, convidou o teólogo José Cabral de Vasconcelos, conhecido como J.Cabral, que permaneceu na Igreja durante algum tempo. Era uma espécie de Faculdade Teológica, (FATURD). No entanto, conforme Nascimento (2019), "logo o bispo voltou atrás. Sete meses depois e decidiu fechar a Faculdade, disse "que seria perda de tempo"; "entendia que dedicando-se aos estudos "perderiam o 'fervor' e se afastariam das necessidades imediatas dos fiéis. Inclusive, (...) os debates em torno de temas como literatura e crítica bíblica poderiam se voltar contra a própria igreja: "vamos ficar mantendo por uns dois ou três anos um monte de vagabundo que podia estar trabalhando. Quer saber de uma coisa? O seminário está acabado. Pode fechar as portas e dispensar os alunos. Quem quiser aprender a ser pastor, vai aprender com o pastor do seu templo", disse o bispo Macedo a J. Cabral (NASCIMENTO, 2019, p. 61).

a capacidade de arrecadação, e o discurso é evidente e claro, porque, “tem seu ministério abençoado pelo Espírito Santo” (MARIANO, 2003, p. 56). Nos degraus dos templos, a figura dos leigos – os obreiros, cujas incumbências perpassam – o dom de línguas, limpeza da igreja, nos exorcismos, nas demandas gerais. A atuação dos obreiros é central na funcionalidade dos templos. Conforme Nascimento (2019), no início da Universal, nas décadas de 1980-1990, os atendimentos ocorriam dezesseis por dia; as pregações, os plantões com pastores e as vigílias às sextas duravam vinte e quatro horas, “a promessa escatológica no aqui e agora (...) Na igreja, passam o tempo e se afastam de seus problemas” (NASCIMENTO, 2019, p. 59).

O governo eclesiástico da IURD é estanque, no que diz respeito à circulação do dízimo e ofertas, ou seja, os fiéis, obreiros, pastores locais não conhecem o destino das doações, como também não participam da distribuição dos recursos e da finalidade²⁰ deles. “Nada é democrático, o governo eclesiástico verticalizado da Igreja Universal é fundamental para a consecução de seu sucesso religioso, político e empresarial” (MARIANO, 2003, p. 57). Esse modo de centralização fortalece os laços entre as diversas lideranças, proporciona a unidade denominacional e agiliza as instâncias decisórias, sobretudo na realização dos trabalhos dentro da Instituição. Portanto, em torno da figura de Macedo, concentram-se três dimensões: a religiosa, a gerencial e a empresarial (MARIANO, 2003).

De acordo com Nascimento (2019), o perfil de Macedo é de “empreendedor”, e exerce uma função para além simplesmente das rotinas de administração. Pelo contrário, ele atua como ‘vigilante’, “acompanhando e fiscalizando” (NASCIMENTO, 2019, p. 9).

Conforme um de seus ex-pastores, Ronaldo Didini, expressão que Nascimento resgata:

Se, como diz Didini, a estrutura centralizadora da Universal foi copiada da Igreja católica, ela conseguiu ir além de Roma no âmbito da outorga de poderes à figura máxima: seu líder tem poderes maiores que o papa. Os bispos da Universal podem brigar entre si, mas a instituição

²⁰ “Centralização financeira que é crucial para bancar investimentos altos e estratégicos, como a compra e expansão de rádios e tevê, a construção e aquisição de imóveis de grande porte, a abertura de congregações e de novas frentes de evangelização, a criação e manutenção de gravadoras, editoras e empresas diversas que orbitam em torno de suas atividades religiosas” (MARIANO, 2003, p. 57).

não quebra, com Macedo no manejo das rédeas, inconteste. Embora os católicos tenham como figura máxima o sumo pontífice, há grande fragmentação entre eles, a começar pelas diversas ordens religiosas. Macedo já atribuiu a diáspora de fiéis da Igreja católica ao fato de o catolicismo possuir ‘um braço esquerdo e um direito’, referindo-se às suas correntes políticas: ‘Jesus disse: nenhuma casa dividida poderá permanecer’ (NASCIMENTO, 2019, p. 11).

O carisma de Macedo é imprescindível para a articulação e manutenção de sua autoridade com o corpo da Igreja. Ao mesmo passo, que há também o carisma Institucional, que opera os aspectos de funcionalidade administrativa, religiosa e econômica. A Igreja decide, ela escolhe e nela a presença do Espírito habita. Embora, os Conselhos funcionem e deliberem, “na prática, porém, o bispo primaz, escudado em seu poder vitalício e ancorado no discurso de que o próprio Deus o escolheu para exercer tal autoridade, que não pode ser questionada, decide e comanda” (MARIANO, 1999, p. 63 *apud* SANTOS, 2010, p. 35). O pregador de ‘coretos’, com sua capacidade retórica, objetiva e direcionada ao público, exerce seu discurso, tanto a pequenos grupos, como às multidões, um exemplo foi o evento no Aterro do Flamengo, em 2004, para mais de 1,5 milhão de pessoas.

O eterno retorno ao projeto original, a sociedade restaurada com Deus, é uma obsessão de Macedo. O território sagrado é um elemento chave, o paraíso terrestre, lugar da realização no aqui e agora das dádivas prometidas por Deus àqueles que creem. No solo sagrado, os templos físicos da IURD, o poder mágico se concretiza. Não mais a alvenaria do coreto, mas o sentido apoteótico da presença divina nos suntuosos templos e catedrais. Lá, a atmosfera da graça, dos rituais, libertação e prosperidade se realizam. A Universal que transformou uma antiga funerária em seu local de acolhida às almas atribuladas, compreende que o espaço é fundamental. Transmutava cinemas (inclusive que exibiam filmes eróticos), teatros, salas alugadas, em ambientes de cura e libertação. Regiões de fácil acesso do ponto de vista da mobilidade urbana, em áreas marcadamente comerciais, com visibilidade e portas abertas. O “Pronto-socorro das almas” era preparado para quaisquer sintomas: angústia, depressão, insônia, possessões, endividamentos. “O espaço de culto da IURD é um cenário próprio para ritos religiosos, que geram emoções e práticas, as quais ultrapassam as relações entre mágico e clientela” (CAMPOS, 2010). A esse

propósito, no início da Pandemia (Covid-19), em meados de 2020, a Universal foi uma das primeiras igrejas a exigir que não se fechassem as igrejas, porque as considerava essenciais, pois somente na presença dos fiéis, pastores e altar, o círculo se fecha.

Muitas igrejas mantiveram suas atividades estritamente em formato virtual. Essa visão da Universal corrobora com os posicionamentos que o Bispo primaz da denominação apontava, no sentido da importância do templo físico, lugar onde a mágica iurdiana acontece. Ele discordava do caráter integral das pregações em formato exclusivo por meios eletrônicos “na minha igreja, preferimos o contato direto com o povo” (NASCIMENTO, 2019, p. 53-54, nota 10). “É no templo que se faz o discurso de sacralização do dinheiro” (ORO; CORTEN; DOZON, 2003, p. 234).

As construções realizadas pela IURD, a qual possui uma equipe própria de engenheiros que acompanham as obras, não é uma novidade. A IURD, inclusive, segue a lógica da suntuosidade, esplendor, opulência, características que o Catolicismo de Roma já prefigurava. Os construtores medievais das antigas catedrais e das basílicas modernas. O santuário de Aparecida ou do Divino Pai Eterno²¹. O que a IURD inaugura não é uma Igreja imensa para acolher os fiéis que já pertencem ao seu corpo em virtude do crescimento, ao contrário, ela constrói a Igreja como tendência ao público cujas demandas latentes ela flerta. A imponência das ‘Catedrais da fé’ são convites abertos aos fiéis da Igreja e aos ‘clientes’ potenciais que ela almeja. Sobretudo, nesses tempos de anistia de impostos como o IPTU. Romano (2017) analisa esse fenômeno “de poder e força”:

O Templo de Salomão é mimesis do que fez a igreja católica em milênios. Mas, a burocracia simplificada e muito eficaz não deixa aqueles monumentos vazios. Eles são usados sempre para os cultos,

²¹ O caso do Santuário do Divino Pai Eterno, é um escândalo que veio à tona em uma operação chamada ‘Vendilhões’ por suspeita de lavagem de dinheiro e sonegação pela Afipe, Associação Filhos do Pai Eterno, e um dos alvos da investigação foi o padre, presidente e fundador da Associação, Robson de Oliveira Pereira. Os valores estimados em doações em 10 anos, ultrapassariam o montante de R\$ 2 bilhões. Os pedidos eram voltados à campanha para construção de uma nova Basílica, em Trindade, GO. Disponível em <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/08/21/mp-go-deflagra-operacao-que-apura-suspeita-de-irregularidades-na-afipe-responsavel-pela-basilica-de-trindade.ghtml>. Acesso em: 10 de jun de 2022.

as pregações, a coleta dos dízimos. Com a imitação dos grandes templos católicos, vem uma liturgia que assume sinais e gestos oriundos do catolicismo, do judaísmo, até mesmo da umbanda e do espiritismo (ROMANO, 2017, p.66).

Duas obras emblemáticas da IURD sintetizam essa dinâmica. O Templo de Salomão (TdS) e o Solo Sagrado. A primeira obra construída no coração econômico do país, na região do Brás, na cidade de São Paulo, que custou aproximadamente R\$ 680 milhões. O TdS foi inaugurado em 31/07/2014 com a presença da Presidenta Dilma Rousseff. Com uma área de 100 mil m² (4x maior que o Santuário de Aparecida) e capacidade para 10 mil pessoas, tornou-se a sede mundial da Igreja. O estilo é uma réplica do antigo Templo de Israel, cujas estruturas e detalhes internos conduzem a uma experiência aos primórdios, com artefatos importados da ‘Terra Santa’ (Revista Exame de 25/07/2014). Nele o Bispo Primaz e sócio majoritário da IURD, acomodou-se em uma ‘suíte’ presidencial de 1000m² com acesso restrito através de um cartão magnético. Com pisos de mármore, detalhes revestidos de ouro, um simulacro da ‘Sala do Trono’ de Salomão (DCM de 17/10/2016). A segunda obra, ‘Solo Sagrado’ foi inaugurada em 31/07/2022, no coração do poder político, em Brasília. Com a presença do presidente Jair Messias Bolsonaro e a primeira-dama, Michele Bolsonaro. O templo tem 54 mil m² de construção, escola bíblica infantil, para 200 crianças, estacionamento para 600 carros. Com tecnologias de utilização de água quente residual, reduzindo a necessidade de energia elétrica para aquecimento de torneiras e chuveiros, estrutura moderna para proporcionar iluminação natural e capacidade para 5 mil pessoas sentadas (Portal R7 de 31/07/2022). Sobre o estágio em que se encontrava a obra, dois meses antes da inauguração, o bispo Renato Cardoso comenta na página oficial da Universal: “Quando a obra é feita para honrar a Deus, Ele faz com que ela se adiante, conseguimos concluir antes do tempo”. (...) e reitera: “Vamos **determinar** que Deus levante no nosso meio homens e mulheres com disposição de pregar o Evangelho. E quem tem disposição de patrocinar esta obra”, completou (Portal da Universal de 23/05/2022²², grifo nosso).

²² Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/veja-como-estao-as-construcoes-das-catedrais-da-universal-pelo-brasil/?amp>. Acesso em: 11 de jun de 2022.

Em 45 anos de Instituição a águia neopentecostal alçou voos altíssimos. De uma Igreja que contava com 225 pessoas no primeiro culto (1977), ela se expandiu a 356 templos em 18 estados do Brasil em 1987. Uma média de quase (3) templos por mês em 10 anos. Em 1989, conforme Mariano (2003) que consultou os dados da Revista Plenitude, que informava os endereços dos templos, a IURD saltou para 571 templos. O Censo do IBGE (2010) apontava que a IURD tinha 1,87 milhão de fiéis²³.

A Universal coleciona alguns indicadores em sua trajetória de causar inveja, não somente aos grupos religiosos, mas também a diversos segmentos da sociedade, o mais notório, o de comunicação que será detalhado na introdução do terceiro capítulo, que comporta um amplo espectro de atividades. O complexo empresarial iurdiano tem ligação com bancos, editoras, gravadoras, faculdade e inúmeras propriedades.

A propriedade para a IURD é o deleite das promessas divinas. A questão é a dívida que Deus adquiriu com a humanidade, cujo agenciamento da graça recebida está entre os 'mercadores da fé'. A multiplicação mágica do dízimo converteu-se em riqueza. Na óptica empresarial, em patrimônio. Este não é concebido como patrimônio privado de Edir Macedo, mas apenas administrado em virtude da missão evangelizadora da Universal - os bens, a presença e o cumprimento da 'Palavra' de Deus. Cada oferta e dízimo doados pelos fiéis alimenta o crescimento da pujança 'iurdiana'. Empresarialmente, a lei do mercado – a oferta e a procura, mantém na estrutura arrecadadora (templos físicos) a função de “máquina narrativa” do consolo e, para além dos muros dos templos, “conquistadores da fé em um novo estilo que

²³ O Portal R7, da Record, empresa do grupo de Macedo, em 2020, apresentou alguns números vertiginosos sobre a Universal. O caráter expansionista da Igreja está em sintonia com o nome da denominação, Universal. Ela está presente em 135 países. Os números exatos de fiéis são inflados pela instituição, porque entre fiéis, há também simpatizantes. O total difundido pela IURD é de 7 milhões no país, e 2,9 milhões no exterior. Os números de templos, igrejas e catedrais rompe a esfera de 8.773 no Brasil e no exterior de 3.559. O corpo eclesiástico da Igreja conta com 17 mil pessoas (bispos e pastores), contudo, o número de [bispos é muito menor, algo em torno de 320 pessoas] Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>. Acesso em: 11 de jun de 2022.

não têm medo de se mostrar participantes à altura da sociedade que pretendem libertar” (ORO; CORTEN; DOZON, 2003, p.16.18).

1.4. A IURD e a política

O aspecto transnacional da Universal se relaciona profundamente à sua condição imperial, “império financeiro, político, midiático e organização multinacional do tipo *welfare*” (ORO; CORTEN; DOZON, 2003, p. 233).

O caráter Universal da Igreja, sem a redundância da palavra, é o elemento constituinte de sua organização. Sobretudo, “uma organização opaca”, com a qual é preciso ‘tatear’ para compreender suas peculiaridades e sua ‘magia’ de acumulação (ORO; CORTEN; DOZON, 2003, p. 234).

Em torno da IURD, inúmeros escândalos a atravessaram - de natureza religiosa, ética, financeira, econômica. Ocoreu uma constelação de denúncias contra o bispo Edir Macedo, entre elas, evasão de divisas, estelionato, sonegação fiscal, crimes contra a Fazenda Pública, ataques a homossexuais, o enriquecimento ilícito, a lavagem de dinheiro, o vilipêndio, sonegação, formação de quadrilha, exploração, racismo, incitação ao crime, curandeirismo, charlatanismo. (NASCIMENTO, 2019, p.220). Em maio de 1992, o bispo foi preso sob a suspeita de charlatanismo, curandeirismo e lavagem de dinheiro. Contudo, foi libertado 11 dias depois. A maioria dos processos contra a IURD ou prescreveram pelo tempo ou pela ausência de provas.

Os episódios de incitação à violência e vilipêndio de outras denominações cristãs²⁴ e das religiões de matriz afro-brasileira²⁵ constituem a “legitimação do

²⁴ O episódio conhecido como ‘Chute na Santa’ ocorreu em 12 de outubro de 1992. O ato de vilipêndio foi praticado pelo bispo iurdiano Sérgio Von Helder, que chutou a imagem de Aparecida, padroeira dos católicos na data de suas festividades (O Globo de 14/10/1995). O ato é um vilipêndio a símbolos religiosos de outro campo, sendo que, à época, o bispo foi condenado por intolerância religiosa.

²⁵ “Macedo foi processado pelo Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda e dos cultos Afro-brasileiros por calúnia, difamação e vilipêndio e instigação ao crime em 1989 e 1992” (NASCIMENTO, 2019, p. 71). (...) “reforçavam preconceitos e estereótipos e incentivam ataques e depredações a templos afro-brasileiros(...) (NASCIMENTO, 2019, 72). Edir Macedo, a esse propósito escreveu o livro Orixás, Caboclos e Guias. Deuses ou Demônios? A pesquisadora Valdelice Conceição do Santos

discurso” da Universal (ALMEIDA, 2003, p. 321). Essas atitudes persecutórias de sectarismo e intolerância preencheram os noticiários e os plantões policiais.

Os noticiários não cessaram em relação às denúncias contra a Universal. Uma delas revelou uma prática supostamente estimulada pela Igreja - a vasectomia²⁶. Conforme Nascimento (2019), “os solteiros se afastavam da família. Os casados sem filhos – e os prestes a se casar – eram incentivados a fazer vasectomia para focar exclusivamente na igreja” (NASCIMENTO, 2019, p.63).

No episódio da deportação dos pastores e bispos da IURD de Angola, uma das alegações dos dissidentes e do governo do país, era de que a Universal estaria ‘castrando’ (nome que se referem à prática de vasectomia) seus membros. O bispo Renato Cardoso contrapõe-se à acusações, afirmando que a IURD “estaria maltratando, castrando os angolanos, e que teria alguma aspiração política, a Igreja Universal não tem aspiração política nenhuma, em Angola e nenhum outro lugar” (Brasileiros deportados ilegalmente de Angola contam o que passaram de 16/05/2021).

A Universal contesta e nega tais acusações a respeito dessa prática de esterilização. Entretanto, ela foi condenada em 2ª Instância pelo Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo a indenizar o pastor Clarindo Oliveira, por danos morais e materiais em R\$ 115 mil. O pastor retrata de que as motivações da vasectomia eram para a fixação dos líderes religiosos em cidades, em virtude dos filhos, e, para redução de despesas. (NASCIMENTO, 2019, p.277).

Dos processos, aquele que mais preocupou o bispo Edir Macedo foi sobre a compra da Rede Record, porque o Ministério Público Federal, a Promotoria e a Polícia

realizou uma investigação que relaciona o discurso literário de Edir Macedo, no livro acima, a respeito dos rituais discriminatórios contra os cultos afro, kerdicismo e catolicismo popular (SANTOS, 2010, p.10), as práticas de violência simbólica que, em muitas vezes, deflagram outras formas de violência, sempre contra o ‘outro’, o diferente.

²⁶ Os casos que envolvem a prática de vasectomia acumulam inúmeras ações judiciais. O pastor Mauricio de Sousa Bonfim, à época responsável por igrejas em São Vicente, ligou o procedimento a eventuais promoções na Igreja (Portal UOL de 26/07/2022).

Federal questionavam a origem do dinheiro empenhado na aquisição. Sobretudo, de um montante exorbitante sob o controle de um bispo de uma igreja.

Os escândalos financeiros recentes que atingiram a IURD revelam números astronômicos de supostas movimentações de lavagem de dinheiro. Segundo o *The Intercept Brasil*, a IURD recebeu R\$ 33 bilhões em doações bancárias, entre janeiro de 2011 e julho de 2015. Destas movimentações, grande parte são ligadas ao Banco Renner (Digimais), pertencente à família de Macedo. Dentre as transações financeiras, a do empresário Michel Pierre de Souza Cintra, que revelou ao *Intercept* que doou R\$ 20 milhões à IURD desde 2005 e que o que ele praticava era lavagem de dinheiro (*The Intercept* de 20/07/2022). Na reportagem que Cintra denuncia o suposto esquema de lavagem de dinheiro, “Ele alega que a instituição religiosa teria se valido ‘de seu veio empreendedor de abrir empresas, inclusive utilizando de terceiros’, para arrecadar dinheiro e fazer as doações” (*The Intercept* de 18/07/2022). Algumas investigações foram realizadas contra a Universal, contudo, foram arquivadas. Apenas o empresário e a esposa foram presos. Ele foi condenado a 73 anos, 11 meses e 16 dias de prisão. Estes são alguns casos - ora reportagens, ora judicialização - nos quais a IURD esteve na vitrine dos acontecimentos. Predominantemente, o enredo é a relação entre a Igreja e as finanças.

Os dados fornecidos pelo Portal R7, extraídos da página oficial da própria IURD, referentes à quantidade de templos no país e no exterior, demonstram haver 12.332 no total. Sem ilação ou argumento infundado, apenas como estimativa, porque ofertas e dízimos não são contabilizados, se cada templo, em média, arrecadasse R\$ 100,00 por dia, ao longo de um ano ultrapassaria o montante de R\$ 444 milhões. Em matéria da *Revista Veja*, em 2017, inclusive, ela apresenta um valor de R\$ 1,4 bilhão em arrecadação. A Universal, contudo, emite uma nota afirmando de que a *Revista* não tem informações fundamentadas em relação às coletas. No pronunciamento da IURD, a igreja afirma que há vinte e quatro mentiras²⁷ propagadas pelo veículo de

²⁷ 1.” O texto começa afirmando que o bispo Edir Macedo “sinaliza que o genro vai sucedê-lo; 2. Para a revista *Veja* “o objetivo da igreja é aumentar sua penetração na classe média” 3. Ao contrário do que a *Veja* publicou, de que os mais pobres são “até hoje o público predominante da Universal” 4.O texto

comunicação nessa matéria (Revista Veja de 13/10/2017; Portal Universal de 16/10/2017).

O poderio econômico da Universal a coloca em um patamar peculiar. Uma igreja que detém um patrimônio altamente complexo e diversificado. O motor 'iurdiano' é o 4º poder, como se costuma atribuir à mídia, em função da influência e do poder que ela possui em um mundo globalizado e de informação. Conforme Nascimento (2019), o império religioso-econômico em torno de Edir Macedo, a partir de uma lista divulgada por um ex-bispo, Alfredo Paulo, assegura que o grupo domina 97 empresas, especialmente, aquelas dos ramos de TV e Rádio (NASCIMENTO, 2019, p.318). Sob a batuta direta de Macedo, a dileta Record, e ainda é sócio da empresa B.A

afirma que a Universal tem “10 mil templos espalhados pelo mundo”. 5. A revista Veja informa um suposto montante de arrecadação anual “que ultrapassa 1,4 bilhão de reais só em doações”, e que “gasta por ano cerca de 1 bilhão de reais com seu gigantesco projeto de comunicação”. 6. A reportagem afirma que o anúncio selou o fim de “uma década de mistério” e o desfecho da “guerra silenciosa que fazia anos vinha sendo travada nos subterrâneos da Igreja Universal”. 7. Aliás, sobre a suposta “disputa pelo poder”, na Igreja Universal nenhum Pastor ou Bispo se mantém em uma posição para sempre. 8. Com referência a essa suposta ambição de liderar a Universal, 9. Veja afirma que o bispo Edir Macedo “sempre afirmou em reuniões internas que nenhum parente seu seria detentor de cargos-chave na Universal” 10. Ao supor que o Bispo Renato Cardoso será o “provável sucessor e herdeiro” do Bispo Edir Macedo, a revista Veja demonstra uma ignorância incabível sobre o funcionamento da Universal. 11. Veja mente ao afirmar que, “no último dia 5, de sua sala de teleconferências no enorme Templo de Salomão, em São Paulo, o Bispo Edir Macedo anunciou aos principais líderes da Igreja Universal no mundo o nome do seu número 2”. 12. Veja mostra mais claramente seu preconceito e intenção – denegrir a imagem da liderança da Universal – ao afirmar que os Bispos “se esmeram para arrecadar dízimos” a fim de “credenciar-se ao posto”. 13. A acusação de Veja de que Bispos e Pastores da Universal são “arrecadadores de dízimos e ofertas” 14. A reportagem afirma que o Bispo Renato Cardoso “cresceu próximo a um templo da Universal no bairro do Brás”, 15. O texto informa que, aos 13 anos, o Bispo Renato “era obreiro da igreja”, 16. Em mais um erro de apuração, Veja afirma que o Bispo Renato Cardoso foi expulso de casa pelo pai. 17. Veja também errou ao afirmar que o Bispo Renato Cardoso ficou três anos nos Estados Unidos após o casamento. E ele nunca fez “cursos de coaching”. 18. O Bispo Renato Cardoso não é “anunciado por trompetes” no Templo de Salomão, como afirma a reportagem. 19. Veja mente descaradamente ao dizer que “cerca de 1.000 fiéis” assistem às reuniões da Terapia do Amor, às 20h. 20. A reportagem afirma que o Bispo Renato Cardoso e sua esposa “moram em um apartamento de 500 metros quadrados”, 21. O que a revista Veja, desrespeitosamente, descreve como “divino [sic] distribuía benesses” 22. A afirmação de que o programa Godllywood “se dispõe a ajudar mulheres a conseguir um casamento 23. Da mesma forma, é preconceituoso e sórdido afirmar que o programa IntelliMen se resume a “homens que desejam sucesso material e uma família sólida”. 24. A reportagem afirma que a Universal possui uma gráfica, o que não é verdade”. <https://www.universal.org/noticias/post/as-24-mentiras-de-veja/>. Acesso em 25 de outubro de 2022.

Empreendimentos e participações LTDA, controlada pela emissora e que detinha até 2019, 49% do Banco Renner. Os outros bens, estão pulverizados entre muitos sócios - membros da igreja e familiares (NASCIMENTO, 2019, p.318-319).

A tática capitalista da diversificação de produtos e serviços é seguida obedientemente pelo Bispo:

Os negócios contam com jornais, banco, seguradora financeira e administradora de cartões de crédito. Outros nichos passaram a ser explorados: hospital, clínica médica, operadora de plano de saúde, empresas de logística em transporte, segurança patrimonial, mão de obra especializada e empresas de água e refrigerantes (NASCIMENTO, 2019, p. 319).

Muitos destes empreendimentos circulam nas próprias fronteiras do reino da Universal – entre funcionários, o acesso a convênio médico-hospitalar, que se verifica na inauguração do hospital Moriah²⁸, o qual tem entre os grupos acionistas a Life Empresarial e a Gruppar. Esta empresa tinha o nome de Unimetro, alterando-o em 2015. Na vida dos fiéis nos templos e igrejas não é diferente. O consumo de bens nestes ambientes segue a lógica comercial que se consolida e concomitantemente se equilibra na equação oferta e demanda. Este discurso empresarial ‘iurdiano’ ‘amarra’ as pontas da cadeia de negócios, ou seja, as empresas se retroalimentam.

A respeito da capacidade de arrecadação e da minuciosa gestão de um conglomerado empresarial, Ferrari (2007) retoma um aspecto apontado por Mariano (1999):

Funcionar como empresa lucrativa, este é o lema do bispo primaz para competir e ser bem-sucedido num mercado altamente concorrencial como é o atual mercado religioso brasileiro. Por isso, a dedicação, profissionalismo e aumento de produtividade[...]arrecadação, [...]congregações...dizimistas[...] trabalho dos pastores) [...]’os improdutivos’[...]são sumariamente dispensados. (MARIANO, 1999, p. 64 *apud* FERRARI, 2007, p. 178).

²⁸ Nome do local onde Abraão ofereceu seu filho Isaac ao sacrifício e o local da construção do templo de Salomão.

A revista Forbes (2015) atribuiu ao líder da Universal um patrimônio²⁹ estimado em 1,1 bilhão de dólares. A IURD, por outro lado, questiona tal montante, segundo ela, o único bem de Macedo é a Record, da qual não recebe lucros, e que vive de seu trabalho como pastor, os bens de Macedo foram doados à igreja, justamente, aqueles adquiridos com os direitos autorais de seus livros (NASCIMENTO, 2019, p. 320).

A aquisição do Banco Renner, pelos sócios Edir Macedo e Ester Bezerra, precisou de uma aprovação da presidenta Dilma Rousseff. À época, o casal vivia e tinha endereço fora do país, isso era um empecilho à transação e realização do negócio, portanto, havia a necessidade de uma autorização para acionistas que estavam em outro país. Em 2013, o bispo já possuía porcentagem significativa do capital do Banco que realizava empréstimos aos funcionários da TV Record. No ramo de segurança privada, a Centurião Segurança Patrimonial tem, entre os seus sócios, o bispo Adilson Higino da Silva, que também é apresentador do programa Entrelinhas, e o presidente da Rede Record, Luiz Cláudio da Silva Costa. Entre alguns clientes da Centurião, com os quais a empresa manteve contrato está, por exemplo, a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária, de São Paulo. (NASCIMENTO, 2019, p. 325).

Em 2019, o Banco Digimais, antigo Renner e agora totalmente controlado por Ester Bezerra e Edir Macedo, ousou patrocinar times de futebol. Atualmente, o Cruzeiro, com R\$ 11 milhões anuais.

Nessa escalada de investimentos a IURD lançou seu *streaming* em 2016, a Univer, (Univervideo), a versão evangélica da Netflix, “Netflix de Deus” (NASCIMENTO, 2019). Um maior detalhamento dessa plataforma e da análise das práticas discursivas da IURD que nela são hospedadas será discutido no 4º capítulo. O complexo financeiro da IURD não finaliza por aqui, ele lucra com os filmes biográficos

²⁹ Macedo tem um avião particular, modelo Bombardier Global Express XRS, avaliado em R\$ 90 milhões. Em Miami, EUA, um apartamento luxuoso de 569 m². O imóvel está avaliado em R\$ 35 milhões (NASCIMENTO, 2019, p.336, nota 72).

da trilogia – *Nada a perder*, cujo livro entre 2012 e abril de 2019, vendeu aproximadamente 4 milhões de exemplares³⁰. Os livros de relacionamento do casal Renato e Cristiane Cardoso – especialmente – *Casamento Blindado*, com algo em torno de 3,5 milhões de livros. O filme, os Dez Mandamentos, teve 11,3 milhões de ingressos vendidos e uma arrecadação de R\$ 114 milhões e *Nada a perder*, um pouco mais de 12 milhões de ingressos vendidos.

Em síntese é muito arriscado detalhar o patrimônio e a diferença entre o que pertence a Edir Macedo, à Igreja e à Família e membros da instituição. Alguns levantamentos numéricos foram realizados para ilustrar a potencialidade da maquinaria iurdiana.

A IURD, demonstra seu poderio ‘mimético’: a imitação de símbolos e representações dos diversos campos e de ‘devoradora’ apropriação simbólica e material não apenas de religiões, mas também de elementos mercadológicos, incorporações de técnicas de marketing, utilização massiva e dirigida das comunicações, tudo isso introduzido à dinâmica cíclica de funcionamento da sua estrutura. Entretanto, um fio costuraria esse emaranhado de retalhos, a política.

Para a tessitura desse fio, no labirinto da política, realizou-se uma genealogia dos aspectos históricos da Igreja Universal do Reino de Deus e de seu fundador Edir Macedo. Nessa construção levantaram-se os aspectos religiosos e econômicos, que compõem não apenas essas mesmas esferas da realidade, mas também perpassam a cultura discursiva da Instituição e sua reverberação no campo da política.

A primeira pegada significativa da Universal na ‘areia’ da política foi na esteira da ‘redemocratização’. Para Almeida (2019), a participação dos evangélicos se acentuou, “eles fizeram o movimento do púlpito ao palanque nas eleições para a

³⁰ Sobre a tiragem destes livros (*Nada a perder*) assim como dos ingressos para a exibição dos filmes, há algumas questões divergentes nas ações ‘mercadológicas’ que geraram controvérsia sobre os meios utilizados para se chegar a tal patamar. Ou seja, as controvérsias sobre a venda unitária dos exemplares não ocorreriam de modo direto, pois a Universal compraria a 1ª edição da editora. A mesma lógica, ocorreria com os ingressos, pois em muitas salas de ingressos esgotados havia muitos lugares vazios. (Portal Terra de 18/08/2019).

Assembleia Constituinte, em 1986” (ALMEIDA, 2019, p.200). A Universal lançou a candidatura do então bispo Roberto Augusto Lopes, pelo (PTB) do Rio de Janeiro. Entretanto, em virtude das contendas entre ele e Edir Macedo, cuja razão é a preocupação excessiva “com o aspecto empresarial e mercantilista” (MARIANO, 1999 p. 56 *apud* FERRARI, 2007, p. 104) fez com que, depois de algum tempo, Lopes se desligasse da IURD. Ao mesmo tempo, nessa época, se consolidaria a Bancada Evangélica³¹ com 33 deputados (ORO; TADVALD, 2015). De acordo com Freston (1993) duas justificativas significativas corroboraram para a articulação dessa unidade, “o receio do fim da liberdade religiosa e a destruição da família” [grifo nosso].

Neste intervalo, de 1986 e 1989, o Bispo Macedo, impulsionado pela expansão da Igreja, “foi morar nos EUA com o objetivo de estabelecer uma ‘nova Roma’ e angariar dólares” (...) Para ele, a região era o “novo centro do mundo, onde todos os povos convergiriam, a exemplo de Roma no tempo de Jesus” (FERRARI, 2007, p.105). Este momento de Macedo no exterior é justamente aquele que coincide com a “diversificação de atividades e penetração mais ousada de espaços sociais, o que resultou em maior atenção da mídia” (FRESTON, 1993, p. 97).

O retorno se concretizaria em 1989, com dois fatores predominantes: as eleições diretas presidenciais e a negociação para a compra da TV Record. Em 1990, a IURD elegeu 3 deputados federais (2 no RJ e 1 em SP), e 6 deputados estaduais. Uma das fórmulas identificadas pelo sucesso inicial da IURD, de acordo com Freston (1993), “uma disciplina eleitoral” que garantiria a distribuição dos votos para eleger os deputados, em virtude “da eficiência dos pastores como cabos eleitorais”. O motor dessa dinâmica de identificação entre os fiéis, é “a postura de perseguida cultivada pela igreja, criando um espírito solidário” (FRESTON, 1993, p. 97). Não apenas um sentimento de unidade que articula as vitórias, a presença confiante dos fiéis na “salvação terrestre prometida em termos de riqueza e poder materiais. A própria

³¹ Frente Evangélica é diferente de Bancada Evangélica. Esta compõe o discurso midiático e político e nela não há formalidade institucional, enquanto aquela é uma instância temática do parlamento no Brasil, formal e institucionalizada. Participam da Frente parlamentares católicos, sem vinculação religiosa conhecida e evangélicos que não atuam no campo da direita política (hoje no controle da Frente).

estrutura da igreja os leva a uma atividade vigorosa, ao contrário dos leigos católicos e protestantes clássicos”. (ROMANO, 2017, p. 67). E o ponto de ancoragem é a legitimidade das autoridades:

(...) carismática de Edir Macedo reconhecida como tal pelos membros da hierarquia e pelos fiéis, ao mesmo tempo em que é também forte o poder que emana da instituição Igreja Universal, adquirindo esta, junto aos seus fiéis a condição de uma *marca* com forte densidade simbólica (ORO, 2003, p. 284).

A mesma legitimidade no combate às ‘forças do mal’ que afligem a alma dos ‘crentes’ dentro dos templos, também é operada no território da política, com o objetivo de preservar a Igreja e de sua manutenção e da tarefa de evangelização. A Universal, não é uma aventura de tentativas e erros. A estrutura organizativa que perpassa os eixos religioso, econômico, midiático e político mantém os elementos de centralidade e verticalização, contudo, com a novidade, a presença nas esferas do poder público.

Os números que envolvem a eficiência e eficácia eleitoral da IURD no território público, cresce à medida de sua expansão e êxito: 3 deputados federais e 6 deputados estaduais em 1990; 6 federais e 8 estaduais em 1994; 14 para a Câmara Federal e 26 para as Assembleias Legislativas em 1998; 17 deputados federais e 26 deputados estaduais em 2002. Nas eleições deste ano, a IURD elegeu o bispo Marcelo Crivella (PL), sobrinho de Edir Macedo, ao cargo de senador, com 3.235.570 votos. Nesta disputa Crivella venceu figuras como o então senador Artur da Távola (PSDB), o ex-governador Leonel Brizola (PDT), e o pastor da Assembleia de Deus, Manoel Ferreira (PPB) (ORO, 2003). Em 2006 a Universal teve 6 deputados federais; em 2010, 7 deputados federais; em 2014, 12 deputados federais (ORO; TADVALD, 2015, p. 86). Em 2018, de acordo com o site do partido Republicanos, antigo (PRB), criado e controlado por membros da Igreja Universal, foram eleitos 30 deputados federais, 42 deputados estaduais, 1 senador e o vice-governador do Maranhão (Portal Republicanos de 08/10/2018). Nas eleições de 2022, o Republicanos elegeu (41) deputados federais, (2) dois senadores, 2 governadores – (entre os quais, no estado mais rico da federação, São Paulo, Tarcísio de Freitas) - e 75 deputados estaduais. Uma ponderação de Oro e Tadvald (2015), de que até as eleições de 2014, com a

exceção de um deputado de SP, todos os membros da Universal foram eleitos pelo (PRB) (ORO, TADVALD, 2015). Vale a importante distinção de que o partido Republicanos é uma instituição organizada, com legalidade e estatuto, e com voluntariedade para a participação, com o objetivo de ocupação do poder político. Foi fundado por membros da IURD, inclusive, a direção do partido está sob a gestão do bispo licenciado, o deputado federal Marcos Pereira. O Republicanos não é composto, portanto, somente por membros da Igreja. Nas eleições municipais de 2000, a Universal elegeu uma ampla bancada de vereadores pelo Brasil. As candidaturas de iurdianos são legitimadas pela Igreja, enquanto posicionamento direto dela nas atividades eleitorais. Um destes exemplos da ingerência iurdiana no que se refere às candidaturas oficiais de membros da IURD ocorreu muitas vezes. Em relação aos candidatos da Igreja que decidiram se lançar na disputa sem o aval institucional, "(...) a IURD não os apoiou, em muitos casos, inclusive não retornaram ao poder (...), e o motivo implícito do fracasso, "porque não atuaram de acordo com as diretrizes da Igreja e orientações do grupo de articulação ou não estava à altura das expectativas desses articuladores" (ORO, 2003b, p.54).

De acordo com o site oficial do Republicanos (PRB), foram eleitos, em 2020, 211 prefeitos, 2604 vereadores, além das Assembleias e Congresso Nacional, e as funções de vice-prefeitos e vice-governadores.

A participação efetiva e sistematizada na política partidária pela Universal não se materializou apenas com a criação do partido Republicanos, antes, Partido Municipalista Renovador (PMR), fundado em 2003, o (PRB) obteria seu registro definitivo apenas em 2005.

A IURD outrora já estava presente em partidos como o Partido Liberal³² (PL), inclusive mantinha lideranças religiosas nas instancias de decisão do partido. A esse

³² O Partido Liberal foi fundado em 1985 pelo então deputado Álvaro Valle (PFL-RJ). Em 2006, o PL e o (PRONA) - Partido da Reedificação da Ordem Nacional, se fundiram. Tornaram-se então o Partido Republicano (PR). No ano de 2019 ocorreu um 'novo batismo', retomando o nome originário e a sigla, PL - (22)

respeito, o aspecto de “minoritização”³³ que segundo a biografia de Edir Macedo, acerca do aceno e adesão à política pelas lideranças da Universal, “é para defender a causa do evangelho. Para fazer frente a todos os movimentos de perseguição que enfrentamos” (TAVOLARO, 2007, p. 222 *apud* ORO; TADVALD, 2015, p. 87). Nisso, inclusive se vincula o reconhecimento de ‘minorias perseguidas’. Característica de “autolegitimação” da IURD “em sua estratégia política” e o contexto no qual “o marco interativo, agonístico e pragmático em qual essa invocação minoritária se dá” (BURITY, GIUMBELLI, 2020, p.14). Macedo, na mesma biografia, chama atenção ao aspecto do ‘capital político’, ou seja, os votos. Isso, conforme Tavolaro (2007), “passou a ser tratado, de alguns anos para cá, com mais atenção pelos governantes’(...), por conseguinte, o bispo se reunia com os “caciques da política”, sobretudo, “com a maioria dos presidentes da República (...)” (TAVOLARO, 2007, p. 217).

A estrutura organizacional da Universal delimitada minuciosamente nas funções e nos objetivos, reproduz a mesma fórmula no campo político. Pragmática na tática, firme na estratégia. Orquestra o complexo de recursos humanos da instituição religiosa – fiéis, obreiros, pastores, bispos – como opera na ponta comunicacional – o quadro profissional – na defesa dos interesses do império iurdiano. Inclusive, a ampliação deste potencial atravessa as concessões e ampliação dos tentáculos midiáticos da IURD. Ao eleger um conjunto de políticos nos poderes legislativo e executivo, em uma lógica cíclica, reverteria no engajamento de mais fiéis e o crescimento da instituição, “com a aquisição de mais veículos de comunicação”

³³ O cientista político Joanildo Burity foi quem introduziu no país os debates em torno da ‘minoritização’. Em síntese, “a emergência de um novo ator político ali só onde havia invisibilidade e subalternidade” (Connolly 1995; 2008; Grabois 2013 *apud* Burity, 2017, p. 53). Essa forma de atuação no cenário da política produz atores sociais protagonistas, com características específicas de articulação e “notável capacidade de negociar suas reivindicações de participação na cultura majoritária brasileira” (BURITY, 2017, p. 53). O termo minoria, na configuração atual, assume outro viés. A partir da ruptura de adjetivações pejorativas e de inferiorização, se desloca e passa a ressignificar “positivamente atributos e demandas até então julgadas negativamente de forma discriminatória, condenatória ou violenta” (...) “são as novas minorias, forjadas em torno de demandas por reconhecimento, igualdade e justiça – acesso e/ou reparação” (BURITY; GIUMBELLI, 2020, p.10.). Minoritização, portanto, “alude a uma trama relacional que acompanha a radicalização das demandas democráticas desde os anos de 1960, produzindo novos atores políticos, novas agendas de reivindicação e novos repertórios de ação” (BURITY, GIUMBELLI, 2020, p. 13).

(NASCIMENTO, 2019, p. 10). Portanto, a aproximação da IURD ao poder político é contingente à medida que ele se desloca de mãos. O flerte de Macedo com as eleições de Fernando Collor de Mello³⁴ (1990-1992), em 1989, não se amparava somente na inclinação às pautas de costumes ou à ‘caça aos marajás’³⁵, mas conforme o texto bíblico, “onde está o vosso tesouro, está o vosso coração” (Mt 6:21) – o poder, especificamente, a aquisição de modo privado de uma emissora de televisão e, posteriormente, as concessões das comunicações. Conforme Freston (1993), “o posicionamento ideológico da igreja tem sido de apoio a candidaturas conservadoras (Collor e Maluf), e hostilidade à esquerda” (FRESTON, 1993, 97). Na campanha, um dos adversários de Collor (PRN) era Lula (PT), com o qual disputou no 2º turno a cadeira presidencial. A IURD não relutou em atacar seu principal ‘inimigo’, o ‘demônio’, contudo, com a ‘roupagem’ confeccionada pelas lideranças. Libertar o país de “Lula”, e o fantasma do ‘comunismo’, a ser ‘exorcizado’. Ao compará-lo a “Satanás³⁶” (Folha de S. Paulo de 08/08/1994).

Os posicionamentos da Universal nas eleições seguintes, 1994 e 1998³⁷, conforme Nascimento (2019), foram de apoio a Fernando Henrique Cardoso (PSDB), vitorioso nos dois pleitos. Contudo, a Universal, no decorrer do segundo mandato de FHC (PSDB), se descolou do governo e se posicionou criticamente a ele, por um lado, em virtude das pautas morais e de costumes, que transitavam e foram consolidadas

³⁴ “A IURD se engajou na campanha: abriu suas rádios para Collor, distribuiu santinhos, possivelmente impressos na gráfica da igreja e, após a compra da TV Record, retransmitiu em rede a participação de Collor no Programa Ferreira Netto”. (FRESTON, 1993, p. 255, nota 24-25). Por outro lado, para Freston (1993), o Palácio do Planalto percebeu que o impeachment seria aprovado pela Câmara dos Deputados apenas quando houve a decisão da bancada evangélica fechar com a oposição. Collor foi afastado em 1992, por supostos crimes de corrupção. O sucessor foi o seu vice Itamar Franco (PMDB/MG).

³⁵ Um dos discursos de marketing utilizados pelo então candidato à época. Que dizia que combateria os ‘supersalários’ de funcionários públicos e a demissão de muitos. O STF à época, anulou os atos de Collor.

³⁶ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/08/caderno_especial/22.html. Acesso em: 16 de nov de 2022.

³⁷ Segundo Nascimento (2019), os fiscais da Receita Federal do Brasil e auditores do Banco Central verificaram e analisaram as contas bancárias, movimentações financeiras e declaração de bens da Universal e da cúpula da igreja.

e, do ponto de vista material, uma multa de R\$ 98 milhões aplicadas à Igreja pela Receita Federal em 1997 (ORO, 2003, p.287). Nos dois pleitos, o adversário derrotado foi Luiz Inácio Lula da Silva. Para a IURD, a escolha “se apresentava como um evidente viés ideológico – a preferência por candidatos mais conservadores no campo moral e menos críticos às mazelas do capitalismo” (NASCIMENTO, 2019, p.353).

Por um outro lado, a história da IURD vigilante e atenta às mudanças da conjuntura política e suas contingências, se posicionaria em direção às possibilidades de poder. O “bispo sempre esteve ao lado do poder, fosse com governos de centro, de esquerda ou direita” (NASCIMENTO, 2019, p.13). Essa premissa se concretizou nas eleições de 2002, com a flexibilidade das práticas discursivas da Universal e sua adequação, além dos desgastes provocados pelo governo FHC (1998). De acordo com Carlos Rodrigues, articulador político e ex-bispo e ex-deputado, que foi um dos principais responsáveis pela costura entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Liberal (PL), sobretudo, na consolidação da candidatura do empresário da indústria têxtil, José de Alencar, como vice na chapa de Lula, ao justificar a aproximação ao campo da “esquerda”, diz:

A população quer saber como serão resolvidos problemas do transporte, educação, saúde, como será reduzida a miséria. Por isso vamos adotar uma nova forma de fazer política. Trata-se do **socialismo de resultados**” (Jornal do Brasil de 13/10/2002 *apud* ORO, 2003, p. 287, grifo nosso).

O vice-presidente permaneceu no PL até 2005, momento no qual as denúncias do Mensalão recaíram sobre alguns políticos de diversos partidos, entre os quais, o PL. Isso foi um dos motivos que forçaram o deslocamento dele ao PRB em 2005. Justamente pelo discurso e prática de lisura e comprometimento com a ética e os interesses republicanos, sugerindo, inclusive o nome ao partido ao qual se filiou, porque antes, era PMR. Importante ressaltar alguns elementos referentes à figura de Carlos Rodrigues, que, para alguns pesquisadores é central na organização do *modus operandi* político-eleitoral que vigora na IURD. Esse modelo próprio de fazer política da Universal começa em 1997, “‘a candidatura oficial’ cujo número de candidatos para os distintos cargos eletivos depende do capital eleitoral de que dispõe” (ORO, 2003b, p. 55). Freston (1993) já havia identificado essa particularidade iurdiana. Nessa

estrutura, os jovens são recrutados a providenciarem seus títulos de eleitores, o mapeamento dos membros da igreja quanto à condição de votantes, tudo sob a coordenação do bispo Rodrigues. Inclusive, nas eleições de 2002, a IURD adotou uma prática discursiva mais direta em relação às passadas, muito além do nome e número dos candidatos, agora eles transitavam nos templos. É uma pedagogia eleitoral, voltada à conscientização e direcionamento do voto (ORO, 2003b, p. 56). Sobremaneira, em relação à presença de fiéis nas igrejas, a Universal tem indicadores que atestam sua eficácia, “de todas as denominações examinadas, os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus são os mais assíduos: nove em cada dez frequentam o culto uma ou mais vezes por semana” (BOHN, 2004, p.304).

No sistema operado na Universal, que pulveriza de maneira setorial as candidaturas por meio de certa delimitação geográfica para maior eficácia, as suas escolhas são centralizadas nas instâncias de dirigentes regionais e nacionais. E a razão pela qual estes candidatos foram “escolhidos, indicados e/ou apoiados pelos dirigentes da Igreja como “homens de Deus” ocorre pela utilização da ‘máquina iurdiana’ (ORO, 2003b, p. 56). É, literalmente, a força da hierarquia transfigurada na instituição. Conforme Conrado (2000), ressaltado por Oro (2003b), “o político eleito pela IURD tem o seu mandato nas mãos dela, seguindo sua orientação nas questões de interesse da igreja. A legitimidade da sua representação deriva de um ‘ato de instituição’ que a organização faculta” (Conrado, 2000, pp. 54-55 *apud* ORO, 2003b, p.56). Em análise do processo eleitoral de 1994, Prandi e Pierucci (1995) chamavam atenção ao aspecto do vínculo das candidaturas, “a filiação religiosa tem peso nada desprezível na direção e no *timing* de uma escolha eleitoral” (PRANDI; PIERUCCI, 1995, p.33).

Um aspecto também relevante à Universal no campo político se configura em duas potentes linhas de força: a filantropia e a mídia. O aparato midiático – impressa e eletrônica e as atividades assistenciais. A Associação Beneficente Cristã, é o braço social da IURD em suas incursões e manutenção de inúmeros projetos (ORO, 2003, p. 292). Segundo uma pesquisa do DataFolha, em 2015 a Universal foi considerada a 5ª Instituição de maior prestígio no Brasil, atrás somente da Imprensa e Redes

sociais, Igreja Católica e Forças armadas, respectivamente (NASCIMENTO, 2019, p. 275-276). A Universal tem projetos sociais, como ‘Vício Tem Cura’, ‘Anjos da Madrugada’, a ‘Universal nos presídios’, ‘Força Jovem’ (MACHADO, 2003). Ela realiza as campanhas de doações de alimentos, roupas. Para alguns pesquisadores essas práticas, vinculadas à política, sobretudo, eleitoral, caracteriza um tipo de prática muito recorrente no Brasil, o ‘clientelismo’, todavia, sob uma face “corporativa”.

O PRB, ao longo de sua trajetória, participou do alto escalão do poder Executivo Federal em momentos diferentes com 4 ministros³⁸, 1 nos governos de Lula, 2 na gestão de Dilma e 1 no período Temer.

A vitória do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2002, com Luiz Inácio Lula da Silva, contou com um amplo arco de alianças, inclusive como apresentado acima, a aproximação ao empresário mineiro José de Alencar (PL), para ‘acalmar’ o ânimo do mercado – haja vista a Carta ao povo Brasileiro. A Universal não declarou abertamente o apoio ao ‘petista’, no próprio Rio de Janeiro, alguns membros do PL e da Igreja acompanharam o candidato presbiteriano, Anthony Garotinho. Neste mesmo pleito, a Universal lançou no (RJ) a candidatura do bispo Marcelo Crivella (PL), ao senado, em cuja disputa ele saiu vitorioso. Os discursos de Crivella transitavam pelo ‘combate à fome e à seca no sertão’. (NASCIMENTO, 2019).

O segundo turno das eleições de 2002, entre José Serra (PSDB) e Lula (PT), enfim, teve o ‘embarque’ da IURD. Oro (2003b), relata uma entrevista que o bispo, deputado e vice-presidente nacional do PL e responsável político da Universal, Carlos Rodrigues: “Temos a obrigação de entrar de cabeça na campanha do Lula”, disse o Bispo Rodrigues à Rádio CBN. E conclui: “Nossos deputados, agora que já estão

³⁸ No governo Lula(2003-2010), o filósofo Roberto Mangabeira Unger (2007-2009), ocupou Secretária de Assuntos Estratégicos, que tinha *status* de ministério (Portal do Republicanos de 19/06/2006); Durante a administração de Dilma Rousseff(2011-2016), o bispo licenciado e senador Marcelo Crivella assumiu o Ministério da Pesca e Aquicultura(Portal do Republicanos de 29/02/2012) e o então deputado federal George Hilton nomeado no governo Dilma para ministro dos Esportes(2014-2016); Enquanto, no governo Michel Temer(2016-2018), a indicação de Marcos Pereira, Ministro da Indústria, Comércio, Exterior e Serviços do Brasil. Bispo licenciado da Universal e presidente do Republicanos (PRB).

eleitos, devem se empenhar em mobilizar as suas bases” (ORO, 2003b, p.62). Esse entendimento da IURD não ocorreu na iminência das disputas de 2002; esses discursos germinavam nos terrenos iurdianos, muito antes. As práticas discursivas remetiam ao modelo de ‘batalha espiritual’³⁹, o bispo Rodrigues em um culto em Porto Alegre, convocava os fiéis a não votarem em “políticos que estão a serviço de Satanás” (...) e chamava atenção ao espaço político, de que “os espíritos que atuam na política, são os espíritos dominadores (...)” (Jornal do Brasil, 29/10/2001 *apud* ORO, 2003b, p.58). Às vésperas das eleições (5 de outubro de 2002), nos templos, bispos e pastores repetiam os mesmos discursos de que alguns políticos estariam a serviço do mal.

No primeiro ano do mandato petista, algumas denúncias começaram a surgir, o suposto esquema que envolvia o subchefe de Assuntos Parlamentares da Casa Civil, Waldomiro Diniz, acusado de cobrar propina do bicheiro Carlinhos Cachoeira, à época, Diniz estava na Loterj, sob a indicação do deputado Carlos Rodrigues⁴⁰. Ao deputado mais dois escândalos foram atribuídos. A máfia dos sanguessugas (esquema das ambulâncias), irregularidades ocorridas entre (1998-2002), na gestão de José Serra no ministério da Saúde, e o ‘mensalão’, uma espécie de mesada que

³⁹ “A ‘teologia da guerra espiritual’ preconiza que o mundo é um campo de batalha entre as forças do bem e do mal. Acredita-se que as forças do mal se apoderam dos devotos e causem todos os problemas e infortúnios, o que exige, por parte dos líderes religiosos, atos de exorcismo e cultos de libertação, ou seja, a expulsão dos demônios. Além disso, essa teologia defende que são os demônios que impedem a prosperidade dos fiéis. Por esse motivo, a ‘libertação dos demônios’ se torna uma condição indispensável para a conquista da cura e da prosperidade. Em outras palavras, o acesso às bênçãos depende da superação de forças demoníacas” (ORO & TADVALD, 2019, p. 57). Essas batalhas, contudo, se dirigem para além das fronteiras dos templos, elas disputam no território da política, que também é um dos ambientes das ‘forças diabólicas’, que estariam com o domínio da ‘coisa pública’.

⁴⁰ Em 1991, Carlos Rodrigues foi nomeado coordenador político da IURD. Com forte capacidade de articulação política teceu inúmeras costuras nos meandros do poder, na indicação de cargos em órgãos públicos e na aproximação do empresário José Alencar à sigla e à dobrada nas eleições de 2002, com o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2004, em virtude dos escândalos que envolviam o então deputado e coordenador, o bispo Rodrigues, como era conhecido, foi afastado das funções da igreja. Rodrigues foi condenado no esquema do Mensalão a 6 anos de prisão, entretanto, cumpriu menos de 1 ano, porque trabalhou na penitenciária, obtendo redução de pena. Concluindo o regime em prisão domiciliar. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2014/09/bispo-rodrigues-deixa-cadeia-e-comeca-cumprir-prisao-domiciliar.html>. Acesso em: 16 de out de 2022.

políticos supostamente recebiam para aprovarem projetos do governo. Esse cenário, porém, mobilizou as forças do governo e a Universal a identificarem uma saída, no sentido do desgaste que a sigla (PL) sofreu, articulando, portanto, a criação do PRB, no qual o vice-presidente disputaria a reeleição ao lado de Lula, em 2006.

A fissura que se abre paulatinamente no contexto político-econômico brasileiro – final do segundo mandato de Lula à escolha de Dilma Rousseff e de seu vice Michel Temer (MDB) – proporcionaria que alguns elementos se articulariam discursivamente em torno da “agenda moral⁴¹” (PÉREZ GUADALUPE; LÉON, 2020).

Entre as atuações destes novos movimentos (religiosos) políticos, encontra-se a defesa de princípios éticos para a “limpeza da política” e concomitantemente, um *locus* de trânsito entre “religião e política”, com o objetivo fundamental de “influenciar as políticas públicas”, ou seja, são questões controversas ligadas aos valores que compõem o “componente pró-família”, tais como: “procriação e bioética, a questão dos papéis e relações de gênero e o debate sobre feminismo e diversidade sexual”. (PÉREZ GUADALUPE; LÉON, 2020, p. 163.165). Essas formas de atuação, Almeida (2017) compreende-as pertencentes a uma espécie de ‘linhas de força’: econômica, securitária, moral e interacional. Especificamente, a pauta moral, sobretudo, a “disputa pela moralidade pública que no Brasil encontra nas religiões cristãs os principais canais da sacralização da família e da reprodução da vida”, que se colocam na contramão dos direitos conquistados, “civis, sociais, reprodutivos, sexuais”, diante dessa nova realidade, o campo religioso conservador (tanto grupos católicos quanto evangélicos), se posiciona no sentido de “contenção dos avanços do secularismo nos comportamentos e nos valores”. É a disputa e “regulação dos comportamentos –

⁴¹ “a) sugerir propostas legislativas que penalizem ou incluam como delitos aqueles comportamentos morais inadequados à sensibilidade evangélica; b) revogar normas ou vetar propostas legislativas que os setores evangélicos considerem ofensivas à moral cristã, executando uma política restritiva da chamada “ampliação de direitos”; c) determinar o rumo de políticas públicas baseadas em “valores cristãos”, especialmente no campo da educação, saúde e direitos humanos, sob o argumento de que os cristãos (evangélicos e católicos) são a grande maioria dos cidadãos de cada país e têm o direito de fazer valer sua ‘maioria moral’. (PÉREZ GUADALUPE; LÉON, 2020, p. 164).

sexuais e reprodutivos, corpos – transgêneros e pesquisas genéticas, e dos vínculos primários – casamentos e adoção gays” (ALMEIDA, 2017, p. 17-18). O grupo de pressão mais articulado é a Frente Evangélica Parlamentar (FEP). Nela não apenas as pautas morais encontram forte ressonância: aborto, questões de reprodução, união homoafetiva, descriminalização das drogas, ideologia de gênero e ‘doutrinação nas escolas’, mas aprovações de natureza econômica, concessões, emendas parlamentares.

O contexto do governo de Dilma Rousseff (2011-2016), sobretudo, a partir de 2013⁴², tornou-se um espaço de disputas e resistências referente às pautas morais e de costumes, no que tange os grupos opositores e, de outro lado, as bandeiras que as defendiam no sentido de assegurar estes direitos. Isso corrobora o que Burity (2018) afirma: “na cena pública ninguém mais pode impor sua cosmovisão ético-moral sem sofrer resistência e/ou ter que negociar sua pretensão” (BURITY, 2018, p. 110).

Os posicionamentos da IURD neste cenário se equilibram em um pragmatismo, que atravessou as tormentas e instabilidades da governabilidade. Conforme Almeida (2020), a IURD, através dos deputados do Republicanos, (PRB), apresentaram poucos projetos, na “Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados”, que são preferencialmente local das Assembleias de Deus (Gonçalves, 2016 *apud* Almeida,2020). “Os interesses da IURD envolvem mais as gestões dos negócios, principalmente nos meios de comunicação” (ALMEIDA, 2020, p.219). A importância da IURD na sustentação dos governos Dilma Rousseff (PT), sobretudo, para desmobilizar alguns temas polêmicos – aborto e a união civil do

⁴² “Na verdade, os evangélicos apareceram em junho de 2013 como alvo dos manifestantes que reivindicavam a laicidade do Estado e criticavam as pautas dos costumes de evangélicos e católicos no Congresso Nacional. Como exemplo, a eleição do deputado Pastor Marcos Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania (CDHM) da Câmara dos Deputados, no início de 2013, antes mesmo do primeiro ciclo de protestos em junho daquele ano. A partir desta posição institucional, o deputado-pastor pautou uma série de questões de ordem moral (aborto, casamento gay e adoção de crianças por estes casais, entre outros), mudando o perfil da CDHM, que historicamente era orientada para questões relativas aos direitos sociais, às liberdades individuais e às diferenças culturais” (ALMEIDA, 2020, p. 219).

mesmo sexo, foi preponderante. Nesse cenário político, três potentes projetos⁴³ encampados por algumas subdivisões das Assembleias, estatuto do Nascituro, Estatuto da Família, e o projeto apelidado de “Cura Gay”. Esses discursos do ponto de vista eleitoral, eram significativos vetores de atração de grupos identificados com essas narrativas. A Universal, diferentemente do comportamento de muitas denominações cristãs, posicionou-se favorável a questões como pesquisas com células-tronco e nos casos de aborto definidos pela legislação vigente (estupro, gravidez de risco à vida da mãe e feto com anencefalia) (ALMEIDA, 2017).

Os efeitos práticos dessas disputas no campo político marcaram efetivamente as eleições de 2010, com os projetos de combate à homofobia e do Projeto de Lei Complementar, com o objetivo de criminalizá-la. Além disso, no mesmo pacote, o Plano Nacional de Direitos Humanos, PNDH3, que enfatiza a promoção de Direitos e propunha a “descriminalização do aborto”. Para Mariano e Gerardi (2019), essas demandas provocaram inúmeras narrativas que se articularam entre os “temas morais (aborto e homofobia)”, isso iniciou uma gama de ações persecutórias e um clima inicial de antipetismo nas igrejas. Entretanto, Dilma conquistou o apoio de algumas lideranças, a saber:

Edir Macedo, Marcelo Crivella, Manuel Ferreira, Marco Feliciano, Robson Rodvalho, Magno Malta, entre outros, obtidos sob a pressão de se comprometer a assegurar a legislação sobre o aborto e a liberdade evangélica de pregar contra a homossexualidade em caso de aprovação do projeto de criminalização da homofobia. (MARIANO; GERARDI, 2019, p. 70).

Todos estes eventos, dentro da cronologia do final do mandato de Lula (2010) e o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, produziram entre as lideranças e bancada evangélica, afinidades eletivas no sentido de

⁴³ “O primeiro é o Estatuto do Nascituro [PL 478/2007], o qual propõe estender os direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ao feto, a começar pelo direito à vida. O segundo é o Estatuto da Família [PL 6583/2013], que a define como constituída tão somente a partir da união de um homem com uma mulher. Por fim, o apelidado “projeto de Cura Gay” [PL 4931/2016], que suspende o trecho da resolução do Conselho Federal de Psicologia de 1999 que proíbe o tratamento e a cura de homossexualidade, além de vetar manifestações preconceituosas em relação aos homossexuais.” (ALMEIDA, 2017, p. 18-19).

‘demonizar e potencializar o antipetismo’, somando-se a estes episódios a incorporação de questões como Igualdade de Gênero e Igualdade Sexual no Plano de Educação em 2014, que desencadeou uma ‘batalha’ ‘antigênero’ – a tal Ideologia de gênero e a defesa da escola sem partido (CARRANZA, 2020, p. 178). Embora, com essa intensa batalha ideológica, nas eleições de 2014, a Universal permaneceu nos ‘braços do governo’, com o Ministério dos Esportes, George Hilton (PRB), que seria peça importante em 2016, durante as Olimpíadas no Brasil. Neste mesmo ano, a maquinaria iurdiana conseguiria um feito relevante dentro do espectro dos religiosos no campo político: a vitória do candidato e senador Marcelo Crivella⁴⁴ (PRB), nas eleições municipais do Rio de Janeiro.

O bispo licenciado adotou uma estratégia de aparente distanciamento da Universal no pleito eleitoral. Isso não quer dizer perda do eleitorado ‘iurdiano’. No entanto, “mal se notava a presença da igreja, à exceção de bispos e pastores políticos – vereadores, deputados e dirigentes do (PRB). Fiéis e correlegionários eram orientados a desvincular a imagem do candidato da relação com a igreja” (NASCIMENTO, 2019, p. 370). A prática discursiva adotada assume temas como o empreendedorismo, conforme Almeida (2017), “como a proposta de isenção de impostos para empreendimentos econômicos em regiões de favela, quase sempre de

⁴⁴ O bispo e sobrinho de Edir Macedo, Marcelo Crivella, colecionou algumas denúncias contra ele, suposto envolvimento de evasão de divisas e crime contra o sistema financeiro nos famosos paraísos fiscais. O então senador foi absolvido das acusações. Crivella que disputou e venceu as eleições municipais no Rio de Janeiro em 2016, sofreria suas maiores derrotas no decorrer do mandato. O episódio de facilitação a pastores e membros da Igreja, o acesso rápido a consultas médica e cirurgias – ‘fura-fila’. Este fato enfraqueceu a governabilidade, altamente divulgada pela mídia. Sobre isso, foram movidos processos de improbidade administrativa contra o então prefeito. Em 2019, algumas solicitações de impeachment foram aprovadas, além deste episódio de facilitação, a prorrogação de concessões de processo licitatório. (NASCIMENTO, 2019). No dia 22/12/2020, Marcelo Crivella é preso no Rio de Janeiro sob a acusação de comandar uma organização criminosa, em um suposto esquema de propinas – o “QG da Propina”. Ele, porém, tece o alvará de soltura em fevereiro de 2021. (Portal G1 de 22/12/2020; Portal G1 de 13/02/2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/13/justica-expede-alvara-de-soltura-ao-ex-prefeito-marcelo-crivella.ghtml>. Acesso em: 10 de out de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/22/prefeito-marcelo-crivella-e-presos-em-operacao-da-policia-e-do-mp-rj.ghtml> acesso em 31/10/2022. Acesso em: 10 de out de 2022.

iniciativas locais. Nos programas de TV, o tema era tratado pelo candidato em conversa com jovens, homens e mulheres, predominantemente negros” (ALMEIDA, 2017, p. 15).

O contexto do *impeachment*⁴⁵ da presidenta Dilma Rousseff (PT), reuniu um acúmulo de demandas diferenciais e particulares. A pesquisadora Magali Nascimento da Cunha, traça um cenário antecedente à vitória de Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Ela elenca elementos importante que comporiam o terreno discursivo daquelas eleições, contudo, estes acontecimentos corresponderiam também ao processo da presidenta Dilma Rousseff. Que as bases e os discursos foram alimentados em função de formas de pânico de causa moral e “da retórica do medo, para gerar insegurança e promover afetos. Pânicos morais são fenômenos que emergem em situações nas quais sociedades reagem a determinadas circunstâncias e a identidades sociais que presumem representarem alguma forma de perigo” (CUNHA, 2020, p.30). Esse caldo foi ‘revirado’ no caldeirão durante alguns anos dos governos petistas. Ligado a isso, a desarticulação política, econômica, os escândalos dos quais suas lideranças foram protagonistas, como do enfraquecimento da governabilidade, pelas pressões do Congresso, inúmeras ações do judiciário, das Operações deflagradas, como a Operação Lava Jato – cujo mote era o ‘combate à corrupção’, e, anteriormente, os atos em junho de 2013, que tomou as ruas do país. Os léxicos mais frequentes mobilizados no dia 17 de abril de 2016, data da votação pela Câmara dos Deputados no processo do *impeachment*, foram “Deus”, “família” e “nação”. Estes significantes representavam, sobretudo, os grupos que votaram pelo afastamento da presidenta (ALMEIDA, 2017b).

⁴⁵ O processo de afastamento da presidenta Dilma Rousseff em 2016 teve como principal motivo o suposto crime de responsabilidade fiscal, “pedaladas fiscais”, atribuídas ao governo. O ministro do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, declarou que “o motivo real” não foram as pedaladas fiscais, mas falta de apoio político. A conhecida sustentação política. O ministro, ainda afirma, de que não há dúvida, que ela não foi condenada por corrupção ou crime contra o orçamento. (Revista Isto É de 03/02/2022).Disponível em: <https://istoe.com.br/motivo-real-de-impeachment-de-dilma-foi-falta-de-apoio-nao-pedaladas-diz-barroso/>. Acesso em 10 de ago de 2022.

A Universal desembarcou do governo às vésperas do *impeachment*. Ela “participou dos governos petistas desde 2002 e foi um dos últimos partidos (PRB) a abandonar o governo Dilma a poucas semanas da votação na Câmara”. Inclusive, o senador Marcelo Crivella (PRB), e ex-Ministro da Pesca, afirmara na ocasião que era “um ato justo, e não justiceiro”. O derradeiro momento foi procurar o Bispo Macedo, “teria dito, apenas, que oraria por ela e seu governo”. (ALMEIDA, 2017b, p. 76). A exceção foi o então Ministro dos Esportes George Hilton (PRB), que pretendia permanecer no ‘assento’ até o ‘ponto final’, e, por isso, filiou-se ao PROS, contrariando a decisão da cúpula da Universal, votando contra o afastamento da presidenta Dilma Rousseff. Esse posicionamento de Hilton, por intervenção da IURD, custou-lhe o cargo.

Entretanto, logo a Igreja, via Republicanos (PRB), embarcou rapidamente na próxima ‘estação’, no governo interino de Michel Temer (MDB), para o Ministério de Indústria, Comércio Exterior e Serviços, para o qual quem assumiria a pasta era o presidente do Republicanos (PRB) e bispo licenciado da IURD, Marcos Pereira, permanecendo no cargo até 2018.

Na apresentação feita do cenário do afastamento da presidenta, alguns elementos se agruparam nas eleições de 2018 e dos passos que norteariam os discursos da Universal e dos posicionamentos de Macedo sobre os possíveis apoios.

Os afetos⁴⁶ articulados orbitavam em torno de aspectos relacionados à “vingança, fobia e ódio” (ALMEIDA, 2017), gramáticas deflagradas por pastores e políticos ‘evangélicos’ como “riscos à liberdade religiosa”, “erotização das crianças”, “destruição da família”. Além disso, a apropriação dos signos utilizados no campo religioso, com o sentimento antipetista e a demonização da candidatura como “anticristã” e “esquerdopata” (MARIANO; GERARDI, 2020, p. 330). Nessa ‘trincheira’

⁴⁶ Um dos motores do ressentimento como tipo de afeto é a não representação e contemplação de demandas pleiteadas por alguns segmentos, neste caso, dos evangélicos. Esses sentimentos são projetados para a esfera pública, ou melhor, para a política exercida na esfera pública e dos grupos que neste campo a hegemonizam do ponto de vista da representatividade. Afeto, portanto, de maneira geral é “sentimento, sensação, carga emocional percebida como ligada a uma representação ou a uma vivência” (GIACOIA, 2021, p.30).

eleitoral, as narrativas “anticorrupção”, “recessão estrutural”, “insegurança pública” (CARRANZA, 2020), “antiesquerdismo” (SALES; MARIANO, 2019), união civil entre pessoas do mesmo sexo, ‘ideologia de gênero, controle dos corpos, “ressentimento com instituições pluralistas” (GRACINO; GOULART; FRIAS, 2021) e, os impactos provocados pela Operação Lava Jato, que culminou na prisão do favorito às eleições de 2018, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O clima político do “antipetismo, que se constitui no elo capaz de estabelecer uma cadeia de equivalências entre diversas demandas de ordem moral, econômica e social, espraiadas de forma difusa na sociedade” GRACINO; GOULART; FRIAS, 2021, p. 554). Na leitura de Mariano e Gerardi (2019), os fatores alvissareiros que proporcionaram tal conjuntura atravessam vários espectros, econômicos, sociais, aumento da violência, escândalos políticos, a propagação de informações falsas, o desencantamento da política⁴⁷. É o que Burity (2018) considera como “uma lógica populista de dicotomização do espaço público” (BURITY, 2018, p. 40).

A ascensão pública das religiões compõe a nova configuração do espaço público da política. Esse fenômeno produz, conforme Burity (2015), “tensões e expressa demandas concretas”, com questionamentos a respeito da legalidade e da tessitura que organizam os aspectos jurídicos e políticos-institucionais e legitimam os agentes religiosos. Nesse contexto complexo, os debates que envolvem a laicidade do Estado e a secularização emergem, sem, contudo, se fecharem em quaisquer afirmações definitivas. Surge o debate em torno da “desprivatização da religião, esse rebaixamento do ‘muro da separação’ que tanto tem inspirado simbolicamente a imaginação laica, secular, nos últimos três séculos” (BURITY, 2015, p.90).

⁴⁷ “Contribuíram para tal desfecho a conjuntura de crise econômica, a alta do desemprego, da pobreza e da desigualdade, a escalada de facções criminosas e homicídios, a Operação Lava Jato, o impeachment, a impopularidade do governo Temer (denunciado por corrupção e organização criminosa), o revigoramento da extrema-direita, o descrédito nas instituições políticas, a prisão de Lula e a difusão maciça de fakenews, boatos e teorias conspiratórias nas redes sociais”. (GERARDI; MARIANO, 2019, p.68 -69).

A metáfora de ‘cena da religião pública’, remete-nos à composição do cenário, objetos, personagens, roteiros, “tanto quanto as tecnologias que a capturam e difundem (por exemplo, as velhas e novas mídias)” (BURITY, 2015, p.90). Sobre essa cena, níveis de luzes devem ser considerados que evidenciam os atores sociais em questão e dos afetos e demandas que os mobilizam. A IURD e suas reivindicações compõem também essa conjuntura, performática e retórica, assim como sua emergência e visibilidade, que se agrupa contingencialmente e visa sua presença e representatividade, sobretudo, nas decisões nesse cenário da política.

A esse propósito Burity (2015), sistematiza o debate em torno da questão da ‘identidade religiosa desprivatizada’, e das contestações que recaem sobre esse fenômeno, da sua “presença-ausência” na esfera pública, da “legitimidade-ilegitimidade” desse movimento, e do aspecto de “agência-antagonismo”.

“Por que a presença e a ausência estão sempre inseridas em considerações de legitimidade, propriedade e desejabilidade, a questão da agência não pode ser evitada: porque vemos uma irrupção de mobilização política de grupos religiosos? (...) (BURITY, 2015, p. 93).

Inúmeras questões são formuladas pelo autor, a seleção desta é uma síntese de como essas agências operam e para onde apontam. Essas formas de agenciamento não se excluem, e se expressam em reativas – “mudanças rápidas, incertezas e crises em escala mundial estariam ameaçando profundamente valores e práticas ‘tradicionais’(...) nesse cenário, o religioso busca uma “reasserção” diante da secularização(...), e a agência construtiva – “atores religiosos estariam respondendo a desafios claramente contemporâneos e refazendo suas posições mesmo quando aparentemente reafirmam tradições antigas” (...) BURITY, 2015, p. 93).

A discussão da presença dos atores religiosos no espaço público enfrenta alguns obstáculos para sua melhor compreensão e convergências em relação ao fenômeno. As fronteiras do próprio espaço público, suas institucionalidades ou atividades complementares no bojo do Estado, as ações que permeiam este espaço de natureza cidadã, privadas ou públicas, e as pluralidades como motor do próprio regime democrático. São desafios de entendimento dessa lógica da política.

O espaço público, como análogo ao conceito de sociedade civil, sempre representou um campo de cruzamento da fronteira público/privada. Nas últimas décadas, a intensificação das relações entre sociedade civil e Estado e a mediação da vida social têm tornado o espaço público cada vez menos privado e cada vez mais politizado (não confundir com outra tendência que é a galopante privatização do espaço público de mídias e da desproporcional representação de interesses privados nas instituições políticas (BURITY, 2017, p.49-50).

As minorias religiosas que são construções, sobretudo, relacionais, que ora se distanciaram do isolamento e da condição de desprezo, nutridas por certos segmentos, embarca nos ventos das mudanças no campo democrático, pois “politizaram as demandas minoritárias, construindo entre elas cadeias de equivalências imprevistas e inauditas” (BURITY; GIUMBELLI, 2020, p.10).

Nessa ‘maré’ de demandas está a IURD, mais bem sucedida em eleições que outras denominações cristãs. Conforme Burity e Giumbelli (2020), o modelo da via eleitoral “que acabou sendo emulado por outras minorias religiosas, as quais com menor êxito, e nesse escopo, no entroncamento da via eleitoral, outras formas de politização. Que variavam a partir das conjunturas e das articulações (BURITY; GIUMBELLI, 2020, p.11).

A questão do antagônico é relevante no que se refere aos agenciamentos – reativos ou construtivos, nas disputas ‘intrarreligiosas’ e competição entre seculares e religiosos: “A agência tem lugar em cenários nos quais *outros* discursos já ocupam certas posições e disputam hegemonia” (BURITY, 2015, p. 94).

Essa “agência religiosa responde a algo, reage a algo, sujeita-se a uma força maior ou propõem um reordenamento do estado de coisas vigentes” (BURITY, 2015, p. 94).

Esse espírito do tempo foi capturado pelo então candidato Jair Messias Bolsonaro (PSL)⁴⁸, em torno do qual discursos se articularam em virtude de

⁴⁸ Jair Messias Bolsonaro, capitão do Exército, eleito em 1990 a deputado federal pelo RJ (7 mandatos), venceu as eleições em 2018 para presidência da República, pelo Partido Social Liberal – PSL (17),

identificações e afinidades eletivas, e, sobretudo, afetos, ressentimentos, projetados a um antagônico. Dois elementos valem ressaltar dessa trajetória: os discursos de Bolsonaro⁴⁹ enquanto deputado federal em 2011 acerca do combate à discriminação nas escolas, rotulado como “kit gay”, pelo próprio parlamentar, e a narrativa antissistema que se engendra dentro e fora do Estado. Discursos de deslegitimação das instituições, sobretudo, o Supremo Tribunal Federal (STF); desencanto da dimensão política, cujo espaço deveria ser preenchido pelo mercado e pela ideologia da eficiência e eficácia neoliberal; enaltecimento de ações militares que atentassem contra o próprio Estado. Conforme Mariano e Gerardi (2020), “a mistura de instabilidade política, ineficiência governamental e altos níveis de corrupção, além de corroer a legitimidade de autoridades e partidos políticos tradicionais, propiciou a ascensão de lideranças que se apresentam como *antiestablishment*” (MARIANO; GERARDI, 2020, p. 331).

A IURD oficialmente manteve-se alheia ao apoio imediato ao candidato Jair Messias Bolsonaro, e, com Lula fora do páreo, a candidatura petista era de Fernando Haddad⁵⁰, que havia ocupado os cargos de prefeito de São Paulo (2013 – 2016) e Ministro da Educação (2005-2012). A Universal se aproximou do então candidato à presidência Geraldo Alckmin (PSDB). Contudo, a candidatura de Jair Messias

com o vice-presidente, o general do Exército, Hamilton Mourão. Nas eleições de 2022, ele disputa pelo PL (Partido Liberal).

⁴⁹ O contexto dos debates acerca do material didático que foi produzido pelo Ministério da Educação, à época da gestão da presidenta Dilma Rousseff, que visava o combate à discriminação por orientação nas escolas. Enfrentou forte resistência, inclusive, o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, chamava de Kit gay. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/02/bolsonaro-critica-kit-gay-e-diz-querer-mudar-alguma-coisa-na-camara.html>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

⁵⁰ Nas eleições de 2018, o candidato Fernando Haddad fez duras críticas ao Bispo Edir Macedo, em uma visita que o candidato fez ao Santuário de Aparecida. “O casamento do neoliberalismo desalmado representado por Paulo Guedes” e o “fundamentalismo charlatão do Edir Macedo”, afirmando que, “por trás dessa aliança”, estaria a “auri sacra fames”, a “fome de dinheiro”. Achincalhar Macedo e a Universal só fez reforçar o corporativismo e o antipetismo evangélicos” (MARIANO; GERARDI, 2019, p.71). Além disso, as rugas entre os dois datavam da resistência de Haddad, então Ministro da Educação, em relação à Universal obter a autorização para uma Faculdade. Na construção do Templo de Salomão, Haddad, então prefeito de São Paulo, impôs contrapartida à Universal pelo impacto que a construção da obra provocou na região, porque ali seria uma área para construir moradias para a população de baixa renda (NASCIMENTO, 2019, p. 371-372).

Bolsonaro crescia enquanto a do candidato tucano não decolava. Às vésperas da eleição, 30 de setembro, o ‘golpe de misericórdia’, Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro. Com essa ação do Bispo, ele disponibiliza sua ‘maquinaria narrativa’ a serviço do então candidato. Essa ‘prova de fé’, se consolidou em forma de ‘benção’ ao relacionamento que se iniciava, no dia do último debate, do qual Bolsonaro não participou, pois alegou cuidados médicos em virtude da ‘facada’ que o atingiu, na cidade de Juiz de Fora, MG. A Record, no mesmo horário da transmissão do debate, exibiu “uma longa e amena entrevista” com o candidato (NASCIMENTO, 2019, p. 373). O incidente gerou revolta dos partidos da base petista e dos veículos de comunicação que promoveram o debate.

Nos bastidores, pastores e bispos também atuavam junto aos fiéis, através de ‘correntes’ e ‘cultos’, direcionando os fiéis ao voto.

Eleito presidente no dia 28 de outubro no segundo turno, Jair Messias Bolsonaro recebeu 57.797.847 votos (55,13%) e Haddad, 47.040.906 (44,87%) dos votos válidos.

Os debates em torno da questão de um ‘projeto de poder ‘iurdiano’ emergiram fundamentalmente, após o lançamento do livro *Plano de Poder*, em 2008, de Edir Macedo.

No livro de Edir Macedo, *Plano de Poder* (2008), o bispo enfatiza a relevância de um projeto de poder e da participação efetiva dos evangélicos no campo da política⁵¹. Uma das justificativas encontra forte reverberação e inspiração no Príncipe

⁵¹ Os debates em torno da questão da religião no espaço político, ou de uma ‘religião pública’, são realizados por vários autores, entre eles (Burity, 2015; Camurça, 2019; Montero, 2018). Conforme Carranza (2020, p.186) em interpretação de Burity, “se indica que a noção de religião, na religião pública, assume um caráter relacional e histórico, mais do que essencialista, pois suas fronteiras são delimitadas na arena pública, não pelo puramente religioso, mas em disputa pelo poder com outros atores religiosos ou não. Sobre a religião pública, Montero (2018), diz: “Ela permite perceber como esse setor religioso na sua representação partidária, expansão midiática, implementação de programas assistenciais e de entretenimento, inauguraram outras modalidades políticas e funções públicas. Eles conseguem desvencilhar sua participação religiosa da eclesiástica, distanciando-se do modelo católico (hierárquico-eclesiástico) o que traz uma nova compreensão da religião na vida pública” (MONTERO, 2018, p.35 *apud* (CARRANZA,2020, p.188)

de Maquiavel, “a arte de governar e estabelecer o poder”. Na construção discursiva, está a ideia do retorno ao ‘paraíso perdido’, fundamentado em uma restauração do elo entre Deus e os ‘crentes’ e apresenta-se, também, a passagem bíblica do livro do Genesis, o qual retrata o aspecto do ‘homem’ e seu domínio sobre os demais seres vivos (Gn 1:26). E conclui com a seguinte interpretação: “A resposta está aí, pois essa passagem bíblica menciona claramente um reino e domínio⁵² terreno e não após a morte dos filhos de Deus” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 12). Para Pérez Guadalupe e León (2020), a concepção da teologia pentecostal remontava o aspecto ‘pré-milenarista’, ou seja, a ‘fuga do mundo’ que inibia a presença na vida política, uma espécie de “sala de espera” para a eternidade (PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 37). Ou seja, essa sala era o local de aguardar a segunda vinda de Cristo, a *parúsia*, esse fato gerava uma forma de resignação, porque interferir se a vinda do messias está próxima. Nesse sentido, Oro e Tadvald (2019) ressaltam que “os líderes pentecostais consideravam a política algo mundano e pecaminoso e promoveram a não participação nela” (2019, p.61). Por outro lado, os neopentecostais, especificamente, a IURD, avançam em outra direção. Aquilo se compreende como pós-milenarismo⁵³, de uma sociedade a ser disputada, o tempo presente é o momento da prosperidade, isto é, o futuro se consolida no presente. Passa-se do “modelo ‘missionário-protestante-estrangeiro’ ao modelo ‘pastor-evangélico-nacional’” (PÉREZ

⁵² “Esse passo necessário para a mudança de atitude em relação ao ‘mundo’, à sociedade e à política, foi realizado pelo movimento neopentecostal graças, basicamente, a três formulações de sua proposta teológica: a) a ‘teologia da prosperidade’, que idealiza a lógica de acúmulo e confere expectativas de sucesso material e econômico à ação religiosa, que, até então, era mais associada a lógicas de frugalidade, ascetismo e solidariedade; b) a ‘teologia da guerra espiritual’, que identifica a demonização do mundo e a identificação de espaços geográficos ou territoriais que devem ser ‘liberados’ ou ‘exorcizados’ para que as posições cristãs prevaleçam; c) a ‘teologia do domínio’ ou reconstrucionismo cristão, que exacerba o destino manifesto dos cristãos de acessar o poder religioso, político ou qualquer tipo de poder, acima de tudo e de todos”. (PÉREZ GUADALUPE; LÉON, 2020, p. 162).

⁵³ “Para o pós-milenarismo, o milênio representa uma era de ouro, um tempo de prosperidade espiritual que ocorrerá no tempo presente da Igreja, em uma espécie de grande avivamento que envolverá a conversão maciça de gentios e judeus em cumprimento à visão paulina que encontramos em Romanos 11:25-27. Sempre no tempo da Igreja, o homem de ilegalidade aparecerá no mundo (2Ts 2:11ss.), e somente no final ocorrerá a segunda vinda de Cristo. Satanás será derrotado, os mortos ressuscitarão e haverá um novo céu e uma nova terra”. (ALBERTO F. ROLDÁN, 2002, p. 106 *apud* PÉREZ GUADALUPE, 2020, p.38).

GUADALUPE, 2020, p. 100). A lógica se inverte, portanto, é a construção do Reino de Deus na Terra, no sentido da reconstrução do paraíso original da tradição cristã, para assim, então, recepcionar a segunda vinda messiânica. A IURD não apenas se lança nessa visão teológica, como flerta com elementos anteriores, com finalidade 'restauracionista', de retomar um tempo "mítico bíblico em sua forma de experiência visceral – sob a égide de incentivo à aproximação de Israel com mudanças na política externa e, ainda, pela reprodução da Terra Santa em território nacional como no caso radical do Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus" (VITAL CUNHA, 2020, p. 246).

O papel do Estado e da política na vida são sobremaneira decisivos, e o que define e assegura essas representações é o processo eleitoral (MACEDO; OLIVEIRA, 2008). O bispo Edir Macedo, para endossar o discurso, articula o significante - os evangélicos – contextualizando-o no cenário nacional, de modo estratégico, e com isso estabelece cadeias de equivalência discursivas que dialogam com outras denominações cristãs, conforme:

um movimento social organizado com cerca de 40 milhões de pessoas, que são os evangélicos, teria uma força e tanto. De forma alguma estamos sugerindo que os evangélicos e suas respectivas igrejas se tornem partidos políticos, mas sim que não fiquem omissos acerca desse tema (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p.33)

A lógica discursiva engendrada remete ao aspecto de uma interioridade religiosa, delimitada institucionalmente, todavia que se volta ao espaço público, como ampliação dos tentáculos da mídia que pertence ao grupo familiar de Macedo, que, entre os evangélicos, são os que mais controlam esse sistema de comunicação no país. Os discursos que se propagam massivamente, a partir da narrativa oficial da igreja, inclusive, se multiplicam pela adesão ao processo de midiatização, conforme o diálogo entre Camurça (2020), Giumbelli (2008), Mariano (1999) e Gutierrez (2015):

Tornou-se quase um consenso na opinião pública de forma geral, através da amplificação que faz a mídia, com reverberações para a análise acadêmica, que o cerne da identidade da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é sua vocação para o poder: "o que estava em disputa era sempre o poder" (Mariano, 1999, p.81). Ou, "seu engajamento na esfera política visa basicamente [...] a conquista de poder" (Mariano 1999, p. 91). Seus adversários políticos, na ocasião dos embates que travaram com a igreja, sempre buscaram alertar

sobre o perigo dessa sua ambição de poder. A grande imprensa também disseminou a advertência de que a igreja estaria por trás de partidos, candidaturas e secretarias de governo para impor políticas que materializavam seu interesse expansionista (Gutierrez, 2015, p.50). A identificação de um projeto de hegemonia pela IURD foi associada ao livro Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política, de autoria do Bispo Macedo (2011), julgado como comprovação do “teocratismo” que a igreja desejava exercer (Giumbelli 2008, p.90) (CAMURÇA, 2020, p.43).

Sobre o contexto de mudanças do espaço público, de sua ocupação e disputa de poder, é uma tendência que atravessa muitos predicados: o "retorno do religioso", a "desprivatização da religião". A configuração do cenário da “intensificação da disputa entre minorias e majorias religiosas no espaço público e uma multiplicação de contenciosos entre religião e não religião, por meio de controvérsias públicas ou de competição política” (BURITY, 2017, p.49-50).

o transbordamento da competição religiosa pode refazer a fronteira entre o político e o religioso, o sagrado e o profano, e as disputas entre secular e religioso recompõem toda uma cartografia do conflito social, sob circunstâncias determinadas(...), tudo isso é articulado [de modo relacional] (BURITY, 2015, p. 94).

Portanto, é no nível político que o amalgama entre o sagrado e o profano se constituem e a Universal nesse sentido apresenta um caráter novo. De acordo com Dozon; Oro; Corten (2003):

O que ocorre, de fato, quando as categorias teológicas que se secularizaram para se tornar políticas, retomando a fórmula de Carl Schmitt (1988), são elas mesmas uma imbricação do sagrado e do profano? A guerra espiritual concebida numa perspectiva de geopolítica internacional põe em cena o combate de forças invisíveis, reciclado, no entanto, num imaginário de transparência globalizado pelo uso maciço da mídia (DOZON, CORTEN, ORO, 2003, p. 39).

O repertório discursivo que articula a IURD, opera com os elementos teológicos que impregnam o político. A gramática de demandas de direitos, de representatividade, da moralidade pública, e a vontade de poder, são engendradas pelas seguintes fundamentações: teologia da prosperidade e confissão positiva – no plano econômico; teologia do domínio e restauracionista – do ponto de vista político; e a ‘guerra espiritual’ – na fronteira relacional.

Um fator relevante é o da representação. A disputa do espaço público e político, além de formas de identificação e de consolidação das demandas pleiteadas, estabelece pontos relacionais com a identidade que é representada no exercício do poder nas esferas do Estado Democrático de Direito. Portanto, pensa-se, aqui, a religião e os evangélicos não apenas no espaço público, mas uma ‘religião pública’ que, segundo Burity (2020):

A nomeação de uma elite parlamentar e pastoral evangélica nos ajuda a qualificar tanto o caráter político do processo (uma construção de hegemonia intraevangélica como projeto e não a partir de um projeto pré-existente) quanto sua legitimidade última (um discurso particular, articulado em torno de um grupo particular, produzindo um efeito hegemônico não isento de contestação) (BURITY, 2020, p. 208).

A Universal, além de estabelecer sua hegemonia no território público, (mídia, empreendimentos, templos), lança, pela mediação partidária (PRB -Republicanos), e pelos apoios a candidaturas majoritárias, suas marcas de ‘vontade de poder’. Camurça (2019) apresenta dois cenários: “De um lado, esses religiosos estariam retomando o espaço público do qual foram banidos, pelos processos secularizantes e pelas opções teológicas de determinados grupos. (...), por outro, resgatando o conceito de religião pública, “a ascensão política dos evangélico-pentecostais é tida como a expressão de uma religião pública que redesenha a identidade religiosa e altera estruturalmente a posição, atuação e presença pública dessa participação política” (Camurça, 2019, p. 138).

As minorias religiosas são construções relacionais, na afirmação de suas identidades e na disputa do espaço público. Na reconfiguração do campo democrático, essas mesmas mudanças “politizaram as demandas minoritárias, construindo entre elas cadeias de equivalências imprevistas e inauditas”, (BURITY; GIUMBELLI, 2020, p.10). No reordenamento das minorias na dinâmica social estão: demandas de gênero, lutas do movimento negro, reivindicações sindicais, bandeiras pela ecologia, debates em torno da identidade e da cultura, pautas das comunidades originárias e a presença dos direitos humanos. Esse acúmulo também potencializou

a participação de novos agentes – o surgimento de novas minorias, inclusive as religiosas, que ampliaram os movimentos minoritários.

A IURD, com sua maquinaria, apresenta-se sob as duas condições de ‘minorias perseguidas’ mobilizadas pela ideia de ‘representação’ e, concomitantemente, de uma denominação, sempre presente no espaço público, contudo, que mescla discursos religiosos, políticos e econômicos para consolidar uma forma de teologia política.

A aproximação da Universal à teologia política, apresenta em suas práticas discursivas o teológico como articulação de seu ímpeto pelo poder e, ao mesmo tempo, ‘plano de poder’. Esse estreitamento se apresenta em duas faces – uma voltada ao antagônico – a outra, dirigida ao ressentimento.

No Ocidente houve um empenho para construir um novo inimigo, porque o medo é sempre uma ajuda para o governante. O inimigo é o Outro, o que põe em perigo a própria identidade, seja a ameaça real ou induzida. O temor ao Outro favorece a coesão nacional em torno do poder e faz com que a cidadania seja menos exigente com os que governam, que são também os que a protegem. (RAMONEDA, 2000, p. 22-23 *apud* CHAUI, 2006, p. 126)

A contingência e a efemeridade são características proeminentes do terreno onde se articulam os afetos, sobretudo, o medo e a insegurança diante do futuro. Esses dois afetos dialogam intimamente com o ressentimento. "Ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer" (KEHL, 2020). Isso é permanentemente articulado pela IURD como vítima perseguida. Na chave do ressentimento, não é a incapacidade de se esquecer ou perdoar que prevalece, "é um que não quer se esquecer (...), não perdoar, nem superar o mal que o vitimou" (KEHL, 2020). No campo da política, o ressentimento assume uma outra amplitude. Ele se constrói na interface, conforme:

entre a lei democrática – antecipação simbólica de igualdade de direitos – e as práticas de **dominação paternalistas**, que predispõem a sociedade a esperar passivamente que essa igualdade lhes seja legada como prova do amor e da bondade dos **agentes do poder**. (KEHL, 2020).

Esses dois movimentos, medo e a presença do *outro* (inimigo), conforme Chauí, apontam para duas questões que atravessam o fundamentalismo religioso: “mas simplesmente se esforça por contorná-la apelando para duas formas inseparáveis de transcendência: a divina (à qual apela ao fundamentalismo religioso) e a do governante (à qual apela ao elogio da autoridade política forte)” (CHAUÍ, 2006, p. 128).

Essa lógica opera na impotência dos sujeitos diante da contingência – onde medo e superstição atuam, e a questão do religioso é fundamental nessa trama. Portanto, o fundamentalismo não é senão o regresso do ressentido, uma forma de repetição dos males recebidos, sem a resposta ou ação ativa diante de quem foi responsabilizado.

O histórico apresentado neste capítulo da Igreja Universal do Reino de Deus atravessou alguns eixos: a gênese da própria Instituição e de seu fundador Edir Macedo; a dinâmica dos discursos religiosos da IURD nos templos e nos meios de comunicação; o discurso econômico da Universal e suas propriedades e, por fim, a construção do discurso político desta denominação cristã a respeito *da* e *sobre* a política. Essa gênese é relevante à medida em que revela a fluidez e plasticidade da prática discursiva da IURD, contingente, parcial e precária.

Nesse momento inicial, procurou-se delimitar as fronteiras da maquinaria financeira que se retroalimenta nas relações que a IURD estabelece com sua missão de evangelização na fórmula *cura, exorcismo e prosperidade*; e de que há uma forma de teologia que articula tais discursos, ora voltados ao religioso, ora ao econômico e político.

Os antecedentes e desdobramentos da Igreja são centrais para a compreensão das relações estabelecidas entre ela e a política. Desde os posicionamentos de apoio em eleições presidenciais até os esforços para eleger parlamentares nas Assembleias e Câmara Federal, além dos passos que ela seguiu no campo da política para a aquisição de seu complexo midiático, da TV Record à Folha Universal, discussão que será desenvolvida no próximo capítulo.

Na sequência, abordam-se as mudanças que antecederam os meios de comunicação de massa até culminar na cultura midiática, fenômeno em que a IURD se insere, ao construir um verdadeiro império midiático, composto, também, por seu *streaming*, plataforma de conteúdos – Univervídeo -, que hospeda o programa de entrevistas Entrelinhas, objeto do último capítulo deste trabalho.

Cap. 2 - A Maquinaria comunicacional da IURD

2.1. Cultura midiática e ciberespaço

Um dos fenômenos anteriores aos conglomerados midiáticos é a indústria cultural e o produto por ela produzido - a cultura de massa. Os debates sobre a Indústria Cultural surgem na década de 1920, pela Escola de Frankfurt, e entre os autores desse período estão Theodor Adorno, Max Horkheimer, com *A indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* (1985) e Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987). O vínculo entre indústria cultural e cultura de massas tem como 'argamassa' a ideia do consumo. Ou seja, os bens, serviços, produtos são dirigidos a um público que, segundo a visão publicitária, seriam consumidores. A padronização dos bens e a lógica de se atingir um maior número de pessoas converte-se no 'reino da mercadoria'. Na sociedade de massas há apenas um todo homogêneo, com a negação das diferenças e das necessidades. Uma espécie de "gosto médio", onde se afinam as expectativas e vontades para que as possibilidades de padronização sejam mais efetivas. Os segmentos prósperos da indústria cultural são a moda, a música, o cinema, as novelas – em grande parte, conectados ao entretenimento. A indústria cultural teria um papel anestésico em relação à realidade, uma função alienante, que deriva da ênfase no divertimento proporcionado pelos seus produtos, "por outro lado, com seus produtos a indústria cultural pratica o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão. Em consequência, uma outra função: a de promover o continuísmo social" (COELHO, 1993, p.12).

O cenário da cultura de massa e posterior a ela é ainda mais complexo. Nele, as atuações têm protagonistas. O teórico espanhol Ignacio Ramonet ressalta que o primeiro dos poderes da globalização é o econômico-financeiro e, o segundo, o midiático "como o aparato ideológico da globalização" (RAMONET, 2003, p.246). Nessa forma de organização, sistêmica e em conjunto, "o que a imprensa diz a televisão repete, a rádio repete, e não apenas nos noticiários, mas também nas ficções, na apresentação de um tipo de modelo de vida que se deve apresentar" (RAMONET, 2003, p. 246-247).

A informação é uma mercadoria, porque é comercializada antes de informar. E a resultante dessa relação entre – produto (informação) e público (consumidor) é o lucro. O modelo de tráfego da informação é veloz, rápido, ultrapassa quaisquer barreiras. Tudo é imediato, efêmero, não há mais análise, somente impressões, sensações e a estimulação dos afetos. Gratuita, mesmo que não demandada por seu consumidor, a informação chega até o público. Contudo, essa gratuidade é aparente, pois nela está embutida a publicidade, sustentáculo da rede de informações e comunicação por meio dos excessivos vídeos publicitários disponíveis entre um conteúdo e outro em plataformas como Youtube, Instagram, Facebook, ou pelas portas de busca, dirigidas pelos algoritmos a serviço do mercado para rastrear e oferecer produtos.

No espectro das tecnologias no ambiente virtual, algumas linguagens são otimizadas em detrimento de outras. Imagem e som fundem-se e exigem modelos eficientes de transmissão. A estética é o repertório do audiovisual. Cena, texto, narrativa e notícia, “os fatos fabricados concorrem em condições de superioridade (melhor técnica, mais dramaticidade, criação de cenas e situações vividas impossíveis de obter na realidade) com os fatos brutos e reais” (MARCONDES, 2002, p.31).

Não há mais praticamente um organismo (administrativo, militar, econômico, social etc.) que não seja dotado de um serviço de comunicação e que não emita, por si mesma ou por suas atividades, um discurso pletórico e elogioso. Neste sentido, todo o sistema, nas democracias catódicas, tornou-se hábil e inteligente, totalmente capaz de manipular astuciosamente os *media*, os jornalistas e de resistir sabiamente à sua curiosidade (RAMONET, 1999, p.238 *apud* MARCONDES, 2002, p. 41).

Aqui, objetiva-se substituir a verdade pela emoção. Onde coexistem a sensibilização, dor, desolação, tristeza, mas também imagens de trabalho, solidariedade, luta nada é proibido.

a penetração da comunicação na informação, ou seja, os procedimentos de promoção indireta de produtos no corpo da própria mensagem jornalística, as estratégias de fazer passar inconscientemente uma propaganda como se fosse notícia de

interesse público, que os americanos chamam de *merchandising* e os franceses de comunicação (MARCONDES, 2002, p. 29).

As transformações nos níveis tecnológicos, desde as telecomunicações até as descobertas da nanotecnologia, trazem consigo a revolução digital, de tal forma que quaisquer possibilidades de distinção de componentes desse processo tornam-se complexas. Os territórios da mídia, da comunicação (cultura de massas) e da publicidade se imbricam, coexistem e traçam, de modo imperceptível, objetivos, estratégias e projetos. No passado, a percepção dessas áreas era revelada nas esferas da informação que compreendiam a imprensa, rádio, agências de notícias, transmissões noticiosas via televisão, sistemas de informação – *lócus* dos jornalistas. Outra esfera também é aquela voltada ao âmbito da institucionalidade, cuja motricidade é dirigida pela publicidade. As instituições, organizações, governos e igrejas têm estruturas comunicativas em veículos diversificados, modelos estruturados que contemplam a presença de porta-vozes como de profissionais estritamente da imprensa. Inserem-se no contexto da indústria da cultura de massas, aquela que abrange o entretenimento, telenovelas, a produção literária de massa, o cinema, programas de auditório, esportes. (RAMONET, 2003, p. 243-244).

Nessa teia de relações, a globalização é um destes fenômenos, em que sujeitos, instituições, governos se articulam, com o aparato da mídia. As corporações se fundem com empresas de segmentos correlatos, aumentando a fatia de mercado e de redução da concorrência. No início dos anos 2000, ocorreu uma das maiores fusões da história, a aquisição da Time Warner pelo grupo AOL pelo montante de 166 bilhões de dólares. A gigante do universo da internet adquiriu uma das grandes da comunicação assim como a fusão anunciada em 2021, do grupo norte-americano de telecomunicações AT&T, especificamente de sua filial, WarnerMedia (antiga Time Warner) - CNN e HBO, com o grupo Discovery. Essa transação financeira e corporativa coloca no mercado mais uma concorrente no ramo do *streaming*, em disputa com a Disney+ e a Netflix. De acordo com o comunicado conjunto das empresas que se fundiram, “o acordo combina o entretenimento premium e os produtos esportivos e noticiosos da WarnerMedia com a liderança da Discovery em entretenimento internacional e de não ficção” (Portal G1 de 17/05/2021).

Portanto, consolida-se a retórica da produção e objetividade do discurso híbrido midiático, ou seja, da informação, publicidade ou cultura de massas. O discurso é rápido, com brevidade e direto, a rapidez evita o tédio e o cansaço – é simples, extensivo, abrange uma gama mais ampla de pessoas - e, por fim, impõe-se a ideia da espetacularização, das ações performáticas, do drama ao riso, dos movimentos corporais, das expressões faciais e entonações. O tom deve ser o emotivo, por um “discurso infatilizante” (RAMONET, 2003, p. 249). Ramonet chama atenção a este termo pelo fato de que rapidez, simplicidade e espetacularização são artifícios efetivos na expressão através das emoções, analogamente ao discurso dirigido às ‘crianças’, breve, simples e emocional.

O conceito de veículo pelo qual se difunde a informação migra para a interatividade entre veículos. Não há o universo de uma linguagem específica, mas multiversos de linguagens onde som, escrita e imagem se misturam. Portanto, é sensorial, predominantemente. Abre-se a nova era da ‘mídiatização’, a cultura midiática.

A partir da evolução das estruturas de comunicação, tanto pelo aprimoramento das tecnologias quanto de suas técnicas, os meios de comunicação amplificaram a quantidade e extensão das informações. Não apenas destinados à notícia e ao entretenimento, mas agora como meios de evangelização. Conforme o teólogo e pesquisador Hugo Assmann, em *Igreja Eletrônica*, o televangelismo norte-americano influenciou as lideranças religiosas do Brasil pelo modo de utilização performático amalgamado ao universo pentecostal, marcadamente dotado de características de marketing atreladas à performance das lideranças religiosas de apelo emocional (ASMANN, 1986). No que se refere ao âmbito da emocionalidade, o repertório é utilizado para fins de evangelização: músicas, gestos, expressões que afloram sentimentos latentes vinculados ora a fatos do cotidiano prático como de aspectos de natureza estritamente espiritual.

Os papéis sociais dos interlocutores influenciam também o significado emotivo. De um sacerdote, um professor, um juiz de direito, espera-se um determinado comportamento linguístico considerado apropriado à sua posição. Quando ocorre um marcado desvio deste papel esperado no uso do vocabulário, é provável que resulte uma reação emotiva, tal como surpresa, assombro ou rejeição (BORDENAVE, 1982, p.71).

Asmann (1986) analisou o fenômeno televisivo. A TV apresenta grade de horário determinada, alternando entretenimento, esportes e notícias. Com a chegada da Internet, a lógica desses meios de comunicação mudou, imprimindo-se adaptações às novas demandas.

Em alguns episódios do programa *Entrelinhas* há a presença da articulação dos discursos mediada pelas lideranças da igreja, sobretudo, na figura do bispo Renato Cardoso, hierarquicamente, o representante “número 1” da instituição no Brasil. Por isso, para a pesquisa, é importante considerar alguns aspectos. Porque, conforme Cunha (2016):

Essa programação não-musical também atua no reforço dos conteúdos que alimentam o discurso das igrejas neopentecostais, centrado na prosperidade, na guerra simbólica contra espíritos do mal e na perspectiva intimista do cultivo da fé. Os entrevistados e debatedores são, em geral, lideranças reconhecidas no cenário religioso ou vinculadas a igrejas, bem como personalidades do cenário sociopolítico-econômico-cultural regional ou nacional (CUNHA, 2016, p.12).

O ciberespaço⁵⁴, *lócus* do *streaming*, é um eixo dinâmico e fluido das interações entre a diversidade comunicacional: “Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (LÉVY, 2015, p.102).

A presença da “cultura da midiatização” é substancial sobretudo para a compreensão dos meios de comunicação hodiernamente. O *streaming* não é somente um recipiente de conteúdos e discursos, mas uma forma de inteligência artificial, utilizada com tecnicidade e institucionalidade. “Essa lógica é aquela conhecida como

⁵⁴ “O ciberespaço designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados. Citaremos de memória, na desordem de uma lista heteróclita e não exaustiva: o hipertexto, a multimídia interativa, os *videogames*, a simulação, a realidade virtual, a telepresença, a realidade aumentada (o ambiente físico está captado, módulos inteligentes e comunicantes a seu serviço), os *groupwares* (instrumentos de ajuda na cooperação), os programas neuromiméticos, a vida artificial, os sistemas especialistas etc. Todos esses dispositivos encontram sua unidade na exploração do caráter molecular da informação em forma digital. Vários modos de hibridização entre essas técnicas e os meios de comunicação de massa ‘clássicos’ (telefone, cinema, televisão, livros, jornais, museus) são previstos para os próximos anos” (LÉVY, 2015, p.102).

processo de midiaticização, modos diversificados de interação, em determinadas sociedades, a partir da lógica das mídias”. A cultura midiática opera seus modelos de maneira fluida, com conexões, e fora de aspectos lineares (BRAGA, 2006 *apud* CUNHA, 2016, p.3). O espetáculo da midiaticização não é estritamente condicionado a imagens, mas é relacional, dá-se entre pessoas e sua mediação ocorre através das imagens (CUNHA, 2012).

A vivência se deslocou para a representação. Tudo que se verificava na esfera dos comportamentos atravessa o umbral que separava a vida privada do espaço público, meios de comunicação penetram o cotidiano e difundem tendências, bens, produtos e serviços, além da massiva cultura de culto à personalidade e do consumo (DEBORD, 2003). Nesse contexto, há uma troca de significados e interpretações dos símbolos ali difundidos, porque encontram identificações com os públicos que dialogam. Portanto, “a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado”. (HALL, 2016, p.17). Nesse cenário de identidades diferenciadas que compõem o espectro do cristianismo, o ponto de articulação que os une discursivamente é a iminência de um possível perigo à fé cristã, que visa, de acordo com alguns discursos, hegemonizar narrativas nas esferas políticas de decisão (legislativo, executivo e, em proporção reduzida, judiciário) ou dos movimentos sobre a religião. Essas demandas ganham força e fôlego através das leis e são discutidas e votadas pelos políticos. Muitos símbolos são disputados e apropriados. A Igreja Universal dispõe de um complexo midiático e massivo. Com essa ‘maquinaria comunicacional’ ela “informa e se posiciona sobre diferentes assuntos perante a sociedade” (MARTINS; OLIVEIRA, 2021).

Os cultos e pregações predominantes entre as décadas de 1960 e 1980, sob as digitais das performances de cura e de exorcismos, influenciados pelo tele evangelismo norte americano, que moldou a “Igreja Eletrônica”⁵⁵, revertem-se em um

⁵⁵ A contribuição do teólogo Hugo Assman para a compreensão do fenômeno circundante aos ‘tele-evangelistas’ e ao modo de evangelização e dos meios que se dispõem para fazê-lo é um pilar fundamental para a interpretação dos evangelizadores na América Latina e da influência que tiveram sobre as lideranças religiosas que adotaram estes modelos, adaptando-os à realidade e ao público. “O conceito de ‘Igreja Eletrônica’, assim como costuma ser empregado nos EUA, tem uma peculiaridade

modelo que simula os programas seculares, além disso, com forte predominância do entretenimento em seus canais e episódios.

Nessa mudança dos meios de comunicação, da transição e fluxo das informações pelas redes digitais e sociais, as mídias são mediadoras desse processo, tanto do ponto de vista discursivo quanto comunicacional. Elas amplificam a extensão e o efeito da mensagem propagada pelas lideranças religiosas que são multimídia, ou seja, perpassam os recursos digitais oferecidos, tais como: blogs, sites, canais, páginas (CUNHA, 2019). Os meios de comunicação, através da ubiquidade, não têm mais um lugar definido: o que há é o não-lugar.

As mídias estão no cotidiano da população e representam diferentes aspectos da vida socioeconômica, política e cultural, representam os políticos e a política. As mídias constroem a política simbolicamente, e é pelas mídias que a política ganha

que torna difícil sua transposição, sem mais, à nossa realidade (...) o intenso e crescente uso dos meios eletrônicos, especialmente da TV, por lideranças religiosas, quase sempre fortemente personalizadas e relativamente autônomas em relação às denominações cristãs convencionais. São os superastros da TV. Pelo seu tipo de mensagem salvacionista, com ênfase na salvação individual, são também chamados de 'supersalvadores'. Assman ressalta a respeito da peculiaridade onde essas evangelizações ocorrem, conforme: "a história deve ser compreendida mediante a análise de processos sociais, nos quais se inscrevem os agentes-indivíduos. E os processos sociais específicos (por exemplo, determinadas manifestações religiosas) só podem ser analisados corretamente dentro da totalidade dos processos sociais de caráter mais global" (ASSMAN, 1986, p. 16). O autor ressalta o aspecto da compreensão da Igreja Eletrônica nos EUA, para não incorrer em simples transplante de realidades, ao deslocar os elementos constituintes desse processo à realidade da América Latina. "A informação sobre a 'Igreja Eletrônica' nos EUA parece imprescindível para poder caracterizar melhor a originalidade dos programas religiosos eletrônicos em nossa realidade [América Latina]. Se nosso contexto social é diferente e se os destinatários preferidos são outros, é impossível julgar pelos mesmos padrões. Seremos forçados a distinguir, com muita clareza, aquilo que é fruto de importações e aquilo que é produção interna em nossos países, marcada por uma forte originalidade" (1986, p. 17). O eixo espetacularização e publicidade são vetores relevantes desse modelo de 'Igreja' evangelizadora. De acordo com Assman (1986), o contexto da América Latina está impregnado da situação de desigualdade social. Nesse interim histórico entre as décadas de 1960 e 1980, vieram à tona documentos ligados à Igreja Católica, como os de Puebla e Medellín, acerca da opção preferencial pelos pobres, no sentido de libertação. Nesse cenário que os evangelizadores com elementos da 'Igreja eletrônica' e de sua conversão adaptativa passam a desenvolver seu protagonismo. O autor diz: "o fundamentalismo proselitista fez, à sua maneira, a sua opção pelos pobres: transformou-os em destinatários principais do seu bombardeio de mensagens radiofônicas e televisivas. A 'Igreja Eletrônica' dos EUA coincide com esses evangelistas atuantes na América Latina na medida em que, também ela, articula os códigos de suas mensagens ao redor das inseguranças, medos, solidões e incertezas próprias do desvairedo capitalismo campeante naquele país. Mas na América latina, os 'milagres', as 'curas divinas' e as promessas de 'salvação', embora se valham igualmente de supostas intervenções divinas e recursos psicologistas triviais, se abastecem, sobretudo, de um referencial básico: a miséria extrema" (ASSMAN, 1986, p. 80).

significado (LIMA, 2009 *apud* CUNHA, 2020, p.59). Portanto, se a vida vivida é impregnada do fenômeno midiático, ela também sofre os impactos nas escolhas, reivindicações, demandas e vontades. E as mediações ocorridas pela internet, local de pluralidade de informações, se vê dominada pelos líderes de opinião. Conforme escreve Lima:

Isso significa que, do ponto de vista do poder de influência da mídia e, sobretudo, dos seus “formadores de opinião”, os dados recentes indicam que parcela importante de nossa população (inclusive da classe C), historicamente excluída do acesso à mídia impressa, estaria hoje em condições de multiplicar as mediações das mensagens recebidas diretamente da internet e por intermédio de suas lideranças (que se utilizam intensamente da internet) (LIMA, 2009, p. 33).

Uma das fissuras provocadas pelo processo de globalização é a alteração abrupta do modo de vida e reprodução dela, sobretudo nas relações de dependência e interdependência sob as vestes econômica, política, jurídica, religiosa, cultural, social e informacional - juntamente à alteração do modo de vida das pessoas, também à mudança das funções do Estado Moderno, em sua territorialidade, intensidade e finalidade. E, nesse emaranhado de relações, decisões e poderes, as mídias são um poder herdeiro da revolução francesa e das luzes, as quais exaltavam a transparência. Neste caso, as mídias não apenas são ambientes do jornalismo, mas equivalem ao complexo das organizações transnacionais: “Elas organizam e agilizam não só os meios de comunicação e informação, mas também a eleição, seleção e interpretação dos fatos, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou culturais” (IANNI, p. 21, 1998).

A partir dessa apropriação dos espaços comunicacionais, à princípio, radiofônico e televisivo, hoje, o ciberespaço, a produção e reprodução da vida são convertidas em um sistema de indefinidas formas de mediações. Os meios de Comunicação, de acordo com Carranza (2013), tornaram-se não apenas canais pelos quais transitam as pregações, curas, músicas, mas um complexo de produções materiais e simbólicas, “cultura midiática capaz de disseminar padrões, visões de mundo, imaginários sociais” (CARRANZA, 2013, p. 546). Entre as características evangelizadoras, utilizam-se da linguagem persuasiva e de técnicas para ampliar o comprometimento com as causas das igrejas. Quando se discute os conglomerados midiáticos para fins de evangelização, é importante ressaltar aqueles vinculados à

Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que adquiriu, a TV Record (em 1992), o que elevou sua influência e abrangência. A IURD terá uma habilidade diferenciada quanto à utilização “da linguagem midiática para escapar da rotina de formatos televisivos de cunho religioso, de outro, um gerenciamento profissional de capacidade de arrecadar fundos para a manutenção de seus impérios midiáticos” (CARRANZA, 2013, p.542). Essas imensas maquinarias narrativas perpassam desde a dor, as emoções, os medos e as práticas exorcistas da expulsão do mal.

O sistema simbólico orquestrado pelos complexos comunicacionais hegemônicos em cujo cenário “a ação midiática promove a invisibilidade de outros grupos religiosos e de evangélicos mesmos, de vertente progressista” (CUNHA, 2020, p.60), além de silenciamento de grupos que estão aquém desse potencial econômico, essa forma de operar no campo midiático, contribuiu para a profissionalização desses agentes evangélicos e para a elevação de um padrão no que tange sua visibilidade. “Nesse rastro, criou-se uma cultura midiática evangélica que possibilitou que esses grupos e os indivíduos e segmentos evangélicos que neles se inspiram se pusessem inteiramente à vontade no mundo das mídias digitais” (CUNHA, 2020, p. 60).

Essa ‘vontade geral’ de influenciar as consciências já fora discutida em relação ao conceito de multidão, expressão utilizada pelo sociólogo Gustave Le Bon, que percebia o poder das multidões nos espaços públicos como uma forma de “identidade, na qual os indivíduos estão submetidos a uma alma coletiva (...) a multidão é dominada por uma ‘mentalidade mágica’” (LE BON *apud* FERREIRA, 2000, p.8). Por isso, o entendimento a partir da perspectiva da teoria da comunicação abre possibilidades de interpretação sobre os aspectos correspondentes a condições particulares e gerais, em vista, inclusive, da difusão da informação massiva e veloz.

A concessão tradicional dos veículos de comunicação (TV e Rádio), que passa pela dimensão política – apadrinhamentos, negociações, acordos - é um campo de disputa. Não somente pelos empresários ‘seculares’, mas pelas lideranças religiosas cristãs, sobretudo, daquelas com matiz empreendedor. E essa competição antes estritamente ligada às corporações de comunicação, “assume agora a necessidade de controlar até os mercados mais remotos para vender seus produtos. As atividades de consultoria de marketing ganham cada vez mais espaço no mundo do trabalho”

(CUNHA, 1999, p.3). Nessa atmosfera dos meios de comunicação, os grupos religiosos não apenas compraram espaços em canais seculares como adquiriram suas concessões. “A mídia se torna o palco das mudanças mais significativas para as igrejas cristãs” (CARRANZA, 2013, p.541).

Os veículos de comunicação contemporâneos estão impregnados de aspectos da cultura de massas e do *modus communicate* midiático, cujos vetores da relação mercado-consumo apontam para a direção do marketing e das estratégias de comunicabilidade, assim como do público com quem dialogam:

na lógica da cultura de massa o sucesso, também, passa pela geração de mecanismos de comunicabilidade, compreendidos como estratégias que visam a identificação do consumidor com o produto. Esses artifícios, de um lado, são modos com os quais se fazem reconhecíveis e se organiza a competência comunicativa dos emissores e dos destinatários; de outro, acionam no público-alvo dispositivos culturais que ativam sentimentos de pertença e identidade, anseios e desejos de felicidade capazes de deflagrar processos de adesão inusitados. (BARBERO, 1997 *apud* CARRANZA, 2005, p.68-69).

Na sociedade de massas, na qual o aspecto do consumo e da informação massiva dirigida a um determinado público se liga à fluidez, à transitoriedade e às formas híbridas, os “velhos conteúdos representativos são progressivamente substituídos pelo envolvimento sensorial, enfim, pela pura relação” (SODRÉ, 2002, p.192 *apud* PENHA, 2006, p. 6). Na mesma direção, enquanto a cultura de massas concebia os meios apenas como transportadores de sentido, das interações entre produção e recepção - a cultura midiática, porém, não é instrumentalizada, mas constitutiva da estrutura social (BERGE, 2007, p.26). Portanto, o que ocorre na mudança da cultura de massas para a cultura midiática é que “ela deixa de ser veiculante, de representação para ser vicária, organizativa, formuladora e formadora de um novo *bios*”⁵⁶ (BERGER, 2007). Os dispositivos de tecnologia da comunicação e informação desenvolveram um território de vida conjuntamente, em uma dinâmica

⁵⁶ “o *bios* midiático, modificado na origem, geneticamente transmutado” (SODRÉ, 2002, *apud* BERGE, 2007 p. 26)

espaço-temporal, cujas regras organizativas são a velocidade e o imediato, moedas de valor referente ao universo dos saberes.

Na *Sociedade do espetáculo* Guy Debord (2003) preconizava o domínio da imagem sobre a palavra. Refere-se a um mundo ‘tecnoestético’. “Na direção de Debord, a comunicação midiática tem como característica fundante o regime de visibilidade, a instantaneidade, a tecno-interação e a hegemonia da imagem” (BERGER, 2007, p. 27).

A cultura de massas forjou o modo das igrejas utilizarem os meios de produção, sob o prisma de ‘meios’, canais de transmissão da mensagem. Por outro lado, “as novas religiões nascem fundidas, geneticamente produzidas pela mídia, particularmente a televisão”. Essas denominações religiosas estão inseridas no ‘*bios* midiático”, cuja sobrevivência é adentrar nesse sistema e de dominar essa nova lógica (BERGER, 2007, p. 29).

2.2. A Maquinaria comunicacional da IURD

A Universal conquistou outros espaços fora dos templos. De acordo com a pesquisa “Media Ownership Monitor Brasil” (2017) desenvolvida em parceria entre a ONG Repórteres sem Fronteiras e o Coletivo Intervezes, dos 50 veículos de comunicação de maior audiência e capacidade de influenciar as pessoas, 9 deles estão sob o controle de lideranças religiosas. A que detém o maior domínio nesse segmento é a Universal. O grupo controlado pela Record é composto pela RecordTV, a RecordNews, o Portal R7 e o jornal Correio do Povo (RS), e o sócio majoritário, desde 1989, é o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus. Outros bispos possuem também, desde 1995, emissoras de rádio, como as que formam a Rede Aleluia, também incluída na pesquisa pelo seu alcance e audiência (Portal Intervezes, 2017). Ela detém também a Folha Universal⁵⁷, impresso fundado em 1992

⁵⁷ O veículo de comunicação impresso, se converteu, segundo Fonseca (1997), “ora como defesa institucional”, ora como “material de campanha” dos candidatos da igreja” e ora como material evangelizador” (FONSECA, 1997 *apud* FONSECA, 2003, p. 260).

(...) Em entrevista com o diagramador Lionel Motta, Penha Rocha (2006), resgata alguns aspectos relacionados à Folha Universal e à forma e postura do veículo. “A Folha Universal parecia ser um jornal

com tiragem de 1,8 milhão de exemplares semanais, a IURD TV (WEB), e um *streaming*, a Univervideo.

A primeira aquisição da IURD ocorreu em 1980, com a compra da rádio Copacabana, no Rio de Janeiro. Antes, Edir Macedo, dividia tempo na transmissão no programa de entrevistas, *O Despertar da Fé*, ao lado do cunhado, R.R. SOARES⁵⁸. Macedo, porém, tinha apenas 15 minutos, com o quadro Painel da Verdade. Três anos após a primeira rádio, a Igreja contava com uma inserção de 27 programas de rádio. Edir Macedo, nas experiências com este veículo, começou a “popularizar a estratégia de combate ao demônio nos meios de comunicação” (NASCIMENTO, 2019, p. 54). As práticas de discursos de vilipêndio e intolerância às religiões de matriz afro-brasileira ganhavam forte repercussão, como programas de embates entre ‘Jesus e

normal. Os três primeiros meses [em] que trabalhei lá foram bem tranquilos; mas com a proximidade da política e por eles terem os candidatos deles, em tese, a situação começou a mudar porque a pressão sobre a Folha começou a ser muito pesada. A gente, profissionais de comunicação, começou a ser muito visado porque tinha que ficar dando matérias como meio de atacar os outros. Quando você tem um candidato na casa, você tem que fazer a sua (...) isso é uma coisa que acontece mesmo em qualquer veículo de comunicação, só que mais camufladamente. Lá é mais escrachado” (PENHA ROCHA, 2006, p.10). E ele conclui a respeito do tempo na linha editorial: (...) “tinha uma coisa meio que contra a Igreja Católica e contra os candidatos de oposição aos interesses deles. O máximo que conseguíamos fazer era com que isso fosse o mais velado possível; enfim, menos agressivo, até porque sabíamos da possibilidade de processos, e como era o nosso nome que estava estampado lá, nós é que seríamos chamados à responsabilidade (...) Era fácil perceber que havia um direcionamento pelo meio brutal. Lá não usavam muito as entrelinhas. A gente tentava fazer, às vezes, com que usassem entrelinhas para que não houvesse problemas a posteriori, mas a autoridade dos bispos era maior.” (PENHA ROCHA, 2006, p. 10).

⁵⁸ Romildo Ribeiro Soares começou a se apresentar na televisão ainda quando co-fundador da IURD, em 1977, na TV Tupi do Rio de Janeiro. Após ter se desligado da IURD e se estabelecido sozinho, voltou para a TV apenas em 1982. Porém, a sua visibilidade se deu por intermédio da TV Gazeta no horário nobre e, depois, pela abertura da TV Bandeirante graças a um contrato milionário considerado suficiente para resolver os urgentes problemas de caixa da rede comandada por Saad. R.R. Soares ocupa neste momento o horário das oito às nove da noite, de segunda a sexta. Ao mesmo tempo, instrumentalizava sua própria Rede de TV, a Rede Internacional de Televisão (RIT), que começou a operar em 1999. Nove anos depois, a RIT tem oito estações próprias, uma afiliada (Bahia) e 170 retransmissoras. Transmite para o exterior usando o Satélite HotBird8 e tem uma equipe encarregada de dublar para o inglês e espanhol a sua programação religiosa ou colocando legenda para facilitar a transnacionalização da mensagem e de seus programas. A RIT coloca no ar as suas imagens no Sul da Flórida por meio de canal a cabo. (CAMPOS, 2008, p. 18).

os orixás, com a vitória de Jesus sobre Exu' (NASCIMENTO, 2019). O *Despertar da Fé*, logo transitaria da rádio para a exibição na TV Bandeirantes.

A Record TV está vinculada a um conglomerado de empresas de maneira societária: a B.A. Empreendimentos e Participações, Rádio 99FM, Rádio e Televisão Capital, Sistema Sul de Comunicação (SCC), TV Record de Comunicação do Rio de Janeiro LTDA e Televisão e Sociedade LTDA. O grupo, com 29 emissoras próprias e 79 afiliadas, teve um faturamento⁵⁹ anual em 2017 de R\$ 1,8 bilhão e no ano anterior, um lucro líquido de R\$ 227 milhões. As concorrentes Rede Globo e SBT tiveram faturamento no mesmo ano que a Universal, R\$ 9,7 bilhões e R\$ 988 milhões, respectivamente (NASCIMENTO, 2019, p.319.322). Segundo Fonseca (2003), em 2003, o potencial da IURD em níveis comunicacionais contava com emissoras de rádio, 21 AM e 31 FM, ligadas ao grupo Rede Aleluia, e 63 emissoras de televisão, elevando-a ao terceiro lugar em números de retransmissoras e audiência: a Unipro - editora responsável predominantemente pelas publicações ligadas ao grupo - e a Line, Records dedicada ao gênero gospel. A Record tem mais concessionárias do que a própria rede Globo (FONSECA, 2003, p. 259). O sistema radiofônico da Universal se expandiu, em 2019 - somente através da rede Aleluia, detinha 68 rádios. (NASCIMENTO, 2019, p. 319, nota 4).

Para Freston (1993), os meios de comunicação de massa utilizados pelos evangélicos nas décadas de 1980 eram os radiofônicos, as Igrejas: Universal, Deus é Amor, Internacional da Graça, Casa da Benção dispunham desses recursos; e a Assembleia de Deus, desde 1940 (FRESTON, 1993, p. 137). A ocupação deste espaço televisivo se dilatou com os 'novos' pentecostais. "A Igreja Pentecostal de Nova Vida (TV Rio, Programa 'Ponto de Contato'); Igreja Universal do Reino de Deus (TV Tupi, Rio, Romildo R. Soares e Edir Macedo); 1985, Igreja de Nova Vida (Bispo Tito Oscar) e Igreja Cristo Vive (Miguel Angelo); IURD (nova fase), em 1980 com o programa "Despertar da Fé" (CAMPOS, 2008, p.14-15).

⁵⁹ Em 1999, a extensão da Record atingia todo o Brasil e seu faturamento anual era de cerca de 300 milhões de dólares (FONSECA, 2003, p. 259).

A Universal não seguiu estritamente a concepção de Igreja Eletrônica, herdada dos televangelistas norte-americanos. Utilizou-se da forma e enfatizou a relevância dos meios de comunicação na evangelização e nos rituais performáticos de cura e libertação, contudo, conforme Ferrari (2007), “A igreja Universal diferencia-se do televangelismo norte-americano e não investe apenas na mídia eletrônica, mas diversifica a usar uma variada produção escrita” (FERRARI, 2007, p.182). Porque o objetivo da IURD é o deslocamento dos fiéis ao templo, é a presença real e concreta nos rituais, por isso, “as diferentes formas de comunicação servem para aproximar e para solidificar a importância do templo como espaço de visibilidade e irradiação do evangelismo via escala de atos culturais (FERRARI, 2007, p.182). Neste espaço que a ‘magia’ ocorre, é (...) no templo que os fiéis são convidados a fazer ‘apostas’ com Deus(...) “é o espaço central da conversão” (ORO, DOZON, CORTEN, 2003, p. 234).

A mídia tem a potencialidade de amplificação da mensagem de evangelização. Ela rompe as barreiras espaciais, sociais e ideológicas e com isso, a IURD disponibiliza seus ‘produtos’ “para um público necessitado, que lhe paga o preço pedido, porque se trata de alcançar a felicidade, o bem-estar físico e espiritual” (MARIANO, 1999, 75 *apud* FERRARI, 2007, p. 181).

Os processos de aquisição da maquinaria iurdiana compunham o desejo de Edir Macedo, a vontade universal de propagar a palavra até todos os ‘confins do mundo’. Não somente amplificar a extensão da mensagem, mas do poderio comunicacional e econômico necessário para fazê-lo. Após o retorno dos EUA, em 1989, o Bispo, procurava uma “emissora cabeça de rede, não uma regional” (NASCIMENTO,2019, p.82). Neste percurso, porém, comprou a rádio⁶⁰ São Paulo do grupo Bandeirantes, por 6,75 milhões de dólares. Entretanto, nas aquisições realizadas pela Universal, a preocupação de constituir mediadores para que o nome do bispo e da Igreja não aparecessem - ‘testas de ferro’ -, era constante,

⁶⁰ Adquiriram a Record Am, não a FM, esta era de propriedade do governador Orestes Quércia, contudo, ainda estavam alocados no prédio de propriedade da Record (Nascimento, 2019).

fundamentalmente porque havia problemas em relação à legislação na compra de emissoras e, também, resistência de grupos midiáticos em negociarem com denominações religiosas.

O valor da Rede Record foi estipulado, após inúmeras negociações, em 45 milhões de dólares. Os proprietários eram o apresentador e empresário dos meios de comunicação Silvio Santos, dono, inclusive do SBT e a família Machado de Carvalho. O pagamento correspondia a “35 milhões pela TV e rádio Record de São Paulo, 5 milhões pela Record França; 5 milhões pela Record de Rio Preto” (NASCIMENTO, 2019, p. 92). O negócio foi fechado em nome de Odenir Laprovita Vieira, deputado e membro da IURD. O montante à vista foi de 5,7 milhões de dólares e o restante dividido em 32 parcelas.

A saúde financeira da Record estava acometida por dívidas, problemas trabalhistas, passivos, à época, para saldar a aquisição, quitar as dívidas e ainda investir em recursos para inovar e reorganizar a emissora, estimava-se em 250 milhões de dólares.

Para a Universal, com sua pretensão para além das fronteiras e sua crença no poder da comunicação, ela não pouparia esforços quanto à distribuição e direcionamento da arrecadação nos templos aos investimentos: “se estivermos construindo uma igreja, uma catedral, interrompemos tudo em função da compra ou arrendamento de uma rádio ou uma televisão” (FONSECA, 2003, p. 265). Em 1992 comprou a TV Rio, que pertenceu ao batista Nilson Fanini. Contudo, em virtude de problemas de adaptação, morosidade para o funcionamento, entraves políticos e econômicos, ela seria incorporada ao grupo da Record como uma retransmissora (FREESTON, 1993). Posteriormente, ‘abraçou’ a TV Sociedade (MG), em articulação com o político Newton Cardoso. Logo, ao ‘cesto’ de aquisições, viria a Rede Mulher, emissora fundada em 1994. À esta emissora foi incorporada a Rede Família, ligada à IURD. No entanto, em virtude de ajustes, grade de programação e investimentos, em 2007, a Rede Mulher foi extinta e no seu lugar foi criada a Record News, tal qual modelo que as concorrentes já possuíam e cuja emissora herdava a abrangência e penetração em inúmeras cidades.

As formas de gerenciamento da recente emissora e os desafios destes neófitos na administração, organização, planejamento e execução das demandas exigidas pela emissora e por este campo até então desconhecido da Universal, impuseram aos membros da Igreja duas principais decisões: característica de emissora secular, retirando, portanto, quaisquer dúvidas de que seriam um canal estritamente religioso; a contratação e manutenção de profissionais do ramo com os quais, concomitantemente, os membros da IURD aprenderiam sobre o funcionamento do veículo de comunicação. Conforme Campos (2008),

Edir Macedo, da IURD, tem insistido nesse ponto, embora ele mesmo, para levar a sua rede de televisão – a Record – à sobrevivência e não depender do caixa da IURD, acabou por manter a separação entre “rede de emissoras laicas” (a Record e a Record News) e “rede de emissoras religiosas” (a Rede Família). Ocasionalmente compra espaço em redes laicas, como o faz atualmente com a TV Gazeta. (CAMPOS, 2008, p. 14)

Os primeiros colaboradores eram recrutados na própria Igreja - “estes profissionais das áreas de serviços e manutenção do grupo Universal persistem até hoje” (NASCIMENTO, 2019, p. 110). Com o crescimento e organização da emissora, os fiéis iurdianos ocuparam funções estratégicas: “a administração, a engenharia, e os departamentos comercial e jurídico” (NASCIMENTO, 2019, p.112). O passo para a gestão técnica ainda necessitava de aprendizado com os profissionais de ‘fora da igreja’, como costumavam afirmar. Contrataram figuras com experiência no segmento. Guga de Oliveira, que trabalhou na TV Tupi na produção e programação e irmão de José Bonifácio de Oliveira, o Boni, personalidade central na estruturação do modelo televisivo da Globo. Guga de Oliveira depois foi substituído por Eduardo Lafon, que, na função de responsável pela programação, havia trazido ao canal, a apresentadora Ana Maria Braga.

Os percalços e os bastidores da aquisição da Record geraram inúmeros inconvenientes: processos, perseguições e, sobretudo, revelaram os meandros em torno das concessões e controle destes veículos de comunicação por políticos. A Universal não recebeu a concessão imediata da Rede Record, pelo contrário, ela comprou a emissora. “A aquisição por uma igreja reflete tendências econômicas (os

impérios da mídia se tornam cada vez mais *holdings* diversificados e não grupos especializados), mas em termos políticos Macedo era arrivista” (FREESTON, 1993, p.138). Por isso, ele se aproximou da candidatura de Fernando Collor de Mello, planejou estrategicamente quem participaria da mediação junto aos proprietários da emissora e do nome que assumiria a compra. O caminho de Macedo era árido, porque “sabia que entrava em um ramo disputado pela classe política e tentou se proteger”. (FREESTON, 1993, p.138).

Com a vitória de Collor (PRN) sobre Lula (PT), a IURD respirou aliviada no sentido da possibilidade da concessão e da transferência de nome dos proprietários. Próxima à posse do eleito presidente em 1990, Edir Macedo foi procurá-lo, em virtude de problemas financeiros pelo atraso nas parcelas do empreendimento que fizera. Isso começou a gerar impasses entre a Universal e o grupo de Silvio Santos e de Machado de Carvalho, ao desencadear, inclusive, disputas judiciais. O motivo justamente era uma fiança bancária. Conforme Nascimento (2019), o presidente Collor ‘deixou’ a resolução do problema sob a responsabilidade do tesoureiro da campanha, Paulo César Farias (PC), que sanou a questão imediatamente.

O Plano Collor – a valorização da moeda nacional diante da moeda internacional (dólar) e o confisco da poupança -, alteraram o cenário social e econômico brasileiro. A IURD foi beneficiada pela mudança em relação ao câmbio, porque contraíra sua dívida totalmente em dólar, isso acarretou a ‘suavização das parcelas’, que findaram em 1991.

O processo da Universal ainda dependia de trâmites da alçada do Executivo e do Legislativo. Pois, a concessão, renovação e autorização competem à presidência da República e à sua aprovação, do Congresso. Em investigação jornalística para o livro, *o Reino*, Gilberto Nascimento resgatou alguns detalhes dos subterrâneos dessa autorização: para a transferência da Record para o nome do bispo Edir Macedo, PC Farias havia pedido 11 milhões de dólares (NASCIMENTO, 2019, p. 166). Nesta mesma direção, o deputado e empresário do ramo de comunicação, José Carlos Martinez, que atuou como arrecadador na campanha presidencial de Collor (PRN), propôs ao Bispo a sociedade entre seu grupo – Central Nacional de Televisão (CNT),

TV Paraná (de Curitiba), TV Tropical (de Londrina), TV Corcovado (do RJ) e o grupo da Record. Isso, no entendimento do deputado, para ‘facilitar’ a concessão. Entretanto, por detrás desta fusão, estariam os interesses do presidente Collor no seu futuro político, que, em Alagoas já controlava algumas emissoras (NASCIMENTO, 2019). Na instância estadual, a proposta viria do então governador Orestes Quéricia que pleiteava as eleições de 1994, o qual ofertou 30 milhões de dólares por 51% da emissora (NASCIMENTO, 2019, p.119).

Fernando Collor de Mello, apenas em setembro de 1992, assinou a concessão e 15 dias depois, a outorga de 15 anos. Mas ainda faltaria a aprovação pelo Congresso, consolidada somente em 1994, no governo do presidente Itamar Franco (PMDB), vice de Collor, deposto pelo *impeachment* em 1992.

Diante do exposto, pairava, à época a dúvida sobre qual a fonte do dinheiro utilizado na compra da Record e dos meios de comunicação naquele período. A partir disso, tanto a mídia quanto a política começavam a investigar a suposta fonte do dinheiro. Além dessa frente de atuação, a Receita Federal buscava evidências da fonte originária dos recursos. Entre as acusações, estava a de sonegação fiscal mediante a simulação de empréstimos, com origem na doação dos próprios fiéis. Esse ciclo, segundo as investigações, alimentaria a evasão de divisas a paraísos fiscais e que retornavam ao país. “Parte do dinheiro livre de impostos havia sido desviado de suas atividades essenciais com a compra de emissoras de rádio e TV e empresas de ramos diversos” (NASCIMENTO, 2019, p. 210). Em 1997, a IURD foi autuada em R\$ 98,3 milhões, pela Receita Federal, contudo, recorreu e teve a dívida amortizada para R\$ 39,9 milhões, em 1999. Freston (1993) registra a operação realizada pela IURD para a compra da emissora, anotando que em relação “à compra da Record, concluiu-se que Macedo tomou empréstimos a longo prazo sem juros da igreja (a qual tem isenção fiscal como entidade sem fins lucrativos)” (FRESTON, 2019, p.109-110). Naquele momento, 1999, em decorrência dos depoimentos de lideranças da IURD para a Polícia Federal, que atestavam a Igreja como proprietária, a procuradoria da República propunha o cancelamento da Rede Record, o que não se concretizou.

O conglomerado midiático da Universal atinge 120 países, em um cenário no qual ela está presencialmente nos 5 continentes, em 95 localidades. A expansão da Record pelas fronteiras transnacionais em 2001, era transmitida nos EUA. Alguns anos antes, já estava na África do Sul, Angola e Moçambique. Neste país, ela tinha uma cobertura de 80%. Com exceção dos EUA, com uma programação secular, no sentido de separar os discursos da igreja daqueles da emissora, nos demais ela difundia conteúdo religioso nas madrugadas (FONSECA, 2003, p. 260). Praticamente nos 95 países que a Universal está presencialmente, ela se utiliza dos meios de comunicação, ora pela locação de horários, ora pela estrutura própria.

A programação diretamente na Record e nas retransmissoras do grupo, atende ao aspecto comercial, com a diluição nas madrugadas de exibições estritamente religiosas: Fala que eu te escuto; Inteligência e Fé, Palavra Amiga e Programação Universal. As exceções são os episódios de Escola de Amor, aos sábados, às 12h, os cultos nas manhãs de domingo e desenhos bíblicos. Se o grupo mantivesse sua estrutura exclusivamente voltada ao campo religioso, não se sustentaria “o que ela faz é a aquisição de estruturas de transmissão menores e setORIZADAS, por isso, preocupa-se com o lucro, influência e poder (MARIANO, 1999 *apud* Ferrari, 2007, p. 184). Logo, enfatiza o aspecto de marketing que se vincula à mídia. Atento às necessidades do público (consumidor), consegue dirigir as mensagens e os produtos que ofertam.

Nas exibições da IURD, alguns assuntos são frequentes: “desgraças, sofrimentos e crises relacionadas às diferentes faces do demônio, que dominam a vida das pessoas,” e, além disso, os rituais de cura e libertação das ‘garras do mal’ (FONSECA, 2003, p. 271). As performances são mediadas pelo ‘bispo-pastor-apresentador’, e os testemunhos são uma importante estratégia nestes cultos. O público à época que mais assistia aos programas da Universal era formado por “ex-participantes de religiões afro-brasileiras”. Isso ocorria, em razão de um processo de identificação, entre o convertido e aquela pessoa que ainda permanecia nestas manifestações religiosas.

Tudo modulado pela 'terapia espiritual', ou seja, ir direto às emoções (JUSTINO, 2021). A função da mídia, para Fonseca (2003), "é mais reforçar opiniões e interesses do que mudá-los ou cria-los" (FONSECA, 2003, p.277).

Nos demais veículos de comunicação, a Folha Universal, algumas emissoras de rádio e retransmissoras ou inserções em outras emissoras, que não pertencem ao grupo da IURD, a parcela de conteúdos religiosos é praticamente integral, sobretudo, nos canais pagos da Universal.

O poderio econômico que orbita e engendra a teia de investimentos da Igreja, a partir do epicentro irradiador, a Record, cresceu exponencialmente ao longo dos anos. Em 1995, enquanto a Globo faturava e 1,05 bilhão de dólares por ano, a Record estava no patamar de 35 milhões de dólares, desse montante ela saltou em 2017, para um faturamento de 1,8 bilhão. Em reportagem realizada pelo Portal UOL, a Record⁶¹ investiu em 2021, R\$ 622 milhões - novas mídias, modernização e produção - e o patrimônio da emissora cresceu 28% - de R\$ 5,05 bilhões em 2020, para R\$ 6,41 bilhões. O segredo do crescimento exorbitante, conforme a matéria, são as verbas do Banco Digimais estarem vinculadas às da emissora (Portal UOL de 23/05/2022).

Além desse conglomerado midiático, a IURD recebeu da Secretaria de Comunicação da Presidência (SECOM), R\$ 31,3 milhões, referentes a gastos com publicidades na TV Record e na Record News, em 2020. Para a utilização das madrugadas⁶² da Record, a Universal repassou à emissora cerca de R\$ 575 milhões, em 2016, que correspondia a 28,7% do faturamento naquele ano da TV (Portal UOL de 24/12/2016). A Igreja dispõe de uma verba de R\$ 800 milhões para o investimento em suas programações midiáticas, uma porcentagem dedicada à Record, por volta de

⁶¹ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/record-investe-r-622-milhoes-mas-tem-lucro-menor-que-o-sbt-em-2021-81476>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

⁶² Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2016/12/24/por-madrugadas-igreja-universal-pagara-este-ano-a-record-r-575-milhoes.htm>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

R\$ 500 milhões, a outra fatia diluída entre a Bandeirantes, Canal 21⁶³ (pertencente ao grupo Band), Rede TV, CNT, TV Gazeta de São Paulo (NASCIMENTO, 2019, p. 322).

Portanto, a mídia, é uma potente ferramenta dentro da estrutura 'iurdiana' de evangelização. Fonseca (2003), diz:

Primeiramente, entre os 'não-alcançáveis' pelas relações face a face, pessoas que não tiveram familiares ou amigos atuando em prol de sua conversão, o papel da mídia foi mais significativo do que a média. Um segundo aspecto a ser considerado refere-se à programação religiosos e sua capacidade de aproximar e naturalizar os telespectadores, preparar o 'meio campo' para a efetiva participação religiosa, a qual será, sim, mediada por pessoas de carne e osso (FONSECA, 2003, p.277).

E concluí que a TV, ao contrário dos televangelistas, que é ponto de partida das receitas levantadas e manutenção de inúmeros projetos, no caso da IURD, ela, inicialmente, se apresentou como um 'ponto de chegada':

o dinheiro levantado em outras atividades é que viabiliza a veiculação na mídia, geralmente sem levantar os fundos necessários para sua manutenção. A Universal não entra na mídia com o objetivo de arrecadar recursos, mas sim para divulgar seus *produtos* e atrair novos seguidores. Estes pagarão pelos *serviços* que utilizarão e poderão engrossar seu rol de dizimistas (FONSECA, 2003, p. 278).

Entretanto, essa lógica de que apenas os recursos da IURD provêm de fontes financeiras não lastreadas, não corrobora com a ideia em torno dos inúmeros empreendimentos que o grupo detém assim como do próprio patrimônio estimado do conglomerado Record.

2.3. A Universal e o ciberespaço

Nos passos da midiatização e do formato ascendente das plataformas de conteúdos, há o *streaming* da IURD, a Univervideo, inaugurada em 2016. Os produtos e serviços oferecidos pelo recurso virtual são transmitidos dentro do seu complexo

⁶³ A Universal e o grupo Band estão em uma disputa judicial em virtude da venda de horário para a igreja na transmissão do Canal 21. Além disso, a Band pretende utilizar o Canal 21 para outras formas de programas e conteúdo. (Portal UOL de 14/04/2022).

metabólico comunicacional: repetem-se na televisão, blogs, canais de Youtube da Igreja ou de páginas oficiais das lideranças, até o mergulho no lago do impresso.

O *streaming* é um tipo de tecnologia de transmissão de dados pela internet – uma inteligência artificial – cujo vetor é a indústria do audiovisual. Com a obsolescência de modelos de reprodução, repositórios físicos como fitas cassete e DVDs, a hospedagem de conteúdos encontra um novo lugar: as plataformas resultantes do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação que também compõem o ciberespaço⁶⁴.

Dentro do ambiente virtual e multissemiótico, as linguagens são híbridas assim como os recursos que as transitam. Ocorrem nele ressignificações de conceitos que pertencem a determinados campos, reenquadramento de narrativas que atendem às demandas às quais se dirigem – uma plêiade de signos e símbolos apropriados a todo instante e sem lugar definido.

O Streaming da IURD concentrou macrosséries, filmes, palestras de empreendedorismo, relacionamentos (programa “The Love School”), cursos, Univerkids (espaço para as crianças), programas religiosos – “*Fogo e Poder*”, “*Palavra Amiga*” (Edir Macedo), “*Sessão de Descarrego*” (direto do Templo de Salomão), assim como atrações voltadas ao turismo religioso, “*Conhecendo Israel*”, e o Programa “*Entrelinhas*” – que discute sobre diversos assuntos da atualidade e traz aquilo que está escrito nas entrelinhas, conforme enunciado da apresentação do programa. Tudo isso com um acervo de mais de 7 mil títulos: de acordo com a mensagem do próprio site da Univervideo, ‘um universo de conteúdo cristão’. A Univervideo funciona através de assinatura, nas modalidades mensal⁶⁵, semestral ou anual, a partir do que o cliente-consumidor tem acesso a inúmeros conteúdos de entretenimento à religião. Um complexo comunicacional potente, “já que seu holding tem mais emissoras de TV

⁶⁴ “O ciberespaço constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um de seus componentes. Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (LÉVY, 2015, p. 102).

⁶⁵ A assinatura mensal é de R\$ 18,90, com acesso a duas telas. No caso de Plano Familiar, quatro telas, é de R\$ 23,90.

próprias que afiliadas — a Rede Globo Conta com o maior número de afiliadas no território nacional”. (Rocha Penha, 2006, p.8).

A atmosfera estética do *streaming* utiliza cores e símbolos do repertório comercial. Na página inicial da plataforma, antes da realização do acesso para assinantes, ela apresenta inúmeros quadros temáticos: a famosa foto de Edir Macedo na prisão – com a frase: *Da prisão ao Altar, Escola do Amor Responde; Diga o Fraco: Eu sou forte; Segredos da Prosperidade; Programa Entrelinhas*, nas cores amarelo e cinza. A cor amarela, do ponto de vista no plano estético, além de compor o Entrelinhas, está em Altar, e em Eu sou forte. No espaço reservado aos assinantes, há um layout de transição que notifica a respeito das novidades e indicações que o próprio recurso oferta. São as manchetes do canal. *Novidades para este Jejum!; The Love Musical; Desafiando Gigantes; Ressurreição; as Temporadas da série Reis*. Abaixo, dispõem-se todos os conteúdos disponíveis, classificados pela modalidade, gênero, tudo direta ou indiretamente relacionado às temáticas que a IURD difunde em quaisquer de seus recursos midiáticos.

Este programa de entrevistas semanal é mediado pelo pastor-bispo-apresentador, Renato Cardoso, responsável pela Igreja no Brasil e em grande parte, conta com a presença do bispo Adilson Silva e do bispo Alessandro Paschoal, atual coordenador de política da IURD. As mediações e entrevistas variam de acordo com o assunto, portanto, a flexibilidade e itinerância de membros da IURD na grade da programação. A presença de mulheres nas entrevistas ocorre ora como fiéis que testemunham sobre alguma mudança na sua própria vida relacionada ao tema do episódio, ora como especialistas, opinando sobre algum assunto.

Em relação à audiência dos episódios transmitidos nessa plataforma, em virtude da característica de hospedagem de conteúdos e da função ‘mediatizada’ das produções, que percorrem todas as formas de recursos audiovisuais, é um fator que possibilita o acesso destas produções a qualquer momento. Conforme Carvalho (2017), o objetivo “é estimular o ouvinte e o telespectador a ir a um dos templos da igreja. A programação ao vivo da Univer (TV por assinatura na internet), por exemplo, é transmitida exclusivamente do Templo de Salomão, na intenção de chamar fiéis à

participação física, e não virtual, para as reuniões no templo” (CARVALHO, 2017, p. 56).

O tom beligerante e de espetacularização em algumas entrevistas que serão apresentadas na análise é uma tática de disputa entre os meios de comunicação, da qual a IURD não se furta. “Por meio da ação das mídias, as relações entre as pessoas transformam-se em imagens e espetáculos” (CUNHA, 2012, p. 105).

Não é apenas um espaço de entrevistas, contudo, um ambiente de posicionamentos claros e direcionados a um propósito – o posicionamento da Igreja que, como pano de fundo, mantém sua vocação em evidência, conforme Cunha (2012):

é mercado cultural, é religião de mercado. A fé, nesse caso, é uma produção ao redor da qual circulam produtos, bens e serviços, oferecidos para financiar a presença de grupos que têm poder financeiro nas mídias, e as consequentes ampliação de visibilidade e busca de hegemonia no cenário religioso”, e, ressalta-se político (CUNHA, 2012, p. 106).

A escolha do *streaming* como ponto de partida para a análise, tanto de como se produzem e do porquê se produzem estes discursos a respeito da política, é uma decisão que corrobora com o contexto de ascensão das tecnologias e das mediações das redes digitais e sociais, no acesso aos conteúdos que atravessam do entretenimento ao mercado financeiro.

De acordo com Pérez Guadalupe e León (2020), alguns episódios são relevantes para a configuração do cenário virtual:

primeiro, a quantidade de tempo que estamos conectados ao mundo virtual, graças à portabilidade, ao uso generalizado de telefones celulares (smartphones), à disseminação dos valores da cultura online e do interesse político e eleitoral. Em segundo lugar, a televisão deixou de ser o principal meio de informação e se tornou apenas parte do ‘pacote’ oferecido pela mídia virtual, aos quais se somam uma série de outras fontes onde coletamos informações instantaneamente (incluindo interação de opiniões entre nossas redes e pessoas de contato). Nos últimos anos, esse fenômeno fez com que políticos convencionais e os novos movimentos sociais tecnopolíticos atraíssem participação nesses espaços, para os quais ‘eles têm

Equipes de profissionais para gerenciá-los e até mesmo influenciar e manipular, O que significa que boa parte da política foi deslocada para as redes' (PÉREZ GUADALUPE; LEÓN p. 157-158).

Para os autores, é um momento em que “movimentos sociais e coletivos tecnopolíticos”, no meio evangélico, apropriaram-se dessa forma de fazer política, de modo a impactar o maior público. Estes grupos discursivamente mobilizam três potentes vetores:

a) intimidação da população, afirmando a existência de uma correlação entre questões de gênero (denominadas por esses grupos como ‘ideologia de gênero’) e marxismo ou (neo- marxismo cultural) como uma nova Estratégia de penetração comunista na América Latina; b) descrédito das Organizações do sistema das Nações Unidas e ONGs internacionais que Promovem os direitos humanos, divulgando teorias da conspiração que buscam Envolver essas organizações como parceiras na trama por um governo mundial E pelo fim da espécie humana atacando a família e promovendo direitos sexuais E reprodutivos; c) sua autopromoção como defensores da vida (entendida Apenas como a defesa do nascituro), da família (apenas a tradicional), da ordem Heteronormativa e do patriarcado como modelo (idealizado biblicamente) do Sistema de relações socioculturais que devem ser protegidas e promovidas (PÉREZ GUADALUPE; LEÓN, 2020, p. 159-160).

Portanto, o *streaming* é um destes recursos audiovisuais cujos conteúdos transcendem a própria plataforma, que, em alguns casos, são reproduzidos pelas redes digitais.

Algumas plataformas de conteúdos revelam os índices de acesso e da potencialidade deste mercado. A Walt Disney Company⁶⁶ tem 221 milhões de assinantes, a Netflix, 220,6 milhões. (Correio Braziliense de 15/08/2022). A Globo, com programação e assinatura apresenta os seguintes números: a soma entre os valores da Globoplay, vendas de programas ao exterior e assinaturas na TV paga resultou em R\$ 1,396 bilhão apenas no primeiro trimestre de 2022.

⁶⁶ O grupo tem múltiplas plataformas, Disney +, 152 milhões de assinantes; ESPN, 22,8 milhões; Hulu, 46,2 milhões. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/08/5029352-disney-supera-netflix-em-total-de-assinantes-em-streaming.html>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

De acordo com o portal de notícias da Univervideo, alguns números sobre os serviços: uma equipe composta por mais de 50 colaboradores, diretos e indiretos, em 7 países e continua crescendo e o público predominante são as mulheres, 60% dos assinantes⁶⁷ (Blog da Univervideo de 01/10/2021). Há 5 anos, em 2017, um ano após o lançamento da plataforma, a IURD afirmava 100 mil acessos por mês da plataforma (Portal da Universal, 2017). Com um acervo de mais de 7 mil títulos, segundo o perfil do serviço no LinkedIn, com transmissões ao vivo de cultos e palestras, tanto do Templo de Salomão, quanto de Templos em 10 países. (Perfil da Univervideo no LinkedIn).

A partir deste capítulo, que realiza um panorama acerca da maquinaria comunicacional iurdiana, pretende-se situar a IURD na sua diferença com outras denominações cristãs, pela sofisticação e poderio referente à sua estrutura de mídia.

Antes, porém, apresentou-se o contexto que antecedeu as formas modernas de comunicação, a indústria cultural e meios de comunicação de massa. Essas pegadas anteriores à consolidação do império da Universal retratam a capacidade de adaptação e de hegemonia no segmento, cujos veículos reúnem jornal impresso, rádios, TV, gravadoras e editoras, plataforma de *streaming*. Toda essa empresa de comunicação se coloca sob as novas formas de interação, a cultura midiática, cujo território é o ciberespaço, local definido como lócus desta análise, em que o objeto verificado são as práticas discursivas da IURD a respeito da política.

Esse patrimônio midiático fortalece seu discurso tanto de convencimento no que se refere às ofertas, como de sua amplitude ao atingir extensões e públicos em vários locais, não apenas do Brasil, como de mais de cem países.

A Universal e o ciberespaço, além de detalhar a programação, estrutura e números de seu *streaming*, explana a respeito do programa Entrelinhas, o qual será analisado no quarto capítulo desta dissertação.

⁶⁷ Disponível em: <https://blog.univervideo.com/2021/10/01/5-curiosidades-univer-video/>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

No plano metodológico combinam-se, na análise do objeto, a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantall Mouffe com a Análise do Discurso.

Capítulo 3: A pertinência da Teoria do Discurso para a compreensão do objeto desta pesquisa

O objeto desta pesquisa – a narrativa da Igreja Universal do Reino de Deus sobre a política -, é fluido, dinâmico e cambiante e está inserido nos debates atuais, pelas discussões emergentes de movimentos pós-estruturalistas e dos estudos culturais, que se inscrevem nos campos teóricos da Sociologia da Religião, da Teoria Política, da Antropologia, e, fundamentalmente, das Ciências da Religião.

A Teoria do Discurso remete ao intelectual argentino Ernesto Laclau, e é permeada por uma plêiade de influências epistemológicas. O território onde a teoria ‘laclauiana’ está circunscrita é o cruzamento dialógico do marxismo, estruturalismo, linguística, psicanálise, desconstrutivismo, pós-marxismo e pós-estruturalismo. A partir desse cenário, tanto como releitura e apropriação de categorias com criticidade a aspectos interpretativos delas, Laclau tece este ‘fio de Ariadne’ no labirinto do social como possibilidade de fundamentação.

A principal e angular obra de Laclau é *Hegemonia e estratégia socialista* (1985), em parceria com Chantal Mouffe, na qual ambos desenvolveram um dos pilares teóricos de seus estudos e, a partir dela, as bases da Teoria do Discurso. Dentre estes fundamentos desenvolvidos por Laclau e Mouffe, obviamente, encontra-se a própria noção de discurso, uma teoria sobre o político, ao redor do qual e dentro do qual algumas categorias são mobilizadas, por exemplo: elementos, pontos nodais, articulação, significantes vazios, hegemonia, contingência, antagonismo.

Para uma melhor apropriação conceitual e operante far-se-á uma retrospectiva do percurso de Laclau e das polissemias e polifonias que perpassam sua teoria, e, por fim, a dinâmica que algumas categorias assumem nesta pesquisa para a compreensão do fenômeno.

As circunstâncias que forjam e sedimentam a Teoria de Laclau se inserem no contexto da América Latina, de modo especial, em relação à sua “teoria da hegemonia”. “A experiência argentina do peronismo constitui o *background* no qual todo o seu pensamento sobre o político, incluindo sua recente teorização do populismo emergiu” (MARCHART, 2014, p.9). O teórico atuou no Partido Socialista e

no movimento estudantil e compôs, posteriormente, o Partido Socialista da Esquerda Nacional, além de ser editor do jornal *Lucha Obrera*, experiência que nutre a teoria 'laclauiana'.

As ideias de Laclau e Mouffe não ficaram apenas inscritas a um determinado contexto, mas reverberaram a partir de outros pesquisadores, pela tradição acadêmica que ficou conhecida como 'Escola de Essex'.

O "espírito do tempo" epistemológico e teórico que influenciou o pensamento de Laclau perpassa os inúmeros debates, sobretudo entre as décadas de 1950 e 1960, dentre os quais aqueles sobre a fundamentação e cientificidade que envolviam as Ciências Sociais, especificamente, a ciência política. As viradas sobre as formulações científicas, e do histórico binômio entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, ocupam a atmosfera dos círculos teóricos: desde as aproximações e reinterpretções dos escritos de Marx e Engels, assim como suas críticas acerca da obsolescência de determinadas categorias até os estruturalistas, com as contribuições de Claude Lévi-Strauss no campo da antropologia, Michel Foucault sobre os dispositivos do poder, Jacques Lacan em relação ao sujeito, e, uma questão anterior, onde transita Ferdinand Saussure, a linguística - cujos componentes teóricos ensejaram as pesquisas de Lévi-Strauss, fundamentalmente, sobre as noções de significado e significante e a função do signo, e os aspectos relacionais e normativos, consolidados na obra *Estruturas Elementares do Parentesco* (1982). Nessa teia epistêmica, Laclau voltava-se embrionariamente à dimensão do poder como aspecto constituinte e constituidor das relações sociais. Esse aspecto do poder é um dos eixos proeminentes nos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus, fundamentalmente, quando articulado no campo da política.

Ernesto Laclau se afirma pós-marxista. Ele, porém, não cogita uma ruptura com as teorias de Marx, pelo contrário, é leitor das obras do próprio Marx e de pensadores influenciados pelo seu pensamento. Laclau desenvolve sua concepção sobre o social e seus desdobramentos, não como um *leitmotiv* originário e preexistente, sob o aspecto essencialista. Isso não quer dizer que sua crítica a Marx signifique abandono. É uma leitura para além do materialismo histórico, cuja motricidade não está

condicionada somente, à equação capital-trabalho que se antagoniza na luta de classes presente na obra do filósofo alemão.

Em antítese, Laclau enfatiza a existência de uma rede de matizes sociais formadas “por um sem-número de identidades, constituídas a partir de relações discursivas antagônicas distintas do antagonismo de classe que, segundo a sua análise, têm *locus* particular e não um a priori universal neste intrincado jogo” (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p.48). A questão fundamental é a articulação da multiplicidade de antagonismos que permeiam o social, ora a partir de ações práticas com a finalidade hegemônica, ora como resultado dessas articulações entre demandas particulares e precárias na construção de uma nova subjetividade política.

Para esse jogo de desconstrução relacionado à concepção de um ponto central, estrutural e estruturante, Laclau recorre aos escritos pós-estruturalistas e ao pós-fundacionalismo em que se inscreve o filósofo Jaques Derrida que, no limiar, é o pêndulo entre “(des)fundamentar” e fundamentar, com base em um ponto de articulação universal e invariável. O problema que Derrida aponta no sentido de um fundamento do ser é um dos pontos com os quais Laclau compartilha. Na leitura desconstrucionista de Derrida, se houvesse um centro referencial, este seria caracterizado como um mito fundacional. Por conseguinte, propõe “um abandono declarado de toda referência a um centro, a um sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta” (Derrida, 2002, p. 240). Derrida discorda da ideia de ponto central da estrutura do ponto de vista funcional, porque seria um fundamento estrutural transcendente.

Mendonça, sobre essa afirmação de Derrida, diz:

Nesse sentido, um determinado mito governa uma dada sociedade, pois outro não a governa, Deus é de uma forma, pois não é de outra, a defesa da liberdade individual é intransigente, pois se decidiu assim contra a defesa da primazia do coletivo, a economia determina as relações sociais em última instância, pois não é a política que assume este papel e assim por diante. (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p.41)

Jacques Derrida, sobre esse movimento de descentramento, remete à ideia de *différance*, uma forma de adiamento de significado. Laclau percebe nos conceitos de Derrida a impossibilidade da ideia de sociedade como totalidade. A partir da categoria

de adiamento do significado no campo das diferenças, juntamente com a teoria de Lacan referente aos significantes vazios, Laclau estabelecerá a discussão de ponto nodal e do debate em torno da hegemonia. Portanto, haverá um discurso centralizador, em torno do qual, em seu ponto nodal, articulam-se elementos, através dos sentidos, que outrora não se articulavam entre si (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014).

Essa passagem sintética pelos espectros antecedentes ao pensador argentino, sobretudo com relação ao campo teórico e metodológico que ele constrói, são possibilidades indiciais e norteadoras dessa tarefa em perspectiva ao redor do objeto.

O cerne da Teoria do Discurso desenvolvida por Laclau e Mouffe, cuja obra originalmente foi lançada em 1985, é a questão do político, e dos seus entrelaçamentos entre poder e discurso. O discurso é a convergência entre os mecanismos comunicacionais inerentes à fala/escrita e, concomitantemente, os aspectos normativos da relação entre signo, significado e significante, apropriados da linguística de Saussure. Logo, a categoria “discurso” reverbera tanto em palavras quanto em ações, ela é “prática – daí a noção de prática discursiva – uma vez que quaisquer ações empreendidas por sujeitos, identidades, grupos sociais, são ações significativas” (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p.48). O discurso, para Laclau (2011), não separa entre si, a linguagem (retórica), o indivíduo e o aspecto político (a sociedade e o social). O discurso não está restrito a um caráter mental, mas se revela no aspecto material. O campo da discursividade é fonte de sentidos, significantes, discursos passados e presentes, trocas linguísticas e práticas, circulantes na sociedade num dado tempo. Uma fonte sem determinação dos resultados e articulações concretas:

discursos são estruturas descentradas onde os sentidos são constantemente negociados e construídos. Esta estrutura descentrada, ou ‘totalidade’ estruturada, ou ainda, discurso, é o resultado de práticas articulatórias estabelecendo relações entre elementos com diferenças não articuladas discursivamente (LACLAU; MOUFFE *apud* MARQUES, 2014, p.120-121).

A respeito da concepção de discurso vinculada ao campo da representação linguística, ou seja, a ideia sobre o objeto e não o próprio objeto, Laclau e Mouffe, enfatizam:

O que constitui uma posição diferencial e, portanto, uma identidade relacional com certos elementos linguísticos, não é a [ideia] de tijolo ou de placa, mas sim o tijolo e a placa enquanto tais. (a conexão com a ideia de pedra não tem sido suficiente, até onde sabemos, para construir nenhum edifício). Os elementos linguísticos e não linguísticos não estão meramente justapostos, sem que constituam um sistema diferencial e estruturado de posições, quer dizer, um discurso. As posições diferenciais consistem, portanto, em uma dispersão de elementos materiais muito diversos⁶⁸ (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 184)⁶⁹.

O “social é inteiramente reconceituado por Laclau e Mouffe em termos de discursividade, e a identidade é o resultado de uma articulação discursiva” (MARCHART, 2014, p.11). O discurso é uma espiral, na qual elementos se articulam, na encruzilhada dos sentidos, ou seja, em pontos nodais. Os pontos nodais são os pontos discursivos privilegiados das fixações parciais dos sentidos, aquelas “que limitam o fluxo do significado sobre o significante” (MOUFFE, 1996, p. 103).

A articulação se refere a toda prática que estabelece uma relação entre os *elementos*, cujas identidades são modificadas como resultado dessa prática. Portanto, a “totalidade estruturada resultante da prática articulatória a chamaremos *discurso*”. (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 176-177). Em relação à formação discursiva, alguns conceitos são articulados por Laclau e Mouffe. Os *elementos* correspondem a “toda diferença que não se articula discursivamente”, ou seja, demandas particulares e diferenciais, que ainda não foram integradas num discurso concreto. Enquanto, por outro lado, os *momentos* são as posições diferenciais que, contudo, se articulam no

⁶⁸As traduções do espanhol utilizadas são nossas. Os textos originários encontram-se citados no rodapé.

⁶⁹ Lo que constituye una posición diferencial y, por tanto, una identidad relacional con ciertos elementos lingüísticos, no es la «idea» de piedra o de losa, sino la piedra y la losa en cuanto tales. (La conexión con la idea de piedra no ha sido suficiente, hasta donde sepamos, para construir ningún edificio.) Los elementos lingüísticos y no lingüísticos no están meramente yuxtapuestos, sino que constituyen un sistema diferencial y estructurado de posiciones —es decir, un discurso. Las posiciones diferenciales consisten, por tanto, en una dispersión de elementos materiales muy diversos. (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 184).

interior de um discurso (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 176-177)⁷⁰. Os significantes só existem em discursos, contudo, não são exclusividade nem estão estabilizados em um só discurso.

Com as mudanças, contingentes e precárias do contexto, os elementos são diferenças que, em certos casos, se articulam com a finalidade de se tornarem identidades diferenciais em pontos nodais, cuja fixação de sentidos sempre é parcial. Esse movimento discursivo de *momentos* opera uma articulação discursiva. Os *elementos-momentos* não deixam de ser diferenças, contudo, seu sentido é relacional, do ponto de vista da articulação deste mesmo discurso. Enquanto momento um significante é parte de um discurso. Que também possa pertencer ao outro discurso, como momento deste discurso. Contudo, nessa transitoriedade entre discursos, ou seja, de pertencer a um discurso e se deslocar a outro, o momento retorna à condição de elemento. Isso permite que eles transitem de um discurso a outro. A identidade é relacional e nela há uma característica importante para a constituição de equivalências discursivas: é a presença de um ou mais inimigos (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014). Essa possibilidade de construção do político, a partir da lógica da diferença, se dá através de demandas parciais e precárias, para a possibilidade de constituição de discurso hegemônico. (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014).

A tensão insolúvel interioridade/exterioridade, é a condição de toda prática social: a necessidade só existe como limitação parcial do campo da contingência. É no terreno desta impossibilidade tanto de uma interioridade como de uma exterioridade totais, que o social se constitui. (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.187)⁷¹.

⁷⁰ Conforme anotação de Joanildo Burity, por ocasião da qualificação desta dissertação (ocorrida no dia 13 de junho de 2022, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas), “não há elementos inassimiláveis, nem completamente independentes, flutuantes. Eles são uma distinção analítica e comparativa. Todo elemento está destinado a ser um momento de um discurso. Ao se desarticular do mesmo, torna-se elemento apenas antes de ser reinvestido por/em outros discursos”.

⁷¹ La tensión irresoluble interioridad/exterioridad es la condición de toda práctica social: la necesidad sólo existe como limitación parcial del campo de la contingencia. Es en el terreno de esta imposibilidad tanto de la interioridad como de una exterioridad totales, que lo social se constituye (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.187).

O antagônico é uma construção discursiva, portanto, relacional e negativa. O horizonte da discursividade - que é o campo possível de todas as significações -, na lógica da diferença, se estabelece entre um 'exterior constitutivo' (o qual ameaça a existência de um 'interior'), de um lado, e o próprio interior, de outro lado (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014).

Sobre a construção da discursividade, entre o aspecto de incompletude da formação discursiva e concomitante ao caráter relacional das identidades, afirma-se a característica de ambiguidade do significante, "de que sua não significação só é possível à medida da proliferação dos significados" (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 193). A partir disso, ressaltam Laclau e Mouffe:

Não é a pobreza de significados, mas ao contrário, a polissemia, a que desarticula uma estrutura discursiva. Isto é o que estabelece a dimensão sobredeterminada, simbólica, de toda formação social. A sociedade não consegue nunca ser idêntica a si mesma, porque todo ponto nodal se constitui no interior de uma intertextualidade que o transborda. A prática da articulação consiste, portanto, na construção de pontos nodais que fixam parcialmente o sentido; e o caráter parcial dessa fixação procede da abertura do social, resultante, por sua vez, do constante transbordar de todo discurso pela infinidade do campo da discursividade (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 193)⁷².

Nesse complexo semântico, conceitual e teórico, Laclau tece, de maneira proeminente, a esfera antagônica das identidades, os processos de diferenças, a questão da lógica entre o universal e o particular, a formação de sujeitos e o *lócus* destas constituições - a hegemonia.

As ações e sentidos, sob o aspecto geral dos evangélicos, e de modo particular, dos neopentecostais da IURD, derivam de um complexo de demandas: liberdade religiosa e de expressão, leis que limitem questões que envolvem aspectos da

⁷² No es la pobreza de significados, sino, al contrario, la polisemia, la que desarticula una estructura discursiva. Esto es lo que establece la dimensión sobredeterminada, simbólica, de toda formación social. La sociedad no consigue nunca ser idéntica a sí misma, porque todo punto nodal se constituye en el interior de una intertextualidad que lo desborda. La práctica de la articulación consiste, por tanto, en la construcción de puntos nodales que fijan parcialmente el sentido; y el carácter parcial de esa fijación procede de la apertura de lo social, resultante a su vez del constante desbordamiento de todo discurso por la infinitud del campo de la discursividad (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.193).

identidade de gênero e orientação sexual, impedimento do aborto, defesa da criminalização das drogas, redução da maioridade penal, isenção tributária de ofertas e dízimos e de (IPTU), apoio em questões diplomáticas e busca pela conquista do poder institucional.

Em Laclau, o fio condutor dessas demandas que perpassa o aspecto relacional destes discursos e de sua interseccionalidade são pontos nodais, que fixam os sentidos de maneira parcial, precária e contingente (LACLAU; MOUFFE, 1987). Estes pontos nodais proporcionam a diferenciação entre os discursos e dos elementos ainda não articulados. Então, cumprem o papel de fixação dos sentidos, que no campo da discursividade foram articulados.

Nesta intersecção de cadeias de equivalências se constitui um território em disputa, objetivo e resultado das lutas hegemônicas em uma dada configuração social (BURITY, 1997, p. 14). A hegemonia se realiza no espaço da contingência. Portanto, ela é avessa à captura e explicação derivada do essencialismo estrutural. Configura-se como um ponto articulatório de um discurso ora particular, precário e contingente, que absorve transitoriamente as demandas de identidades muitas vezes antagônicas umas em relação às outras, no sentido da construção de uma pretensa universalidade discursiva, a qual embora se hegemonize continua necessariamente precária, parcial e contingente.

A topografia da contingência é um solo movediço. Nele sedimentaram-se os desejos, afetos, demandas, vontades, reivindicações, que se deslocam sem a precisão linear e nem tampouco a partir de um epicentro irradiador dos reposicionamentos de suas partes. A contingência, assim como a precariedade, é parcial, pois não desemboca em uma totalidade ou instância de completude, portanto, é signatária do fluxo incessante da mudança.

Laclau e Mouffe, em *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1985), realizam uma genealogia do conceito de hegemonia. Resgatam a constituição do termo desde a social-democracia russa, onde ele cumpria a função de cobrir uma área limitada de efeitos políticos, sob o aspecto contingente para a resolução de crises. Com o leninismo, o conceito de hegemonia torna-se fundamental porque é uma forma de leitura das situações concretas onde se inserem as lutas de classes. Em Antônio

Gramsci, de onde o conceito usualmente se popularizou, ele adquire um viés que transcende as questões táticas e estratégicas, “‘hegemonia’ é agora o conceito chave para a compreensão do mesmo tipo de unidade existente em toda formação social concreta” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 16). Para Gramsci, o papel dirigente da classe trabalhadora não deve permanecer em seus interesses corporativos, mas precisa abrir-se aos interesses de outros setores, não apenas como uma aliança de classes: na lógica gramsciniana, há valores compartilhados, uma vontade coletiva que mediante a ideologia torna-se a ligação de um bloco histórico. “A vontade coletiva resulta da articulação político-ideológica de forças históricas dispersas e fragmentadas.” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.118). Sobre a conceituação de Gramsci, Laclau e Mouffe salientam:

Porque, para Gramsci, mesmo que os diversos elementos sociais tenham apenas uma identidade relacional, alcançada através da ação de práticas articulatórias, tem que haver sempre um princípio unificador em toda formação hegemônica, e este deve se referir a uma classe fundamental. Com o qual vemos que existem dois princípios de ordem social – a unidade do princípio unificador e seu caráter necessário de classe – que não são o resultado contingente da luta hegemônica, mas o marco estrutural necessário dentro do qual toda luta hegemônica tem lugar⁷³ (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.120).

E remetem ao conceito de hegemonia a partir da teorização histórica e do pressuposto de ocupar um vazio:

Hegemonia: fará uma alusão a uma totalidade ausente e às diversas tentativas de recomposição e rearticulação que superando essa ausência originária, permitiram dar um sentido às lutas e a dotar as forças históricas de uma positividade plena. Os contextos de aparição do conceito serão os contextos de uma falha (no sentido geológico), de uma fissura que era necessário preencher, de uma contingência que era necessário superar. A hegemonia não será um desdobramento majestoso de uma identidade, mas a resposta a uma crise⁷⁴ (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.15).

⁷³ “Porque, para Gramsci, incluso si los diversos elementos sociales tienen una identidad tan sólo relacional, lograda a través de la acción de prácticas articulatorias, tiene que haber siempre un principio unificante en toda formación hegemónica, y éste debe ser referido a una clase fundamental. Con lo cual vemos que hay dos principios del orden social —la unicidad del principio unificante y su carácter necesario de clase— que no son el resultado contingente de la lucha hegemónica, sino el marco estructural necesario dentro del cual toda lucha hegemónica tiene lugar.” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.120).

⁷⁴ Hegemonía: hará alusión a una totalidad ausente y a los diversos intentos de recomposición y rearticulación que, superando esta ausencia originaria, permitieran dar un sentido a las luchas y dotar

A hegemonia está intrinsecamente ligada à dimensão do poder. Ela interfere na realidade como também a produz, ao passo que a sua aceitação, como algo natural e inerente à sociedade, se materializa nos conjuntos de visões, ideologias, costumes, crenças, padrões que norteiam as práticas sociais.

A vontade política⁷⁵ no campo da discursividade é “alcançada por meio da força, da disputa, seja agônica, seja antagonica” (MENDONÇA, 2007, p. 250). O antagonismo é “a impossibilidade do sentido objetivo ou finalístico de toda lógica discursiva” (LACLAU; MOUFFE, 1987 *apud* MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p.51). É um discurso externo sem qualquer equivalência com o interior.

Laclau (2014), apresenta a distinção gramsciana das forças hegemônicas:

A ‘classe hegemônica’ se opõe à ‘classe corporativa’: que representa interesses setoriais no seio de uma totalidade suturada. A classe hegemônica, pelo contrário, universaliza de algum modo seus próprios objetivos, que passam assim a constituir aqueles de forças sociais muito mais vastas⁷⁶ (LACLAU, 2014, p. 148).

Portanto, a categoria hegemonia não é o encarceramento da realidade social, mas um horizonte de verificação de uma ordem inexistente ou em colapso, assim como da percepção dos limiares democráticos e institucionais fragilizados por quem os desacredita. Política e hegemonia estão imbricadas em um complexo relacional.

Laclau, em *Contingência, hegemonia e universalidade*, com Judith Butler e Slavoj Žižek, elenca alguns pilares constituintes do conceito de hegemonia.

Em primeira instância, a hegemonia suprime a dicotomia universal/particular. Um discurso que se hegemoniza deixa seu caráter particular, entretanto, sem negar

a las fuerzas históricas de una positividad plena. Los contextos de aparición del concepto serán los contextos de una falla (en el sentido geológico), de una grieta que era necesario colmar, de una contingencia que era necesario superar. La «hegemonía» no será el despliegue majestuoso de una identidad, sino la respuesta a una crisis (IDEM, 1987, p.15).

⁷⁵ “Por ‘político’ refiro-me à dimensão do antagonismo que é inerente a todas as sociedades humanas, antagonismo que pode assumir formas muito diferentes e emergir em relações sociais diversas. ‘Política’, por outro lado, refere-se ao conjunto de práticas, discursos e instituições que procuram estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são sempre potencialmente conflituosas porque afetadas pela dimensão do político” (MOUFFE, 2003, p. 15).

⁷⁶ “La “clase hegemónica” se opone la “clase corporativa”: que representa intereses sectoriales en el seno de una totalidad suturada. La clase hegemónica, por el contrario, universaliza de algún modo sus propios objetivos, que pasan así a constituir aquellos de fuerzas sociales mucho más vastas” (LACLAU, 2014, p.148).

sua condição originária e particularizada. Com a ampliação dos conteúdos particulares, desloca e aumenta sua amplitude para, em uma cadeia de equivalências, produzir sentidos a outros grupos, sujeitos. A hegemonia existe se a dicotomia universalidade e particularidade está “suspensa, universalidade existe apenas encarnando e subvertendo algum objetivo particular, mas, de forma recíproca, nenhuma particularidade pode constituir-se como política sem se tornar o *lócus* de efeitos universalizantes” (LACLAU; ZIZEK; BUTLER, 2000, p.209).

A leitura de hegemonia a que a teoria laclauniana se encerra toma como exemplo oposto a soberania do Leviatã, de Thomas Hobbes:

se do contrário houver uma distribuição do desigual poder, a instituição de qualquer ordem social só pode apresentar-se como resultado da própria desigualdade deste que contingencialmente estará nas mãos de um grupo específico e não de forma total ad infinitum nas mãos de um soberano. (MENDONÇA, 2007, p. 252)

A hegemonia requer tendencialmente a produção de significantes vazios. Os significantes vazios, em suma, compõem o imaginário social. Resultado de um conjunto de equivalências concretas de demandas, de tal forma que o fundamento que as engendrou foge à particularidade delas, a vontade coletiva proveniente dessa articulação se agrupará nesse imaginário social (LACLAU; ZIZEK; BUTLER, 2000). É justamente essa ancoragem nesses pontos vazios que confere a potencialidade para que um discurso se universalize, que agrupe a pluralidade de demandas para além de suas particularidades. Significante vazio é um significante sem significado. Não em virtude de ele ser flutuante, no sentido de em contextos diferentes significar coisas distintas (pois desse modo estaria conectado ao aspecto arbitrário do signo), mas pelo excesso de significados que orbitam em torno do significante.

Portanto, conforme Laclau (2011):

um significante vazio só pode surgir se há uma impossibilidade estrutural da significação e apenas se essa impossibilidade puder significar uma interrupção, (subversão, distorção etc.) da estrutura do signo. (LACLAU, 2011, p.66)

O território da discursividade é o campo das disputas. Entre elas, encontram-se as dos significantes vazios que visam a universalização dos significados. Ao esvaziarem-se de quaisquer significados particulares, ao encarnarem a representação

de um sistema ontológico pelo enaltecimento do aspecto equivalencial de tal modo que suas características diferenciais sejam anuladas, abre-se a possibilidade de uma totalidade que, embora parcial e contingente, apresenta uma falta constitutiva, a impossibilidade da representação do objeto. A exploração dos significantes vazios está relacionada à tensão que ocorre no jogo das identidades e das diferenças, sobretudo, em seus aspectos de identificação. Para Perez e Starnino (2021), a partir da interpretação de Freud (2011), o processo de identificação está vinculado a um fator externo, sobretudo, no contexto relacional entre liderança e os participantes da coletividade.

No território da discursividade, onde as diferenças e as equivalências operam, a ênfase se direciona à lógica das equivalências, sob as condições de que quaisquer características diferenciais sejam quase anuladas, – “esvaziando-se de sua dimensão diferencial – que o sistema pode significar a si mesmo como totalidade” (LACLAU, 2011, p. 69). Conforme Laclau:

Um significante vazio, para continuar sendo significativo, deve significar algo: um hiato que emerge no seio da significação, que, portanto, não tem significado positivo próprio, mas que deve ser, porém, nomeado, porque é a condição mesma do processo significativo. Por tal motivo, esse hiato somente pode mostrar-se como distorção de todo momento estrutural, isto é, de todo espaço suturado de diferenças. Na linguagem estrutural: só se tem visibilidade através da subversão da relação significante/significado. Na linguagem fenomenológica de Heidegger: através da impossibilidade de justaposição entre ôntico e o ontológico⁷⁷ (LACLAU, 2014, p.147).

Portanto, a lógica do significante vazio ocorre quando há uma expansão do espectro de práticas articulatórias e os elementos articuladores expandem a absorção de elementos (demandas) de tal modo que não é possível captar seus significados. Há um complexo processo que mescla o aspecto geral das demandas e o ativismo

⁷⁷ “Un significante vacío, para continuar siendo significativo, debe significar algo: un hiato que emerge en el seno de la significación, que por lo tanto no tiene significado positivo propio, pero que debe ser, sin embargo, nombrado, porque es la condición misma del proceso significativo. Por tal motivo, ese hiato solo puede mostrarse como distorsión de todo momento estructural, es decir, de todo espacio sutuíado de diferencias. En lenguaje estructural: solo se hace visible a través de la subversión de la relación significante/significado. En el lenguaje fenomenológico de Heidegger: a través de la imposibilidad de la yuxtaposición entre lo óntico y lo ontológico.” (LACLAU, 2014, p.147).

articulatório das forças sociais que a mobiliza e consegue aproveitar oportunidades e traçar estratégias para aglutinar outras demandas passando a representá-las. Isso ocorre em virtude da polissemia que perpassa o significante. E os limites desse contexto são sempre antagônicos. O terreno de expansão da hegemonia é onde se generalizam as “relações de representação como condição da constituição da ordem social” (LACLAU; ZIZEC; BUTLER, 2000, p. 209), de tal modo que a particularidade assuma a representação do universal. (LACLAU; ZIZEC; BUTLER, 2000, p.209). A questão central em torno da equivalência discursiva de demandas, reivindicações, sujeitos e grupos, identidades e instituições, para se converter em política, deve transcender aquilo que significa em si mesma, com a relação com outras particularidades, para assim se universalizar.

No campo da representação, o objeto ou demandas se verificam, muito de maneira geral, mas dotados de materialidades, sob condições concretas em relação à esfera conceitual. Por conseguinte, um discurso que articula discursos em torno de si exerce uma função de representação:

A operação de assumir, por meio de uma particularidade, um significado universal incomensurável é aquilo que denominei hegemonia. E uma vez que essa totalidade ou universalidade incorporada é, conforme vimos, um objeto impossível, a identidade hegemônica torna-se algo da ordem de um significante vazio sendo que sua própria particularidade encarna uma incompletude inalcançável. (LACLAU, 2013, p.119-120).

Sobre o mecanismo de identificação, “o aforismo lacaniano de que o inconsciente é a política, encontra no processo identitário uma reverberação precisa: as identidades coletivas se constroem não como fruto do idílio, mas no conflito e na disputa política incessante e inacabada” (PEREZ; STARNINO, 2021, p. 92)

O aspecto da representação sob o prisma marxista já fora discutido na lógica dos pressupostos da libertação da classe trabalhadora, no sentido emancipatório. Laclau é enfático na afirmação de que sem representação não há hegemonia. “Se um setor particular tem que encarnar os objetivos universais da comunidade, a representação é essencialmente inerente ao vínculo hegemônico” (LACLAU; ZIZEC; BUTLER, 2000, p. 213).

A incompletude tanto das identidades como da hegemonia é um paradoxo. A questão não é a ausência de elementos estruturais ou característicos de determinadas identidades, é a ampliação de sua particularidade em uma cadeia de equivalências ao incorporar elementos de outras identidades em um ponto nodal que não quer dizer abandono de conceitos, porque dessa maneira se converteria em não identidade em relação ao estágio anterior.

A representação anuncia a presença de uma ausência. Somente quando um discurso passando a representar e encarnar os sentidos de outras particularidades. No momento que ocorre a generalização da relação de representação temos, conforme Laclau, uma relação hegemônica (MENDONÇA, 2007, p.254)

Do ponto de vista material em relação a este significante vazio, o campo da política é alvissareiro, “a política é possível porque a impossibilidade constitutiva da sociedade só pode representar a si mesma por meio da produção de significantes vazios” (LACLAU, 2011, p. 76), para a exemplificação a respeito da intersecção entre a cadeia de equivalências e a representação de diferenças por uma representação:

um exemplo político é por meio da demonização de um setor da população que a sociedade se apodera da noção de sua própria coesão. Isso, entretanto, cria um novo problema: vis-à-vis o elemento excluído, todas as outras diferenças se equivalem mutuamente. Eles são equivalentes em sua comum rejeição à identidade excluída” (...) A equivalência, porém, é precisamente aquilo que subverte a diferença, e assim toda identidade é construída no bojo da tensão entre a lógica da diferença e a lógica da equivalência (LACLAU, 2013, p.119)

A ideia de ‘demonização’ é um dos recursos discursivos articulados dentro do escopo dos antagonismos. Operado no contexto delimitado por determinada ordem, a partir de diferenças, que se articulam como identidades diferenciais, em um ponto nodal, apontam para um exterior, uma outra identidade que é negativa, aquela na qual ocorrerá o antagonico. Alguns significantes, por exemplo, orbitam e constroem determinados discursos: a justiça, a liberdade, a democracia, a esquerda, o comunismo, Lula, Bolsonaro, bolsonarismo, a família, a propriedade.

Há uma premissa formulada em Marx e Engels que conduz à abertura ao Socialismo moderno, de que a história é a história da luta de classes, A classe proprietária dos meios de produção e a classe trabalhadora, emblemática relação entre antagonistas. O antagonismo, aqui, é válido percebê-lo na dinâmica das

identidades e das diferenças. Laclau exemplifica com alguns elementos fundamentais para a compreensão:

Voltemos ao exemplo da mãe espartana. Como já dissemos, o episódio doloroso bloqueia a plena constituição da identidade materna. A sobrevivência de seu filho se torna um símbolo de uma identidade completa que não pode ser alcançada. Só falta mais um passo: transformar o exército inimigo no símbolo do seu não-ser. Quando isso acontece, estamos plenamente no campo dos antagonismos sociais. Para haver um antagonismo, a primeira condição é que haja uma interrupção (ou impedimento à constituição) de uma identidade plena. De modo que, a construção discursiva de um antagonismo é diferente, tanto de uma oposição real quanto de uma contradição dialética, uma vez que as duas últimas pressupõem uma identidade plena. Isso explica nossa afirmação anterior de que os antagonismos não são relações objetivas, mas representações nas quais os limites são mostrados na constituição da sociedade como uma ordem objetiva. O corolário dessa tese é a implicação de que o social, a diferença da sociedade, será sempre uma falsa objetividade⁷⁸ (LACLAU, 2014, p.140).

A interrupção de uma identidade material e simbólica, que anteriormente pertencia a uma condição de particularidade sem o estabelecimento de cadeias de equivalências de demandas ou reivindicações, se ancora em um vazio significativo, que absorveu discursos, nos quais aquela vontade não contemplada se converte em movimento articulatório que se antagoniza e visa hegemonizar-se no campo da discursividade. Sobre o aspecto antagônico e da sua constituição, Laclau escreve:

Tanto a categoria de "contradição", no sentido dialético do termo, quanto a de "oposição real" inscrevem a dimensão estritamente antagônica em um espaço mais amplo de representação, no qual os antagonismos são um momento transitório, um componente evanescente que irrompe o horizonte do visível apenas para ser imediatamente transcendido. Ou, em outras palavras, a negatividade nunca é constitutiva (no sentido transcendental do termo). Como indicamos anteriormente, uma contradição dialética nos dá apenas uma negatividade fictícia. Está presente como um momento na cadeia dialética, mas já contém em seu interior, as sementes da sua própria

⁷⁸ “Volvamos al ejemplo de la madre espartana. Como hemos dicho, el episodio doloroso bloquea la constitución plena de la identidad de la madre. La supervivencia de su hijo pasa a ser un símbolo de una plena identidad que no puede ser alcanzada. Hay solo un paso más a tomar: transformar al ejército enemigo en el símbolo de su no-ser. Cuando esto ocurre, estamos plenamente en el campo de los antagonismos sociales. Para tener un antagonismo, la primera condición es que haya una interrupción (o un impedir la constitución) de una identidad plena. De modo que la construcción discursiva de un antagonismo es diferente, tanto de una oposición real como de una contradicción dialéctica, dado que estas dos últimas presuponen una identidad plena. Esto explica nuestra anterior afirmación de que los antagonismos no son relaciones objetivas, sino representaciones en las que se muestran los límites en la constitución de la sociedad como orden objetivo. El corolario de esta tesis es la implicación de que lo social, a diferencia de la sociedad, va a ser siempre una objetividad falida.” (LACLAU, 2014, p.140)

superação. Na unidade última do Espírito-Absoluto, todas as contradições encontram o ponto de sua superação final. Toda contingência está presente como a superfície fenomenal por meio da qual uma necessidade subjacente é afirmada. E, é claro, uma negatividade que é apenas a ponte para uma positividade superior não pode ser radical e constitutiva⁷⁹. (LACLAU, 2014, p.138)

À ideia de antagonismo é válido considerar o aspecto referente à positividade e negatividade. O que quer dizer, as cadeias de equivalências não se estabelecem pela reivindicação positiva e interna a determinada particularidade, ou seja, às demandas, mas também por quem as deseja, se são atendidas ou não, e pela negatividade, no sentido de quem antagoniza (inimigo comum) a possibilidade ou impossibilidade daquela determinada identidade atingir suas demandas, sempre em um movimento contraditório em que se anulam e se afirmam as singularidades.

Esses grupos, identidades, sujeitos que foram excluídos do contextual e contingente pelo hegemônico, se organizam e se articulam com o objetivo de alterar a correlação de forças, em virtude do silenciamento ou exclusão aos quais foram submetidos.

Suas demandas e identidades não se encontram devidamente contempladas e representadas pelo bloco no poder. Essa percepção compartilhada é precipitada por *performances* discursivas que enfatizam uma relação de antagonismo, na qual a formação de um nós se dará mediante a diferenciação em relação a um outro, ao qual é atribuída a responsabilidade pela presente relação de exclusão. (LACLAU e MOUFFE, 1985; LACLAU, 2005; LACLAU e ZAC, 1994 *apud* GRACINO; GOULART; FRIAS, 2021, p.550).

⁷⁹ "Tanto la categoría de "contradicción", en el sentido dialéctico del término, como la de "oposición real" inscriben la dimensión estrictamente antagónica en un espacio de representación más amplio, en el que los antagonismos son un momento transitorio, un componente evanescente que irrumpe en el horizonte de lo visible solo para ser inmediatamente trascendido. O, para ponerlo en términos diferentes, la negatividade nunca es constitutiva (en el sentido trascendental del término). Como lo indicáramos con anterioridad, una contradicción dialéctica nos da tan solo una negatividade ficticia. Está presente como momento en la cadena dialéctica, pero ya tiene, en su interior, las simientes de su propia superación. En la unidad última del Espíritu-- Absoluto, todas las contradicciones encuentran el punto de su superación final. Toda contingencia está presente como la superficie fenomenal a través de la cual se afirma una necesidad subyacente. Y, desde luego, una negatividade que es solo el puente hacia una positividad más alta no puede ser radical y constitutiva." (LACLAU, 2014, p.138)

As identidades diferenciais coletivas se forjam pelas demandas não supridas, “o significado das demandas é determinado em grande parte por suas posições diferenciais na estrutura simbólica da sociedade e é somente sua frustração que as apresenta sob uma nova luz” (LACLAU, 2013, p. 141).

O antagonismo pressupõe a incompatibilidade entre *elementos* opostos, enquanto a coerência no interior de uma estrutura implica a complementariedade entre seus *momentos* internos. Laclau salienta:

Portanto, se a estrutura está constituída por opostos antagônicos, ela só pode conservar sua coerência ao preço de que a dimensão antagônica se revele fictícia, ou seja, um fenômeno por detrás do qual – e através do qual - opera uma substancial unidade estrutural. Isto significa que, sempre que prevaleça a dimensão totalizante, o *momento* antagônico estará subordinado a uma história mais profunda, da qual o antagonismo representa um simples epifenômeno; desde que, ao contrário, o antagonismo ultrapasse um certo umbral, a história se verá despedaçada e privada de toda coerência interna⁸⁰. (LACLAU, 2014, p.128).

Por antagonismo se entende “uma relação entre forças inimigas, de tal modo que a negatividade passa a ser um componente interno dessa relação (...) a presença do inimigo me impede de constituir minha própria identidade” (LACLAU, 2014, p. 133). Em relação ao aspecto das confluências entre as identidades e, concomitantemente, as interrupções entre elas, sob o prisma das diferenças e não das cadeias de equivalência, o momento de interrupção é radical e constitutivo. O choque entre as identidades gera, em vez de confluência, interrupções.

O excerto sobre a mãe espartana, no qual a existência de uma identidade era estabelecida de modo relacional – mãe/filho, traz dois vetores em diferentes direções: a dissolução da identidade e, concomitantemente, a possibilidade de uma outra

⁸⁰ Por lo tanto, si la estructura está constituida por opuestos antagónicos, ella solo puede conservar su coherencia al precio de que la dimensión antagónica se revele ficticia: es decir, un fenómeno de superficie detrás del cual -y a través del cual- opera una substancial unidad estructural. Esto significa que, siempre que prevalezca la dimensión totalizante, el momento antagónico estará subordinado a una historia más profunda, de la que el antagonismo representa un simple epifenómeno; en tanto que si, al contrario, el antagonismo sobrepasa un cierto umbral, la "historiá" se verá despedazada y privada de toda coherencia interna.

identidade – a partir disso, passa-se a compreender a relação antagônica como um “exterior constitutivo” que ameaça a existência de um “interior” (...) “a presença do outro me impede de ser totalmente eu mesmo”. (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 51-52). A relação não surge de identidades plenas, mas da impossibilidade da constituição das mesmas” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 214).

Para ter um antagonismo, a primeira condição é de que haja uma interrupção (ou um impedir a constituição) de uma identidade plena. De modo que a construção discursiva de um antagonismo é diferente, tanto de uma oposição real como de uma contradição dialética, dado que estas duas últimas pressupõem uma identidade plena. Isso explica nossa anterior afirmação de que os antagonismos não são relações objetivas, e sim relações nas quais se mostram os limites na constituição da sociedade como ordem objetiva. O corolário desta tese é a implicação de que o social, a diferença da sociedade, será sempre uma objetividade fracassada. (LACLAU, 2014, p.140)

Nesse cenário, as narrativas construídas e difundidas no conglomerado comunicacional da IURD, revelam o antagônico, a construção secular do discurso religioso e de como a IURD, em seu discurso religioso constrói um discurso político. O campo investigativo aqui é o programa Entrelinhas, transmitido pelo Univideo, *streaming* da IURD. A observação e problematização ocorrerá acerca de alguns episódios cuja temática é a política.

O Discurso é o território primário da objetividade (LACLAU, 2013). Neste terreno, o elemento relacional ocupa um papel constitutivo, com dois vetores fundamentais: a objetividade e a relação.

Neste território ocorre o jogo das diferenças ainda não articuladas e as identidades diferenciais, com demandas particulares, que ora se articulam em cadeias de equivalências ora perpassam outras construções discursivas, na produção de sentidos, em fronteiras entre outras identidades.

O território em disputa é indeterminado e vago. O discurso não se encerra em si, pelo contrário, o social é um horizonte de abertura. Nem é prenúncio ou delimitação temporal da história. O discurso é contingente, pelo fato de que a visão teleológica da história, embora amparada na ideia de universalidade, refugia-se na parcialidade e particularidade do social, porque sujeitos e universalidade são resultados das contingências históricas.

O objetivo dessas lutas hegemônicas e o resultado da expansão dessas articulações é a própria consolidação hegemônica, que visa ocupar uma incompletude, um vazio. Contudo, devido ao aspecto precário e contingente, o aspecto hegemônico é imparcial e indeterminado, culminando na própria impossibilidade da constituição objetiva e necessária de uma totalidade discursiva. Por isso, o discurso não é um todo unificado e apenas de identidades, mas um discurso que sistematiza, aglutina, no sentido da hegemonia. É, enfim, um discurso de unidade: unidade de diferenças (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014).

No campo em disputa, no solo da discursividade, a IURD apropria-se de performances, ações, retóricas, apenas ressonantes na interioridade, embora almejem flertar com identidades diferenciais, ou do próprio espectro religioso (neopentecostais), enquanto na particularidade visam um discurso que suplemente, isto é, encarne outras demandas religiosas antagonizadas com um inimigo em comum no espaço público e no poder político. No terreno das identidades diferenciadas há sempre a tensão entre a lógica da equivalência e a lógica da diferença (LACLAU, 2013, p.118), ora particular, discursivamente, ora em vias de consolidar-se como representação de uma totalidade, com um significado universal, precária e contingentemente: a isso Laclau atribui o predicado de hegemonia.

O capítulo teórico apresentou aspectos da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantall Mouffe, a qual possibilita a compreensão das práticas discursivas da IURD e das suas formas de articulação em relação à política.

Cap. 4 – Análise do Streaming

A análise das práticas discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus (*da*) e (*sobre*) a política é o objeto deste capítulo. O *lócus* desta investigação é a plataforma de *streaming*, a Univer, especificamente o programa de entrevistas semanal Entrelinhas. Para delimitar o campo, o período escolhido é a antessala de duas eleições, isto é, entre 2020 e 2022. Referenciado na Teoria do Discurso, e fazendo uso da Análise do Discurso⁸¹, verifica-se, neste capítulo, como a IURD produz sentidos a respeito da política - o conceito do antagônico e agônico: uma “teologia do inimigo” - e o porquê destas narrativas da Igreja Universal do Reino de Deus – que apontam para uma “vontade de poder” ou um “projeto de poder”. Ou seja, a IURD apresenta uma maquinaria discursiva – a que chamaremos de *biodiscurso* – cujo metabolismo depende da simbiose entre as diversas esfera da vida. Este biodiscurso não é uma especificidade que singulariza o discurso iurdiano da política, mas porque no discurso da Universal estas características que correspondem a ele se apresentam.

A decisão pela análise da Univervideo decorre da interface entre a religião e o espaço público. Este representado pelo ciberespaço, aquela pela Igreja Universal do Reino de Deus. Do ponto de vista teórico, a opção se verifica em virtude do objeto, fluido, móvel, dinâmico, relacional e contingente. Por isso, o empírico e o teórico, dialogam e se retroalimentam.

O objetivo é a compreensão do sentido e da ação, da prática e do discurso da IURD a respeito da política e se isso a mobiliza ao poder. Em suma, a dinâmica metabólica da Universal se amplia à medida que discursivamente ela reitera os atributos que caracterizam o ‘outro’ ora adversário, ora como inimigo, em uma espécie de ciclo discursivo do poder.

⁸¹ A Análise do Discurso, referenciada no filósofo e linguista francês Michel Pêcheux, cujo pensamento busca o entendimento sobre as relações entre os aspectos da linguagem e a sua materialização na ideologia e a expressão desta na própria linguagem, se constitui, também, como perspectiva metodológica desta pesquisa, a qual se orienta no trabalho de Eni Orlandi. O eixo dessa teoria corresponde aos processos de significação e de produção de sentidos do discurso, no caso em tela, de sua natureza política e simbólica.

A insistência nas duas preposições ‘*da*’ e ‘*sobre*’, decorre do aspecto de que há um componente relacional, que permite à IURD tal proximidade ao objeto de sua enunciação. Isto é, *sobre* a política quando ela enuncia a partir de seu *lócus* de igreja, dentro das fronteiras religiosas; enquanto *da* política, porque membros da Instituição estão ligados a um partido, assim como têm políticos eleitos que ensejam tais discursividades. Orlandi (2008) ressalta o aspecto polifônico do discurso (*sobre*), porque ele é um local onde se articulam os discursos (*de*) (ORLANDI, 2008).

As hipóteses a respeito da tessitura discursiva da IURD, identificadas na plataforma de *streaming* se direcionam ao ‘político’ – território da relação amigo-inimigo, cujos fios ideológicos se articulam e organizam as identidades, assim como o horizonte que vislumbram na teia de relações – crenças, costumes, ideologias.

O território da discursividade é organicamente estabelecido pela cadeia discursiva de demandas particulares diferenciais e sem equivalência com outros discursos – formações discursivas. As reivindicações (exigências) expressadas pela IURD visam, através da memória e da repetição de discursos, produzir sentidos parcialmente, em cuja historicidade conceitos como contingência e antagonismo são centrais.

A decisão de análise e das escolhas dos episódios (dados – fatos empíricos), tomaram primeiramente uma delimitação temporal estabelecida entre as eleições municipais de 2020 e as eleições para os estados e o governo federal, de 2022, considerando que o primeiro episódio do programa Entrelinhas foi justamente o que se intitulou por *Pode um cristão ser de esquerda?* 07/06/2020. Por esta razão, entre 07/06/2020 e 02/10/2022, assistimos a todos os episódios cujos títulos se referiam à política. Atentos para as temáticas *moral, política, ideologia de gênero, esquerda, família, liberdade e aborto*, selecionamos, para análise, os seguintes episódios: *Pode um cristão ser de esquerda?* 07/06/2020; *Ataques à família tradicional, política e a bênção do Possuidor*, 01/11/2020; *Política e Religião se misturam?* 12/09/2021; *Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas?* 03/10/2021; *Brasileiros deportados ilegalmente de Angola contam o que passaram*, 16/05/2021; *Contradições da Esquerda*, 29/05/2022; *É impossível ser cristão e ser de esquerda* 26/09/2022. Nestes

dois anos, o Entrelinhas não produziu conteúdos apenas a respeito da política, mas também sobre prosperidade, cura, sucesso, ou seja, outras temáticas que não aquelas voltadas às pautas atribuídas ao campo da política.

O repertório teórico acerca da IURD revela o cenário no qual se articulam os discursos desta denominação cristã em relação à religião, à economia, à política e às razões destas articulações.

Nos discursos iurdianos há uma defesa clara de posicionamentos que, passo a passo, deslegitimam a esfera na qual a esquerda se apresenta. Essa descaracterização constrói o processo de identificação da IURD. A construção de pertencimento e de diferenciação permeia o léxico da Igreja. Para Foucault (2015), no discurso não há neutralidade e por ele se criam mecanismos de distinções e pertencimentos:

(...) a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, à medida em que a doutrina vale sempre como um sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação (FOUCAULT, 2015, p.97).

No Entrelinhas, as autoridades que enunciam os discursos, predominantemente, pertencem à cúpula da Universal - bispos e pastores. Mesmo nos discursos em que fiéis testemunham a respeito das próprias vidas, há a mediação dessas lideranças do ponto de vista da legitimidade institucional. A força do testemunho corrobora com a dinâmica discursiva do rito de convencimento iurdiano. Conforme Orlandi (2001), as relações de poder assumem sentidos nos discursos, sobretudo “‘nas relações de forças’, o lugar em suas palavras tem uma autoridade determinada junto aos fiéis” (ORLANDI, 2001, p.39).

Os entrevistados e debatedores são, em geral, lideranças reconhecidas no cenário religioso ou vinculadas a igrejas, bem como personalidades do cenário sociopolítico-econômico-cultural regional ou nacional (CUNHA, 2016, p.12).

Partiremos de um alerta apresentado pela linguista e pesquisadora Eni Orlandi (2007) em relação à naturalização do discurso. Ou seja, pela evidência e presença

constantes, que torna os discursos como verdadeiros. Ela desmistifica a repetição de muitos enunciados e sua temporalidade e chama atenção para a ruptura entre sujeitos e sentidos, “na perspectiva formalista, a proposta para se fazer ciência é tornar estranho o que é familiar. Porque o que nos é familiar, não conhecemos, só reconhecemos” (ORLANDI, 2007, p. 99).

Este ponto de estranhamento discursivo em relação à Universal é fundamental para desvelar que ela apenas não se apresenta exclusivamente, ora sob a óptica de que ela somente em suas práticas discursivas remete ao aspecto econômico, de mercadora da fé, ora pelas narrativas beligerantes apontadas contra partidos de ideologia de esquerda, religiões de matriz afro-brasileira e aos posicionamentos de sua concorrente, a Rede Globo⁸². A IURD é aquela que ‘expõe publicamente’, ‘lança à frente’ seu discurso com a intenção particular de torná-lo hegemônico. Tal discurso é polissêmico, fluido, plástico, há uma ideologia – a ‘teologia do inimigo’. A retórica iurdiana afirma a incompatibilidade entre ‘o verdadeiro cristianismo’ e ‘a ideologia de esquerda’, não revelando, pois, os seus sentidos reais.

O episódio *Pode um Cristão ser de esquerda*⁸³, (07/06/2020), é o ponto de articulação dos discursos dos demais episódios analisados, porque ele apresenta os alicerces discursivos da IURD a respeito da política e, no cerne deles, a seiva que retroalimenta o *biodiscurso*, o antagonico.

Entende-se que, a IURD apresenta um poder-discurso e, simultaneamente, um discurso-de-poder. Um *biodiscurso*, cujo metabolismo depende da funcionalidade vital, de sua simbiose com todos os sistemas que operam no organismo iurdiano: religião, economia, política, moral, comunicação. Esses pilares, conforme apresentado no terceiro capítulo, correspondem às áreas em que uma forma de batalha espiritual deve ser travada no sentido de retomada destas esferas por aqueles

⁸² Fundamentalismo contingente é porque ele opera em várias esferas e contextos: Ora em relação às religiões de matriz afro-brasileira, catolicismo popular, ora concernente à mídia e à esquerda.

⁸³ Este episódio encontra-se na sua integralidade apenas na plataforma de *streaming*, cujo acesso é restrito aos assinantes. No entanto, uma edição resumida dele está disponibilizada no Youtube, à qual se referencia na seção própria deste trabalho.

que creem. E o coração deste sistema metabólico é a presença do amigo-inimigo (antagônico) e do adversário (agônico). Isto é, o aspecto do conflito no campo da política. Um *biodiscurso* que se retroalimenta de uma lógica cíclica identificada no discurso religioso: cura – exorcismo (libertação) que se relaciona ao discurso econômico – prosperidade. Estes elementos perpassam a lógica da ascensão do indivíduo a partir de seus méritos e da oferta e crença mediante a fé positiva nas promessas determinadas que serão cumpridas por Deus, reproduzidas por signos e símbolos do campo religioso no território da política. Este *biodiscurso* funciona na articulação destes sistemas, que possuem capacidade de adaptação, fluidez e processos infinitos de produção de sentidos.

No episódio '*Pode um cristão ser de esquerda*', alguns eixos são mobilizados e apropriados, muitos dos quais simbólica e materialmente pertencem aos processos relacionais da IURD com as religiões de matriz afro-brasileira, o catolicismo, as denominações protestantes - evangélicas ou históricas, os signos do universo corporativo e do marketing e os jargões da política. Assim como a "religiofagia" (ORO, 2005-2006). A Igreja Universal não apenas ressignifica estes símbolos, mas incorpora-os à sua narrativa. Tudo isso se cristaliza nas imbricações entre a história e o poder. Conforme Orlandi (2008b), "a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder da/na linguagem" (ORLANDI, 2008b, p.21).

Na interpretação de Almeida (2017), alguns eixos mobilizam o que ele considera como 'onda conservadora', configurados como 'linhas de força': econômica, securitária, moral e interacional (ALMEIDA, 2017, p.1). Entende-se que essas linhas de força compõem o solo discursivo iurdiano. Pois estes elementos circulam entre os discursos da Instituição e produzem sentidos parcial e contingentemente. Essas linhas são articuladas como "categorias políticas de acusação que circunscrevem um conjunto relativamente variado de discursos, valores, ações e posicionamentos políticos com interesses parciais e conjunturalmente comuns" (ALMEIDA, 2017, p.4). O ponto de articulação destes elementos e de produção de sentidos é a ocupação do território da discursividade e da sua vontade de poder. Tais discursos se articulam através de projetos definidos e estabelecem processos de identificação com o aspecto

de minoria perseguida, ao passo que delimitam as fronteiras dos antagonismos em um contexto de pânico moral, no qual as pessoas, mediante seus afetos - medo, insegurança, ansiedade, angústia -, reagem à iminência de eventos ou identidades sociais que entendem oferecer riscos às suas vidas.

Em todos os episódios observados relacionados à política, que trazem à tona alguma crítica a determinado segmento político ou de defesa, na condição de vítima perseguida, a IURD apresenta alguns excertos que misturam ficção e trechos de fatos que corroboram visual e performaticamente os seus discursos, destacando-se aqui a instrumentalização do recurso audiovisual. Dada a conexão entre os episódios selecionados, optou-se pelo desempenho de sua análise não de forma seccionada, mas de modo articulado, atentando-se para os eixos família, liberdade, poder, teologia e política.

O episódio *Pode um cristão ser de esquerda* se inicia com uma narração onisciente, que constrói o cenário que afeta os espectadores simbólica e materialmente. A atmosfera introdutória em tom 'paradisiaco' de paz e tranquilidade traz algumas características atribuídas ao conceito de família: "prezar pela família constituída por pai, mãe e filhos e zelar por princípios e valores deixados por Deus". Simultaneamente, há uma quebra da ordem do enredo, com a afirmação de que (...), "porém, não é o que acontece no mundo real". Na sequência algumas cenas são exibidas supostamente relacionadas a militâncias no âmbito político de questões de orientação sexual e de identidade de gênero. Apresentam-se alguns atos nos quais bandeiras do Brasil são queimadas. A narração (01'24") diz: "com o passar dos anos, a política que é constituída por governantes, sutilmente, criou uma verdadeira divisão entre os povos, nasceu a chamada esquerda e a direita" (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

A gramática do ataque alimenta as argumentações que se nutrem de um conjunto de imagens de movimentos sociais - LGBTQIA+; a 'Marcha das vadias'; de um desfile de escola de samba com uma figura (uma espécie de figura 'diabólica' vermelha) arrastando Jesus, ao que, concomitantemente, aparece o símbolo da Globo, com dois homens se beijando, momento em que, em tom incriminatório, a

narrativa afirma a ideia de que a concorrente é TV propagadora do ‘novo formato de família’, o qual “anula completamente os princípios cristãos”.

Durante a narração onisciente no programa *Entrelinhas*, alguns léxicos expressam de modo dicotômico e articulados a partir de afetos de aversão e discriminação:

(02’17”) ricos e pobres passaram a se odiar [cuja imagem utilizada é de uma torcedora praticando racismo em uma partida de futebol], brancos e negros entraram em conflito, houve o surgimento da bandeira feminista que dividiu homens e mulheres, homossexuais decretaram um dia para saírem às ruas em massa com apresentações, que são verdadeiras aberrações à humanidade [cena do *Goldenshower*, episódio ocorrido no carnaval e maciçamente divulgado nas mídias como um ato sexual, os participantes do evento, pelo contrário, alegavam um ato político-artístico]. Alguns exemplos de desrespeito praticado pelo partido da esquerda estão nas imagens: **(02’59”)** em um ato feminista uma mulher trajada de Maria simula um aborto em frente a uma igreja, levando a mensagem de que o senhor Jesus deveria ter sido abortado (Pode um cristão ser de esquerda? 07/06/2020).

O tom beligerante amplia seu arsenal no subterrâneo das pautas morais e de costumes e das demandas securitárias, sobretudo punitivas, ao perpassar pelas narrativas ocorridas nas exposições artísticas no Rio Grande do Sul, em que crianças estariam supostamente expostas a situações de nudismo, **(03’30”)** “crianças expostas a homens nus como se fosse algo normal” (...). E, no mesmo enredo, o narrador desfere uma artilharia ‘pesada’ voltada ao ‘inimigo’:

Projetos são criados a fim de legalizar as drogas e os abortos [cenas de atos políticos] já que o sexo descompromissado é uma das bandeiras levantadas por ideologias provindas da esquerda [uma imagem de uma mulher, com os cartazes, meu corpo, minhas regras] mesmo com um político condenado e preso [imagem de uma bandeira LGBTQIA+ com a foto do Lula ao centro, escrito Lula Livre] por roubar descaradamente um povo que carece de auxílio; apoiadores da esquerda chegam ao ponto de apoiarem assaltos já que consideram que os menos favorecidos são injustiçados [cena de uma família sendo assaltada] pelo país em que habitam, em palanques a esquerda admite roubar e em seguida ganhar votos com o poder de ludibriar os seus pobres eleitores [imagem do Lula entre milhares de pessoas]. Remete à proibição da pregação da palavra de Deus em alguns países, entre eles, as limitações impostas pela China (Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020).

O significante relacionado à ideologia de gênero retorna com outros pressupostos, os de um local no qual essas ideias seriam semeadas. A narração onisciente prossegue:

(05'43") já em nosso país, a tentativa é de doutrinar as crianças a tais 'desmoralidades', desde seus primeiros anos na escola" (...), o candidato do PT à época pertencente a um setor da educação tentou criar um programa [imagens de livros coloridos falando sobre 'transa'] que implantaria nas escolas orientações sexuais além da igualdade de gênero, fazendo cair por terra qualquer posição conservadora principalmente aqueles que prezam pela manutenção da família. (Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020).

A solução para estes impasses, que, segundo os argumentos da IURD ferem a moral e os costumes, iria na direção de que **(06'38")** "cada cidadão tem o poder de decisão quando vai às urnas e ter a liberdade de exercer a fé está diretamente ligada a esta escolha" (Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020).

No trecho acima, a menção alude primeiro a um membro do Partido dos Trabalhadores e aos projetos na área educacional que, na lógica do discurso da IURD, seriam nocivos à moral da família. As referências discursivas da IURD estabelecem sua identidade a partir daquilo que afirmam negativamente a respeito do diferente – o outro. A ideologia é um destes significantes articulados no repertório 'iurdiano'. Percorre o território da formação dos sentidos, no interdiscurso - "a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos". (ORLANDI, 2001, p. 54).

O discurso não separa os três elementos que o constituem: linguagem, individualidade e a sociedade (LACLAU, 2011). Ele tem materialidade (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.183): "O discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para os sujeitos" (ORLANDI, 2001, p. 17). Conforme Pêcheux (1997), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O sujeito é construído através do complexo ideológico. Na enunciação discursiva, a multiplicidade de sentidos se revela, assim

como a historicidade na qual se construiu. E este sistema de ideias é a base de fundamentação do que denominamos por ‘teologia do inimigo’⁸⁴ da Universal.

A narração termina com a seguinte frase **(06’50”)** “Como pode um verdadeiro cristão apoiar a ideologia de esquerda ou um candidato que defende tais ideias” (Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020). A pergunta inquisitorial, de antemão delimita o território entre as duas identidades e inibe quaisquer formas de aproximação tanto da ideologia quanto das pessoas que a professam.

O apresentador bispo Renato Cardoso ao começar o programa, deixa a seguinte mensagem:

(07’18”) antes de mais nada, gostaria de deixar claro que o objetivo do programa de hoje é convidar a todos, todos os cristãos, independente de denominações, a pensar, a refletir, o objetivo do programa não é defender a direita, muito menos o presidente Bolsonaro. Cada um tem sua opinião sobre seus governantes e deve ser respeitado. O assunto hoje está fora desse lado de direita ou do presidente, o objetivo é refletir se essas duas coisas podem andar juntas, o verdadeiro cristão, verdadeiro cristianismo e a ideologia de esquerda. Eu estou falando como o cristão deve encarar e lidar com a ideologia de esquerda, eu não estou sugerindo uma separação entre cristãos e pessoas de esquerda (...) estamos falando da ideologia e não das pessoas. (...) nem Deus e nem a Igreja te discriminam (Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020).

Em relação à exposição do bispo Renato Cardoso, no discurso manuseado pela Universal é a repetição de determinadas afirmações. Elas se configuram na manutenção do posicionamento da IURD, supostamente imparcial sobre convicções e inclinações que as pessoas manifestam. Contudo, a narrativa do bispo é posterior à introdução do programa, que já construiu um repertório de adjetivações - manifestações negativas no corpo e na mente das pessoas que reivindicam este

⁸⁴ A expressão ‘teologia do inimigo’ aqui atribuída à Igreja Universal do Reino de Deus é consequência dos debates e interpretação a respeito do *modus operandi* iurdiano, sobretudo de uma forma de ‘teologia’ que articula e mobiliza as ideias da Igreja. Ela é sustentada pela soma de elementos que compõem a maquinaria iurdiana – *biodiscurso* – através da teologia da prosperidade, confissão positiva, teologia do domínio, restauracionismo, fagocitose religiosa, política e poder. A intenção é aprofundar e desenvolver essa ideia em futuras pesquisas, articulando, entre si, autores como Chantal Mouffe, Carl Schmitt, Walter Benjamin, Claude Lefort.

espectro político em relação ao qual estabelecem relações de pertencimento e emancipação - em torno da esquerda.

Na enunciação, o bispo se apropria do significante 'cristão' para estabelecer uma cadeia de equivalências discursivas de identificação e pertencimento com outros espectros do cristianismo; apresenta o posicionamento da Universal que, segundo ele, não é de defesa nem do presidente Jair Messias Bolsonaro, nem tampouco da direita; por fim, nomina o 'mal' personificado enquanto 'ideologia de esquerda'. O protagonista 'diabólico', agora sob às vestes políticas, é 'invocado nas entrelinhas discursivas, é a lógica da memória e da repetição:

Bispo Renato Cardoso (**31'00"**) Por isso é importante, os cristãos, você que é cristão, não importa a sua denominação (...) em outros episódios, você meu irmão, amigo cristão, católico, evangélico, de qualquer denominação, (...) é justo a forma que você é tratado na mídia (...) (Contradições da Esquerda de 29/05/2022). Você que é católico, você que é evangélico, você que é de qualquer denominação, veja que Karl Marx não se limitou aos cristãos, mas qualquer tipo de religião (*Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas* de 03/10/2021).

Sobre esse aspecto de identificação na historicidade do 'mesmo' e de 'outros', alguns processos de vínculos, transferências e projeções são operados no campo do simbólico. Todas essas articulações em sua historicidade se organizam em memórias. Não são apenas as memórias que são exploradas, nem estritamente os enunciados e os 'não-ditos (silenciamentos), mas os 'interditos', as proibições discursivas. "Proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos" (ORLANDI, 2007, p. 76).

O *discurso* configurado na IURD, neste caso, desde o início, remete à ideia de que o cristianismo está acima de qualquer ideologia, seja ela de esquerda ou de direita. Todavia, ao mesmo tempo em que oculta qualquer opinião sobre a direita, identifica textualmente a esquerda com as forças do mal, de modo que não resta outra possibilidade do que a associação da ideologia da direita com o bem e, portanto, com a ética cristã.

Os discursos são resultantes de articulações relacionais e as identidades são consequências destas discursividades. Estes discursos são “estruturas descentradas”, nas quais os sentidos são “construídos”, “negociados”, repetidos, dispersos, e compõem as práticas articulatórias. (LACLAU; MOUFFE *apud* MARQUES, 2014, p.120-121). Para Laclau e Mouffe (1987) há estágios de articulação distintos: *elementos*, ou seja, as diferenças que não se articularam no campo da discursividade porque são particulares e diferenciais e os *momentos*, que são expressões diferenciais que se articulam no interior de um discurso (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 176-177).

Por isso que o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus é descentrado, pois separa a ideologia e as pessoas. Nesse descentramento há uma variação de temas que constroem a esquerda como um todo indiviso. No campo do antagônico, quando se afirma que Marx nega todas as religiões, por conseguinte, tomando como verdade de que todas as pessoas pertencentes ao espectro da esquerda fossem marxistas.

Uma das estratégias das narrativas da IURD é o enfoque naquilo que se materializa como negativo. Este termo – aquele configurado como o mal – é descentrado do fiel, da pessoa, do militante - para o aspecto da ideologia, significante (entidade, espectro, fantasma) articulado na mesma chave de uma forma de manifestação do ‘mal’, que acomete e domina o ‘cristão’ a tal ponto de não compreender e de prejudicar sua experiência de fé. Se o enunciado da IURD é de aceção de pessoas, ela contraria sua própria fórmula tradicional – cura, libertação (exorcismo), prosperidade.

São os silenciamentos discursivos, o dito e o não-dito, os interditos, que são relevantes na construção da ideologia, que engendram as narrativas, por isso “procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2013, p. 59).

As pautas morais e de costumes produzem uma infinidade de sentidos no tecido social. Muitos significantes se ancoram parcial, precária e contingencialmente. O conceito de família é um destes significantes cujos sentidos se repetem, assim como

reserva uma dimensão polissêmica de significados. O significante que ancora parcial, precária e contingencialmente essas demandas é a família. Em torno dela, significados se repetem assim como ela reserva uma dimensão polissêmica. O caráter universal, aprisionado como interpretação unívoca, colide com demandas particulares de identidades sociais que expressam outros sentidos e novas configurações.

Para a IURD, a família se assenta na estrutura patriarcal que remete à ideia de coesão social, desde a formação biológica – pai, mãe e filhos -; religiosa, homem como a ‘cabeça’ do lar e que ocupa as funções de ‘pastoreio’; e econômica, nas provisões da vida. A partir da constituição de sua identidade, que é resultado das próprias práticas discursivas, a IURD estabelece as fronteiras – o corte antagônico, com outras identidades, ‘outros’, que a impedem de expressar sua identidade.

No que se refere à economia, a emancipação do indivíduo é associada diretamente ao mérito, não da universalidade do sujeito, mas da ascensão do indivíduo. Para a Universal, a emancipação propugnada pela esquerda é compreendida como sintoma do conflito tais como: de classe social, gênero, orientação e identidade. Em relação ao aspecto das confluências entre as identidades e, concomitantemente, as interrupções entre elas, sob o prisma das diferenças e não das cadeias de equivalência, o momento de interrupção é radical e constitutivo. O choque entre as identidades gera, em vez de confluência, interrupções.

O aspecto da identidade e das identidades é sobremaneira fundante e fundamental. Identidade é uma construção relacional. O discurso é relacional à medida que se constrói a partir de elementos dispersos, entre diferenças, que de modo precário e parcial, para a fixação de sentidos, se articulam em cadeias de equivalência. Estes sentidos constituem as identidades, que têm como fronteira de sua plena realização o antagônico. Ela se constitui pelo que é (o mesmo) e pelo que não é (o outro). Um impedimento relacional, ou seja, a impossibilidade de constituição da identidade (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 214). A partir da compreensão do antagônico como “uma relação entre forças inimigas” (...) e (...) “a presença do inimigo me impede de constituir minha própria identidade” (LACLAU, 2014, p. 133).

“A esquerda quer mudar o conceito de família”, com essa afirmação, a Universal, que defende o conceito de família nuclear burguesa ocidental, enfatiza que o propósito da esquerda é desestruturar este modelo. E, para a IURD, em seu discurso, isso não afetaria a sua identidade, mas também outras identidades, dentro do espectro de denominações cristãs.

Mudar o conceito significa reverter os sentidos, dar-lhes significados diferentes daqueles comportados pelo conceito, subvertendo-o. O pastor e deputado estadual Altair Moraes⁸⁵ (Republicanos) justifica o conceito de família segundo a ótica da Universal e, concomitantemente, reitera a negatividade correspondente aos sentidos que a esquerda atribui ao mesmo conceito:

(13’24”) a esquerda quer mudar o conceito de família, ou seja, não é mais o conceito tradicional, conceito divino de família, homem, mulher, pai, mãe e filhos. Mas a esquerda, qualquer tipo de relacionamento afetivo como legal, não importa se é pai com filho, não importa se são três ou quatro pessoas, casamentos polígamos, se é homem com animal, não importa, se você proibir é porque você é contra o amor (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

O sentido de ‘família’ tradicional apresentado discursivamente pela Universal remete à concepção de estrutura desta instituição, que segue um modelo, segundo o deputado, oposto ao formulado pela esquerda. O modelo de família para a igreja é o binômio – homem e mulher, cuja figura masculina encarna a figura do empresário de sucesso, das funções de autoridade no âmbito da Igreja e da oficialidade discursiva predominante em todos os programas verificados.

Outra premissa falaciosa é imputar à esquerda alguns tipos de comportamentos, com o objetivo de estigmatizá-la. As pautas morais e de costumes são os fios que costuram o tecido do conceito de ‘família’. Em torno do conceito, alguns significantes não se articulam e não produzem sentido de identificação na

⁸⁵ Altair Moraes nascido em Pernambuco foi um atleta de artes marciais – Karatê. Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus e eleito deputado estadual pela primeira vez em 2018 pelo partido Republicanos, com 86.230 votos e reeleito em 2022, com 98.515 votos. É autor do Projeto de Lei 346/2019 que define o sexo biológico como único fator determinante nas partidas esportivas oficiais do Estado de São Paulo.

narrativa da Igreja como, por exemplo igualdade e identidade de gênero, orientação sexual e união civil homoafetiva, células-tronco e aborto (nos casos não previstos na lei brasileira), pautas em relação às quais a IURD se antagoniza, se organizam amiúde em demandas gerais ainda não articuladas e lutas de movimentos e da militância destas causas, que englobam os debates dos direitos humanos e as reivindicações de políticas sociais. Essas sobredeterminações da realidade são fatos considerados pela IURD, por isso a análise do discurso que não “trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como fato. Ela tem sua origem ligada ao político” (ORLANDI, 2008, p. 25).

A IURD se comporta diferentemente de outras denominações evangélicas, principalmente no que concerne às formas de negociação do e no espaço público. Os principais interesses dependem de uma liberdade distinta do isolamento da esfera privada, ou seja, a aproximação da esfera religiosa ao mundo secular, portanto, ela modula sua discursividade (multi-discursiva e contingencial) para atingir seus objetivos.

A disputa discursiva pela afirmação de um estatuto da bandeira cristã, é simbolicamente violenta. Para endossar essa constatação, a Universal, com a aproximação das eleições de 2022, produziu um episódio do Entrelinhas intitulado *Contradições da Esquerda*, no qual se acusam pastores de outras igrejas por terem orientados os partidos de esquerda a respeito das narrativas apropriadas ao meio evangélico, sobretudo, aquelas relacionadas às pautas de costumes. Deslocando-as à esfera econômica, conforme o bispo Renato Cardoso **(14’40’)**, estes ‘pastores’ sugerem que “o eleitorado cristão não quer ouvir sobre isso (...), “mas fale, leve o povo a pensar sobre dinheiro no bolso” (Contradições da Esquerda de 29/05/2022).

Nas recomendações feitas por tais pastores, a esquerda deveria alinhar seu discurso e ‘silenciar’ outros – interditos. **(01’50’)** “a esquerda deve evitar alguns assuntos (...) casamento de pessoas do mesmo sexo” (...) **(06’33’)** “trisal” (...)

“relações incestuosas”⁸⁶ (...) “nome social que segue o gênero”. No entanto, o período entre a vitória de Lula em 2002 e em 2016 (momento do desembarque da IURD do campo de apoio ao governo petista, às vésperas do *impeachment*), alguns desses debates existiam mas nem por isso houve, naquele momento, uma ruptura. Tudo isso do ponto de vista do imaginário social, fundamentalmente, do imaginário do cristão, atrapalharia as intenções políticas e o processo eleitoral, (...) e esconderia **(02’53”)** “do povo as verdadeiras intenções” (Contradições da Esquerda de 29/05/2022). A narrativa nas entrelinhas vincula à esquerda as demandas que supostamente, para a IURD, ela pretende esconder, contudo, decodificadas a partir da lente do antagônico que a Igreja opera e imputando, inclusive, predicacões inverossímeis.

A sociedade é um território das múltiplas identidades. Um dos ambientes alvissareiros e no qual germinaria esta ‘ideologia’, a de gênero, vinculada à esquerda, na lógica iurdiana, seria o espaço escolar. Na enunciação da narração onisciente **(02’20”)** esse enunciado é nítido: “É nas escolas que essa mente aberta é criada por meio da sexualização precoce e da ideologia de gênero” (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020). Essas narrativas carregam fortes significados que afloram afetos e sentimentos: medo, raiva, desgosto, frustração, ressentimentos, ansiedade. Gera um pânico moral, ‘fantasma’ – o mal que ronda um lugar no qual as famílias não têm controle. Estes assuntos não comporiam somente as aulas. Estão, de acordo com o bispo Renato Cardoso **(21’01”)**: “Especialmente no currículo escolar” (*Pode um cristão ser de esquerda?* 07/06/2020). **(16’45”)** “Meu filho aprendeu na escola que ele pode escolher se é menina ou menino (...)” (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020).

(16’45”) a ideologia de gênero principalmente implantada nas escolas é uma ideologia de extrema esquerda, no Brasil a extrema esquerda está representada por estes partidos: [imagem das siglas dos partidos – PT, PSOL, PCdoB e PSB]. (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020).

⁸⁶ Como se a esquerda defendesse o incesto, o que não é verdade.

A premissa de diluição do espectro da esquerda em extrema esquerda e, por conseguinte, a caracterização de todos os partidos de esquerda no Congresso como de extrema esquerda, é um discurso de construção do antagonismo. Os contra-argumentos da IURD trazem à tona as fundamentações de que ela atribui à esquerda a pulverização desta ideologia (que deflagra o mal e destrói as famílias) como uma construção social, ao contrário da defesa de um processo biológico:

Bispo Renato Cardoso **(21'37")** “A ideologia de gênero ensina que o sexo é uma construção social, ou seja, é a sociedade que faz a pessoa ser homem ou mulher, não é a biologia, não é o sexo biológico (...), mas a esquerda apela a esse tipo de argumento” (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

Uma das células desta ideologia de esquerda, para a cúpula da Universal, é o cerceamento das liberdades. Ou mais especificamente, de que a esquerda imporia esta ideologia aos fiéis. Sobre isso o deputado estadual Altair Moraes diz:

(14'28") “Não imponha isso sobre ninguém, nós não vamos impor sobre as pessoas o casamento tradicional e tampouco deve-se impor, a esquerda, impor sobre a sociedade que as pessoas vivam aquilo”. (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

A estratégia de não atacar diretamente as pessoas, e, sobretudo, defender o direito de elas se expressarem e exercerem suas liberdades, revela o descentramento que caracteriza a presença do outro no discurso que o ataca, pois, do contrário, estaria adentrando na própria armadilha discursiva, ao negar a primazia da escolha e da liberdade. Importante compreender que a Igreja opera nessa chave do campo democrático, posteriormente, à construção dos predicados do inimigo elencados na introdução dos episódios.

Neste sentido, o deputado Altair Moraes **(20'54")** reitera: “a gente entende que a pessoa tem a opção sexual dela, mas não podemos aceitar é que eles peguem essa ideologia e a coloque aqui em projeto de lei” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). O discurso descentrado no caso acima reconhece a verdade do argumento a respeito da orientação sexual, contudo estabelece as fronteiras da ação da Igreja em relação a essa mesma orientação. Nessa esteira do discursivo, o representante da Universal no Brasil é categórico:

Bispo Renato Cardoso (07'36") nós queremos deixar bem claro como sempre que não há nenhuma discriminação da nossa parte com respeito às pessoas de orientação sexual homoafetiva, a pessoa quer escolher esse caminho, ela é livre para ela fazer o que ela quiser, desde que ela seja adulta, exerça o seu direito, a pessoa é livre tanto para com relação à sua vida sexual, tanto com relação à religião, ou qualquer outro aspecto na vida, desde que ela não desrespeite os direitos do próximo (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020).

O aspecto da negação, enquanto consolidação da identidade é sintoma da presença do outro. Se a IURD argumenta sobre elementos que compõem sua identidade ou com narrativas acusatórias de negação, ela constitui seu território discursivo. Este descentramento do discurso da IURD ao mesmo tempo que insere de modo articulatório elementos do outro, delimita e contingência os aspectos dos sentidos referentes a este mesmo antagonico.

Para a autoridade da IURD há em curso um projeto de destruição da 'família', uma forma de "bagunçar para governar":

(...) (11'11") essa ideologia principalmente da esquerda, ela promove a desestruturação das principais instituições da sociedade: família, religião, empresariado, tudo isso, eles querem avançar a sua desorganização (...), e apresentar uma solução (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020).

Os argumentos de autoridade mobilizados pela IURD ensejam no campo da política ainda mais características acusatórias em relação à esquerda, sem no entanto, evidenciar as bases para tal argumentação. Se o 'coração' do sistema discursivo metabólico da Universal é o antagonico, o pulmão que oxigena essas narrativas é o "testemunho", pelo qual se dá vida à lógica da violência simbólica iurdiana, de apropriação de signos com quem se antagoniza, para desqualificar. Para fortalecer as práticas discursivas da IURD sobre e da política, ela se utiliza deste potente artifício, em que as pessoas que estiveram direta ou indiretamente ligadas ao espectro das esquerdas ou as que frequentaram cultos de matriz afro-brasileira associam os males que as acometiam à sua vinculação com tais 'entidades', e, por outro lado, sua libertação ao encontro que tiveram, por meio da igreja, com as benções da prosperidade mediante o dispositivo da oferta.

A entrevistada Ingrid Moraes, cuja legenda a descreve como: “aderiu ao movimento feminista – PSOL”, segue o roteiro a partir da pergunta inquisitorial realizada pelo apresentador bispo Renato Cardoso, de como ela se aproximou destes movimentos políticos:

(15’34”) amizades com pessoas de esquerda, porque eles eram mais liberais, eles eram mais tolerantes com meu jeito de viver, me seduzindo com aquela falácia de igualdade, entre homens e mulheres. (...) (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

A IURD realiza a negação-aceitação-ressignificação do campo simbólico e material do *outro*. Contudo, mesmo no campo da política, ela remete a um aspecto do discurso nos rituais de exorcismo e da forma que o ‘mal’ entra na vida da pessoa: pela prática do ritual a quem ela caracterizou como ‘diabólico’ e pela presença no lugar onde essas práticas ocorrem. Tudo à medida da sedução do inimigo. A Universal, ao invocar o outro como demônio ou inimigo, reconhece a potência deste.

A entrevistada justifica sua aproximação a estes movimentos feministas, sobretudo, de um certo ‘encantamento’ que a conduziu à militância nas redes sociais, difundindo tais ideais. Ela, inclusive, chegou a se questionar se era de fato uma mulher, isso em decorrência das perguntas que recebia de pessoas que conheceu durante essas vivências: **(16’02”)** “você tem certeza de que você é mulher mesmo? Você tem certeza que apesar de ter nascido com sexo biológico, você não é um homem”? (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

Segundo o testemunho da futura fiel da IURD, isso gerou muita confusão e conflitos entre ela e sua família. Na ordem discursiva iurdiana, a entrevistada começa a apresentar os problemas que percebia em sua vida na esquerda, os sinais de sua ‘cura’ e de sua ‘libertação’, que na gramática da Universal valoriza a figura do diabo e sua possessão (ALMEIDA, 2003, p.335) e a percepção que ela passou a ter sobre as faces da ‘família de esquerda’:

Entrevistada **(17’12”)** todos têm uma família quebrada, aconteceu alguma coisa que destruiu o casamento dos pais, ou as mães muito incisivas e todo esse preconceito que eles acham que é preconceito vai tornando essas pessoas cada vez mais raivosas. **(17’39”)** Uma pessoa que sofria muito, com muito ódio da sociedade, dos homens e

da minha própria família, e de mim mesma, principalmente (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

Portanto, a ex-feminista elenca alguns males de natureza relacional – emocionais e psicológicos -, os quais são testemunhados pela ex-feminista. O percurso de sua narrativa conduz o ouvinte à constatação de que “as esquerdas”⁸⁷ seriam as responsáveis por estes infortúnios em suas vidas. Eles atravessariam as seguintes premissas: encantamento, despertar, acusação, regresso. Ao significante família de esquerda, além daqueles supracitados, ela incorpora a ele o ódio, a destruição e a divisão.

Toda essa maquinaria discursiva se articula a partir do significante ‘família’, um conjunto de léxicos que além de ataques à ‘ideologia de esquerda’, perpassa esferas da vida, como econômicas e relacionais, ao passo que, ainda, influencia e provoca afetos de medo e insegurança nos fiéis através do desenvolvimento de atitude de vigilância e punição. A coesão social precária e parcial estabelece relações de equivalência no que se refere à identidade que rejeitam, portanto, no terreno da tensão entre a diferença e a equivalência. (LACLAU, 2013, p.119).

Essas identidades sociais excluídas compõem a dinâmica da relação entre o ‘mesmo’ e o ‘outro’, na chave do antagônico, porque “suas demandas e identidades não se encontram devidamente contempladas e representadas pelo bloco no poder (LACLAU e MOUFFE, 1985; LACLAU, 2005; LACLAU e ZAC, 1994 *apud* GRACINO; GOULART; FRIAS, 2021, p.550).

Essas demandas passam, na óptica iurdiana, pelo exercício da liberdade. Sobretudo, é um dos temores propagados pela Universal a restrição não somente à liberdade de culto como, também, à de expressão e à de imprensa.

⁸⁷ A Igreja Universal do Reino de Deus, em suas práticas narrativas, utiliza amiúde o significante ‘esquerda’, no plural, em algumas vezes, quando ela se referia aos partidos que compreende participarem do espectro das ‘esquerdas’. Ela também enquadra alguns partidos na extrema esquerda: PT, PSOL, PCdoB e PSB.

O aspecto da liberdade, quando se se refere à Igreja Universal do Reino de Deus, assume características peculiares que marcadamente acompanham as narrativas desta denominação cristã. O exercício da liberdade assume alguns desdobramentos: o de culto, de crença, de organização religiosa e de expressão. Esses direitos são garantidos pela Constituição Federal (1988) assim como garante o Estado laico: a isenção de tributos referentes aos templos e igrejas, as práticas de oferta de ensino confessional, a dimensão civil das cerimônias religiosas. No escopo da liberdade de expressão, foram criadas leis de combate à discriminação e à intolerância religiosa, definindo-se, como marco da consciência dos perigos que advindos da discriminação, da perseguição e do preconceito religioso, todo dia 21 de janeiro. No entanto, a IURD em alguns contextos, precária e contingencialmente, se posicionou em dois limiares: a de vilipêndio, agressões e incitação à violência através de práticas contra as religiões de matriz afro-brasileira e ao catolicismo popular e a de 'vítima perseguida'. Neste caso, a IURD atribui a segmentos midiáticos, religiosos e políticos o uso de práticas persecutórias em relação a ela.

No episódio *Pode um cristão ser de esquerda?*, uma das temáticas que compunha as sete razões incompatíveis entre cristianismo e esquerda é a de que 'a esquerda busca anular a igreja na sociedade'. Nesta afirmação, o que a Universal compreende como anulação da igreja corresponde ao fato de que o Estado decidiria em relação aos assuntos religiosos, inclusive, do controle de suas ações. Os argumentos desenvolvidos no *Entrelinhas* resgatam, dentro do imaginário dos antagonismos, a personificação mais potente do mal, aquele que na hierarquização semântica e simbólica ocupa lugar de destaque nas hostes diabólicas: o 'comunismo'. O antagônico e os antagonismos são duas faces que estabelecem oposição, entre pensamentos, projetos, crenças, identidades, pessoas, poder político. Em síntese, o antagônico é uma 'outra' identidade, não o 'mesmo'. Um exterior constitutivo, que impede a existência do outro (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 51-52).

O bispo Renato Cardoso objetivamente estabelece os atributos, partindo do léxico iurdiano, para detalhar o comunismo, suas origens e potestades:

(22'23") Nós sabemos que o comunismo, quando você fala em comunismo e socialismo, você está falando de dois sistemas de esquerda, o comunismo é um sistema ateu, deus é o Estado, Deus cuida de tudo do indivíduo, logo a igreja em si, é vista como concorrente do comunismo, concorrente do socialismo, por isso que você vê, por exemplo, na China é proibido a bíblia, é proibido você fazer o trabalho da igreja (...) é tudo controlado pelo Estado. Permite a igreja com o controle total do Estado, a esquerda vê a igreja como inimiga" (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

No raciocínio traçado pelo bispo, alguns 'ditos' e 'não-ditos'. Essa narrativa se pretende a apresentar os problemas que a liberdade religiosa e a Igreja sofrem. No entanto, o entrevistador estabelece algumas afirmações que merecem um enfoque: 'deus é o Estado', 'tudo controlado pelo Estado', 'a esquerda vê a igreja como inimiga'. Todas essas afirmações se ligam ao sujeito da oração: comunismo ou socialismo. Todo esse precedente inibe a atuação religiosa e inverte a lógica de que não é a religião que tem inimigos, mas o contrário. No entanto, o ex-deputado e ex-bispo da IURD Carlos Rodrigues, utilizou a expressão 'socialismo de resultados' para justificar o apoio da IURD ao PT, após a vitória nas eleições de 2002.

O deputado estadual Altair Moraes **(26'21")** relembra que nas entranhas do Estado essas prerrogativas são formuladas com o aval das leis: "querem proibir a pregação do evangelho em presídios, em escolas, isso já tem, vivemos em um país laico", (...) "eles querem fazer com que os cristãos paguem tributos sobre dízimo e ofertas, algo que é espontâneo." (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020). O parlamentar salienta a laicidade do Estado, elemento central na garantia da liberdade religiosa, pois, do contrário, se estabeleceria um "Estado Confessional", adepto de alguma vertente religiosa. Mas a preocupação implícita é a de tributação das doações financeiras recebidas pela Igreja.

O contexto da pandemia da Covid 19 impôs uma nova dinâmica à vida, a utilização de máscaras, a higienização, distanciamento social, e o isolamento decretado pelo Estado, a fim de reduzir a disseminação do vírus. Essas medidas fecharam os ambientes de grande aglomeração, inclusive as igrejas, com o objetivo de controlar o avanço da pandemia. Em relação a essa postura de muitos governos,

o bispo Renato Cardoso salienta o aspecto de separação das esferas e da função institucional delas:

(26'51") uma contradição, eles dizem [esquerda] que o Estado é laico, a igreja não pode interferir, mas eles querem interferir na igreja (...) os prefeitos viraram sacerdotes, começaram a dar conselhos, deixaram o papel de prefeito para regular a fé das pessoas (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

O significante 'liberdade', porém, se desloca para um outro contexto, assumindo a dimensão polissêmica de sentidos. O bispo Adilson Silva reafirma a defesa contumaz da liberdade, sobretudo, conecta-a à dimensão da escolha:

(59'04") nada contra quem *escolhe* [grifo nosso] ser homossexual, cada um tem a liberdade, quando isso se chega ao ponto de criarem leis para determinar que a criança que está na escola tenha que aprender isso, então a gente tá vendo que há uma ditadura, é a família que decide, sou eu quem vai ensinar o meu filho os valores da minha família (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

O discurso de que a escolha depende da liberdade se opõe no caso do significante 'orientação' no que tange à dimensão sexual das pessoas. O corte antagônico neste caso se apresenta no aspecto da diferença entre escolha e orientação. Ao se estabelecer esses limites, se cria o campo de ação da Universal. Nessa lógica é consenso e coerente com as práticas narrativas apresentadas que determinam a sexualidade como algo estritamente biológico. Inclusive em relação aos esportes, em que pessoas trans disputam as competições. Conforme o Deputado Altair: **(01'06"27)** "Hoje nós temos pessoas biologicamente homens e se sentem mulheres [gesto entre aspas] e vão competir com mulheres. E usam isso como liberdade de expressão". (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). O bispo Adilson Silva ironiza: **(01'06"48)** "Daqui a pouco vai ter que criar uma liga só de transsexuais" (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). A palavra se '*sentem*', substitui as palavras 'orientação' e a 'identidade', e retira-lhes também o aspecto de liberdade de expressão. Na discussão do conceito de liberdade, a polêmica, altamente convertida em 'munição' de ataque, sobre a invenção de que as esquerdas querem implantar os banheiros 'unissex', é reproduzida à exaustão tanto em igrejas quanto pelas redes sociais. A entrevistada Ingrid Moraes diz: **(01'07"05)**

“Isso que estavam querendo fazer, aquele negócio do banheiro, banheiro pra todo mundo”. (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

Ao mesmo tempo, para a IURD, a liberdade foi garantida pelo sacrifício redentor de Jesus, para que ninguém mais vivesse sob o fardo da escravidão, ora de governo, ora de religião. Renato Cardoso afirma **(57’08”)**: (...) “a esquerda toma de volta essa liberdade” (...) **(57’40”)** “onde o governo é de esquerda as pessoas são podadas de sua liberdade, a esquerda quer controlar o que a gente pode falar, politicamente correto, pode ser preso, às vezes, pelo que você falou”. (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). A entrevistada Ingrid Moraes afirma que a esquerda visa dar outros sentidos às palavras, o que ela chama de politicamente correto. A presença do outro no discurso é articulada de modo a tornar negativo o aspecto polissêmico de alguns léxicos, como se eles fossem invenção da própria esquerda. E isso implicaria na mudança de comportamento e ações dos fiéis. Segundo ela, **(57’57”)** “você vai mudando não só a sua maneira de agir, mas eles vão cerceando a liberdade do próprio pensamento” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

Acerca da deportação dos pastores e bispos de Angola, em 2021, o Entrelinhas dedicou alguns episódios, nos quais apresentava, do prisma da IURD, os motivos da litigância entre os membros da Universal e o governo do país. Para Renato Cardoso, a questão:

(25’46”) “É muito mais do que um problema de liberdade religiosa, de perseguição religiosa, muito mais do que isso, é um problema diplomático, isso é um problema de direitos humanos, isso é uma coisa muito maior do que a IURD (...) (Brasileiros deportados ilegalmente de Angola contam o que passaram de 16/05/2021).

No caso das pautas que compõem os matizes dos Direitos Humanos, a IURD diz que elas são prerrogativas protegidas pelo Estado, por outro lado, quando elas são referidas à esquerda em determinadas pautas, a Igreja as deslegitima. Os meios de comunicação, com sua premissa de liberdade de imprensa e liberdade de expressão, para a Universal, são vinculados a um posicionamento de esquerda. A IURD expressa reiteradamente esse estigma porque há uma carga negativa discursiva em relação à Rede Globo. O bispo Renato Cardoso relembra **(01’00”41)**

(...) “que a mídia hoje em sua grande maioria é de orientação esquerdista, então as pessoas estão passando por uma verdadeira lavagem cerebral, com conceitos de esquerda” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A Universal não apenas desqualifica e desvirtua as práticas discursivas é o descentramento do discurso e a sua apropriação. É no território discursivo que se consolidam as disputas de sentidos, “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2001, p. 39).

A identidade é senão resultado das práticas discursivas, articuladas de modo particular através de suas demandas, precária, parcial e contingencialmente, com o objetivo de atingir suas expectativas e ocupar discursivamente os sentidos daquelas demandas. O que se disputa é o vazio de sentido em torno de significantes, não pela ausência, mas pelo excesso. Este é correspondente ao discurso polissêmico e contingencial modulado pela IURD, tanto do ponto de vista de autoafirmação, quanto sob o prisma acusatório. O sentido de uma identidade, que para sua existência e primazia de seus estatutos de verdade, aceita a existência e atributos do ‘outro’, entretanto, desqualifica-os, ora simbolicamente ora materialmente. O ‘poder do discurso’ e o ‘discurso de poder’ da Universal visa estabelecer o inimigo em comum ao articular os discursos dispersos e particulares e, através do estabelecimento de cadeias de equivalências, apropriar-se no terreno dos sentidos, de uma ordem hegemônica.

Nesse complexo discursivo de disputas no campo do político, as táticas e estratégias se articulam com o objetivo de neutralizar os discursos que destoam da hegemonia discursiva, capturada por práticas discursivas, sobretudo, no que tange às identidades: “desqualificação ou no silenciamento do dissenso e na contenção sociocultural e legal das políticas de reconhecimento”, (...) “assim como da crítica da lógica cultural da pluralização e das políticas de identidade” (BURITY, 2018, p. 32. 34).

No *biodiscurso* identificado na IURD, a partir das entrevistas verificadas no programa Entrelinhas, as narrativas a respeito das identidades antagônicas são engendradas minuciosamente, e essas oposições seriam resultado de uma ideologia

de 'divisão' que aparta a sociedade discursivamente em virtude desta mesma ideologia. O artífice dessas divisões, aquele que encarnaria os males, a esquerda, assume a sua centralidade de protagonista no enredo discursivo da construção do inimigo.

O testemunho de uma ex-feminista de esquerda enseja a gramática contra a qual se opõem os movimentos que deflagrariam o ódio entre as pessoas:

Entrevistada **(18'13")** (...) uma guerra entre duas forças opostas, homens e mulheres, ricos e pobres, heterossexuais e homossexuais e agora transexuais e cisgêneros, palavra que eles inventaram para as pessoas que se sentem bem com o sexo que nasceram" (*Pode um Cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A IURD, na lógica da negatividade a respeito do *outro*, plasma seu processo de identificação. No entanto, o discurso traz as características e as consequências desta ideologia de esquerda para a sociedade e o diagnóstico de que é uma ideologia promotora do conflito. Essas premissas – outro/conflito = negatividade, incorre em um perigo dentro das linhas de uma democracia plural. Conforme Mouffe:

Isto significa que não se pode considerar democrática uma relação entre os diferentes agentes sociais sem a condição de que todos aceitem o caráter particular e limitado de suas reivindicações. Em outros termos, é mister que reconheçam que suas relações mútuas são relações daquelas que é impossível eliminar o poder⁸⁸ (MOUFFE, 1999, p. 19).

Portanto, conforme alerta Laclau e Mouffe (1987), "multiplicar os espaços políticos e impedir que o poder seja concentrado em um ponto são, pois, pré-

⁸⁸ "Esto significa que no se puede considerar democrática la relación entre los diferentes agentes sociales sino a condición de que todos acepten el carácter particular y limitado de sus reivindicaciones. En otros términos, es menester que reconozcan que sus relaciones mutuas son relaciones de las que es imposible eliminar el poder" (MOUFFE, 1999.p. 19).

condições de toda a transformação realmente democrática da sociedade”⁸⁹ (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 294).

Novamente, retomam-se elementos do passado e a ideia de que a esquerda se ocupa na criação de conceitos que operam nos extremos, sobretudo, que através disso, expressariam a violência simbólica. O bispo Renato Cardoso acrescenta aspectos de natureza econômica e social às questões que, segundo ele, compõem a narrativa da esquerda:

Renato Cardoso **(31’14’)** (...) aquele discurso de igualdade, todo mundo é igual, direitos iguais, mas na verdade, para a esquerda prosperar, ela precisa fomentar a divisão entre as pessoas, a guerra entre as classes, a gente tem ali, as fobias, a homofobia, a xenofobia, os ismos, o capitalismo, o socialismo, o racismo, os pobres contra os ricos, então, eles precisam colocar as pessoas em grupos divididos e opostos (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

O antagônico é organizado em memórias. Identificam-se mecanismos de pertencimentos, equivalências discursivas de afetos, desejos e reivindicações, porque “todo discurso atesta sua relação com outros (que ele exclui, ou inclui, ou pressupõe etc.) e com o interdiscurso (que o determina)” (ORLANDI, 2008, p. 43).

A batalha, seja ela espiritual ou política, circula e produz sentidos dentre as pessoas que comungam destes discursos. É a retomada da teodiceia – o confronto entre o bem e o mal, em cujas narrativas o antagônico é central. Tudo é movido pelos afetos, a construção do imaginário social – articula os afetos latentes nos fiéis – traumas, medos, superstições, inseguranças, ódio, raiva, e, simultaneamente, compaixão, esperança, carinho, nostalgia. A resignificação destes elementos que afligem os fiéis, a IURD os incorpora em sua narrativa, sobretudo, no que se refere ao cristianismo. Ela opera significantes relevantes, como família, segurança, propriedade, filhos, inocência. A Universal captura discursivamente os significantes e

⁸⁹ “Multiplicar los espacios políticos e impedir que el poder sea concentrado en un punto son, pues, precondiciones de toda transformación realmente democrática de la sociedad” (MOUFFE; LACLAU, 1987, p. 294)

discursos do antagônico, ela apreende os modos de pensar de determinados grupos sociais ou da sociedade como um todo (...) a respeito de assuntos de interesse comum em contextos parciais e contingenciais. (FIGUEIREDO; CERVellini, 1996, p. 21-22). Este imaginário social – um complexo repositório de sedimentações morais, culturais, psicológicas, religiosas, normativas, econômicas – ora está adormecido, ou seja, em estado latente, ora se realiza. Da fase de latência a uma fase de ação, isto é, da expressão de pensamentos e de ideias, opiniões e decisões, o percurso entre estas etapas depende “da importância e do aspecto relacional” que o “estímulo ativador” - fatos, acontecimentos, que provocam espécies de cadeias de reação - estabelece com os “valores, crenças e atitudes básicas do indivíduo” (FIGUEIREDO; CERVellini, 1996, p. 40).

É nesse contexto que a maquinaria discursiva exorcista iurdiana opera. Retorna a conceitos adormecidos no imaginário do fiel, relaciona-os aos valores, normas, crenças e, por conseguinte, delimita a fronteira do antagônico, com a constituição das identidades.

Na mesma lógica, há uma infinidade de antagonismos. Muitos deles orbitam em torno de um significante específico, tal qual um ímã atrai sobre si uma plêiade de significantes, tanto equívocos quanto unívocos. O antagonismo é o limite dos sentidos, Conforme Marchart (2014):

incapacidade de qualquer ator social em dominar o sentido da sociedade como um todo. A sociedade deve então ser entendida como o efeito de uma ausência ou negatividade, residindo exatamente no antagonismo insolúvel entre tentativas de dominar o sentido do social (MARCHART, 2014, p. 13)

O ex-sindicalista Anderson Nascimento (ex-tesoureiro e diretor de mobilização da SINTRAMOG – filiada à CUT), desvela algumas estratégias da esquerda sobre processos discursivos de pertencimento. Para ele, a esquerda:

(32’19”) adota os mais desprezados (...), dos mais de 10 anos que eu vivi no movimento sindical, tinha-se como os trabalhadores, a representação dos trabalhadores, você fazer a luta em defesa desse grupo, dessa classe (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

A engrenagem que opera o aspecto conflitivo entre as classes sociais é ativada com a pergunta de Renato Cardoso (**32'30"**): Neste caso são os trabalhadores contra os patrões? (*Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020*).

Para o sindicalista, (**32'40"**), tudo isso é decorrente da visão construída historicamente acerca do enriquecimento do patrão, que viria da exploração do trabalhador, conforme:

por conta do suor e do sangue do trabalhador. Então fazia movimentações, mobilizações, inclusive nem se preocupando se aquele empregador fosse à falência. Mas deveria fazer a luta para conseguir algo. (...) Querer impor ao empregador (...) (**33'33"**) vai matar a galinha dos ovos. (...) cria-se uma guerra entre a classe, empregador e empregado (*Pode um cristão ser de esquerda ? de 07/06/2020*).

Em uma mesma enunciação, se reproduzem duas importantes frentes: o social em sua configuração dialética, como território das contradições e de disputas, segundo o testemunho do ex-sindicalista e, concomitantemente, de que sem as relações de 'classes' o motor econômico representado pela figura do empresário não funcionaria. Porque, dentro da fórmula iurdiana do sucesso, a prosperidade e o mérito são indissociáveis, desde que o ritual – cura, libertação e ofertas - seja pressuposto

Os alvos não são estritamente a esquerda. Dentro da tradição dos panteões de divindades que a IURD ressignifica, atribuindo-lhe as funções, nomes e ações diabólicas, estão as que pertencem às religiões afro-brasileira. Exemplo clássico são as perguntas do Bispo Macedo a uma ex-praticante de rituais religiosos de matriz africana. Antes do vilipêndio e incitação à violência simbólica, a tática é de perguntar quais são 'as entidades' que supostamente afligem a pessoa, em uma hierarquia que parte em uma escala das de menores poderes às maiores potestades do mal. 'Exu' seria, na lógica iurdiana, a expressão poderosa destas legiões.

No território da política, há uma sutileza semântica e muito mais complexa em relação ao antagônico, de que a esquerda seria a causadora das discórdias na sociedade - e não as contradições do modo de produção, que acumula e exclui. De acordo com Renato Cardoso (**35'23"**):

desloca os argumentos para o Estado, que através do excesso de leis trabalhistas e tributos engessaria as atividades empresariais no país: são tantos impostos, são tantas regulamentações, tantos sindicatos (...) para ser empresário no Brasil você tem de ser herói (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

Os argumentos construídos remetem ao sentido de que a esquerda, quando é oposição ao governo, atrapalha, pois frequentemente realiza ações e disputas no campo social; por outro lado, outros agentes políticos não têm a mesma prática **(45'28")** (...) “quando a esquerda está no poder, nós tivemos a esquerda 14 anos no poder, nós somos vimos movimentações na época do *impeachment*” [as movimentações a que se refere são de matizes políticas diferentes da esquerda] (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

As premissas iniciais são fundamentais na construção do raciocínio iurdiano, porque os argumentos se fortalecem à medida que eles se conectam a inúmeros significados, que produzem sentidos nos expectadores-fiéis. Ou seja, interconectam aspectos econômicos a pautas morais; prosperidade à ausência de conflitos; o mal à postura da esquerda. Portanto, é uma disputa de sentidos no território da discursividade. “Não se relaciona à falta, mas, ao contrário, ao excesso: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito da evidência, porque se assenta sobre o mesmo, o já-lá” (ORLANDI, 2008, p.36). E todo antagonismo opera na lógica da construção discursiva. Pelo excesso de significados que orbitam em torno de determinados significantes. Portanto, sempre uma relação entre cisões, porque o antagônico ocorre senão pela interrupção da uma identidade (LACLAU, 2014, p.128). Ou seja, os limites entre as identidades, que sempre serão uma ausência, uma incompletude, um vazio em disputa.

As inúmeras formações discursivas – discursos que operam no interior de outros discursos – contudo particulares e parciais, as polifonias, e, por conseguinte, as polissemias orbitam em torno de uma determinada entidade. E a revelação e fundamentação acerca do caminho a percorrer está nas Sagradas Escrituras (Bíblia judaico-cristã). Segundo Renato Cardoso **(01'15"19)**, a esquerda na Bíblia está sempre associada ao mal.

O próprio senhor Jesus atribuía à esquerda, ao lado esquerdo, os que estavam à sua esquerda, ele atribuía a essas pessoas, aquelas que escolheram o mal, praticaram o mal, decidiram seguir o mal, eu não creio que seja coincidência (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

O argumento de associar a esquerda ao mal é descontextualizado e, sobretudo, é uma tentativa de manipular o referencial bíblico com o objetivo de estigmatizar o outro. Este lugar de produção de sentidos comporta uma estrutura hierarquizada, na qual se assenta o complexo de poder. Em, portanto, um movimento de relação de forças. Ora simbólicas, ora materiais. É nessa perspectiva que é valiosa a “noção de Instituição tal como é trabalhada por Foucault: lugar de regularidade, da normatividade que preside o discurso” (ORLANDI, 2008, p. 44).

O raciocínio desenvolvido nas narrativas da IURD apresenta determinada regularidade: as características da esquerda e da política praticada por ela, os objetivos da Igreja sobre as pautas de costumes, a relevância das liberdades para a Instituição, as relações sociais e suas contradições, a centralidade da economia, a força dos testemunhos, a hierarquização das potestades e possibilidades de nomes que remetem ao mal, e, por fim, a sustentação argumentativa a partir da leitura fundamentalista da bíblia, na qual se encontra a gramática, à luz de sua própria interpretação, de um passado idealizado, onde se encontra a nação cristã. Tudo isso, se converte em uma espécie de ‘tradição iurdiana’ discursiva. “O tempo é o da fugacidade. O sentido não se deixa pegar. Instável. Errático. O sentido não dura. O que dura é o seu ‘arcabouço’, a instituição que o fixa e o eterniza. Ele, no entanto, se move em outros lugares”. ORLANDI, 2008, p. 43).

A costura semântica da IURD retoma a tradição de colocar-se em uma posição de imparcialidade diante de espectros políticos-ideológicos, estabelecendo suas convicções. Renato Cardoso (01’15”46) afirma que: “Cristãos de verdade, eles estão acima de esquerda e direita, porque eles ouvem a palavra de Deus, é a diretriz, é o vetor do cristão. (...) E não por ideologias humanas.” (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020). O enunciado acima é mais uma evidência do descentramento, que ora perpassou a manipulação da fundamentação bíblica, ora a delimitação do discurso da IURD, circunscrita ao conceito de cristão, como pretensa representatividade a tal

campo religioso. Ao passo que o cristianismo transcende, na visão do bispo, as diretrizes tanto de esquerda quanto de direita, ele reafirma as próprias linhas que a Igreja segue, pois, “ideologia é interpretação do sentido (em uma direção)” (ORLANDI, 2008, p. 36). Ou seja, a disputa dos sentidos e suas interpretações culminam em finalidades, parciais e precárias da disputa do social.

Alguns conflitos e divisões que a Universal atribui à esquerda se vinculam aos debates em torno do gênero - o controle dos corpos - uma das disputas mais controversas, porque aponta diretamente à estrutura patriarcal, sobretudo à reivindicação emancipatória e de direitos.

O bispo Renato Cardoso tece uma afirmação à entrevistada acerca dos comportamentos que ela tinha quando pertencia à esquerda. **(36’06”)** “Você falou do feminismo, que você passou a odiar homens, mais uma divisão criada para poder prosperar em cima dessa divisão” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Ao mesmo tempo, a entrevista flerta com a proposição do bispo, enfatizando duas demandas:

(36’18”) a de que ela sempre se espelhou em aspectos mais racionais e menos emocionais e que todas as mulheres do mundo foram injustiçadas de alguma forma, e que tudo o que os homens têm, deveria ser das mulheres também (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A crença do ‘outro’ é fundamental na alquimia discursiva iurdiana. Primeiro porque não ocorrem processos de identificação sem a presença de elementos lexicais de outras identidades. Segundo, posteriormente a essa identificação, ocorreria o mecanismo de ressignificação do campo simbólico do qual a IURD se apropriou, contudo, inoculando suas narrativas, que se colocam como centrais e superiores diante daquelas que foram incorporadas. No entanto, dentro do dispositivo do antagônico, a violência simbólica não ocorre apenas pela apropriação, ressignificação e suspeita, mas também pela lente lançada sobre a esquerda a partir de conceitos teológico-bíblicos. Por exemplo, o conceito de ‘espírito’ que nas Escrituras, tem uma função dicotômica. ‘Espírito’ ligado ao bem; ‘espírito ou espíritos’, ao mal. A este são conectados afetos de ódio e, sobretudo, remetem à expressão que compõem o campo

semântico do negativo na bíblia. De acordo com o bispo Renato Cardoso **(25'37")** “a esquerda é vingativa, a esquerda é maliciosa” (26'28") (...) “espírito de divisão, espírito de destruição” (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022). O conjunto de atribuições acusatórias é sustentado pelo discurso de autoridade. Elas são articuladas à medida que os significantes produzem sentidos, contudo, a conclusão é fundamentada em premissas falaciosas.

Os trechos bíblicos interpretados pelas circunstâncias parciais e contingentes mobilizam os discursos entre a teologia e a política. Em algumas citações bíblicas, os termos esquerda e direita aparecem. Contudo, são necessárias sua contextualização e o sentido que faziam à época. “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25:41). E a segunda em “portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus (Col, 3:1).

O Entrelinhas, em *Contradições da Esquerda*, dedicado à crítica aos “pastores-consultores” da esquerda, não poupa o governo Bolsonaro também. Revela neste trecho uma concessão argumentativa para se proteger de críticas e acusações. Acionando a pauta da moralidade na vida pública, diz Renato Cardoso:

(27'41") Bolsonaro também teve os seus pastores prostitutos e todo mundo viu aí que se corromperam para ‘mamar nas tetas’ do governo (...) está errado também” (...) não importa se é esquerda e direita...estamos falando aqui da verdade, do que é justo (...) (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022).

Tal posicionamento corrobora a perspectiva da imagem de não se vincular a nenhum governo e de articular nos debates a posição de moralidade diante do espaço público. Contudo, não corresponde à realidade, porque diretamente a IURD não apenas tem candidaturas oficiais que representam a Igreja, como mobiliza sua maquinaria comunicacional para a promoção de políticos e de ataques a adversários. Além disso, nas redes sociais do bispo Edir Macedo algumas declarações de apoio ao então candidato em 2018 e em 2022, Jair Messias Bolsonaro são recorrentes.

Inclusive, no episódio da deportação dos pastores e bispos que estavam em Angola, o bispo Renato Cardoso relembra esse apoio **25'46"**:

a Igreja Universal, senhor presidente, Bolsonaro, Jair Bolsonaro, que lhe apoiou tanto, abertamente, descaradamente, a [IURD] que lhe apoiou, ela não está pedindo nenhum favor ao senhor, ela está simplesmente cobrando aquilo que é dever de um presidente para com qualquer cidadão do seu país em qualquer nação do mundo" (...) onde está a ação do Brasil"? (*Brasileiros deportados ilegalmente de Angola contam o que passaram* de 16/05/2021)

Entre os significantes verificados, um deles não era recorrente entre as pautas e discussões teóricas a respeito da política. A vinculação da principal referência do espectro da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, ao episódio de sua prisão, nas supostas denúncias da Operação Lava-Jato. Segundo o bispo, Alessandro Paschoall **(32'10")** "no dia 15/04/2021, a esquerda através do seu principal representante, o ex-presidiário e ex-presidente da República recebeu a liberação para disputar as eleições" (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022). No discurso da liderança da IURD, algumas afirmações são difundidas, primeiro com o objetivo de desqualificar, quando evoca o aspecto da prisão de Lula, como se ainda ele estivesse no sistema prisional, reforçando também a ideia de que quem passou por este regime não tem o direito de se reintegrar na sociedade. Por fim, afirmam que ele apenas recebeu a autorização para disputar as eleições, com isso, subentende-se que ele ainda permanece como réu. Se Lula é o representante da esquerda e tem problemas, nessa lógica, e por generalização, o argumento pretende estabelecer essa conexão.

No âmago do antagonismo, uma lógica política em que os sentidos da sociedade, parcial e precários, relacionam-se à dimensão da negatividade. O antagônico atinge a esfera dos debates que envolvem fatores como segurança pública, para além das pautas de combate à corrupção, mas de um estigma de "ex-presidiário". Herança que foi ofuscada da narrativa iurdiana, cujo bispo primaz da Instituição, Edir Macedo, foi preso em 1992, sob as acusações de charlatanismo,

curandeirismo e lavagem de dinheiro. Nesse escopo de ex-presidiários⁹⁰ encontram-se, também, o ex-bispo Carlos Rodrigues e o sobrinho e ex-prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella.

As supostas denúncias que recaíram sobre o presidente Lula eram de corrupção, mas na linguagem mais direta e objetiva caracteriza-se como um tipo de roubo e o praticante dela seria então um ladrão, na síntese iurdiana. Nessa direção, a propósito, a IURD, em sua edição semanal da Folha Universal, lançou um artigo intitulado “Por que Lula tem fama de ladrão? Veja as razões.” A matéria apresenta o histórico de formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e das denúncias que atingiram o núcleo estratégico do partido. Dos escândalos do ‘mensalão’ às denúncias do ‘Petrolão’. “O esquema de corrupção envolvendo a estatal petrolífera brasileira é um dos maiores escândalos políticos e criminais do mundo.” (Portal da Universal de 23/10/2022). E argumenta sobre julgamentos e anulações:

Os casos citados são apenas algumas das acusações existentes contra Lula⁹¹. Envolvido em mais de dez processos sobre corrupção, lavagem de dinheiro, obstrução de justiça, tráfico de influência, organização criminosa e fraude, o petista chegou a ser condenado em dois processos referentes a propinas recebidas de empreiteiras (Portal da Universal de 23/10/2022).

A partir dessa notícia, utiliza-se o termo ‘delitos’, em referência aos processos contra Lula. E a reportagem é concluída evocando o aspecto de que: “Atenção! Lula, mesmo em liberdade e com os direitos políticos retomados, não foi inocentado! Então, o que aconteceu? A defesa do réu alegou que todo o processo contra o ex-presidente ocorreu fora da área de jurisdição” (Portal da Universal de 23/10/2022). Trata-se de um discurso de manipulação, pois imputa termos de acusação e ressalta aspectos de

⁹⁰ Alguns políticos eleitos pelo Republicanos, todavia, não pertencentes à Universal, foram alvos de investigações por supostas relações ao crime organizado e a facções criminosas. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/09/prefeito-acusado-de-elo-com-pcc-ameaca-rodrigo-e-posta-foto-com-ele.shtml>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

⁹¹ Disponível em: <https://www.portaldotrono.com/igreja-universal-alerta-fieis-contralula-tem-fama-de-ladrao/>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

deslegitimação, utilizando-se, inclusive, de argumentos de autoridade de advogados de quem os discursos visam atacar.

Trazer à tona o significante 'ladrão' reproduz impactos morais, no que tange às pautas vinculadas às bandeiras de combate à corrupção, assim como do sentido que produzem do ponto de vista religioso, que reverbera nas características que o 'diabo' assume na tradição cristã:

Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador" (Jo 10,1). (...) [E define as características do mal, enquanto personificação na figura do ladrão]: "O ladrão não vem senão para furtar, matar e destruir (Jo,10,10).

Para Laclau (2011, p.39-40), o elemento que é comum (...) "Logo, tem de ser algo puramente negativo: a ameaça que cada uma põe à identidade nacional". Ele afirma:

Conclui-se que, numa relação de equivalência, cada um dos termos equivalentes funciona como um símbolo da negatividade como tal, de certa impossibilidade universal que penetra a identidade em questão. Posto em outros termos: numa relação antagonística, aquilo que funciona como o polo negativo de certa identidade é constitutivamente dividido. Todos os seus conteúdos expressam uma negatividade geral que os transcende. Por isso, o polo "positivo" também não pode ser reduzido a seus conteúdos concretos: se o que se lhes opõe é a forma universal da negatividade como tal, esses conteúdos têm de expressar por meio de sua relação equivalencial a forma universal de plenitude ou identidade (LACLAU, 2011, p. 39- 40).

O discurso beligerante em relação à negatividade, descontextualiza e desvirtua, por exemplo, a antiga tradição do PT, fundada na luta dos trabalhadores. No discurso de Alessandro Paschoall, ele insiste que o partido abandonou as pautas, as quais seriam a razão de sua própria constituição. As demandas às quais nessa apropriação o bispo se refere seriam as lutas por emprego, moradia, saúde, educação que se converteram em: **(33'59")** "a liberação das drogas, da legalização da maconha, da liberação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, contra a família tradicional da ideologia de gênero nas escolas" (...) (*Contradições da Esquerda* de 29/05/2022). O bispo ressignifica os termos da esquerda, descentra-os e gera uma lógica para confundir os seus interlocutores. Novamente, ele reconhece as bandeiras que

supostamente foram abandonadas pela esquerda, mas reafirma o posicionamento da IURD.

Essa dinâmica, que agrupa pautas morais e de costumes, o combate à corrupção, a liberdade de expressão e a economia, entrelaçam-se predominantemente em todos os episódios analisados. A operação da maquinaria narrativa da IURD modula a frequência discursiva, ora ressignifica conceitos, ora subverte-os. Ela projeta para o campo da política conceitos ligados ao âmbito religioso, amiúde, empregados em narrativas que se relacionam a alguns grupos religiosos, as quais criaram a fisionomia do inimigo: como por exemplo:

Alessandro Paschoall **(33”29”)** as pessoas quando estão dentro desses grupos. Elas são treinadas com uma ideia fundamentalista, discurso de ódio, de extremismo, são orientadas a ser ditatoriais” (Política e Religião se misturam? de 12/09/2021).

Essas fronteiras entre o “nós” e o “eles”, demanda uma questão fundamental, a daquele que evoca o termo em relação ao pensamento ou comportamento do “outro”. Por isso, é sempre um *lócus* de tensão e conflito (BOURDIEU, 1983 *apud* CAMPOS, 2013). Portanto é importante compreender o campo no qual se estruturou o fundamentalismo e contra o qual emergiu (BOURDIEU, 2005).

O fundamentalismo da leitura literal dos textos bíblicos, do dogma da inerrância e infalibilidade da bíblia (CAMPOS, 2013), se reverte na leitura que supostamente a esquerda faz da realidade, porque possui adeptos, crenças, e de maneira proselitista buscaria ‘converter’ as pessoas às suas convicções. Nisso haveria uma ‘doutrinação’, às avessas do apregoado pela religião, que segundo o bispo Renato Cardoso é o ‘marxismo cultural’⁹²

⁹² Talvez a citação de MARX e ENGELS, sedimentou-se no imaginário: “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo”. “Todas as potências da Velha Europa unem-se em uma Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Matternich e Gizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha.” (MARX; ENGELS, 2005, p.39).

(13'38") Gostaria de começar nosso argumento com uma frase do pai da esquerda, o Karl Marx⁹³ (..), ele disse a seguinte frase: a religião é o ópio do povo, a abolição da religião como felicidade ilusória é o que falta para sua verdadeira felicidade (...) ora como pode uma ideologia baseada na ideia de que religião é a droga do povo (...) como essa ideologia pode abraçar as igrejas, apoiar as igrejas, acreditar no *papel das igrejas. É impossível ser cristão e ser de esquerda (Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas de 03/10/2021)*.

O bispo inicia com a expressão de 'pai' da esquerda. Atribuição à suposta linhagem ideológica da esquerda, que seria herdeira deste pensador. O bispo ressalta uma frase famosa e presente nos escritos de Marx nos quais autor tece duras críticas ao Estado prussiano e à concepção hegeliana a respeito do Estado, que, por conseguinte, estão imbrincadas com a religião naquele momento. A utilização desta frase descontextualizada evidencia como operam as etapas do *biodiscurso* iurdiano, pois estabelece a tradição de esquerda como herdeira de um filósofo, cujos componentes históricos e concretos atravessariam essa mesma tradição. Interpreta esse movimento como antirreligioso, pois concebe à religião, supostamente, um papel de 'entorpecimento' dos fiéis. E essa tradição é a transmissão cultural de uma ideologia. Conforme o bispo Renato Cardoso:

(17'30") nós não estamos criticando você que é de esquerda, nós respeitamos quem é de esquerda, quem é de direita, quem é de centro, quem não é nada, nós respeitamos o ser humano, independente da sua ideologia, o que nós estamos falando aqui não é criticar, mas estamos falando aqui se vocês pegarem a ideologia da esquerda (Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas de 03/10/2021)

A IURD, a partir das vozes oficiais no Entrelinhas, deixa claro que haveria uma tradição da ideologia de esquerda, contudo, insere uma característica usualmente do campo religioso, a de uma 'doutrina', que desencadeia os conflitos:

(19'00") Karl Marx defendia que as pessoas são produtos de uma construção social (...), [esse discurso está intimamente conectado à orientação sexual e identidade de gênero, que, em vez de construções

⁹³ Em *A Essência do Cristianismo*, o filósofo Feuerbach já fizera as críticas à religião, por outro lado, Marx pretendia direcionar seus apontamentos à política, e esta, naquele momento, era perpassada pelos poderes religiosos.

biológicas, são construções sociais, nas afirmações da IURD. No tabuleiro das oposições, que são consequências da ideologia de esquerda] (...) especialmente, o resultado da luta dos ricos contra os pobres, da opressão dos ricos sobre os pobres, da burguesia sobre o proletariado, nessa luta de classes⁹⁴, as pessoas estão inseridas ou elas são vítimas ou opressoras. (*Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas* de 03/10/2021).

No discurso, a IURD assume a correlação de forças e contradições ocorridas na sociedade, mas não como resultado do modo de produção vigente, porém, de uma ideologia, a de esquerda, promotora das divisões e disputas. Para o teórico político Ernesto Laclau (2011), a existência do conflito é uma condição indissociável da própria constituição e construção da própria sociedade:

Mas o antagonismo, ainda que seja socialmente regulado e controlado, subsistirá sob a forma do que poderia ser chamado de “guerra de posições”. Cada polo do conflito terá certo poder e exercerá certa violência sobre o outro polo. O paradoxal corolário dessa conclusão é o de que a existência de violência e de antagonismo é uma condição importante para uma sociedade livre. A razão para isso é que o antagonismo resulta do fato de que o social não é uma pluralidade de efeitos que irradiam de um centro previamente dado, mas construído pragmaticamente a partir de muitos pontos de partida. É justamente por isto, porque existe a possibilidade ontológica de choques e desníveis, que podemos falar em liberdade. (LACLAU, 2011, p.171-172).

A IURD evoca algumas potestades do imaginário social e político e este inimigo é identificado no léxico socialismo. As potestades do imaginário social político da IURD, um outro ‘inimigo’ é evocado discursivamente, o léxico ‘socialismo’, que já foi incorporado parcial e contingentemente ao vocabulário iurdiano. O socialismo não representa apenas um fantasma combatido pela Igreja, mas remete ao lugar onde essa ideologia surgiu, haja vista a maciça narrativa de Venezuela e Cuba, reverberadas nos meios de comunicação da Universal. Nessa somatória de elementos diferenciais, que talvez se convertam em momentos de um discurso, fixam-se

⁹⁴ Conforme MARX e ENGELS (2005, p.40) “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes (...) e de que as pessoas são obrigadas a encarar sem ilusões a sua posição social”.

sentidos. A esquerda como antagônica, herdeira de Marx, com pautas que visam destruir a família. Muitas associações acusatórias e generalistas têm o objetivo de delimitar o território das identidades e de seu reconhecimento. Por outro lado, após as eleições de 2002, em uma entrevista concedida pelo deputado e coordenador político à época, o bispo Carlos Rodrigues, ao expressar o ‘embarque’ da IURD no apoio à candidatura de Lula, afirma que fariam um novo tipo de política. Um “*socialismo de resultados*” (Jornal do Brasil de 13/10/2002 *apud* ORO, 2003, p. 287, *grifo nosso*).

As disputas no terreno da política não ocorrem discursivamente apenas no Brasil. Elas transcendem os 5 continentes onde a IURD se instalou em mais de 100 países, dentre os quais, Angola⁹⁵, país palco de inúmeras controvérsias entre as autoridades religiosas da Universal e ex-pastores angolanos, e o governo local.

Renato Cardoso (**52’32”**) foram enganadas por esses dissidentes, há uma sede de poder, uma ambição de tomar posse do patrimônio da igreja, que essa é a verdade, porque é o que demonstram querer, porque foram tomando o patrimônio da igreja, e nessa sede de tomar o patrimônio da igreja, criaram uma narrativa contra a Igreja Universal, a liderança espiritual da Igreja Universal, e algumas autoridades angolanas acreditaram que a Igreja Universal estaria maltratando, castrando os angolanos, e que teria alguma aspiração política, a Igreja Universal não tem aspiração política nenhuma, em Angola e nenhum outro lugar (*Brasileiros deportados ilegalmente de Angola contam o que passaram* de 16/05/2021).

O dinheiro acompanha a Igreja Universal do Reino de Deus em suas narrativas, praticamente um repertório próprio que a difere de outras denominações. O indivíduo é uma peça-chave central na consolidação destes discursos da IURD. Coloca-se, aqui, a construção do empresário de si, detentor da alta performance, das metas definidas, com foco, visão, missão, ambição e valores. Este indivíduo crê nas promessas determinadas por Deus e com a “fé inabalável no caráter benéfico do mercado” (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 237).

⁹⁵ Segundo denúncia deflagrada pelos bispos angolanos, a IURD teria supostamente retirado do país US\$ 120 milhões por ano. O montante seria referente às ofertas e dízimos (Portal UOL de 18/11/2021). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/18/igreja-universal-angola-dolares.htm>Acesso em: 10 de novembro de 2022.

O bispo Renato Cardoso enfatiza que a ideologia de esquerda deslocaria tanto a obtenção das benesses do social quanto de suas mazelas - às desigualdades sociais - à sociedade. Segundo ele, “a esquerda tende a responsabilizar a sociedade pelos infortúnios da pessoa. Ou seja, você é pobre porque o rico te oprime. Ela não te dá a visão que você poderia ter uma mobilidade social, que é sair da pobreza e estar numa vida melhor pelos seus próprios méritos”. **(39’39”)** (...) “Isso é totalmente antibíblico porque Deus nos responsabiliza pessoalmente pela nossa vida, a própria salvação é individual, a fé é individual, Deus vai tratar cada um segundo seus próprios méritos, segundo sua própria fé”. (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020). Embora o argumento supostamente se referencie na Bíblia, ele não está claramente descrito nela, é, pois, um argumento de autoridade. Para o bispo, o que há é a responsabilidade individual, e não responsabilidade social, reitera apenas que **(40’09”)**, “como bom cristão, é um bom cidadão” (Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).

É o enaltecimento do ‘eu soberano’. Aquele que crê nas promessas e na sociedade com Deus, que se configuram na sua personificação, a idolatria do Mercado⁹⁶. Conforme Assman e Hinkelammert:

Fascinados por essa "serventia" dos seus deuses, os seres humanos se entregam prazerosamente a eles. Consumindo-os (já que os mitos são bons para serem comidos), os homens perdem em geral a consciência de que existem deuses devoradores da vida humana. Os ídolos são implacáveis em suas exigências de sacrifícios (ASSMAN; HINKELAMMERT, 1989 p.11).

É o que Walter Benjamin (2013) afirmava sobre o Capitalismo como Religião: um “culto de duração permanente culpabilizador” (BENJAMIN, 2013).

Ao mesmo tempo, que realiza a crítica ao modelo materialista da história que se volta à coletivização da propriedade, chave oposta a que a Universal propõe. A de

⁹⁶ “Ídolos são os deuses da opressão. Biblicamente, o conceito de ídolo e idolatria está diretamente vinculado à manipulação de símbolos religiosos para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano” (ASSMAN; HINKELAMMERT, 1989 p.11).

que a propriedade pertence ao indivíduo. Assim como a dívida e fracassos se dão pela ausência da pujança e das bençãos.

A prática discursiva une a confissão positiva - a crença de que as dádivas estão determinadas, basta, através da fé e das ofertas, tomar posse da promessa – na sociedade com Deus e das condições materiais de investimento nessa empreitada do indivíduo. Essas ações da IURD são realizadas pelas maciças campanhas de arrecadação de ofertas e dízimos, porque são indissociáveis deste discurso da fé positiva. Por isso, enfatiza-se, às segundas-feiras, a palestra Congresso para o Sucesso. Para os bispos da Universal, a esquerda nega a ideia de mobilidade social e da saída da pobreza. Como contestação, eles trazem a parábola bíblica dos talentos (Mt, 25:14-30). A justificativa é de que a esquerda **(47'08")** “confunde justiça com igualdade”:

Bispo Renato Cardoso **(47'14")** um chavão que você vai ouvir muito na boca da esquerda é justiça social. (...) a maior injustiça é a igualdade. Porque ninguém é igual. Homem não igual mulher, mulher não é igual a homem, patrão não é igual a funcionário, nem funcionário são iguais uns aos outros, vocês têm em uma empresa aqueles que desempenham bem aqueles que não desempenham tão bem, então a maior injustiça é você tratar todo mundo igual, essa é a maior injustiça, a palavra de Deus mostra que nem Deus tratou todo mundo com igualdade. (...) Jesus, na parábola dos talentos, chama três servos dele e dá a cada um, um número de talentos segundo a sua capacidade, cada um tem uma capacidade diferente, então para um ele deu 5, para outro ele deu 2, para outro ele deu 1, olha só, Jesus capitalista, Jesus socialmente injusto. (...) Deus dá a cada um segundo os seus méritos (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

O mérito – a recompensa recebida estritamente pelos próprios esforços àqueles que creem – é uma das narrativas que se colocam como oposição ao que a IURD afirma a respeito da esquerda. Para o deputado estadual Altair Moraes, **(49'32")** “quando se tira o mérito do indivíduo, quer se colocar tudo igual, é absurdo, é meritocracia mesmo” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A meritocracia como resultado da vitória nas mais diversificadas áreas da vida: financeira, social, afetiva, espiritual, através dos esforços e pela fé consciente. Por outro lado: o fracasso que produz a culpa e a dívida que são responsabilidades do indivíduo, ora pela falta de fé na promessa, ora pelos laços do ‘inimigo’ que direta ou

indiretamente impediram a ascensão daquele fiel. No enredo iurdiano, o modelo do arrependimento da vida pregressa e a conversão não mobilizam as decisões dos fiéis, a culpa não é operada como falha ou desvio do caminho, mas a capacidade de escolha do indivíduo, da adesão: ao ritual de cura (exorcismo), e libertação. Por isso, nesse drama da condição humana, a figura do diabo é a protagonista. Portanto, a prosperidade ou sua ausência não está relacionada simplesmente à conversão, mas na confiança do dispositivo da fé, libertação e oferta. A ruptura deste ciclo corresponderia à presença das 'forças diabólicas' na vida do fiel.

A ideologia da prosperidade e do mérito aportam em alguns pensamentos enraizados na cultura: do agricultor, de quem planta, colhe; no plano moral, acerca dos erros, de que cada pessoa é responsável pelas escolhas e equívocos. Tudo isso, para justificar a ascensão de uma pessoa que era pobre e tornou-se empresária de sucesso. O vínculo afetivo, econômico e social, emanam da família e os resultados recaem sobre o indivíduo. Contraditoriamente, algumas narrativas emancipatórias relacionadas à propriedade coletiva aparecem apenas sob a lógica da filantropia e campanhas sociais.

A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber (2004), sistematiza a formação do *ethos* protestante em sua simbiose com o modo de produção capitalista. Contudo, o trabalho é antecessor à prosperidade, que se consolida ou não. Na dinâmica neopentecostal, a prosperidade é o cumprimento das promessas originárias das pessoas enquanto sócias de Deus, portanto, a prosperidade é resultado da fé positiva e do sacrifício da oferta, da cura dos males e da sua libertação. É permitir livremente o toque do "bafo" do espírito do mercado. Conforme Ribeiro (1985) "uma ideologia enobrecedora do enriquecimento" (RIBEIRO, 1985, p.144). A graça, o esforço que a antecede e a prosperidade convertem-se no indivíduo, sempre à expectativa de alçar voos prósperos, de ascensão e acúmulo de bens (ALMEIDA, 2019). Em grande medida, esse entendimento do esforço individual tem uma afinidade de sentido com a orientação da Teologia da Prosperidade dos neopentecostais, que se expande pelo meio evangélico e para além dele. Trata-se, principalmente, de estimular a postura empreendedora

com o objetivo não só de sobrevivência financeira, mas de acúmulo material e de mobilidade social.

Esse hábito que impregna as entranhas do indivíduo, que nega a injustiça advinda das contradições de classes, migra para um patamar da benção, do mérito e da livre iniciativa, que são resultados da influência da teologia da prosperidade, onde, sob o mesmo céu, as oportunidades existem para todos. Segundo a versão da IURD, na explanação de Altair Moraes (42'00) – a esquerda considera que as pessoas que tiveram ascensão são “os privilegiados, você é rico porque teve facilidade” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Este indivíduo – fiel e empresário de si, ultrapassa os flagelos das hostes diabólicas, e, como resultado, a prosperidade e a abundância na vida, desde que, a partir da experiência com Deus, se proponha a “aceitar Sua palavra” (MACEDO, 1999, p.37 *apud*, MARIANO, 2003, p. 244).

A equação entre a fé possuidora e a eficácia das promessas bíblicas mobiliza os pobres, a partir da fórmula iurdiana, a pleitear os bens terrenos – para isso, alimentam financeiramente a igreja: nas atividades missionárias e nos investimentos que a IURD realiza na aquisição, construção e manutenção de templos, igrejas, patrimônios. Esse envolvimento entre fiel e Instituição produz uma relação econômica de crédito com as obras de Deus (MARIANO, 2003, p. 258). Contudo, como empregado, a riqueza estaria distante, por isso a busca pelo empreendimento e pela autonomia empresarial.

A primazia do indivíduo ante à coletividade na narrativa iurdiana traz, em seu bojo, a crença de que os laços entre as pessoas e Deus são restabelecidos somente pela oferta financeira, o que garante a mobilidade social e, simultaneamente, a proteção em relação às artimanhas do mal. A promessa existe, mas a obediência e a prova da fé são imprescindíveis para a garantia dos bens terrestres. (MACEDO, 1985, p. 36 *apud*, MARIANO, 1996, p. 37).

Os bens terrestres e seu deleite para o discurso da Universal é de responsabilidade estritamente do pobre, porque o esquema cura, libertação e prosperidade, funciona simbioticamente com um outro sistema: a fé positiva, a doação e a expectativa da posse. Contudo, se a miséria recair sobre o fiel, a culpa pertence

somente a ele, porque interrompeu alguns destes passos do ritual. Para o bispo Renato Cardoso, o conceito de distribuição de renda que transfere do rico ao pobre é equivocado:

(50'50") (...) o rico tem de pagar o imposto lá em cima pra dar pro outro que não trabalhou como ele, essa redistribuição de renda, chamada justiça social, o rico pode até contribuir mais, mas a esquerda é que promove altos impostos, põe a mão no bolso do rico" (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A IURD se posiciona claramente no sentido de que a carga tributária recolhida dos ricos é um sinal de contribuição social, no entanto, ela atribui à esquerda a dinâmica de elevação tributária, e, sobretudo, justifica que se há problemas sociais é devido ao não direcionamento devido dos recursos pela esquerda. Tal argumento é inverídico - porque Estado e esquerda não são indivisíveis -, enquanto, ainda, difunde a centralidade do mérito, de que o rico sustentaria as pessoas de baixa renda que não trabalham. A autoridade da Universal nos assuntos políticos, Alessandro Pascoal afirma que é **(16'30")** um "engano de que o lado social só foi feito pela esquerda, quando se associa, aos projetos sociais, ao auxílio ao pobre (...) "na verdade são projetos de governo" (...) (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Neste trecho, a IURD se apropria do aspecto das causas sociais e, contingencialmente, vincula-os ao um projeto de governo e não à esquerda. Pois é atribuição dos governos o zelo pelo pobre **(18'15")** "seja ele de esquerda, seja ele de direita, porque é parte do governo, Jesus disse: os pobres sempre terão entre vós, os pobres sempre vão existir", ressalta o bispo Renato Cardoso (...) (*Contradições da Esquerda* de 29/05/2022).

Estes discursos se articulam em algumas direções, um vetor voltado ao mérito e responsabilização do indivíduo, pelas riquezas adquiridas ou pela pobreza que o assola; e por outro, um vetor de que há algo determinado em relação à presença dos pobres.

Desta visão, a IURD, em seu *biodiscurso*, traz seu vetor mais potente e rápido, a força do testemunho. E, para isso, a voz do deputado e pastor Altair Moraes.

(01'22"16) se eu fosse me deixar levar pela ideologia de esquerda eu não estaria aqui: porque eu sou nordestino, sou de cor e de família

pobre, então, e eu era um militante de esquerda, quando eu descobri a verdade eu me libertei disso, o que a gente quer passar é a libertação, quando uma pessoa erra no mundo e ela se converte, é porque ela conheceu a verdade, e através da verdade ela se libertou, é a mesma coisa na parte política, tem pessoas que são cristãs que ainda não entenderam isso (*Pode um cristão ser de esquerda ?* de 07/06/2020).

No discurso do pastor, ele enfatiza a questão de um certo determinismo e de uma condição imutável diante do social, identificada, segundo ele, na esquerda. E o processo de libertação desta visão de mundo, ou seja, da ideologia, o pastor prosperou nas mais diversas esferas da vida. Por isso, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar” (FOUCAULT, p. 10, 2015).

O discurso da prevalência do indivíduo diante da coletividade é uma forma de controle e da presença do antagônico – o diabo. O controle deste indivíduo é introjetado no imaginário, pois sem seguir os passos da libertação ele estará fadado às maldições nas esferas da vida e de que a estrutura de rituais de controle desta mesma lógica é reservada ao ambiente institucional:

Bispo Renato Cardoso (**20’37”**) (...) a ação social começa com o indivíduo, quando você pega o governo para fazer ação social como você falou ainda que seja obrigação de qualquer governo, mas quando a gente vai olhar a ineficiência dos governos você vai ver que o governo tira 10 de você pelos impostos, fica com 9 e distribui 1 a conta gota ao necessitado, a burocracia e a ineficiência do governo é tamanha e a maior parte que eles recolhem com impostos não chega de volta na população (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022).

Neste momento, a IURD desloca discursivamente o foco e apresenta alguns elementos relevantes. De um lado expõe a relação do governo com as ações sociais, práticas que as igrejas também realizam. Inclusive, a Universal tem forte presença em ações sociais, nas quais o seu braço assistencial é a Associação Beneficente Cristã, além de inúmeros projetos e campanhas em espaço de fronteiras socioeconômicas. Renato Cardoso tece um comentário irônico a respeito do conceito de socialismo e ações sociais:

(18'17") o cristianismo tem a ver muito com o socialismo, porque o socialismo promove algumas ideias que tem haver com o cristianismo, o cuidado com os pobres, atenção às pessoas mais necessitadas, então as pessoas pensam assim, então Jesus era socialista, ajudava os pobres... (Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas de 03/10/2021)

Por outro lado, tecem críticas à forma de distribuição destes recursos, que são direcionados de forma desigual. E, do ponto de vista econômico, no jargão do neoliberalismo, conectam ao Estado os adjetivos de burocrático e ineficiente. Nesse enunciado apresentam, dois significantes que compõem o repertório econômico, sobretudo de uma ideologia liberal, são expostos: ineficiência e burocracia. Na leitura da IURD, são dois problemas inerentes ao Estado brasileiro que engessam as ações e, concomitante, inibem suas capilaridades **(53'59")**: “a esquerda incha o governo e cria situações promíscuas entre as empresas” (*Contradições da esquerda de 29/05/2022*). A desqualificação discursiva da esquerda se mistura às próprias atribuições do Estado e, simultaneamente, à sua deslegitimação.

Nas discussões no Entrelinhas, as pautas econômicas e sociais se unem às questões securitárias, de base moral, com o acréscimo de características do mundo corporativo, que são engessadas em virtude do que eles chamam de assistencialismo, que, para eles, em vez de ‘aquecer a economia’, gera mais desemprego.

Bispo Renato Cardoso **(46'00")** tudo que a esquerda toca fica pior, basta você olhar isso, a esquerda toca na segurança, ela defende o bandido e o roubo e ataca a polícia, causa uma baderna, a esquerda toca na economia, trava o empresariado trava o empreendedor provoca o desemprego, promove o assistencialismo, da assistência de bolsas disso e bolsas daqui e o desemprego aumenta e a economia fica e ninguém investe nada (*Contradições da Esquerda de 29/05/2022*).

A IURD associa a esquerda ao Estado e à capacidade de decisão de toda a política institucional. Fundamentalmente, como responsável pelas políticas públicas de modo geral, sem a distinção das esferas dos poderes. Os discursos oficiais da IURD articularam significantes de produção de sentidos, no tripé – indivíduo-economia-coletivo. Em momento algum, ela justifica socialmente a origem das

desigualdades. Pelo contrário, na construção dos antagônicos, as contradições são resultado da práxis da esquerda e não do modelo neoliberal capitalista:

Renato Cardoso **(56'50"')** A esquerda quer falar de ajudar os pobres. Eu acho que a esquerda precisa mais ler a Bíblia se quiser falar com o povo evangélico, é a independência econômica, é a dependência de Deus e de si mesmo (...) um Deus que levanta da pobreza ou da miséria, pelos seus próprios esforços e não por esmolas e migalhas do governo, essa é a crença cristã, é a nossa fé, e não vamos comprometê-la por bolsa de nenhum tipo (...) (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022).

As menções à Bíblia que a IURD articula tomam como primazia o aspecto de um discurso interno da Instituição, que oculta a dimensão do Estado laico e subentende como a esquerda deveria agir diante dos evangélicos. Na mesma direção, a Universal se autoproclama discursivamente ao reiterar quais seriam os elementos que ela compreende como associados à fé cristã e da negação das políticas de assistência. É a prática discursiva da inversão-continuidade-aceitação, ou seja, a IURD nega-aceita-ressignifica. Uma palavra não-dita e silenciada neste contexto é a caridade. Porque na construção de sentidos da IURD, a 'esmola' permanente não produz pessoas independentes e autônomas e, sobretudo, sem a ambição de vida plena – portanto, sem os esforços e talentos – pilares da meritocracia, que alimentam as ofertas e os dízimos.

Para Renato Cardoso mediante sua interpretação da bíblia, as escolhas das pessoas dependem da decisão individual e não de grupos:

(19'00"') interpreta as Sagradas Escrituras do ponto de vista de que no cristianismo as pessoas não são fruto de um grupo, mas sim fruto de suas decisões individuais (...) Deus sempre responsabilizou o indivíduo, a salvação é individual, os méritos são individuais, as consequências do pecado são individuais (*Por que a igreja insiste tanto em banir as igrejas* de 03/10/2021).

As práticas discursivas da IURD salientam que a esquerda afirma que as escolhas são coletivas, contudo, apresentam uma interpretação da Bíblia que enseja a discursividade da própria Instituição, sem citações claras, transparecendo apenas discurso de autoridade. Na travessia entre a economia, a política e a religião, os debates

perpassam conceitos como secularização e laicidade do Estado. A questão da religião condenada à esfera privada e individual, herança da secularização, é um dos vértices da possibilidade de compreensão do fenômeno religioso e uma interpretação de que os movimentos religiosos regressaram ao espaço público, sobretudo no que se refere às normas e costumes (ALMEIDA, 2018, p.208). Conforme Camurça (2019), uma forma de “retomada” de um espaço de que os religiosos foram “banidos”. Por outro lado, o conceito de ‘religião pública’, é uma chave interpretativa para a compreensão de como a expressão e protagonismo destes evangélicos-pentecostais configura uma identidade religiosa, reorganiza o cenário e a participação nele, de modo decisório (BURITY, 2015; BURITY, 2016; BURITY, 2018). Para Camurça (2019) diz respeito ao terreno de embates entre igrejas e seus dissidentes, adversários e inimigos, terreno que ela não consegue evitar ou fechar, porque quer atuar publicamente.

Em hipótese, o *biodiscurso* iurdiano, embora se expresse enquanto minoria perseguida – pela mídia, pela política e por outras vertentes religiosas, simultaneamente, na correlação de forças, se mantinha historicamente nas próprias entranhas do poder político. Uma ausência que se fazia presente.

A aproximação da Universal à política governamental, conforme apresentado no 1º capítulo, tem como marco a Constituinte de 1987. Com a eleição do deputado e bispo Roberto Augusto Lopes. O bispo Edir Macedo, na transação para adquirir a Rede Record, não poupou esforços para garantir a vitória de Fernando Collor de Mello (PRN) à presidência, em 1989, contra o adversário Luíz Inácio Lula da Silva (PT).

Do ponto de vista prático a IURD influencia o partido PRB, hoje Republicanos. Contudo, ela não o controla exclusivamente. Sob a ótica legal, os bispos são militantes políticos e parlamentares, inclusive, se licenciam das funções eclesiais, pois uma igreja não é a representante de um partido político, em virtude de ferir a laicidade do Estado. Nele, as candidaturas oficiais da Igreja são lançadas, obreiros, pastores ou bispos, contudo, pessoas que não são ligadas à IURD também pleiteiam as eleições no partido, obviamente, sob a influência de coordenadores políticos que pertencem à IURD e de outros agentes políticos que deliberam sobre as demandas da sigla. Laclau

(2000) é enfático na afirmação de que sem representação não há hegemonia. “Se um setor particular tem que encarnar os objetivos universais da comunidade, a representação é essencialmente inerente ao vínculo hegemônico” (LACLAU; ZIZEC; BUTLER, 2000, p. 213).

Em relação à militância de lideranças do campo evangélico, que se identificam como de esquerda e que disputam o espaço público e sua representação nele, elas tecem inúmeras críticas a algumas denominações neopentecostais, sobretudo à IURD. Na pesquisa realizada pela antropóloga Christina Vital da Cunha, *Irmãos contra o império: evangélicos de esquerda nas eleições de 2020 no Brasil*. Ela entrevistou algumas pessoas a propósito de disputarem as eleições municipais no Rio de Janeiro. Entre os testemunhos que foram ouvidos, está a lógica da “luta política”, que de acordo com os entrevistados, se conecta às suas vidas, porque são:

‘lutas diárias’ contra a misoginia, racismo, pobreza, homofobia. Nesse cenário, a afirmação e busca de legitimidade de suas identidades como “progressistas”, “de esquerda” e evangélicos tornava-se estratégico política, social, religiosa e subjetivamente (VITAL CUNHA, 2021, p. 39-40).

A Universal, em virtude destes grupos evangélicos organizados, inclusive da Bancada Evangélica Popular (BEP), que se apresentaria como contraposição à Frente Parlamentar Evangélica, realizou, em 2020, uma matéria⁹⁷ em seu periódico, a Folha Universal, *O que está por trás da Bancada Evangélica Popular?* O texto liga a estes candidatos a ideia de que pretendem “deturpar a palavra de Deus”. Inclusive, conecta à iniciativa, a ideia de que tais candidatos fomentam a luta contra irmãos (Portal Universal de 27 de setembro de 2020).

Em um dos episódios do Entrelinhas, *Ataques à família tradicional, política e a bênção do possuidor*, o bispo Renato Cardoso retoma a importância de o cristão escolher seus representantes nas eleições. Relata o aspecto de que o legislativo

⁹⁷ UNIVERSAL. O que está por trás da Bancada Evangélica Popular. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/bancada-evangelica-popular/>. Acesso em: Acesso em 10 de junho de 2022.

apresenta projetos de lei e de que a política determina os rumos da cidade. Chama atenção das predileções em relação à política:

(15'45") mas eu não gosto de política, não interessa se você gosta ou não gosta, quando uma lei é passada, você gostando ou não você tem de cumpri-la, só resta a você cumpri-la. Depois não adianta reclamar (*Ataques à família tradicional, política e a benção do possuidor* de 01/11/2020).

A política, nas narrativas dos bispos, se configura como um instrumento de 'combate ao mal' – uma batalha espiritual e política – conforme o deputado estadual Altair Moraes (Republicanos) **(41'34")** “a política foi criada para travar, pra barrar, os projetos do mal” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Para os bispos a esquerda utiliza uma estratégia de que a política não é lugar dos evangélicos **(01'18"32)** (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

As práticas discursivas da IURD, sobretudo, em seu *biodiscurso*, estabelece cadeias discursivas diferenciais “o significado das demandas é determinado em grande parte por suas posições diferenciais na estrutura simbólica da sociedade e é somente sua frustração que as apresenta sob uma nova luz” (LACLAU, 2013, p. 141). Estas demandas são impossibilitadas de se realizar em virtude da presença de um 'outro' – outra identidade, um inimigo imaginário, personificado em um determinado espectro da política. Na metáfora, o bispo Renato Cardoso **(10"40")** vincula a esquerda à figura do lobo, “fale para o povo o que ele quer ouvir, um pastor dá este conselho, em outras palavras, está pegando as ovelhas, está dizendo pro lobo: é assim que você devora as ovelhas, vendendo seu rebanho aos lobos” (*Contradições da Esquerda*, 29/05/2022).

Os antagonismos, como os operadores da equivalência “anulam toda positividade do objeto e dão uma existência real para a negatividade como tal. Esta impossibilidade do real – negatividade – alcançou uma forma de presença” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 220). Portanto, a noção dos antagonismos é relevante em virtude das possibilidades e impossibilidades do social.

Nos discursos “as palavras como se fossem armas de guerra” (CAMPOS, 1997, p. 311 *apud* CONCEIÇÃO, 2010, p. 97), são apontadas para alvos, que compõem o

panteão da ‘tradição’ iurdiana do ‘mal’. Isto é, as religiões de matriz afro-brasileira, catolicismo popular, mídia, e a ‘ideologia de esquerda’. A diferença é entre estes lugares de combate: para as religiões e a mídia - os templos e os meios de comunicação da Universal; no caso da política – a IURD, além destes lugares, pratica seus discursos em ambientes físicos ou virtuais. Contudo, ao ocupar, através das eleições, mandatos eletivos, ela pratica sua ‘teologia do inimigo’ a partir nos poderes Legislativo e Executivo. Por isso, de acordo com o pastor e deputado estadual Altair Moraes,

(12’12”) o cristão vota em valores e não se pauta por pessoas, portanto, conhecer a ideologia das pessoas em quem votar é importante. (...) Quando a pessoa coloca alguém que tem uma ideologia que não coaduna com a bíblia, com aquilo que a gente crê, aquela pessoa vai assumir um cargo ali, ela vai embora, mas o legado dela vai ficar, porque o que ela pensou como lei, como ideologia ela coloca aquilo no papel. *(Pode um cristão ser de esquerda? de 07/06/2020).*

O alicerce dos ideais do cristão, sob esse prisma e, sobretudo, das leis, são os 10 mandamentos, e, desta forma:

nós entendemos o seguinte, as leis se baseiam nos 10 mandamentos, não tem como desassociar a política da religião, todos os lugares acontece isso, a política aconteceu justamente por isso, o mundo estava uma bagunça violenta, [conclui o deputado] **(30’00”)** (...) *(Pode um cristão ser de esquerda ? de 07/06/2020).* [A IURD ressalta a ‘invasão’ de terras (e não o termo ocupação) realizada pelo MST, e ironizam]: “isso é democracia! *(Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).*

Um fantasma que ronda o imaginário oficial da IURD é a relação entre a regulamentação dos meios de comunicação e a esquerda. Para eles, haveria um projeto dos governos de esquerda em relação à “pregação do evangelho nos meios de comunicação” **(25’59”)** *(Pode um cristão ser de esquerda de 07/06/2020).* Inclusive, complementam tal narrativa com um trecho recortado de um discurso do ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva **(’03”31)** “se a gente voltar a governar esse país, a gente vai é fazer sim a regulamentação dos meios de comunicação”. A narração (onisciente), justifica aquilo que consideram como cerceamento das liberdades:

(...) considerada um verdadeiro ataque à democracia, a regulação da mídia já é um tema que surgiu durante o mandato de Lula, de sua sucessora Dilma Rousseff e ainda durante a campanha eleitoral de Fernando Haddad, a regulação mencionada é uma espécie de limitação da mídia, e agride a liberdade de expressão, mesmo que o discurso seja de defesa da democracia, por trás há uma forma de manipular a comunicação de maneira legalizada, regulando seus direitos, deveres, regras referentes ao exercício da imprensa. Essa censura já vem acontecendo atualmente como vimos em casos recentes envolvendo o Supremo Tribunal Federal, STF e também a CPI da COVID que acontece no senado que chegou a quebrar o sigilo de veículos de comunicação consolidados para abordar supostas fakenews (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021)

A discussão *da* política e *sobre* a política se misturam. Nesse trecho, alertam a respeito do poder que a política tem para interferir nas liberdades, significante valioso para a IURD. Além disso, a suposta interferência que alegam não apenas se dirige à evangelização, mas ao complexo comunicacional que a Igreja detém. Para endossar a narrativa, trazem à tona o discurso de um sociólogo, Thiago Cortês (**08'08"**), que retoma o artigo 5º da constituição, que "diz que é inviolável a liberdade de consciência e de crença e que é assegurado o livre exercício de culto" (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021).

Os bispos comentam positivamente sobre as pautas sociais da esquerda, de que são válidas, contudo, apregoam que elas são apenas "maquiagens" para passarem projetos que se preocupam com a tributação do dízimo, pelas interferências na fé, e com a proibição do evangelho em várias instituições (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

A negação-aceitação-ressignificação discursiva se desdobra até o objetivo 'não-dito' da prática discursiva: a desqualificação do campo simbólico do adversário, contudo, sem desacreditá-lo. Ela introduz à sua prática discursiva, os signos do 'inimigo', para produzir sentidos, ações e vínculos de pertencimento, sobretudo para as identidades que compõem o cristianismo. A disputa discursiva é, sobretudo, a questão do poder. A incessante luta é a da ocupação parcial, precária e contingencial deste lugar, conforme Lefort (1993), "o lugar vazio do poder":

tornou-se o próprio centro da política democrática. Enquanto essa luta é insolúvel, ela também serve como a principal fonte de coesão social.

Por causa dos seus antagonismos – sob os quais a organização, a *raison d'être* e os objetivos da sociedade estão em debate – os antagonistas afirmam-se a si próprios como membros da mesma comunidade (MARCHART, 2016, p. 12-13).

Para o bispo Adilson Silva, o fundamento para a representação e de ocupar o espaço público “é não apoiar uma política que contraria a fé e os princípios” **(10’56”)** (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Para isso, é importante a consciência da “intenção que há por parte da esquerda” (...), por conseguinte, as pessoas perceberão que não podem **(13’19”)** “apoiar esse tipo de ideologia e esse tipo de candidato” (*Contradições da Esquerda* de 29/05/2022). Nesse escopo, estão as demandas que concorrem pela “moralidade pública” e se projetam opostamente aos direitos conquistados, “civis, sociais, reprodutivos, sexuais” (ALMEIDA, 2017, p. 17-18).

A crença na convicção do ‘inimigo’ é articulada nas estruturas internas – igrejas e templos, e nas manifestações externas – mídia e o campo da política. Do capital simbólico difundido pela esquerda, o ‘social’ é semanticamente modulado à imagem e semelhança dos propósitos da Universal, incorporado ao *biodiscurso* iurdiano. Conforme Alessandro Paschoall:

(25’11”) esquerda, é lado do socialismo, do trabalho social, as pessoas acham que esse pessoal é que é legal, porque eles ajudam o próximo, eles pensam no próximo, mas esquecem desses outros ideais, é como se fosse uma cortina de fumaça (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

Entretanto, uma das vozes oficiais da IURD, o bispo Adilson Silva, **(52’27”)** reivindica essas pautas sociais, contudo, que elas levem “as pessoas à visão de empreender, de acreditar nelas mesmas” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). Nessa direção das políticas públicas de assistência social, o ex-sindicalista **(53’38”)** conecta a ideia de que a esquerda se aproveita disso para chegar ao poder através do assistencialismo (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). A representatividade é uma das premissas da lógica da IURD, **(11’44”)** “escolher uma pessoa para representá-la, ela tem de estar dentro dos princípios ideais que ela também tem” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). A essa premissa de escolha de futuros políticos que representarão os fiéis, um dado é

incorporado à narrativa, os números de evangélicos⁹⁸ no país. Aqui não há a distinção, na interpretação dos bispos, eles consideram qualitativamente de todos os segmentos e insistem na máxima de que **(16'00)** “os evangélicos vão decidir as eleições de 2022” (...) (*Fakenews de partidos esquerdistas e gigantes na saúde* de 18/09/2022). Por isso que a opção de não exercer a cidadania do voto, revela que (narrador onisciente) **(00'00”56)** “os eleitores preferem anular o seu direito de escolha, com isso acabam virando escravos de posições que favorecem a desestrutura moral, ética, financeira e intelectual” (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021).

Para o bispo Adilson Silva, a importância não é apenas o enfoque nas candidaturas majoritárias, mas nas candidaturas proporcionais, as quais têm o poder de legislar:

(40'29”) quando são cargos menores, deputado estadual, deputado federal, vereador, eu pego qualquer um que eu ache ali no chão. Só que o que tá lá no executivo que são presidente, governadores, e os prefeitos, não fazem nada, não conseguem fazer nada sem o legislativo (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021).

O *biodiscurso* na arena do político (antagonístico), e da política (agonística) nas disputas pelas instituições, traz à tona elementos do âmbito teológico que se secularizaram. O eixo amigo-inimigo é um destes. Unidades discursivas em torno de demandas não contempladas se articularam na construção de identidades, parciais e precárias, de modo a produzir sentidos em relação ao *outro*. Estes discursos são simbólicos no sentido de agruparem narrativas ainda dispersas, embora guardem a potencialidade para a articulação diferencial e particularmente assumam uma pretensão de universalidade de sentidos. Por outro lado, é diabólico, porque é um discurso de que a negatividade ocupa o espaço da ausência, um discurso de cisão,

⁹⁸ Evangélicos é o termo utilizado para mensuração pelo IBGE: protestantes históricos e pentecostais e neopentecostais. Os números corresponderiam a 31% da população (G1 de 13/01/2020). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

de interrupção. Há uma diferenciação em relação ao ‘outro’ e de total ‘indiferenciação’ quando se refere à ideia universal de esquerda.

O fantasma a ser ‘exorcizado’ é a ‘ideologia de esquerda’, cuja possessão aflige, na discursividade beligerante da IURD, a vida do militante. As manifestações que apontam para um ‘corpo possuído’ por esta ideologia **(19’00”)** “são os homossexuais lutando contra os hetero, são os negros lutando contra os brancos, a burguesia contra o proletariado, e as mulheres contra os homens e o patriarcado contra as mulheres” (*Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas* de 03/10/2021). A “ideologia da divisão”.

A divisão é um termo associado ao ‘mal’ na bíblia. (Mt 12,25). A IURD diz que na bíblia a esquerda está sempre associada ao mal

(01’15”19) O próprio senhor Jesus atribuía à esquerda, ao lado esquerdo, os que estavam à sua esquerda, ele atribuía a essas pessoas, aquelas que escolheram o mal, praticaram o mal, decidiram seguir o mal, eu não creio que seja coincidência. (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

Depois de incorporar o significante ideologia em seu campo de discursividade, quando é um instrumento de ataque ao inimigo, a Universal defende que o cristianismo não tem relação com ideologia alguma **(01’15”46)** “Cristãos de verdade, eles estão acima de esquerda e direita, porque eles ouvem a palavra de Deus, é a diretriz, é o vetor do cristão”. (...) “E não por ideologias humanas” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020).

O combate pela política das ‘forças diabólicas’, passa pelo reestabelecimento do poder que a esquerda pretende limitar da Igreja:

(21’20”) porque a igreja dá à pessoa o poder de ela pensar por ela mesma, dá à pessoa a liberdade, dá à pessoa o entendimento que ela é responsável por ela, que responde a Deus e que segue os princípios que a esquerda se incomoda tanto, como os princípios da família, da meritocracia” (...) (*Por que a esquerda insiste tanto em banir as igrejas* de 03/10/2021).

O bispo Renato Cardoso reitera de que não se trata de um sistema teocrático **(01’19”58)** “nós não estamos defendendo que a igreja vai dominar o governo, estamos

falando de princípios judaico-cristãos que orientam um governo, para quê?, para a justiça verdadeira” (*Pode um cristão ser de esquerda?* de 07/06/2020). A IURD, para os bispos está, no espaço público, **(11’53”)** “entre as primeiras instituições que gozam de credibilidade entre o povo são as igrejas”, conclui o bispo Renato Cardoso (*Contradições da Esquerda de 29/05/2022*).

Dentro do Estado Democrático de Direito, a presença das igrejas no espaço público é garantia constitucional. O bispo Eduardo Bravo⁹⁹ ressalta a função social da própria religião, ou seja, das igrejas na promoção de obras assistenciais:

(22’21”) a igreja promove a mudança de vida, que a igreja também faz obra social, aliás, quem mais ajuda esse Brasil são as igrejas evangélicas mais junto com a cesta básica sua palavra de fé, sua vida vai mudar, (...) a vara pra pescar(...) (*Contradições da Esquerda de 29/05/2022*).

A Universal, com a presença do outro em seu discurso, enfatiza a questão filantrópica da Instituição, como concorrencial ao governo, no caso da assistência. Isso corrobora a ideia de Mouffe (1999), de que “a democracia só pode existir quando nenhum agente social está em condições de aparecer como dono do fundamento da sociedade e representante da totalidade” (MOUFFE, 1999, p. 19). No entanto, esse pressuposto do sistema democrático abarca as relações entre os adversários – agonismo, e, concomitantemente, também os antagonismos. O bispo Alessandro Paschoall diz que:

(00’32’44) Esse desequilíbrio de não ver a política como democracia, a política é arte do diálogo, sentar aqui e conseguir conversar com ela tendo nossas diferenças e saber que nós temos de encontrar um meio, um caminho, dentro dessas diferenças, pra que chegamos a um ponto de vista do que é melhor, tanto para atender, tanto para quem está aqui, como para quem está de lá” (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021)

A Igreja Universal do Reino de Deus, discursivamente, articula elementos do jargão da política, de tal modo que eles legitimam e produzem sentidos dentro do

⁹⁹ O bispo Eduardo Bravo é responsável pelas Relações Institucionais da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil e no Exterior.

escopo dos antagonismos que sua lógica alimenta. O enredo volta ao seu clímax com a presença do protagonista na cena: o inimigo que impede a identidade e a vontade de poder: **(36'50"')** como impedir que leis que envergonham o evangélico sejam aprovadas” (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021). A resposta à pergunta, que dialoga com o público da IURD, é clara e, sobretudo, uma convocação à ‘guerra política’:

Você deve enxergar a política como missão, que alguns lutam para denegrir, assim como o mal luta para eleger seus colaboradores, Deus conta com os verdadeiros cristão para eleger os governantes na Terra, por isso, a missão não vem do homem, mas de Deus. Segundo, não deixe para se envolver nesse assunto apenas às vésperas das eleições(...)você deve acompanhar os seus representantes políticos eleitos nas redes sociais e compartilhar os seus feitos. Distribua os informativos dos seus parlamentares há um grupo especializado em assuntos políticos que defende a fé cristã, pois saiba que o Arimatéia foi criado a fim de elucidar de maneira objetiva como funciona a política no meio evangélico, as causas defendidas e tudo que está por trás de supostas boas propostas, lá você terá acesso a reuniões mensais que te auxiliarão no momento da escolha”. (*Política e Religião se misturam?* de 12/09/2021).

A prática discursiva da IURD apresenta a importância da política enquanto ação para mudanças da sociedade e produção de sentidos para articulação destas ações. Conecta à política o aspecto de missão, uma tarefa de combater as forças do mal que ocupam o espaço público. Para isso, a escolha de representantes que comungam dos ideais da Universal. Nos discursos do bispo primaz e empresário, Edir Macedo, as batalhas espirituais ocupam a centralidade na vida do fiel:

essa luta é renhida e, embora não andemos atrás dos demônios, eles andam à nossa procura para nos afastar de Deus. São Inimigos dEle e do ser humano; daí a necessidade da luta. Essa luta com Satanás é necessária para podermos dar o devido valor à salvação eterna, pois não há vitória sem luta (MACEDO, 2001, p.29 apud CONCEIÇÃO, 2010, p.11).

Contudo, o bispo Macedo retoma em seu livro, *Plano de Poder (2008)*, o aspecto de que “a resposta está aí, pois essa passagem bíblica menciona claramente um reino e domínio terreno e não após a morte dos filhos de Deus” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 12). O papel do Estado e da política na vida são sobremaneira

decisivos, e o que define e assegura essas representações é o processo eleitoral (MACEDO; OLIVEIRA, 2008).

um movimento social organizado com cerca de 40 milhões de pessoas, que são os evangélicos, teria uma força e tanto. De forma alguma estamos sugerindo que os evangélicos e suas respectivas igrejas se tornem partidos políticos, mas sim que não fiquem omissos acerca desse tema (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p.33).

A presença do antagonismo como incompletude da identidade no território da discursividade é uma faceta da pluralidade discursiva do sistema democrático. O bispo Macedo, não apenas em seu discurso revela o aspecto de participação no campo das decisões e das escolhas da representatividade eleitorais. Contudo aponta para uma 'vontade de poder', revelada no protagonismo das 'minorias' cujas demandas não foram atendidas; de um projeto de poder, entranhado no complexo religioso-empresarial-midiático-político da própria Igreja.

No desfecho, do episódio *Pode um cristão ser de esquerda?*, o resultado de uma lógica cíclica de um *biodiscurso*, a ocupação do território do sentido, parcial e precariamente, no que se refere à identidade(mesmo) e do diferente(outro), ou seja, de como houve a ruptura entre o pertencimento à esquerda e a inserção na Igreja Universal do Reino de Deus. O bispo Renato Cardoso (01'07"15) "Eu queria que vocês falassem como vocês deixaram de ser esquerdistas"

Ex sindicalistas (01'08"37) Como um cristão chega ao ponto de ser levado para a delegacia, porque agrediu. (..) to parecendo Barrabás queria apoio de Jesus para acabar com os romanos. Chegou um ponto que não dava mais, isso já estava me prejudicando espiritualmente e a opção foi largar tudo e abandonar(...) era um conflito violento. Ou você assume a sua fé (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

A entrevistada justifica como mudou de vida:

Ingrid Moraes: (01'10"36) Eu me envolvi muito rápido e eu saí muito rápido, talvez porque eu sempre pensei muito. Eu também já estava na igreja e esse discurso me seduziu por causa dessa questão de justiça, eu achava que era o correto, e de Jesus ter sido socialista isso é um absurdo sem tamanho, e como eu tava na igreja, achei que faz

sentido, não pensei com a cabeça, pensei com aquele sentimento de vou poder fazer uma justiça, Jesus também queria libertar os pobres, ele veio pra quem tava precisando. (...) começando no grupo de jovens, e eu estava tendo muito problema em casa, minha mãe virou pra mim e falou, fala com Deus, (...) e foi muito o que aconteceu, ‘conhecereis a verdade e verdade vos libertará’ (...) Deus me mostrou o erro daquilo, Deus me mostrou o quanto aquela ideologia não tinha nada dele. Jesus não era socialista de jeito nenhum. Não tinha como as mulheres defenderem o feminismo. (...) **(01’12”43)** como você pode defender que você é uma mulher cristã e você defende o aborto, que você defende que os homens são seus inimigos, como você ser uma mulher que se diz de Deus e quer ser um homem, você quer alterar o que Deus criou, você então tá dizendo que Deus errou. Acordei de novo. (*Pode um cristão ser de esquerda* de 07/06/2020).

O discurso da entrevistada busca em citações descontextualizadas da Bíblia justificativas para seu distanciamento das práticas de esquerda, que ela não havia percebido quando atuava como militante. Para isso, insiste na desqualificação da ideia de que Jesus era socialista, e de que essas narrativas compunham apenas uma ideologia apregoada pelo campo que ela abandonou.

Apresentam-se, aqui, os adjetivos acusatórios de caracterização do inimigo. Este como propagador da violência e da discórdia e de que suas artimanhas adentram na vida do fiel. Essas práticas discursivas da IURD como ação e sentido se articulam em um discurso descentrado, que sustenta a ideia de incompatibilidade, segundo a IURD, entre cristianismo e ideologia de esquerda. Nesses discursos é nítida a crítica à emancipação que supostamente contraria a lógica na qual se assentam parcial e contingencialmente os discursos.

Considerações finais

O discurso em sua materialidade reúne em si, a linguagem, a individualidade e o social. É real e concreto. Nele as relações na sociedade são observadas, sobretudo, na relação entre a linguagem e as ideologias que produzem sujeitos e sujeitos que as produzem. O território da discursividade é o terreno das disputas de sentidos, precários, parciais e contingentes. A Teoria do Discurso formulada por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe lançou luzes para a compreensão do objeto desta dissertação, que é fluido, dinâmico, relacional. Aqui, analisaram-se as práticas discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus *sobre e da* política.

Alguns fios foram importantes para costurar o tecido das práticas discursivas da IURD. A questão do antagônico, agônico e das identidades. A partir dessas chaves interpretativas, foi pertinente a verificação da bibliografia acerca da Universal em relação aos discursos que ela articula a respeito das diversas esferas da vida: religião, economia, moral, política, liberdade.

Nessa retrospectiva discursiva da Universal, percebeu-se o movimento dessas narrativas. Primeiro, pela forte conexão com a Instituição, do ponto de vista de uma tradição que se retroalimenta, ou seja, os discursos são seguidos da cúpula às bases. A fórmula das práticas discursivas da Igreja em relação aos rituais: cura (exorcismo), libertação e prosperidade são reproduzidas tal qual nos momentos de sua fundação, em 1977. Esses ritos dependem da presença do ‘mal’, aquele personificado pelo diabo da tradição cristã. Os males e os infortúnios são decorrentes da ação e possessão/manifestação dele na vida dos fiéis. É a “batalha espiritual”.

As práticas discursivas foram observadas no programa Entrelinhas, hospedado na plataforma streaming, Univervideo. Dele foram analisados alguns episódios, cujas seleções perpassavam temas como moral, política, aborto, identidade de gênero.

Esse discurso é articulado não apenas do ponto de vista religioso. Dentro dos templos, ele é uma prática do *modus operandi* iurdiano no campo da economia – na maquinaria de arrecadação de ofertas e dízimos dos fiéis que foram libertos do mal, mas que, para deixá-lo distante e atingirem a fartura financeira, precisam doar à Igreja

seus recursos. A ausência da prosperidade é de responsabilidade do fiel porque não teve uma fé positiva, a posse daquilo que ainda não se tem, ou pela doação irrisória, que caracteriza não crer suficientemente, e sobretudo, a presença do diabólico na vida do fiel.

Essa lógica dos antagonicos foi identificada na relação discursiva da IURD com as religiões de matriz afro-brasileira, catolicismo popular, emissoras de comunicação e espectros da política. A prática discursiva faz sentido à medida que se apropria de signos e símbolos do campo do qual ela se antagoniza. A identidade precária e parcial da Instituição é receptiva para absorver o capital simbólico do *outro*, reinterpretando-o e produzindo novos sentidos. A resignificação da experiência, ou seja, de elementos já existentes em outros campos é a alquimia iurdiana.

A relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a política revelou a plasticidade e abertura que tem do ponto de vista da aproximação ao poder constituído. Desde 1989, a IURD se posicionou nas fileiras de sustentação do governante. Ora pelos interesses pela aprovação de seu complexo comunicacional, a Rede Record, ora pela reivindicação de outras regalias: cargos, liberações de áreas para construção de templos e igrejas, aprovações de leis e intervenções em questões diplomáticas e anistia em dívidas.

Não há amadorismo nas ações empreendidas pelo conglomerado, é uma dinâmica cíclica, na qual todos os investimentos que a Instituição realiza orbitam em torno da arrecadação financeira que é diluída nos vários segmentos, de bancos a hospitais.

A IURD manifesta um poder-discurso, aquele relacionado à realidade religiosa e da prosperidade e, concomitantemente, um discurso-de-poder, que se volta ao campo da política, haja vista o potencial de candidaturas eleitas pelo partido Republicanos no Brasil, e de modo relevante, a vitória ao governo de São Paulo, de Tarcísio de Freitas, nas eleições estaduais de 2022. O futuro governador é filiado ao partido ligado à IURD, contudo não é um membro orgânico da instituição e também não estará sob a ingerência total da Universal, pois há coalizão em torno da vitória do candidato que perpassa outros partidos, mas a Igreja terá forte influência, porque o

presidente da sigla é o bispo iurdiano Marcos Pereira. A Universal tem um *'biodiscurso'*, cujo complexo metabólico em seu funcionamento depende dos sistemas vitais de sua simbiose: religião, economia, política, moral, comunicação que se inserem em uma forma de teologia do domínio. Estes elementos perpassam a lógica da fé positiva (Confissão Positiva) e das promessas determinadas (Restauracionista). Nesse discurso está a possibilidade de um tipo de teologia, a do inimigo.

REFERÊNCIAS

Agência France Presse. “Warnermedia e Discovery anunciam fusão para criar gigante do *streaming*”. In. G1.com [on-line], 17/05/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/17/warnermedia-e-discovery-anunciam-fusao-para-criar-gigante-do-streaming.ghtml>. Acesso em: 10 jan.2022.

ALMEIDA, Ronaldo de. A Guerra de Possessões. In.ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 321-342.

ALMEIDA, Ronaldo. Players evangélicos na crise brasileira (2013-2018). In: Guadalupe, José Luis Pérez; Carranza, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 217-236.

ALMEIDA, Ronaldo. A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, Ronaldo de A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violência. Cadernos Pagu (50), 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDm3wb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de set de 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. Novo Estudo. CEBRAP. São Paulo. Volume 38.p.185-213. jan/abr.2019

Disponível em; <https://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-185.pdf>
Acesso: setembro/2020

ALMEIDA, Ronaldo Romulo Machado de. A universalização do reino de Deus.1996. 127 f. Dissertação(Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1996.

Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281592/1/Almeida_RonaldoRomuloMachadode_M.pdf

Acesso: setembro/2020

ALMEIDA, Ronaldo de. Os deuses do parlamento. Novo Estudo. CEBRAP. Especial. São Paulo. Volume 38.p.71-79. jun.2017b.

Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/wp-content/uploads/2017/06/OS-DEUSES-DO-PARLAMENTO-Ronaldo-de-Almeida.pdf>

Acesso: setembro/2020

ANDRADE, Hanrrikson de; AMARAL, Luciana. Igrejas podem ter lucros, mas são isentas de tributação; entenda o motivo. Portal UOL, 20 de jun de 2020.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/20/igrejas-podem-ter-lucros-mas-sao-isentas-de-tributacao-entenda-o-motivo.htm>. Acesso em: 10 de jun de 2022

ARAÚJO, Pedro Zambarda. Exclusivo: como é o apartamento de Edir Macedo no templo de Salomão. Diário do Centro do Mundo, de 17 de out de 2016. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/exclusivo-como-e-o-apartamento-do-bispo-macedo-no-templo-de-salomao/>, Acesso em: 10 de jun de 2022.

ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina. Petrópolis/São Paulo: Vozes/WACC, 1986.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia. São Paulo: Vozes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. (Org). LOWI, Michel. São Paulo, Boitempo, 2013, 192 p.

BERGER, Christa. Tensão entre os campos religioso e midiático. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; BRAUN, Ana Claudia Endo (Orgs.). Mídia e religião na sociedade do espetáculo. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 25-32.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. X, nº 2, Outubro, 2004, p. 288-338. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/n4WbzcvpzQYfwgd643NMQdq/?lang=pt>
Acesso em: 10 jan de 2022

BORDERNAVE, Juan E. Diaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Primeiros Passos).

BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder?". In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (orgs.). Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

BURITY, Joanildo. Transbordamento do social: qual o jogo da democracia? In: SANTOS, Raimundo; CUNHA, Ronaldo; COSTA, Luís Flávio (orgs.).

Contemporaneidade e política. Rio de Janeiro: Sociedade do Livro; Instituto Astrogildo Pereira, 1994. p. 137 – 158.

Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/3705/3007>

Acesso em: 10 de out de 2022.

BURITY, Joanildo. Religião, cultura e espaço público: onde estamos na presente conjuntura?. In: F. Mezzomo; C. S. Pátaro; F. A. Hahn (eds.). Religião, cultura e espaço público. São Paulo: Olho D'Água; Campo Mourão: Fecilcan, 2016a

BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil(2020). In: Guadalupe, José Luis Pérez; Carranza, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 195-216.

BURITY, Joanildo Albuquerque. Desconstrução, Hegemonia e Democracia: O PósMarxismo de Ernesto Laclau. In: GUEDES, Marco Aurélio. Política e contemporaneidade no Brasil. Recife: Bagaço, p. 29-74, 1997. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar. Acesso em: 10 jun.2021

BURITY, Joanildo; GIUMBELI, Emerson. Minorias Religiosas: Identidade e Política em movimento. Religião e Sociedade. 40(1): 1-246(p.9-17.), 2020. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rs/a/3tx48FbntsYHp3mqvC3SmGd/?lang=pt#:~:text=O%20tema%20das%20minorias%20%C3%A9,negativa%2C%20como%20objeto%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 16 de jun de 2022.

BURITY, Joanildo. A cena da religião pública: contingência, dispersão e dinâmica relacional. Novos Estudos Cebrap, nº 102: p. 89-105, 2015.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/FV44zNnSZC6Yd9xP5qHLr9r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 de nov de 2022.

BURITY, Joanildo. Religião e Estado no caminho da confessionalização? Reflexões sobre as eleições municipais do Rio de Janeiro de 2016. Revista Interesse Nacional, abr/jun 2017. p. 48-58.

Disponível em: <https://interessenacional.com.br/edicoes-antiores-revista/>
Acesso em: 17 de nov de 2022

BURITY, Joanildo. Minoritização e Construção do povo: reflexões sobre o surgimento evangélico na América do Sul. In: 12º Congresso da ABCP. Virtual, outubro de 2020. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/web/system/files/documentos/eventos/2021/01/minoritizacao-e-construcao-povo-reflexoes-sobre-surgimento.pdf>. Acesso em: abr.2022.

CAMPOS, Leonildo Silveira. IURD: Teatro, templo e mercado. [Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Márcia Junges]. IHU on-line, edição 329, 2010. Disponível em:

<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3213-leonildo-silveira-campos-2> acesso em: 02 de jan. 2022.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma história de acertos e desacertos. Revista de Estudos da Religião (PUCSP). set/2008, pp. 1-26. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf Acesso em: 10 ago de 2022

CAMPOS, Breno Martins. The Fundamentals: ontem, hoje e sempre. Protestantismo em Revista. São Leopoldo, v. 30.p. 124-141, jan.-abr. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/668>. Acesso em: 2 dez. 2021.

CAMURÇA, Marcelo. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade. 40(1), 2020, p. 43-66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/5LQvKFc6pbYBTZhrjqx5Gcr/?lang=pt> Acesso em: 10 jul de 2022

CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. In: Estudos de Sociologia, Recife, 2019, vol.2. n. 25, p. 125-159 Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243765>. Acesso em: 10 mai de 2022

CARRANZA, Brenda. Linguagem Midiática e Religião. In: Passos, João Décio e Frank Usarski. (Orgs). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.p.539-555.

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político In: Guadalupe, José Luis Pérez; Carranza, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p.171-192.

CARRANZA, Brenda Maribel. Movimentos do Catolicismo Brasileiro: Cultura, Mídia e Instituição. 2005.576 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_316497042da4395ece7127a1b4eea68e. Acesso em: 04 jun.2021.

CARVALHO, Sarita dos Santos. O fiel empreendedor, testemunha e ferramenta de marketing – uma análise do discurso acerca dos congressos empresariais da IURD. 2007.145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Campinas, 2007

Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/14859>

Acesso: 10 jun de 2022.

CARDOSO, Renato. 7 razões por que um cristão não deve ser de esquerda. (Programa Entrelinhas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hxdy5r7FLE8&t=21s>. Acesso em 10 set.2020.

CHAGAS, Andréa Basílio da Silva. Uma ponte para Jerusalém: Apropriações tecnoestéticas, neorestauracionismo e comunicação político-religiosa no Brasil contemporâneo. 2021, 308f. Tese (doutorado no programa de pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes – UFMT. Mato Grosso, 2021.

Disponível em¹⁰⁰: Acesso em: 10 de jun de 2022.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. En publicacion: Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Atilio A. Boron, 1a ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/se/20100601030356/8Chaui.pdf>
Acesso em: 18 nov de 2022

COELHO, Teixeira. O que é indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Primeiros Passos).

CUNHA, M.N. Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil.2004. 347 f. Tese (doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes – USP. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-29062007-153429/pt-br.php>. Acesso: 10 jun.2021

CUNHA, Magali Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. Porto Alegre, Revista Famecos, v. 23, n.2, mai./jun./jul./ago, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22280>. Acesso em: 20 abr.2022.

CUNHA, Magali N. Gênero, religião e cultura: um olhar sobre a investida neoconservadora dos evangélicos nas mídias no Brasil. In: SOUZA, Sandra D.; SANTOS, Naira P. (Eds.) Estudos feministas e religião: tendências e debates. Curitiba: Prismas/Methodista, p. 101-126, 2014.

CUNHA, Magali N. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do "inimigo" no Caso Marco Feliciano. Comunicação, Mídia e Consumo, 10(29), p. 51-74, 2013. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/607>. Acesso em 20 fev.2020.

¹⁰⁰ Tese encaminhada pela autora via e-mail.

CUNHA, Magali N. Política e Religião: Ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. Fundação Perseu Abramo. n. 11, Ano 7, p.148-166, 2016. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/112/80>. Acesso em: 26 jan.2022.

CUNHA, Magali S. Religião e Política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000. O protagonismo dos evangélicos. Recife: Fronteiras, v. 3, n. 1, p. 40-65, jan./jun, 2020 Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1622> Acesso: 10 jun.2021.

CUNHA, M. N. O crescimento do marketing evangélico no Brasil como resultado da inserção da doutrina neoliberal no discurso religioso das igrejas evangélicas. Comunicação & Política. Rio de Janeiro, v. VI, n. 2-3, p. 63-77, abr./ago, 1999. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b57e18b2bd2e05a4e0850685493aafff.PDF> Acesso: 10 jun.2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo digital evangélico. Porto Alegre: Revista Famecos. v.26, n.1, jan./abr, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30691>. Acesso em: 10 jun.2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Casos de família”: um olhar sobre o contexto da disputa “Igreja Universal do Reino de Deus X Igreja Mundial do Poder de Deus” nas mídias. São Paulo: Rever, ano.12, n.2, jul./dez, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14567/10592>. Acesso em: 10 abr.2022.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. São Paulo: Contraponto, 2002

DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FÁBIO, Caio. Igreja Evangélica em Crise. [Entrevista concedida a Rodolfo Capler] Revista Veja, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/igreja-evangelica-em-crise-entrevista-com-o-pastor-caio-fabio/> Acesso em: 10 de ago de 2022.

FERRARI, Odêmio Antonio. Bispo S/A. A igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder.3ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

FIGUEIREDO, Rubens; CERVELLINI, Silvia. O que é Opinião Pública. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Primeiros Passos).

FILHO, Ciro Marcondes. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker editores, 2002.

FONSECA, Alexandre Brasil. Igreja Universal: um império midiático. IN.ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p.259-280

FOUCAULT, Michel. Gênese e estrutura da antropologia de Kant e A ordem do discurso. Trad. Marcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail; Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Folha de SP, 2015.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. 308 f. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/360100620/Freston-Paul-Protestantes-e-politica-no-Brasil-DaConstituinte-ao-Impeachment-pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022

GENTILE, Rodrigo. Pastor diz à justiça que Igreja Universal o obrigou a fazer vasectomia. Portal Uol, de 26 de jul de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2022/07/26/pastor-diz-a-justica-que-a-igreja-universal-o-obrigou-a-fazer-vasectomia.htm>. Acesso em: 10 de ago de 2022.

GERARDI, Dirceu André; MARIANO, Ricardo. Revista USP. São Paulo, n, 120, janeiro/fevereiro/março 2019, p 61-76.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531/151189>

Acesso em: 20 de jun de 2022.

GIACOIA JUNIOR, Osvaldo. Ressentimento e vontade: Para uma fisio-psicologia do ressentimento em Nietzsche. Rio de Janeiro: Viaverita, 2021.

HALL, S. Cultura e Representação. PUC-Rio, 2016.

IANNI, Octavio. A política mudou de lugar. In. Desafios da Globalização. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 17-27.

JUNIOR, Paulo Gracino; GOULART,Mayra; FRIAS, Paula. Os Humilhados serão exaltados: Ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. Cad.Metropolitano, São Paulo, v.23, n.51, p. 547-579, maio. /ago,2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2021-5105>. Acesso em: 27 ago. 2021.

JUSTINO, Mario. Nos bastidores do Reino. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2021.

KEHL, Maria Rita. A psicanálise do ressentimento como sintoma social. A Terra é redonda, de 28 de jul de 2020.

Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/ressentimento-2/#:~:text=O%20ressentimento%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20uma,narcisismo%20e%20o%20do%20Outro.>

Acesso em: 10 set de 2021.

LACLAU, Ernesto. Los fundamentos retóricos de la sociedade. Ciudad autônoma de Buenos Aires.: Fondo de cultura econômica, 2014.

LACLAU, Ernesto. Emancipação e Diferença. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y Estrategia Socialista: Hacia uma radicalización de la democracia. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LACLAU, Ernesto. A razão populista. São Paulo: Três estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto; BUTLER, Judith; ZIZEK, Slavoj. Contingencia, Hegemonía, Universalidad: Dialogos contemporáneos en la izquierda. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2000.

LEÓN, Oscar Amat y; PÉREZ GUADALUPE, José Luis. Os novos 'grupos de pressão política' dos evangélicos na América Latina. IN. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. (ORGs) Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 155-170

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

LIMA, Venício. Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil. Comunicação & Sociedade, n. 51, p. 13-37, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/853>. Acesso em: 10 mar.2022.

LIMA, Diana. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus MANA 16(2):p. 351-373, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/qzj79tmNQdXtrjyVjcht8Yk/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 15 de jul de 2022.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasi, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In.ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 303-320

MARCHART, Oliver. Teoria do discurso, pós-estruturalismo e paradigma da Escola de Essex. In. MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. (Orgs). Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau. 2 ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014, p.10-13.

MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. IN.ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 53-66.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 329-350.

MARIANO, Ricardo. Expansão neopentecostal no Brasil: o caso da igreja universal. Estudos Avançados. Vol 18. set/dez, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010.

Acesso: setembro/2020

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso no brasileiro no censo 2010. Debates do NER. Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/43696/27488>

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade, Novos Estudos CEBRAP N.º44, março 1996 pp. 24-44. Disponível em: <https://laboratorio1historiadaarte.files.wordpress.com/2017/09/neopentecostais-e-teologia-da-prosperidade-mariano.pdf> Acesso em 20 de jul de 2022.

MARQUES, Luciana Rosa. Contribuições da democracia radical e da teoria de Ernesto Laclau. In. MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. (Orgs). Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau. 2 ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014, p.109-132.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2005. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf>

Acesso: 10 set de 2020

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547009/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20A%20ideologia%20alem%C3%A3.pdf>

Acesso: 10 set de 2020

MENDONÇA, Daniel. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e análise política brasileira. Ciências Sociais. Unisinos. v. 43. n. 3. p. 249-258, set./dez, 2007.

Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5674
Acesso em: 10 jun.2021.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau. (org). Porto Alegre: EDIPUCRS 2. ed, 2014.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau: pós-estruturalismo e teoria do discurso. In. MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. (Orgs). Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau. 2 ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014, p.27-58.

MOUFFE, Chantal. El retorno de lo político. Barcelona: Paidós. 1999.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política e Sociedade. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Sociologia Política - UFSC. v. 1. n. 3. p. 11-26. out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2015>. Acesso em: 10 abr.2022.

MONTERO, Paula. Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 33, p. 15-39, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/88037>
Acesso em: 17 nov de 2022

NASCIMENTO, Gilberto. O Reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Gilberto. Nada a perder. The Intercept Brasil, de 18 de jul de 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/07/18/igreja-universal-empresario-ex-fiel-lavagem-dinheiro-nada-a-perder/>. Acesso em: 30 de jul de 2022.

NASCIMENTO, Gilberto. Igreja bilionária. The Intercept Brasil, de 20 de jul de 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/07/20/universal-embolsa-33-bilhoes-em-doacoes-bancarias/>. Acesso em: 16 ago de 2022.

O Globo. Católicos reagem à agressão a Nossa Senhora Aparecida. Disponível em:

<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=bispo+da+universal+chuta+a+santa>.
Acesso em: 31.jan.2022.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; MARTINS, Cáo César Nogueira. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. Plural. São Paulo. Programa em pós-graduação em sociologia da USP, v. 28.1, p. 237-258, jan./jun, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/176735>. Acesso em: 10 mar.2022.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortêz, 2008b.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e novo mundo*. Campinas: Cortêz, 2008.

ORLANDI, Eni P. Nota introdutória à tradução brasileira. CONEIN, Bernard et al (orgs.). *Materialidades discursivas: a espessura da linguagem*. Campinas: Unicamp, 2016, p. 9-16.

ORO, Ari Pedro. *Igreja Universal: um poder político*. In. ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 281-302.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre. *Introdução*. In. ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 233-236.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre. *Introdução*. In. ORO; CORTEN; DOZON. (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 13-48.

ORO, Ari Pedro. *A Política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, p. 52-79, out. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>. Acesso em: 10 jul de 2022

ORO, Ari Pedro. *O Neopentecostalismo macumbeiro*. São Paulo, revista USP, n.68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13505>

Acesso em: 17 de nov de 2022.

ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. *A Igreja Universal do Reino de Deus e a configuração do espaço público brasileiro*. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 17, n. 23, p. 76-113 ago-dez. 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132577/000983068.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de jun de 2022.

ORO, A. P. & TADVALD, M. *Consideraciones sobre el campo evangélico brasileiro*. En: *Nueva Sociedad*, n. 280, p. 55-67, 2019.

Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/3.TC_Oro_280.pdf

Acesso em: 17 nov de 2022

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi, Lourenço C. Jurado Filho, Manoel Luiz G. Corrêa, e Silvana Serrani. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Discurso: estrutura ou acontecimento?. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso uma critica à afirmação do obvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995/1988.

PÉREZ GUADALUPE, Jose Luis. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana José Luis Pérez Guadalupe IN. PÉREZ GUADALUPE, Jose Luis; CARRANZA, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. (ORGs) Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 17-112

PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre. O estatuto político do significante vazio: Identidade coletiva, psicanálise e política. Curitiba: Rev Fil. Aurora, v.33, n.58, p.84-104, jan./abr, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27737>. Acesso em: 10 dez.2021.

PIERUCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. Opinião Pública, Campinas, vol. III, nº 1, Maio, 1995, p.32-63. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IE*BMDM_MDA_01319_/v3n1a02.pdf Acesso em: 10 jan de 2022

Portal R7. Universal inaugura Solo Sagrado, templo moderno com capacidade para 5000 pessoas. Portal R7, de 31 de jul de 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/universal-inaugura-solo-sagrado-templo-moderno-com-capacidade-para-5000-pessoas-31072022>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

PRADO, Thiago; GONÇALVES, Eduardo; FILHO, Eduardo F. O Escolhido. Revista Veja, de 13 de out de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/o-escolhido/>. Acesso em: 10 de ago de 2022.

Programa Entrelinhas. In. Univervideo. Disponível em: <https://www.univervideo.com/search/entrelinhas>. Acesso em: 10 set. 2020.

RAMONET, Ignacio. O Poder Midiático. In: MORAES, Dênis de (org). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. São Paulo & Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 243-252.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade. Revista Caminhando, v. 12, n. 19, p. 129-140, jan–jun 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1191> Acesso em: 14 de jul de 2022.

ROCHA, Penha. O império midiático da Igreja Universal do Reino de Deus: Reflexões e análises das estratégias de comunicação da IURD. In. (Intercom). Estado e Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/busca.html?query=Penha+Rocha2006>. Acesso em: 20 abr.2022.

ROMANO, Roberto. As hostes políticas de Edir Macedo. Reflexões sobre as eleições municipais do Rio de Janeiro de 2016. Revista Interesse Nacional, abr/jun 2017. p. 59-68. Disponível em: <https://interessenacional.com.br/edicoes-antiores-revista/> Acesso em: 17 de nov de 2022

SANTOS, Valdelice Conceição. O discurso de Edir Macedo no livro Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios: impactos e impasses no cenário religioso brasileiro. 2010. 133 f.Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito,UMESP, 2010.

Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/546>. Acesso em: 10 jan de 2022.

SOUZA, Beatriz. Vinte coisas surpreendentes sobre o templo da Igreja Universal. Revista Exame, de 25 jul de 2014. Disponível em: <https://exame.com/brasil/20-coisas-sobre-o-enorme-novo-templo-da-igreja-universal/>. Acesso em: 10 de jun de 2022.

SPYER, Juliano. Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

STRAUSS, Claude Lévi. Estruturas elementares do parentesco. São Paulo: Vozes, 1982.

TAVOLARO, Douglas. O bispo. A história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Lafonte, 2007.

VITAL CUNHA, Christina. Retórica da perda e os Aliados dos Evangélicos na política brasileira. IN. PÉREZ GUADALUPE, Jose Luis; CARRANZA, Brenda. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. (ORGs) Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p.237-256

VITAL CUNHA, Christina. IRMÃOS CONTRA O IMPÉRIO: EVANGÉLICOS DE ESQUERDA NAS ELEIÇÕES 2020 NO BRASIL. Debates do NER, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 13-80, jan./jul. 2021

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/116028> Acesso em: 17 de nov de 2022